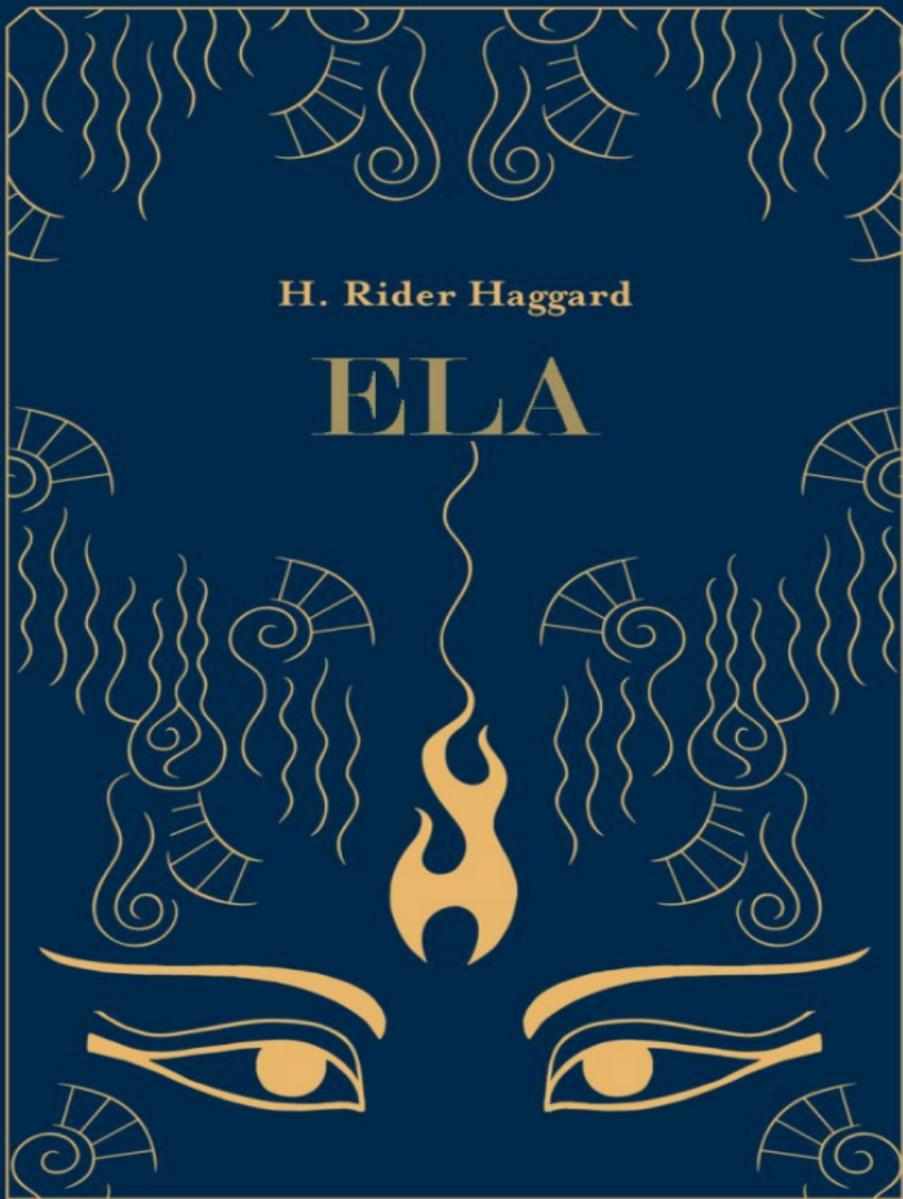


H. Rider Haggard

# ELA



Henry Rider Haggard

**ELA**

CIRCULO DO LIVRO S.A.

Edição integral

Título do original: "She"

Tradução: Gisela M. F. Padovan

## Introdução

Ao apresentar ao mundo uma história que — embora considerada apenas como uma aventura — é, suponho, uma das mais incríveis e misteriosas experiências jamais vividas por qualquer mortal, sinto-me no dever de explicar minha exata ligação com ela. Dessa forma devo começar dizendo que não sou o narrador, mas apenas o editor desta extraordinária história, para só então começar a contar de que maneira ela chegou às minhas mãos.

Há alguns anos eu, o editor, estava visitando um amigo, "*viridocitissimus et amicus meus*", numa universidade que, apenas para tornar mais clara a narrativa, vamos chamar de Cambridge. Um dia vi algo que me impressionou muito: dois homens vinham descendo a rua de braços dados. Um deles era, sem nenhum exagero, o mais belo jovem que já tive a oportunidade de ver. Alto e forte, seu ar de desafio e o porte gracioso pareciam tão naturais nele como num veado selvagem. Além disso, seu rosto não apresentava nenhuma imperfeição — um rosto bondoso e bonito; — e, quando levantou o chapéu para cumprimentar uma senhora que passava, vi que pequenos cachos dourados cortados bem rente lhe emolduravam a cabeça.

— Você viu aquele homem? — perguntei ao amigo com quem estava caminhando. — Ele parece uma encarnação viva da estátua de Apoio. Nunca vi um sujeito tão bonito!

— De fato — respondeu meu amigo —, é o homem mais bonito da universidade, e também um dos mais simpáticos. As pessoas o chamam de Deus Grego. Mas dê uma olhada no outro; é o guardião de Vincey (é esse o nome do deus), e supostamente sabe quase tudo sobre todos os assuntos. As pessoas o chamam de Caronte, ou por causa de sua aparência ameaçadora, ou por ter feito seu tutelado passar através das águas mais profundas de uma investigação; não sei bem qual.

Ao olhar o homem mais velho, achei-o quase tão interessante, à sua maneira, quanto o glorioso espécime humano que estava a seu lado. Aparentava cerca de quarenta anos de idade e, creio, era feio na mesma proporção em que o companheiro era bonito. Para começar, tinha baixa estatura, pernas arqueadas, peito bem fundo e braços singularmente longos. Os cabelos eram pretos, e os olhos, pequenos. Além disso, os cabelos nasciam até quase o meio da testa, e o bigode subia tão alto que realmente sobrava muito pouco do rosto para ver. No conjunto, não pude evitar que me passasse pela mente a imagem de um gorila; e, apesar disso, havia algo muito agradável e genial em seus olhos. Lembro-me de ter comentado que gostaria de conhecê-lo.

— Tudo bem — respondeu meu amigo —, nada mais fácil. Conheço Vincey e vou apresentá-lo a você. — Assim fez, e durante alguns minutos ficamos conversando (acho que a respeito dos zulus, pois naquela ocasião eu acabara de voltar de uma viagem ao Cabo). Nesse momento entretanto uma jovem corpulenta, cujo nome eu não lembro, veio andando em nossa direção, junto a uma bonita loura, e o Sr. Vincey, que obviamente as conhecia muito bem, foi ao encontro delas de imediato e saiu andando em sua companhia. Lembro-me bem

de ter achado um tanto divertida a mudança de expressão do homem mais velho, cujo nome descobri ser Holly, quando viu as duas mulheres se aproximarem. Repentinamente ele interrompeu o que estava falando, lançou um olhar de reprovação ao companheiro e, fazendo um aceno abrupto de cabeça em minha direção, virou-se e saiu andando sozinho pela rua. Mais tarde, ouvi dizer que ele era conhecido por ter tanto medo de uma mulher quanto a maioria das pessoas têm de um cachorro louco, o que explicava em parte a sua saída precipitada. Por outro lado, não posso dizer que o jovem Vincey tenha demonstrado muita aversão pela sociedade feminina naquela ocasião. Na verdade lembro-me de ter rido e comentado com meu amigo que Vincey não era o tipo de homem a quem seria aconselhável apresentar a própria noiva, já que era bastante provável que esse conhecimento resultasse numa mudança das preferências afetivas da referida jovem. Isso porque no conjunto Vincey era bonito demais e, o que é mais importante, não tinha nada do autoconceito e do acanha-mento que em geral afligem os homens bonitos, tornando-os merecidamente desagradáveis aos companheiros.

Naquela mesma noite minha visita chegou ao fim, e durante muito tempo não vi nem ouvi falar de Caronte ou do Deus Grego. Na verdade nunca mais tornei a ver qualquer um dos dois até este momento, e não creio ser provável que volte a vê-los. Há cerca de um mês, porém, recebi uma carta e dois pacotes, com um manuscrito num deles, e ao abri-la descobri estar assinada por Horace Holly, um nome que naquele momento não me pareceu familiar. A carta dizia o seguinte:

"College, Cambridge, 1<sup>o</sup> de maio de 18..

Prezado senhor,

Creio que ficará surpreso, considerando quão pouco nos conhecemos, por receber uma carta minha. Para falar a verdade, acho melhor começar lembrando-o de que já nos encontramos há muitos anos, quando eu e meu tutelado Leo Vincey fomos apresentados ao senhor numa rua de Cambridge. Vou tentar ser breve e ir direto ao assunto. Não faz muito tempo li com grande interesse um livro seu a respeito de uma aventura passada na África central. Acredito que esse livro seja em parte verdadeiro e em parte um trabalho de criação. De qualquer modo, ele me deu uma idéia. O caso é que, como o senhor poderá comprovar ao ler o manuscrito que acompanha esta carta (que, juntamente com o escaravelho, o Filho Real do Sol, e o fragmento original, estou enviando para o senhor em mãos), meu tutelado — ou melhor, meu filho adotivo Leo Vincey — e eu acabamos de passar por uma aventura africana real, e de uma natureza tão mais surpreendente que a descrita pelo senhor que, para falar a verdade, estou até um pouco envergonhado de apresentá-la ao senhor, temendo que não acredite nela. Nesse manuscrito saberá que eu, ou melhor, nós tomamos a decisão de não tornar essa história pública durante nossa vida conjunta. E de fato não pretendíamos alterar essa determinação, não fosse por uma circunstância que veio à luz recentemente. Por razões que, depois de examinar o manuscrito, o senhor será capaz de imaginar, estamos outra vez de partida, desta vez para a Ásia central, onde, mais do que em qualquer outro lugar do planeta, a sabedoria pode ser encontrada, e esperamos que nossa permanência no local

seja bastante longa. É bem provável que não voltemos mais. E já que as condições foram alteradas, começamos a nos perguntar se tínhamos ou não razão em negar ao mundo o conhecimento de um fenômeno que acreditamos ser de interesse sem paralelos, pelo simples fato de nossa vida privada estar envolvida, ou por termos medo de que o ridículo e a dúvida caíam sobre nossas declarações. Eu tenho uma opinião sobre o assunto, e Leo, outra, de modo que somente depois de muitas discussões chegamos ao acordo de lhe enviar a história, dando-lhe total liberdade de publicá-la, se achar que vale a pena, com a única condição de não revelar nossos nomes verdadeiros, assim como outros dados relativos à nossa identidade pessoal, o que é compatível com a manutenção *bona fide* da história.

E agora o que mais posso dizer? De fato não sei, além de repetir que tudo está descrito no manuscrito exatamente como aconteceu. Com relação a Ela, nada tenho a acrescentar. A cada dia lamentamos mais o fato de não termos aproveitado melhor a ocasião para obter outras informações sobre aquela mulher maravilhosa. Quem era ela? Como chegou pela primeira vez nas cavernas de Kôr, e qual era a sua religião verdadeira? Nunca nos certificamos, e agora, pobres de nós, nunca mais saberemos, ou pelo menos não tão cedo. Essas e muitas outras indagações me vêm à mente, mas de que adianta perguntar agora?

O senhor aceitará essa incumbência? Damos-lhe total liberdade, e como recompensa acreditamos que receberá todo o crédito por ter apresentado ao mundo a história mais maravilhosa, excluída a ficção que os registros podem mostrar. Leia o manuscrito (que copiei de maneira bem clara para facilitar seu trabalho) e dê-me uma resposta.

Acredite em mim. Sinceramente,

L. Horace Holly [\[1\]](#)

P. S.: Gostaria que ficasse claro que, se houver algum lucro com a venda do livro, caso se interesse em publicá-lo, o senhor pode fazer o que bem entender com o dinheiro; se houver prejuízo, entretanto, deixarei instruções com meus advogados, os senhores Geoffrey e Jordan, para que cubram a quantia investida. Confiamos-lhe o fragmento, o escaravelho e os pergaminhos, até o momento em que precisarmos deles novamente.

L. H. H."

Essa carta, como bem podem imaginar, deixou-me profundamente confuso; mas quando fui ler o manuscrito, o que só pude fazer uma quinzena depois, devido ao excesso de trabalho, fiquei ainda mais assombrado, como acredito que vá ficar o leitor, e naquele mesmo instante tomei a decisão de examinar melhor o assunto. Assim, escrevi uma carta ao sr. Holly; uma semana depois, porém, recebi uma resposta de seus advogados, que devolviam minha missiva, juntamente com a informação de que seu cliente e o sr. Leo Vincey já haviam deixado o país rumo ao Tibete, e que até o momento não tinham informado seu novo endereço.

Bem, isso é tudo o que tenho a dizer. Que cada leitor faça seu julgamento da história narrada. Eu a transmitirei exatamente como chegou a mim, a não ser por algumas poucas alterações, feitas com o objetivo de não revelar ao público a identidade real das personagens. Quanto a mim, tomei a decisão de abster-me de quaisquer comentários. A princípio, fiquei inclinado a acreditar que essa história, a respeito de uma mulher investida da majestade que seus quase incontáveis anos lhe conferiam, e sobre quem a sombra da própria Eternidade se derramava como a asa escura da Noite, era uma espécie de alegoria gigantesca, cujo sentido eu não conseguia captar. Depois achei que poderia ser uma tentativa audaciosa de retratar os possíveis resultados da imortalidade prática, informando a respeito da essência de uma mortal que ainda retirava suas forças da terra e em cujo coração humano as paixões ainda surgiam, sumiam e voltavam, assim como no mundo imortal que ela habitava os ventos e as marés surgiam, sumiam e voltavam incessantemente. Porém, à medida que eu lia, fui abandonando também essa idéia. Para mim a narrativa parece trazer a marca da verdade. E com essa pequena introdução, que as circunstâncias tornaram necessária, apresento ao mundo Ayesha e as cavernas de Kôr. — O Editor.

*P. S.* — Depois de uma releitura cuidadosa da história, uma coisa impressionou-me com tamanha intensidade que não consigo conter-me, e chamo a atenção do leitor para ela. Como poderão observar, até o ponto em que o conhecemos nada parece haver na personalidade de Leo Vincey que, na opinião da maioria das pessoas, pudesse atrair um intelecto tão poderoso como o de Ayesha. Vincey nem mesmo chega a ser, sob o meu ponto de vista, particularmente interessante. Na verdade, seria mais fácil imaginar que em circunstâncias normais o sr. Holly o teria superado com facilidade na obtenção dos favores de Ela. Será possível que os opostos se atraíam, e que a própria exuberância e o esplendor de sua mente a levassem, devido a alguma estranha reação física, a adorar o santuário da matéria? Será que o venerável Kallikrates não era nada mais que um esplêndido animal adorado por sua beleza grega hereditária? Ou será que a verdadeira explicação é aquilo em que acredito: que Ayesha, podendo ver mais longe que nós, percebeu o germe e a faísca latente da grandeza escondida no fundo da alma do amado, e bem sabia que, sob a influência de seu dom de vida, alimentada por sua sabedoria e iluminada pelos raios de sua presença, essa alma desabrocharia como uma flor e brilharia como uma estrela, cobrindo o mundo com sua luz e fragrância?

Aqui estou eu, incapaz de responder, de modo que sou forçado a deixar que o leitor forme o próprio julgamento a respeito dos fatos que a ele se apresentam, da forma como foram detalhados pelo sr. Holly nas páginas que se seguem.

## Capítulo I - Meu visitante

Existem alguns acontecimentos cujas circunstâncias e detalhes envolvidos parecem estar de tal forma gravados em nossa memória que não conseguimos esquecê-los. É isso o que acontece com a cena que pretendo descrever: nesse momento, ela aparece tão clara em minha mente que é como se tivesse ocorrido ontem.

Foi exatamente neste mês, há cerca de vinte anos, que eu, Ludwig Horace Holly, permaneci uma noite numa de minhas salas em Cambridge, para trabalhar em algumas questões matemáticas, não lembro agora quais. Deveria defender minha tese dali a uma semana, e tanto o orientador como meus colegas esperavam que me saísse muito bem. Depois de algum tempo, já bastante cansado, atirei o livro para o lado e fui até a lareira, de onde apanhei um cachimbo, enchendo-o de fumo. Em cima da lareira havia uma vela acesa, e atrás dela, um pedaço de vidro comprido e estreito; exatamente no momento em que acendia o cachimbo pude ver a imagem de meu rosto refletido no vidro, e parei para pensar. O fósforo aceso queimou até chamuscar meus dedos, obrigando-me a jogá-lo fora; mas eu permaneci ali, olhando para minha imagem no vidro e refletindo.

— Bem — disse em voz alta depois de algum tempo —, espero ser capaz de fazer alguma coisa com o interior de minha cabeça, pois com a ajuda de seu exterior seguramente nunca conseguirei fazer nada.

Essa observação com certeza vai parecer um tanto obscura para qualquer um que a leia; na verdade, porém, eu me referia a minhas imperfeições físicas. A maioria dos rapazes de vinte

e dois anos são contemplados com algum quinhão, maior ou menor, da graça da juventude, mas até isso me foi negado. Baixo, atarracado e com o peito fundo até quase a deformidade; braços duros e longos, feições pesadas, olhos fundos e acinzentados, sobranceiras baixas e cobertas parcialmente por um tufo de cabelos negros e grossos, como se uma floresta tivesse recomeçado a invadir uma clareira deserta; essa era a minha aparência cerca de um quarto de século atrás, e ainda é, com algumas modificações, até este momento. Como Caim, fui marcado — marcado pela Natureza com a estampa da feiúra incomum, assim como fui agraciado pela mesma Natureza com ânimo e força também incomuns, além de consideráveis poderes intelectuais. De fato eu era tão feio que os elegantes alunos da universidade, embora ficassem bastante orgulhosos de minhas façanhas de resistência e intrepidez física, não faziam nenhuma questão de serem vistos comigo. Seria então de espantar que eu fosse misantropo e taciturno? Seria de espantar que eu meditasse e trabalhasse sozinho e não tivesse amigos, nem ao menos um? Fora escolhido pela Natureza para viver sozinho e tirar conforto de seu seio, e somente daí. As mulheres odiavam a minha simples aparição. Apenas uma semana antes uma delas chamara-me de monstro, pensando que eu não estava ouvindo, e completara dizendo que eu havia conseguido convencê-la da veracidade da teoria dos macacos. Na verdade, certa

vez uma mulher fingiu se importar comigo, e com ela desperdicei toda a afeição represada devido a minha natureza. Então, o dinheiro que eu deveria receber foi para outro lugar, e ela me descartou. Implorei que ficasse, implorei como nunca fizera com qualquer criatura viva antes ou depois, pois fora conquistado por seu rosto delicado, e a amava de verdade; e no final, como forma de me responder, ela conduziu-me até um espelho, pôs-se a meu lado e olhou para a imagem refletida.

— Diga-me — perguntou —, se eu sou a Beleza, o que é você?

Isso aconteceu quando eu tinha apenas vinte anos.

E fiquei ali, olhando, sentindo uma espécie de amarga satisfação na consciência da minha própria solidão — pois não tinha pai nem mãe, nem irmão; e ainda estava parado ali quando ouvi baterem à minha porta.

Esperei um pouco antes de abrir, pois já era quase meia-noite e não estava com vontade de receber nenhum estranho. Eu tinha apenas um amigo na universidade, ou melhor, no mundo; talvez fosse ele.

Nesse exato momento a pessoa que estava do lado de fora tossiu; fui correndo abrir a porta, pois conhecia aquela tosse.

Um homem forte, de cerca de trinta anos, ainda com alguns resquícios de uma singular beleza, entrou apressadamente, cambaleando sob o peso de um maciço cofre de ferro que carregava na mão direita. Depois de colocá-lo em cima da mesa começou a ter um terrível ataque de tosse. Tossiu, tossiu, até o rosto ficar quase roxo, e por fim, deixando-se cair numa cadeira, começou a cuspir sangue. Coloquei um pouco de uísque num copo e dei a ele para que bebesse. Depois de beber, pareceu ter melhorado um pouco; mas mesmo com essa melhora seu estado ainda era bastante ruim.

— Por que me deixou parado lá fora no frio? — perguntou, irritado. — Você sabe muito bem que as correntes de ar são um veneno para mim.

— Não sabia quem era — respondi. — Além disso, é um pouco tarde, não acha?

— Acho; e também acho que esta será a minha última visita — continuou, fazendo uma penosa tentativa de dar um sorriso. — Estou acabado, Holly, estou acabado. Não acredito que chegue a ver o dia de amanhã!

— Besteira! — interrompi. — Vou chamar um médico. Ele fez um sinal imperativo com a mão.

— E uma idéia sensata; mas não quero médico nenhum. Estudei medicina e sei tudo sobre isso. Nenhum médico pode me ajudar. Minha hora chegou! Já faz um ano que estou vivendo por milagre. Agora ouça, como nunca ouviu ninguém na vida, pois não terá a oportunidade de me ver repetindo essas palavras novamente. Já somos amigos há dois anos; responda, então: o que você sabe sobre mim?

— Sei que é rico e teve o capricho de vir para a faculdade numa faixa etária em que a maioria das pessoas já está saindo daqui. Sei também que foi casado e sua esposa morreu; e que você foi o melhor, para não dizer o único amigo que já tive em toda a minha vida.

— Você sabia que tenho um filho?

— Não.

— Pois tenho. Ele tem cinco anos, e a vida dele custou a de sua mãe. A consequência disso é que nunca fui capaz de suportar a simples visão do rosto do garoto. Holly, se você aceitar a incumbência, vou nomeá-lo único tutor do menino.

Quase dei um pulo da cadeira.

— *Eu?! — gritei.*

— E, você. Não fiquei estudando seu comportamento durante dois anos para nada. Já há algum tempo eu sabia que não poderia durar muito, e a partir do momento em que tive de enfrentar essa realidade comecei a procurar alguém a quem pudesse confiar o garoto e isso — disse, dando um tapinha no cofre. — Você é o homem, Holly; pois, como uma árvore enorme, seu interior é forte e resistente.

"Ouça", continuou, "esse menino será o único representante de uma das famílias mais antigas do mundo, quer dizer, até o ponto em que se pode traçar a origem de uma família. Você pode rir, se quiser, mas um dia ainda será provado, sem qualquer sombra de dúvida, que meu sexagésimo quinto ou sexagésimo sexto ancestral direto foi um sacerdote de Isis, no antigo Egito, embora tivesse origem grega e seu nome fosse Kallikrates<sup>[2]</sup>. O pai dele, por sua vez, fora um dos mercenários gregos criados por Hak-Hor, um faraó mendesiano da vigésima nona dinastia, e seu avô ou bisavô, acredito, era o próprio Kallikrates mencionado por Heródoto<sup>[3]</sup>. Aproximadamente a 339 a.C, na época exata da queda final dos faraós, esse Kallikrates (o sacerdote) quebrou seu voto de castidade e fugiu do Egito com uma princesa de sangue real, por quem tinha se apaixonado. O navio em que viajavam naufragou na costa da África, em algum lugar, acredito, nas proximidades de onde atualmente fica a baía Delagoa, ou talvez um pouco ao norte; ele e a mulher se salvaram, enquanto todos os demais morreram, de um modo ou de outro. Nesse local os dois enfrentaram grandes dificuldades, mas no final acabaram sendo recebidos na casa da poderosa rainha de um povo selvagem, uma mulher branca de uma graça toda pessoal. Essa mulher, em circunstâncias que não posso revelar, mas que você acabará por conhecer a partir do conteúdo do cofre, se viver até lá, acabou por matar meu ancestral Kallikrates. Entretanto, sua esposa conseguiu escapar — como, não sei — e foi para Atenas; estava grávida, e quando a criança nasceu deu-lhe o nome de Tisístenes, ou o Poderoso Vingador.

"Cerca de quinhentos anos depois a família migrou para Roma em circunstâncias desconhecidas, e ali, talvez com o intuito de preservar a idéia de vingança que havia no nome de Tisístenes, começou a adotar com regularidade a alcunha de Vindex, ou o Vingador. Permaneceram por lá outros cinco séculos ou mais, até por volta de 770 d.C, quando Carlos Magno invadiu a Lombardia, onde eles haviam se estabelecido; nessa ocasião, o chefe da família parece ter se unido ao grande imperador, pois retornou com ele através dos Alpes para finalmente permanecer na Bretanha. Oito gerações mais tarde seu representante direto foi até a Inglaterra, no reinado de Eduardo, o Confessor, e na época de Guilherme, o Conquistador, foi agraciado com muita honra e poder. A partir

dessa época, posso traçar minha ascendência sem nenhuma lacuna. Não que os Vinceys (pois essa foi a última alteração do nome, depois que a família fixou raízes em solo inglês) tenham sido de alguma forma importantes; na verdade, nunca chegaram a ficar em primeiro plano. Alguns foram soldados, outros, mercadores; no conjunto, porém, conseguiram preservar um nível perfeito de respeitabilidade, e um ainda mais perfeito de mediocridade. Desde a época de Carlos II até o começo deste século, os Vinceys foram mercadores. Por volta de 1790 meu avô conseguiu fazer fortuna fabricando cerveja e depois se aposentou. Morreu em 1821, e meu pai, que assumira os negócios, acabou com a maior parte do dinheiro. Há dez anos, ele também morreu, deixando-me uma renda líquida de cerca de dois mil dólares por ano. Foi então que empreendi uma expedição relacionada com *aquilo* — e apontou para o cofre —, cujo final foi um desastre. Na volta viajei pelo sul da Europa e acabei chegando a Atenas. Nessa cidade conheci minha amada esposa, que também poderia ter sido chamada de Bela, como meu ancestral grego. Casei-me, e um ano depois, quando do nascimento de meu filho, ela morreu." Fez uma pequena pausa, apoiando a cabeça na mão direita, e continuou:

— Meu casamento desviou-me a atenção de um projeto sobre o qual não desejo falar agora. Não tenho tempo, Holly; não tenho tempo! Um dia, se você aceitar esse encargo, saberá tudo sobre ele. Depois da morte de minha esposa, voltei a atenção novamente para o projeto. Mas primeiro era necessário (pelo menos assim pensei) obter um perfeito conhecimento dos dialetos orientais, em especial dos arábicos. Foi para facilitar meus estudos que vim para cá. Entretanto, minha doença se desenvolveu muito rápido, e agora estou perto do fim. — E, como se quisesse enfatizar suas palavras, começou a ter outro terrível ataque de tosse.

Dei-lhe um pouco mais de uísque, e depois de descansar um pouco ele continuou:

— Nunca voltei a ver meu filho Leo, desde que ele era um bebezinho. Nunca consegui suportar a idéia de vê-lo, mas dizem que é uma criança bonita e esperta. Nesse envelope — e retirou do bolso uma carta endereçada a mim — deixei por escrito o modo como gostaria que o menino fosse educado. Não é uma educação convencional. De qualquer forma, não poderia confiá-la a um estranho. Mais uma vez, você aceita?

— Primeiro preciso saber o que estou aceitando — respondi.

— Você vai aceitar ficar com o menino, Leo, e viver com ele até que tenha vinte e cinco anos; e não deve mandá-lo para a escola, lembre-se. No vigésimo quinto aniversário de Leo termina a sua tutela, e nesse momento você vai abrir o cofre com estas chaves que estou lhe entregando — e colocou-as em cima da mesa —, deixando-o ver e ler o conteúdo dela, para que possa responder se vai querer ou não se incumbir da busca. Ele não tem nenhuma obrigação de aceitar. Agora passemos às condições. Minha renda atual é de dois mil e duzentos dólares por ano. Se aceitar a tutela, metade dessa renda vai ser transferida a você pelo resto da vida — ou seja, uma remuneração de mil dólares por ano, considerando que terá de abdicar de muita coisa por causa disso, além de cem dólares por ano para pagar as despesas do menino. O resto será acumulado até que Leo tenha

vinte e cinco anos, para que ele tenha algum dinheiro na mão, caso deseje se incumbir da busca a que me refiro.

— E no caso de eu morrer? — perguntei.

— Nesse caso o menino se tornará tutelado do Chancery<sup>[4]</sup> e seguirá seu destino. Apenas não se esqueça de em seu testamento deixar-lhe o cofre. Ouça, Holly, não recuse meu pedido. Acredite, isso também é para seu bem. Você não foi feito para se misturar com o mundo: isso só iria angustiá-lo. Dentro de algumas semanas se tornará um adjunto da universidade, e a renda que vai receber por causa disso, somada à que vou lhe deixar, permitirá que leve uma vida de ócio e erudição, combinada com a prática de esportes, de que tanto gosta; vai ser perfeito para você.

Fez uma pausa e olhou para mim com ansiedade, mas eu ainda hesitava. A incumbência me parecia muito estranha.

— Faça isso por mim, Holly. Temos sido tão amigos, e não há mais tempo de arranjar as coisas de outro modo.

— Muito bem — respondi —, farei o que você me pede, contanto que não exista nada neste papel que me faça mudar de idéia — continuei, tocando o envelope que ele colocara na mesa, ao lado das chaves.

— Obrigado, Holly, muito obrigado. Não há nada em absoluto. Agora jure por Deus que será um bom pai para o garoto e que seguirá as instruções contidas na carta.

— Juro — respondi solenemente.

— Muito bem; lembre-se, porém, de que talvez um dia eu venha pedir as contas desse juramento, pois, embora esteja morto e esquecido, ainda assim devo viver. Não existe isso a que chamam morte, Holly, mas apenas uma transformação, e (como talvez você descubra no devido tempo) acredito que mesmo aqui, em determinadas circunstâncias, essa transformação possa ser adiada indefinidamente. — E mais uma vez começei a ter um de seus terríveis ataques de tosse.

"Agora", completou, "preciso ir; você tem o cofre, e minha vontade poderá ser encontrada nesses papéis, sob cuja autoridade a criança lhe será entregue. Você terá uma boa remuneração, Holly, e sei que é honesto; mas se trair minha confiança, por Deus, vou caçá-lo onde você estiver".

Não respondi nada, pois na verdade estava perplexo demais para falar alguma coisa.

Ele ergueu a vela e olhou para o próprio rosto, refletido no vidro. Havia sido um belo rosto, mas a doença o destruíra.

— Comida para as minhocas — disse. — É estranho pensar que dentro de algumas horas estarei duro e frio, com a viagem feita, o pequeno jogo terminado. Ah, Holly! A vida não vale seus problemas, exceto quando estamos apaixonados. . . Pelo menos foi assim comigo; mas a vida do menino Leo pode valer a pena, se ele tiver coragem e fé. Adeus, amigo! — Ê com um súbito acesso de doçura deu-me um abraço, beijou-me a testa e preparou-se para sair.

— Espere, Vincey — disse eu; — se você está mesmo tão doente como

pensa, é melhor deixar-me chamar um médico.

— Não, não — respondeu ele com seriedade. — Prometa que não vai fazer isso. Vou morrer, e como um rato envenenado gostaria de morrer sozinho.

— Não acredito que vá lhe acontecer algo — respondi. Ele sorriu, e com a palavra "Lembre-se" nos lábios, foi embora. Quanto a mim, sentei-me e esfreguei os olhos, imaginando se tudo não fora um sonho. Como essa idéia não resistiria a uma investigação, deixei-a de lado e comecei a imaginar o que Vincey teria bebido. Sabia que já há algum tempo ele estava muito doente, mas ainda assim não me parecia possível que seu estado fosse tão deplorável, a ponto de ele poder ter certeza de que não sobreviveria àquela noite. Estivesse ele tão perto da morte, decerto mal conseguiria andar, ainda mais carregando um cofre tão pesado. Refletindo melhor sobre a história, ela me parecia de todo inacreditável, pois naquela época minha idade ainda não me permitia ter consciência de que neste mundo acontecem muitas coisas que o senso comum de um homem normal julgaria improváveis, a ponto de praticamente não poderem acontecer. Só há pouco tempo adquiri plena consciência desse fato. Seria possível que um homem tivesse um filho de cinco anos, a quem nunca tivesse visto desde bebezinho? Não. Seria possível que alguém pudesse prever a própria morte com tanta precisão? Não. Seria possível que alguém pudesse traçar suas origens desde três séculos antes de Cristo, e que essa mesma pessoa repentinamente confiasse a tutela de seu filho, além de deixar metade de sua fortuna, a um simples colega da universidade? Com certeza não. Era óbvio que Vincey estava bêbado ou louco. E se fosse assim, qual o significado disso tudo? E o que havia dentro do cofre lacrado?

Esses pensamentos me desconcertaram e intrigaram durante tanto tempo que no final eu não conseguia suportá-los por nem mais um minuto, e resolvi ir dormir. Tendo colocado dentro da caixa de despachos as chaves e a carta que Vincey havia deixado e escondido o cofre numa mala grande, fui para a cama e adormeci rapidamente.

Parecia que dormira apenas por alguns minutos quando fui acordado por alguém que me chamava. Sentei-me e esfreguei os olhos; já era dia claro — oito horas, para ser exato.

— Ei, qual é o problema, John? — perguntei ao criado que trabalhava para mim e Vincey. — Parece que você viu um fantasma!

— E vi, senhor — respondeu ele —, ou melhor, vi um cadáver, o que é pior. Fui chamar o sr. Vincey, como sempre, e o encontrei rígido e morto!



## Capítulo II - Os anos se passam

Como era de esperar, a morte repentina do pobre Vincey provocou um grande alvoroço na universidade, mas como se sabia que ele estava muito doente e um atestado de óbito assinado por um médico respeitado estava para ser emitido, não houve inquérito. Naquela época as pessoas não eram tão exigentes a respeito de inquéritos como são hoje em dia; de fato, eles não eram muito apreciados, devido ao escândalo subsequente. Nessas circunstâncias, como ninguém me perguntara nada, não achei necessário fornecer informações espontâneas sobre a conversa havida na noite da morte de Vincey, além de dizer que — fato freqüente — ele tinha vindo até meu quarto. No dia do enterro chegou de Londres um advogado, que acompanhou o cortejo e em seguida foi embora, levando consigo todos os papéis e outros pertences do meu amigo, exceto, é claro, o cofre que fora deixado sob a minha guarda. Durante uma semana não ouvi mais nada a respeito desse assunto; e na verdade tinha a cabeça totalmente ocupada com outras coisas, pois dentro de uma semana defenderia minha tese, fato que me impediu de comparecer ao enterro e me encontrar com o advogado. O exame terminou, por fim, e pude voltar ao meu quarto e sentar-me numa poltrona com a agradável consciência de ter me saído muito bem.

No entanto, não demorou muito para que meus pensamentos, liberados da pressão a que tinham sido submetidos nos dias anteriores, retornassem aos eventos da noite da morte do pobre Vincey; então voltei a me perguntar qual era o sentido de tudo aquilo, e fiquei imaginando se tornaria a ouvir falar naquele assunto, e, caso isso não acontecesse, o que deveria fazer

com o estranho cofre. Sentado ali fiquei pensando, pensando, até começar a me sentir profundamente perturbado com o ocorrido: a misteriosa visita noturna, a profecia de morte cumprida logo a seguir, o juramento solene que fizera e a promessa de Vincey me cobrar num outro mundo que não este. Será que ele cometera suicídio? Parecia que sim. E qual seria a busca a que se referia? As circunstâncias eram de tal forma misteriosas que até eu, de forma alguma um homem nervoso ou propenso a ficar alarmado por qualquer coisa que pareça atravessar as fronteiras da normalidade, comecei a sentir medo e a desejar não ter nenhuma relação com o caso. E é isso o que mais desejo agora, vinte anos depois!

Enquanto estava ali, sentado e pensando, ouvi uma batida na porta, e trouxeram-me uma carta dentro de um grande envelope azul. Percebi de imediato que se tratava da missiva de um advogado, pressentindo que estava ligada a meu compromisso. A carta, que ainda guardo comigo, dizia o seguinte:

"A Horace L. Holly, *esq.*

Prezado senhor,

Nosso cliente, o falecido sr. M. L. Vincey, *esq.*, que morreu no dia 9 próximo passado na Universidade de —, Cambridge, deixou um testamento, de que somos os executores; segue anexa uma cópia dele. Segundo o desejo do sr. Vincey, o

senhor passará a receber pelo resto da vida os rendimentos de cerca de metade de suas posses, atualmente investidas em títulos de dívida pública, caso aceite a tutela de Leo Vincey, filho único do falecido, um menino de cinco anos. Não tivéssemos nós mesmos redigido o documento em questão, em obediência a instruções pessoais e escritas, muito claras e precisas, do próprio sr. Vincey, e não tivesse ele nos assegurado naquela ocasião que se baseava em razões muito consistentes para fazer o que estava fazendo, seríamos obrigados a lhe dizer que essas disposições nos parecem de tal forma incomuns, que não hesitaríamos em chamar a atenção da Corte de Chancery sobre elas, para que se pudessem tomar as providências necessárias com o intuito de preservar os interesses do garoto, ou por meio da contestação da capacidade do testador ou de qualquer outra maneira. Mas do modo como os fatos se apresentam, sabendo que o sr. Vincey era um cavalheiro da maior inteligência e perspicácia, além de não ter nenhum parente vivo a quem pudesse confiar a tutela da criança, não encontramos justificativa alguma para proceder dessa maneira.

Aguardamos suas instruções no que se refere à entrega do menino e ao pagamento da parte dos dividendos a que tem direito.

Atenciosamente, Geoffrey e Jordan."

Coloquei a carta de lado e dei uma olhada no testamento, que me parecia, por sua profunda ininteligibilidade, ter sido redigido segundo os mais rígidos princípios legais. Até onde pude perceber, entretanto, o documento continha exatamente tudo o que meu amigo Vincey me falara na noite de sua morte. Então era tudo verdade. Eu tinha de ficar com o garoto. De repente lembrei-me da carta que Vincey me deixara junto com o cofre. Apanhei-a e abri. Ela continha apenas aquelas instruções que ele havia me dado, no sentido de abrir o cofre por ocasião do vigésimo quinto aniversário de Leo, e também um esboço da educação do garoto, que deveria incluir grego, matemática avançada e *árabe*. No final havia uma observação no sentido de que, se o garoto morresse antes de atingir os vinte e cinco anos, fato que, entretanto, o redator não acreditava que ocorresse, eu deveria abrir o cofre e agir da maneira que achasse apropriada em relação às informações contidas nele. Em nenhuma hipótese deveria transmitir tais informações a um estranho.

Como a carta não acrescentasse nada de concreto ao que eu já sabia, e com certeza não levantava nenhuma objeção adicional em relação ao compromisso que assumira com meu amigo, havia apenas uma coisa a fazer, ou seja, escrever aos senhores Geoffrey e Jordan expressando minha total aceitação dos termos do testamento e estabelecendo que estaria pronto para receber o garoto dentro do prazo de dez dias. Tendo feito isso, dirigi-me às autoridades universitárias para contar-lhes a parte da história que considerava apropriada, e que por sinal não era muito grande, e não sem alguma dificuldade logrei persuadi-los a permitir que trouxesse o garoto para viver comigo no caso de haver conseguido minha bolsa de estudos, o que já contava como certo. Eles impuseram como única condição que eu liberasse meus aposentos na universidade e arrumasse um local para morar. Fiz isso, e depois de alguma procura consegui alugar um apartamento muito bom, bem perto da universidade. A providência seguinte era

contratar uma babá. Quanto a isso tomei uma decisão. Não queria ter por perto nenhuma mulher que controlasse a vida do garoto e roubasse de mim sua afeição. Afinal o menino já tinha idade suficiente para se virar sem necessidade de assistência feminina, de modo que concentrei minhas atenções no sentido de encontrar um homem adequado para a tarefa. Depois de algumas dificuldades tive a sorte de contratar um jovem de face redonda e aparência respeitável, que tinha trabalhado como ajudante num estábulo de cavalos de caça, mas que afirmou ter sido criado junto com dezessete irmãos, estando portanto acostumado a lidar com crianças; e, o que era mais importante, parecia estar bastante desejoso de assumir os cuidados do pequeno sr. Leo quando ele chegasse. Depois disso, tendo levado o cofre para a cidade, depositando-o pessoalmente na caixa-forte do banco, comprei alguns livros a respeito de saúde e educação de crianças, que li e reli em voz alta, por inteiro, para Job — era esse o nome de meu jovem criado; em seguida, esperei.

Por fim a criança chegou, sob os cuidados de uma mulher idosa, que chorou amargamente ao se separar do pequeno. Era um garoto muito bonito. Para falar a verdade, não creio que jamais tenha visto uma criança tão perfeita, antes ou depois. Seus olhos eram acinzentados, a testa, ampla, e o rosto, apesar da pouca idade, claro e bem talhado como um camafeu, sem ser estreito nem magro. Mas talvez o ponto que mais chamava a atenção fosse o cabelo, da pura cor do ouro, derramando-se em cachos sobre a formosa cabeça.

O menino chegou a chorar um pouco, quando finalmente sua babá foi embora, deixando-o aos nossos cuidados. Nunca esquecerei aquela cena. Ali estava ele, com a luz do sol que entrava pela janela brincando sobre seus cachos dourados, um pulso apertado em frente ao rosto enquanto o outro servia para nos manter afastados. Sentado numa cadeira, estendi a mão para tentar atraí-lo até mim, enquanto Job, no canto da sala, ensaiava uma espécie de cacarejo, que, de acordo com sua experiência anterior ou por analogia com uma galinha, deveria ter um efeito calmante e inspirar confiança no espírito infantil, ao mesmo tempo que se balançava para frente e para trás num horrível cavalinho de madeira, de uma maneira que me parecia um pouco insana. Essa situação permaneceu durante alguns minutos, até que repentinamente o garoto estendeu os dois bracinhos para mim e correu em minha direção.

— Gosto de você — disse. — Você é feio mas é bom.

Dez minutos depois estava comendo enormes fatias de pão com manteiga, demonstrando muita satisfação; Job quis acrescentar geléia; porém lembrei-lhe com severidade dos excelentes livros que havíamos lido e não permiti.

Em muito pouco tempo (pois, como esperava, consegui minha bolsa de estudos) o garoto se tornou o favorito da universidade inteira — onde, apesar de diversas regras e disposições em contrário, entrava e saía continuamente —, tornando-se uma espécie de libertino infantil, em cujo favor todas as regras eram relaxadas. As oferendas feitas em seu santuário eram inumeráveis, e a respeito disso cheguei a ter uma séria divergência com um antigo membro do colegiado, já morto há muito tempo, tido como um dos homens mais mal-humorados da universidade e conhecido por sua profunda repugnância à simples visão de uma criança. E mesmo assim descobri, depois que o garoto foi acometido por uma

série de indisposições que forçaram Job a mantê-lo sob controle mais rígido, que esse velho inescrupuloso tinha o hábito de atrair o garoto até seu quarto e fornecer-lhe quantidades ilimitadas de balas de conhaque, fazendo-o prometer que não contaria isso a ninguém. Job disse ao homem que ele devia estar envergonhado, "ainda mais nessa idade, quando poderia ser avô, se tivesse feito o que era correto"; com isso, queria dizer "se tivesse se casado". Foi daí que surgiu a desavença.

Porém, não tenho tempo para me debruçar sobre essa época deliciosa, cujas lembranças felizes ainda hoje permanecem vivas. Um a um os anos passaram, e à medida que passavam nós dois ficávamos cada vez mais unidos. Poucos filhos foram amados como amei Leo, e creio que poucos pais conhecem a profunda e contínua afeição que Leo me dedica.

A criança transformou-se num garoto, e o garoto, num jovem; e, enquanto os anos passavam sem remorso, Leo crescia, e com ele cresciam também sua beleza e a beleza de seu espírito. Quando tinha cerca de quinze anos, o pessoal da universidade batizou-o de Belo e deu-me o apelido de Fera. O Belo e a Fera era como nos chamavam quando passeávamos juntos, hábito que cultivávamos todos os dias. Uma vez Leo chegou a atacar um robusto açougueiro, do dobro de seu tamanho, só porque o homem dissera isso à nossa passagem, e deu-lhe uma boa surra, sim, deu-lhe uma bela surra. Quanto a mim, fingi não ter percebido nada e continuei o passeio, até que o combate ficou tão excitante que acabei voltando e cumprimentando-o pela vitória. Essa era a brincadeira do momento na universidade, mas eu não podia fazer nada para evitá-la. Depois, quando Leo ficou um pouco mais velho, os graduandos encontraram novos apelidos para nós. Começaram a me chamar de Caronte e a Leo, de Deus Grego! Não vou fazer caso do meu apelido, com a humildade de quem sabe que nunca foi bonito e que o tempo em nada mudou essa situação. Quanto à maneira como Leo era chamado, não havia dúvidas de que era apropriada, pois aos vinte e um anos ele era a imagem viva de uma estátua do jovem Apolo.

Nunca conheci ninguém que fosse tão belo nem tão absolutamente inconsciente de sua própria beleza. Quanto ao intelecto, Leo era brilhante e de uma aguda sagacidade, mas não um erudito. Não tinha a estupidez necessária para tal. Seguimos com o maior rigor possível as instruções que o pai deixara com relação à sua educação; e, em conjunto, os resultados foram satisfatórios, especialmente no que se refere ao grego e ao árabe. Tive de aprender esta última língua, para ajudá-lo a aprendê-la, mas ao cabo de cinco anos de estudo Leo já a conhecia tão bem quanto eu — e quase tão bem quanto o professor que dava aulas a nós dois. Sempre fui um grande esportista — é minha única paixão —, e todo outono viajávamos para caçar ou pescar; algumas vezes íamos à Escócia, outras, à Noruega, e chegamos a ir à Rússia. Sou um bom atirador; porém até nisso ele conseguiu me superar.

Quando Leo fez dezoito anos, mudei-me de novo para meus antigos aposentos e matriculei-o na universidade. Aos vinte e um anos Leo se formou — com uma nota respeitável, mas não excepcional. Foi nessa ocasião que pela primeira vez contei-lhe alguma coisa sobre sua própria história e sobre o mistério que tinha à frente. É claro que ele ficou bastante curioso a respeito do assunto, mas

expliquei-lhe que no momento aquela curiosidade não poderia ser saciada. Depois disso, como forma de passar o tempo, sugeri-lhe que começasse a estudar para o exame da Ordem dos Advogados, o que ele fez assistindo às aulas em Cambridge e indo a Londres para seus jantares.

Eu tinha apenas um problema em relação a Leo: o fato de todas as jovens que ele conhecia, ou, se não todas, pelo menos a grande maioria, insistirem em se apaixonar por ele. Esse fato criava certas dificuldades, de que não pretendo falar aqui, embora na época fossem bastante embaraçosas. No conjunto Leo se portava muito bem, e isso é o suficiente.

E assim o tempo passou, até finalmente Leo completar vinte e cinco anos, data em que esta estranha e, de certo modo, terrível história teve início de fato.

### Capítulo III - O fragmento de Amenartas

No dia anterior ao vigésimo quinto aniversário de Leo, viajamos juntos para Londres com o objetivo de retirar o misterioso cofre da caixa-forte do banco, onde eu o havia colocado vinte anos antes. Ela foi trazida, lembro bem, pelo mesmo funcionário que a havia levado para a caixa-forte. E ele se lembrava perfeitamente de tê-la guardado. Não fosse assim, disse, não teria sido fácil encontrá-la, tão coberta estava por teias de aranha.

Retornamos a Cambridge naquela noite, levando conosco a preciosa carga; creio que, se nós dois tivéssemos dado de esmola todo o sono que ganhamos naquela noite, não ficaríamos mais pobres. Logo que o dia amanheceu, Leo surgiu em meu quarto ainda de pijama e sugeriu que resolvêssemos de uma vez por todas aquele assunto, uma idéia que repeli, por demonstrar uma curiosidade desprezível. "O cofre já esperou vinte anos", disse eu, "e pode muito bem continuar a esperar até depois do café da manhã." Sendo assim, tomamos café às nove — às nove em ponto, fato não muito comum; e eu estava tão ocupado com meus próprios pensamentos que sem querer coloquei um pedaço de *bacon* no chá de Leo, em vez de uma colher de açúcar. Também Job, a quem a atmosfera de excitação tinha, é claro, contagiado, conseguiu quebrar a asa da minha xícara de chá de porcelana de Sèvres, uma reprodução idêntica, acredito, daquela que Marat usara minutos antes de ser esfaqueado no banheiro.

Finalmente o café terminou, e Job, a meu pedido, foi buscar o cofre, colocando-o em cima da mesa com um cuidado exagerado, como se de alguma forma não confiasse nele. Em seguida preparou-se para deixar o aposento.

— Espere um momento, Job — disse eu. — Se o sr. Leo não fizer nenhuma objeção, eu preferiria que esse assunto fosse presenciado por uma testemunha neutra e de confiança, que não abrirá a boca a menos que isso lhe seja pedido.

— Certamente, tio Horace — respondeu Leo, a quem eu havia ensinado a me chamar de tio, embora ele gostasse de variar essa denominação de maneira pouco respeitosa chamando-me de velho camarada, ou até de meu tio posição.

Job fez menção de tirar o chapéu, apesar, de não estar usando nenhum.

— Tranque a porta, Job — pedi —, e traga a minha caixa de despachos.

Ele obedeceu, e de dentro da caixa retirei as chaves que o pobre Vincey, pai de Leo, me dera na noite de sua morte. Havia três chaves: a maior, que era mais ou menos moderna; a segunda, antiqüíssima; e a terceira, totalmente diferente de todas as outras do gênero, que parecia ter sido moldada a partir de uma tira de prata sólida. Essa chave era atravessada por uma barra, que servia como cabo; e a borda da barra apresentava alguns entalhes. Lembrava mais uma chave tosca de estrada de ferro do que qualquer outra coisa que eu conheça.

— Estão prontos? — perguntei, como fazem as pessoas prestes a detonar um explosivo. Como não houve resposta, peguei a chave maior, untei-a com azeite e depois de uma ou duas tentativas, pois minhas mãos estavam tremendo, consegui encaixá-la e abri o cadeado. Leo inclinou-se sobre o cofre, pegou a tampa maciça com as duas mãos e, não sem algum esforço, já que as dobradiças

tinham enferrujado, forçou-a para cima, deixando a mostra uma caixa, coberta de pó. Ela foi retirada de dentro do cofre sem a menor dificuldade; em seguida começamos a remover com uma escova para roupas a sujeira acumulada dos anos.

A caixa era, ou pelo menos aparentava ser, feita de ébano ou de alguma outra madeira escura muito parecida, e todos os seus cantos eram reforçados com tiras chapadas de ferro. Devia ser extremamente antiga, pois em alguns lugares a madeira forte e densa estava começando a se esfacelar de velhice.

— Vamos a ela — disse eu, introduzindo a segunda chave.

Job e Leo inclinaram-se para a frente quase sem respirar, de tanta expectativa. A chave virou, e quando levantei a tampa não pude reprimir um grito de admiração, pois dentro da caixa de ébano havia um magnífico escrínio de prata com cerca de doze polegadas quadradas e oito de altura. Sem nenhuma dúvida era o trabalho de algum artesão egípcio, pois os quatro pés tinham forma de esfinge e a tampa abobadada era encimada por uma esfinge. É claro que o escrínio estava um pouco marcado e embaçado pelos anos, mas quanto ao resto seu estado era muito bom.

Retirei-o da caixa, colocando-o em cima da mesa; em seguida, em meio ao mais profundo silêncio, inseri a estranha chave de prata, movendo-a de um lado para outro, até que por fim o fecho cedeu e o escrínio ficou aberto à nossa frente. Estava cheio até a borda de um material marrom todo rasgado, que mais parecia fibra vegetal que papel, cuja real natureza nunca consegui descobrir. Retirei cuidadosamente umas três polegadas de papel até encontrar uma carta dentro de um envelope moderno comum onde estava escrito a mão, por meu falecido amigo Vincey:

"A meu filho Leo, se ainda estiver vivo quando este escrínio for aberto".

Entreguei a carta a Leo, que deu uma olhada no envelope e colocou-o sobre a mesa, fazendo um sinal para que eu continuasse a exploração do escrínio.

Em seguida, encontrei um pergaminho cuidadosamente enrolado. Abri-o e, percebendo que também estava escrito com a letra de Vincey e tinha o título de "Tradução do texto em grego uncial encontrado no fragmento de louça de barro", coloquei-o ao lado da carta. Em seguida apareceu um outro pergaminho antigo enrolado, já enrugado e amarelado pelos anos. Também desenrolei esse pergaminho. Era também uma tradução do mesmo original grego, mas para o latim, escrito em letras góticas; à primeira vista, pelo estilo e tipo de letra, parecia-me datar aproximadamente do início do século XVI.

Imediatamente embaixo desse pergaminho havia alguma coisa dura e pesada, embrulhada em linho amarelo e colocada em cima de outra camada de material fibroso. Devagar e com muito cuidado retiramos o pedaço de tecido, fazendo aparecer um fragmento bem grande de cerâmica, sem sombra de dúvida bastante antigo, de coloração próxima a um amarelo sujo! Esse fragmento, na minha opinião, fora um dia parte de uma ânfora comum, de tamanho médio. Media quase dez polegadas e meia de comprimento por sete de largura, tendo cerca de um quarto de polegada de espessura; o lado convexo, que

estava virado em direção ao fundo da caixa, estava de todo coberto por um texto em grego uncial do último período, com algumas falhas aqui e ali, mas perfeitamente legível; era patente o cuidado com que as inscrições haviam sido feitas, utilizando-se um pedaço de junco, como era habitual naquela época. Não posso me esquecer de mencionar que em alguma época remota esse maravilhoso fragmento fora quebrado em dois, sendo restaurado mais tarde com cimento e oito longos rebites. Também no lado interno havia numerosas inscrições; essas, porém, eram feitas com letras bastante extravagantes, e com certeza tinham sido escritas por mãos diferentes, em épocas também diferentes. Mais tarde falarei dessas inscrições e também dos textos dos pergaminhos.

— Há mais alguma coisa? — perguntou Leo com a voz rouca de excitação.

Vasculhei com as mãos o fundo do escrínio e encontrei um objeto duro, colocado dentro de um pequeno saco de linho. Retiramos dele, em primeiro lugar, uma bela miniatura de marfim pintado, e depois um pequeno escaravelho cor de chocolate com as seguintes inscrições:



símbolos que, como verificamos mais tarde, significam "*Suten se Ra*", ou, se traduzirmos, o "Filho Real de Rá ou o Sol". A miniatura mostrava o retrato da mãe grega de Leo — uma adorável criatura de olhos negros. Na parte de trás estava escrito, com a letra do pobre Vincey: "Minha amada esposa".

— Isso é tudo — avisei.

— Muito bem — respondeu Leo, colocando de lado a miniatura, para a qual tinha estado olhando carinhosamente; — e agora vamos ler a carta. — Com isso, sem nenhum esforço, rompeu o lacre, e começou a ler em voz alta:

"Meu filho Leo,

Quando você abrir esta carta, se ainda estiver vivo na ocasião, já terá atingido a idade adulta, e eu já estarei morto há tempo suficiente para estar totalmente esquecido por quase todas as pessoas que me conheceram. Mesmo assim, ao lê-la lembre-se de que já fui, e por tudo o que você sabe, posso ainda ser; lembre-se também de que aqui, através deste elo de tinta e papel, estendo minha mão até você, atravessando o golfo da morte, e minha voz lhe chega vinda do silêncio do túmulo. Embora eu esteja morto, e seu espírito não guarde de mim nenhuma lembrança, mesmo assim estou a seu lado no momento em que você lê esta carta. Desde o seu nascimento até o instante em que escrevo, muito poucas vezes vi seu rosto. Peço perdão. E que sua vida suplantou a daquela a quem amei mais do que as mulheres geralmente são amadas, e a amargura provocada por isso permanece. Tivesse eu vivido mais, com certeza o tempo me ajudaria a superar esse tolo sentimento, mas não estou destinado a viver. Meu sofrimento, tanto físico como mental, é maior do que consigo suportar, e quando tiver terminado de fazer alguns pequenos arranjos em relação a seu futuro bem-estar, é minha

intenção colocar um fim a tudo isso. Que Deus me perdoe se estiver errado. Na melhor das hipóteses, não poderia viver mais que um ano."

— Então ele se matou — exclamei. — Eu bem que imaginava. ... — Mas Leo continuou, sem responder.

"E agora chega de falar de mim. O que tenho a dizer pertence a você, que vive, e não a mim, que estou morto, e quase tão esquecido como se nunca tivesse existido. Holly, meu amigo (a quem, se aceitar a incumbência, pretendo confiar sua educação), já deve ter lhe contado alguma coisa a respeito da extraordinária antigüidade de nossa família. E no conteúdo desse escrínio você encontrará material suficiente para comprovar isso. A estranha lenda que verá inscrita por sua remota ancestral no fragmento de cerâmica me foi transmitida por meu pai, em seu leito de morte, e instigou muito a minha imaginação. Por isso, quando tinha apenas dezanove anos decidi investigar o assunto, da mesma forma que, para sua desgraça, fizera um de nossos ancestrais da era elizabetana. Não posso contar agora tudo o que me aconteceu. Mas isso vi com meus próprios olhos. Na costa da África, numa região até então inexplorada, a alguma distância ao norte de onde o Zambeze se encontra com o mar, existe um promontório, em cuja extremidade se levanta um pico com o formato da cabeça de um negro, bem semelhante àquele de que fala o manuscrito. Cheguei a esse local e ouvi de um nativo errante, expulso de sua tribo por algum crime que cometera, que bem para o interior há grandes montanhas em formato de taças e cavernas rodeadas de pântanos gigantescos. Também descobri que os povos daquela região falam um dialeto derivado do árabe, e que são governados por uma *bela mulher branca* que raramente é vista por eles; porém, segundo dizem, ela tem poder sobre todas as coisas, vivas ou mortas. Dois dias depois de me haver contado isso o homem morreu de febre, contraída ao atravessar os pântanos, e fui forçado, pela falta de provisões e pelos sintomas de uma doença que mais tarde me derrubaria, a iniciar a viagem de volta.

Das aventuras por que passei depois disso não preciso falar agora. Naufraguei na costa de Madagascar e fui resgatado alguns meses depois por um navio inglês, que me levou até Aden, de onde iniciei minha viagem de retorno à Inglaterra, com a intenção de prosseguir a busca assim que tivesse feito os preparativos necessários. No caminho fiz uma parada na Grécia; nesse país, pois *Omnia vincit amor*, conheci sua amada mãe, casei-me, e ali mesmo você nasceu e ela morreu. Foi então que a última doença se apoderou de mim, e voltei a meu país para morrer. E mesmo assim, nutrindo ainda esperanças, dediquei-me a aprender árabe, com a intenção de, caso algum dia melhorasse, retornar à costa da África e solucionar o mistério, cuja tradição já vive há tantos séculos em nossa família. Porém, não melhorei, e no que se refere a mim a história acabou.

Para você, entretanto, meu filho, nada terminou, e por isso lhe entrego os resultados de meu trabalho, juntamente com as provas hereditárias da origem deles. E minha intenção tomar as providências necessárias para que isso não chegue às suas mãos até que tenha alcançado uma idade em que será capaz de

julgar por si mesmo e decidir se quer ou não continuar a investigar aquilo que, se for verdade, pode ser o maior mistério da história do mundo, ou se colocado como uma fábula infundada, o produto original da mente confusa de uma mulher.

Não creio ser uma fábula; acredito que, se apenas isso puder ser redescoberto, existe um ponto onde as forças vitais do mundo existem de forma visível. A vida existe; por que então os meios de preservá-la indefinidamente não deveriam também existir? Mas não tenho a intenção de influenciar seu espírito a respeito do assunto. Leia, e então julgue por si mesmo. Se ficar inclinado a empreender a busca, já tomei providências para que não lhe faltem os meios. Se por outro lado acreditar que a lenda é uma quimera, suplico-lhe destruir o fragmento e os manuscritos, fazendo com que a causa de muitos problemas para a nossa raça desapareça para sempre. Talvez isso seja mais sensato. O desconhecido geralmente é considerado terrível, não, como conclui o provérbio, devido à superstição inerente ao homem, mas porque com frequência é terrível. Aqueles que ousam mexer com as vastas e secretas forças que animam o mundo podem muito bem se tornar vítimas delas. E se o objetivo for atingido, se no final você emergir do desafio com beleza e juventude eternas, tendo vencido o tempo e o mal e se elevado acima da decadência natural da carne e do intelecto, quem pode garantir que essa impressionante mudança vá lhe trazer felicidade? Escolha, meu filho, e que a Força que governa todas as coisas, dizendo: "Até este ponto podes ir, e até aqui podes aprender", consiga dirigir essa escolha para o seu próprio bem-estar e para o bem-estar do mundo, o qual, na hipótese de ser bem-sucedido, você com certeza irá comandar um dia, pelo puro poder da experiência acumulada. Adeus!"

Dessa forma abrupta terminava a carta, que não estava assinada nem datada.

— E o que você deduz disso tudo, tio Holly? — perguntou Leo com a respiração entrecortada, ao mesmo tempo em que recolocava o papel na mesa. — Estávamos procurando um mistério e, com certeza, parece que achamos um.

— O que deduzo disso? Bem, que seu pobre e querido pai estava fora de seu juízo, é claro — respondi com mau humor. — Já tinha pensado nisso naquela noite, há vinte anos, quando ele veio até meu quarto. Fica claro agora que ele apressou o seu final, pobre homem. Isso tudo é uma tolice completa.

— Exatamente, senhor! — confirmou Job, solene. Ele era o espécime mais banal da classe dos banais.

— Bem, de qualquer modo vejamos o que este fragmento tem a nos dizer — disse Leo, pegando a tradução manuscrita por seu pai e começando a ler em voz alta:

"Eu, Amenartas, da Casa Real dos Faraós do Egito, esposa de Kallikrates (a Beleza na Força), sacerdote de Isis a quem os deuses tratam com carinho e os demônios obedecem, estando às portas da morte, dirijo-me a meu pequeno filho Tisístenes (o Poderoso Vingador). Nos dias de Nectanebes<sup>[5]</sup> fugi do Egito com teu pai, depois de tê-lo feito quebrar por amor os votos que havia jurado. Fomos

para o sul, atravessando as águas, e vagamos durante vinte e quatro luas pela costa da Líbia (África), que está voltada para o nascente, e onde, ao lado de um rio, existe uma grande caverna de rocha com o formato da cabeça de um etíope. Depois de quatro dias na água, navegando a partir da desembocadura de um grande rio, naufragamos, sendo que alguns morreram afogados e outros, de doenças. Mas nós, homens corajosos, andamos através de florestas e pântanos, onde as aves marinhas escondem o céu, e depois de suportar uma viagem de dez dias chegamos a uma montanha oca, onde em tempos remotos existira uma grande cidade, depois destruída, além de cavernas das quais homem algum vira o final; ali fomos levados à presença da rainha do povo que coloca painéis na cabeça dos estrangeiros. Essa rainha é uma feiticeira que possui o conhecimento de todas as coisas, da vida e da beleza, e não morre nunca. E ela lançou olhares apaixonados para teu pai, Kallikrates, e teria me matado para tomá-lo como marido; porém, ele me amava e a temia, e não aceitou. Mas depois ela de fato nos apanhou, levando-nos, com seus terríveis expedientes e através de magia negra, até onde fica o grande abismo, em cuja entrada jaz morto o velho filósofo, e nos mostrou o Pilar da Vida que não morre, e cuja voz é como a de um trovão; e ali ficou de pé em meio às chamas, de onde saiu ilesa, e ainda mais bonita. Em seguida jurou tornar seu pai também imortal, com a condição de que me matasse e se entregasse a ela, já que a mim a feiticeira não podia matar, graças à magia de meu próprio povo que carrego comigo, que prevaleceu sobre seu poder. E teu pai colocou a mão sobre os olhos para não ver sua beleza, e não fez o que ela queria. Então, cheia de fúria, ela o atacou com sua magia e ele morreu; mas ela chorou sobre o corpo e retirou-o dali com profundas lamentações; depois, com medo, mandou-me para a desembocadura do grande rio, aonde chegam os navios, e fui levada por um deles para bem longe, onde nasceste, e mais tarde para Atenas, aonde cheguei depois de muitas peregrinações. E agora te digo, meu filho Tisístenes, procura essa mulher, e aprende com ela o segredo da Vida; e se puderes encontrar um meio de matá-la, por causa de teu pai, Kallikrates, ou se realmente tiveres medo e falhares, isso eu digo a todos os da tua linhagem que vierem depois de ti, até que por fim um homem corajoso possa ser encontrado entre vós, que ele vá se banhar no fogo e sentar no trono dos faraós. Falo dessas coisas, pois embora elas já pertençam ao passado, mesmo assim sei o que aconteceu e não estou mentindo".

— Que Deus a perdoe por isso — murmurou Job, que estivera ouvindo de boca aberta a maravilhosa narração.

Quanto a mim, não disse nada: minha primeira impressão era de que meu pobre amigo, fora de seu juízo normal, criara toda essa história, embora parecesse muito pouco provável que ela pudesse ter sido inventada por alguém. Era por demais original. Para resolver essas dúvidas peguei o fragmento de louça e comeci a ler o conciso texto em grego uncial que continha; era um grego de nível bastante elevado, considerando que vinha da pena de uma pessoa nascida no Egito. Aqui está uma transcrição exata dele:

ΑΜΕΝΑΡΤΑΣΤΟΥΒΑΣΙΛΙΚΟΥΓΕΝΟΥΣΤΟΥΑ  
ΙΓΥΓΤΙΟΥΗΤΟΥΚΑΛΛΙΚΡΑΤΟΥΣΙΣΙΔΟΣΙΕΡ  
ΕΩΣΗΝΟΙΜΕΝΘΕΟΙΤΡΕΦΟΥΣΙΤΑΔΕΔΑΙΜΟ  
ΝΙΑΥΓΟΤΑΣΣΕΤΑΙΗΔΗΤΕΛΕΥΤΩΣΑΤΙΣΙΣ  
ΘΕΝΕΙΤΩΓΑΙΔΙΕΡΙΣΤΕΛΛΕΙΤΑΔΕΣΥΝΕΦΥΓΟ  
ΝΓΑΡΓΟΤΕΕΚΤΗΣΑΙΓΥΓΤΙΑΣΕΡΙΝΕΚΤΑΝΕΒ  
ΟΥΜΕΤΑΤΟΥΣΟΥΓΑΤΡΟΣΔΙΑΤΟΝΕΡΩΤΑΤΟ  
ΝΕΜΟΝΕΡΙΟΡΚΗΣΑΝΤΟΣΦΥΓΟΝΤΕΣΔΕΡΡΟ  
ΣΝΟΤΟΝΔΙΑΓΟΝΤΙΟΙΚΑΙΚΔΜΗΝΑΣΚΑΤΑΤΑ  
ΓΑΡΑΘΑΛΑΣΣΙΑΤΗΣΛΙΒΥΗΣΤΑΓΡΟΣΗΛΙΟΥ  
ΑΝΑΤΟΛΑΣΓΛΑΝΗΘΕΝΤΕΣΕΝΘΑΓΕΡΓΕΤΡΑ  
ΤΙΣΜΕΓΑΛΗΓΛΥΓΤΟΝΟΜΟΙΩΜΑΑΙΘΙΟΥΟΣ  
ΚΕΦΑΛΗΣΕΙΤΑΗΜΕΡΑΣΔΑΡΟΣΤΟΜΑΤΟΣΓΟ  
ΤΑΜΟΥΜΕΓΑΛΟΥΕΚΓΕΣΟΝΤΕΣΟΙΜΕΝΚΑΤΕ  
ΡΟΝΤΙΣΘΗΜΕΝΟΙΔΕΝΟΣΩΙΑΓΕΘΑΝΟΜΕΝΤ  
ΕΛΟΣΔΕΥΓΑΓΡΙΩΝΑΝΘΡΩΓΩΝΕΦΕΡΟΜΕΘΑ  
ΔΙΑΕΛΕΩΝΤΕΚΑΙΤΕΝΑΓΕΩΝΕΝΘΑΓΕΡΓΤΗΝ  
ΩΝΓΛΗΘΟΣΑΓΟΚΡΥΓΤΕΙΤΟΝΟΥΡΑΝΟΝΗΜ  
ΕΡΑΣΙΕΩΣΗΛΘΟΜΕΝΕΙΣΚΟΙΛΟΝΤΙΟΡΟΣΕΝ  
ΘΑΡΟΤΕΜΕΓΑΛΗΜΕΝΓΟΛΙΣΗΝΑΝΤΡΑΔΕΑΓ  
ΕΙΡΟΝΑΗΓΑΓΟΝΔΕΩΣΒΑΣΙΛΕΙΑΝΤΗΝΤΩΝΕ  
ΕΝΟΥΣΧΥΤΡΑΙΣΣΤΕΦΑΝΟΥΝΤΩΝΗΤΙΣΜΑΓΕ  
ΙΑΜΕΝΕΧΡΗΤΟΕΓΙΣΤΗΜΗΔΕΡΑΝΤΩΝΚΑΙΔ  
ΗΚΑΙΚΑΛΛΟΣΚΑΙΡΩΜΗΝΑΓΗΡΩΣΗΝΗΔΕΚΑ  
ΛΛΙΚΡΑΤΟΥΣΤΟΥΣΟΥΓΑΤΡΟΣΕΡΑΣΘΕΙΣΑΤ  
ΟΜΕΝΓΡΩΤΟΝΣΥΝΟΙΚΕΙΝΕΒΟΥΛΕΤΟΕΜΕΔ  
ΕΑΝΕΛΕΙΝΕΓΕΙΤΑΩΣΟΥΚΑΝΕΓΕΙΘΕΝΕΜΕΓΑ  
ΡΥΓΕΡΕΦΙΛΕΙΚΑΙΤΗΝΞΕΝΗΝΕΦΟΒΕΙΤΟΑΓΗ  
ΓΑΓΕΝΗΜΑΣΥΓΟΜΑΓΕΙΑΣΚΑΘΟΔΟΥΣΣΦΑΛ  
ΕΡΑΣΕΝΘΑΤΟΒΑΡΑΘΡΟΝΤΟΜΕΓΑΟΥΚΑΤΑΣ  
ΤΟΜΑΕΚΕΙΤΟΟΓΕΡΩΝΟΦΙΛΟΣΟΦΟΣΤΕΘΝΕ  
ΩΣΑΦΙΚΟΜΕΝΟΙΣΔΕΔΕΙΞΕΦΩΣΤΟΥΒΙΟΥΕΥ  
ΘΥΟΙΟΝΚΙΟΝΑΕΛΙΣΣΟΜΕΝΟΝΦΩΝΗΝΙΕΝΤ  
ΑΚΑΘΑΓΕΡΒΡΟΝΤΗΣΕΙΤΑΔΙΑΓΥΡΟΣΒΕΒΗΚ  
ΥΙΑΒΛΑΒΗΣΚΑΙΕΤΙΚΑΛΛΙΩΝΑΥΤΗΕΑΥΤΗΣ  
ΕΞΕΦΑΝΗΚΔΕΤΟΥΤΩΝΩΜΟΣΚΑΙΤΟΝΣΟ  
ΝΓΑΤΕΡΑΑΘΑΝΑΤΟΝΑΓΟΔΕΙΞΕΙΝΕΙΣΥΝΟΙΚ  
ΕΙΝΟΙΒΟΥΛΟΙΤΟΕΜΕΔΕΑΝΕΛΕΙΝΟΥΓΓΑΡΟΥ  
ΝΑΥΤΗΑΝΕΛΕΙΝΙΣΧΥΕΝΥΓΟΤΩΝΗΜΕΔΑΓΩ  
ΝΗΝΚΑΙΑΥΤΗΕΧΩΜΑΓΕΙΑΣΟΔΟΥΔΕΝΤΙΜΑ

ΛΛΟΝ ΗΘΕΛΕ ΤΩ ΧΕΙΡΕ ΤΩ ΝΟΜΜΑΤΩ Ν ΓΡΟΙ  
ΣΧΩΝ ΙΝΑ ΔΗ ΤΟ ΤΗΣ ΓΥΝΑΙΚΟΣ ΚΑΛΛΟΣ ΜΗ  
ΟΡΩ Η ΕΓΕΙΤΑ ΟΡΓΙΣΘΕΙΣ ΑΚΑΤΕΓΟΗΤΕΥΣ ΕΜ  
ΕΝ ΑΥΤΟΝ ΑΓΟΛΟΜΕΝΟΝ ΜΕΝΤΟΙΚΛΑΟΥΣΑ  
ΚΑΙ ΟΔΥΡΟΜΕΝΗ ΕΚΕΙΘΕΝ ΑΓΗ Η ΝΕΙΓΚΕΝ ΕΜΕ Δ  
ΕΦΟΒΩ ΙΑΦΗΚΕ ΝΕΙΣ ΣΤΟΜΑΤΟΥ ΜΕΓΑΛΟΥ Γ  
ΟΤΑ ΜΟΥ ΤΟΥ ΝΑΥΣΙΓΓΟΡΟΥ ΓΓΟΡΡΩ ΔΕ ΝΑΥΣΙ  
ΝΕΦΩ Ν ΓΕΡΓΛΕΟΥΣ ΑΕΤΕ ΚΟΝΣΕ ΑΓΟΓΛΕΥΣ  
ΑΣΑ ΜΟΛΙΣ ΓΟΤΕ ΔΕΥΡΟ ΑΘΗΝΑ ΖΕΚΑΤΗ ΓΑΓ  
ΟΜΗΝ ΣΥΔΕΩ ΤΙΣΙΣΘΕΝΕΣ ΩΝ ΕΡΙΣ ΤΕΛΛΩΜ  
Η ΟΛΙΓΩ ΡΕΙΔΕΙ ΓΑΡ ΤΗΝ ΓΥΝΑΙΚΑ ΑΝΑΖΗΤΕΙ  
ΝΗΝ ΓΩΣ ΤΟ ΤΟΥ ΒΙΟΥ ΜΥΣΤΗΡΙΟΝ ΑΝΕΥΡΗ  
ΣΚΑΙ ΑΝΑΙΡΕΙΝ ΗΝ ΓΟΥΓΑΡΑΣ ΧΗΔΙΑΤΟΝ ΣΟ  
Ν ΓΑΤΕΡΑ ΚΑΛΛΙΚΡΑΤΗ ΝΕΙΔΕΦΟΒΟΥΜΕΝΟ  
Σ ΗΔΙΑ ΑΛΛΟΤΙΑΥΤΟΣ ΛΕΙΓΕΙ ΤΟΥ ΕΡΓΟΥ ΓΑ  
ΣΙ ΤΟΙΣΥΣΤΕΡΟΝ ΑΥΤΟ ΤΟΥΤΟ ΕΡΙΣ ΤΕΛΛΩ  
ΩΣ ΓΟΤΕ ΑΓΑΘΟΣ ΤΙΣ ΓΕΝΟΜΕΝΟΣ ΤΩ ΓΥΡΙΑ  
ΟΥΣ ΑΣΘΑΙ ΤΟΛΜΗΣ ΕΙΚΑΙ ΤΑ ΑΡΙΣΤΕΙΑ ΕΧΩΝ  
ΒΑΣΙΛΕΥΣ ΑΙ ΤΩΝ ΑΝΘΡΩΓΩΝ ΑΓΙΣΤΑ ΜΕΝ Δ  
ΗΤΑΤΟ ΙΑΥΤΑ ΛΕΓΩΜΩΣ ΔΕ ΑΥΤΗ ΓΝΩΚ  
ΑΟΥΚΕ ΨΕΥΣΑ ΜΗΝ

Para facilitar a leitura fiz uma transcrição bastante precisa da inscrição em letra cursiva.

Ἄμενάρτας, τοῦ βασιλικοῦ γένους τοῦ Αἴγυπτίου, ἡ τοῦ Καλλικράτους Ἰσίδος ἱερέως, ἦν οἱ μὲν θεοὶ τρέφουσι τὰ δὲ δαιμονία ὑποτίσσεται, ἤδη τελευτῶσα Τισισθένει τῷ παιδὶ ἐπιστέλλει τάδε· συνέφυγον γὰρ ποτε ἐκ τῆς Αἴγυπτίας ἐπὶ Νεκτανέβοι μετὰ τοῦ σοῦ πατρὸς, διὰ τὸν ἔρωτα τὸν ἐμὸν ἐπιορκήσαντος. φυγόντες δὲ πρὸς νότου διαπόντιοι καὶ κ' ἴ μῆνας κατὰ τὰ παραθαλάσσια τῆς Λιβύης τὰ πρὸς ἡλίου ἀνατολὰς πλανηθέντες, ἔνθα περ πέτρα τις μεγάλη, γλυπτὸν ὁμοίωμα Αἰθίοπος κεφαλῆς, εἶτα ἡμέρας δ' ἀπὸ στόματος ποταμοῦ μεγάλου ἐκπεσόντες, οἱ μὲν κατεποντίσθημεν, οἱ δὲ νόσω ἀπεθάνομεν· τέλος δὲ ὑπ' ἀγρίων ἀνθρώπων ἐφερόμεθα διὰ ἐλέων τε καὶ τεναγέων ἔνθα περ πτηνῶν πλήθος ἀποκρύπτει τὸν οὐρανόν, ἡμέρας ἰ, ἕως ἤλθομεν εἰς κοῖλόν τι ὄρος, ἔνθα ποτὲ μεγάλη μὲν πόλις ἦν, ἄντρα δὲ ἀπείρονα· ἤγαγον δὲ ὡς βασιλείαν τὴν τῶν ξένους χύτραις στεφανούντων, ἧτις μαγεία μὲν ἐχρήτο ἐπιστήμη δὲ πάντων καὶ δὴ καὶ κάλλος καὶ ῥώμην ἀγῆρως ἦν· ἡ δὲ Καλλικράτους τοῦ σοῦ πατρὸς ἐρασθεῖσα τὸ μὲν πρῶτον συνοικεῖν ἐβούλετο ἐμὲ δὲ ἀνελεῖν· ἔπειτα, ὡς οὐκ ἀνέπειθεν, ἐμὲ γὰρ ὑπερεφίλει καὶ τὴν ξένην ἐφοβείτο, ἀπήγαγεν ἡμᾶς ὑπὸ μαγείας καθ' ὁδοῦς σφαλερὰς ἔνθα τὸ βάραθρον τὸ μέγα, οὐ κατὰ στόμα ἔκειτο ὁ γέρον

ὁ φιλόσοφος τεθνεώς, ἀφικομένοις δ' ἔδειξε φῶς τοῦ βίου  
εὐθύ, οἷον κίονα ἐλισσόμενον φῶνῃν ἰέντα καθάπερ βροντῆς,  
εἶτα διὰ πυρὸς βεβηκυῖα ἀβλαβῆς καὶ ἔτι καλλίων αὐτῇ  
ἐαυτῆς ἐξεφάνη. ἐκ δὲ τούτων ὤμοσε καὶ τὸν σὸν πατέρα  
ἀθάνατον ἀποδείξειν, εἰ συνοικεῖν οἱ βούλοιο ἐμὲ δε ἀνε-  
λεῖν, οὐ γὰρ οὖν αὐτῇ ἀνελεῖν ἴσχυεν ὑπὸ τῶν ἡμεδαπῶν  
ἦν καὶ αὐτῇ ἔχω μαγείας. ὁ δ' οὐδέν τι μᾶλλον ἤθελε,  
τῷ χεῖρε τῶν ὀμμάτων προίσχων ἵνα δὴ τὸ τῆς γυναικὸς  
κάλλος μὴ ὀρώη· ἔπειτα ὀργισθεῖσα κατεγοήτευσε μὲν  
αὐτὸν, ἀπολόμενον μέντοι κλάουσα καὶ ὄδυρομένη· ἐκείθεν  
ἀπήνεγκεν, ἐμὲ δὲ φόβῳ ἀφήκεν εἰς στόμα τοῦ μεγάλου  
ποταμοῦ τοῦ ναυσιπόρου, πόρρω δὲ ναυσίν, ἐφ' ὧν περ  
πλέουσα ἔτεκόν σε, ἀποπλεύσασα μόλις ποτὲ δεῦρο Ἀθη-  
νάζε κατηγαγόμενην. σὺ δέ, ὦ Τισίσθερες, ὧν ἐπιστέλλω  
μὴ ὀλιγῶρει· δεῖ γὰρ τὴν γυναῖκα ἀναζητεῖν ἦν πως τὸ τοῦ  
λόυσασθαι τολμήσει καὶ τὰ ἀριστεῖα ἔχων βασιλεύσει  
τῶν ἀνθρώπων· ἄπιστα μὲν δὴ τὰ τοιαῦτα λέγω, ὅμως  
δὲ ἂν αὐτῇ ἐγνωκᾶ οὐκ ἐψευδάμη.

Quanto à tradução inglesa — descobri depois de algumas investigações, e o leitor poderá comprovar por si mesmo fazendo a comparação — era ao mesmo tempo exata e elegante.

Além do texto uncial no lado convexo do fragmento havia, bem no alto, pintado num vermelho fosco, na parte que um dia fora a borda da ânfora, o mesmo desenho que acháramos no escaravelho, também encontrado no escrínio. Entretanto os símbolos ou hieróglifos estavam do lado contrário, como se tivessem sido impressos em cera. Se esse era ou não o símbolo do Kallikrates original<sup>[6]</sup> ou de algum príncipe ou faraó de quem sua esposa Amenartas era descendente, não tenho certeza, nem posso dizer se o desenho havia sido feito na mesma época da inscrição ou mais recentemente copiado do escaravelho por algum outro membro da família. E isso não era tudo. Logo abaixo da inscrição, pintado com o mesmo vermelho opaco, havia o esboço de um desenho um pouco rudimentar, que representava a cabeça e os ombros de uma esfinge que usava duas pernas, símbolos de majestade, as quais, embora bastante comuns em efígies de touros sagrados e deuses, nunca havia visto em desenhos de esfinges.

Além disso havia, no lado direito dessa mesma superfície do fragmento, escrita em vermelho, obliquamente, no espaço que não fora coberto pelas letras unciais, e assinada com tinta azul, esta curiosa inscrição:

NA TERRA E NO CÉU E NO MAR  
COISAS ESTRANHAS ACONTECEM.  
HOC FECIT  
DOROTHEA VINCEY

Bastante desconcertado, examinei o outro lado da peça. Estava coberto, de cima a baixo, com notas e assinaturas em grego, latim e inglês. A primeira, em grego uncial, era de Tisístenes, o filho a quem a inscrição fora endereçada. Dizia: "Não pude ir. De Tisístenes para seu filho, Kallikrates". Aqui está um fac-símile dela, com a transcrição correspondente em letra cursiva:

**ΟΥΚΑΝΔΥΝΑΙΜΗΝΓΟΡΕΥΕΘΑΙΤΙΣΙΣΘΕΝΗ  
ΣΚΑΛΙΚΡΑΤΕΙΤΩΓΑΙΔΙ**

*οὐκ ἂν δυναίμην πορεύεσθαι.  
Τισισθένης Καλλικράτει τῷ παιδί.*

Esse Kallikrates (cujo nome decerto fora dado em homenagem ao avô, como era moda na Grécia) evidentemente fez alguma tentativa de iniciar a busca, pois sua inscrição em grego uncial, muito apagada e quase ilegível, é: "Interrompi minha busca, os deuses estão contra mim. Kallikrates a seu filho". Segue também um fac-símile dela:

**ΤΩΝΘΕΩΝΑΝΤΙΣΤΑΝΤΩΝΕΓΨΑΣΑΜΗΝΤΗΣ  
ΓΟΡΕΙΑΣΚΑΛΙΚΡΑΤΗΣΤΩΓΑΙΔΙ**

*τῶν θεῶν ἀντιστάντων ἐπαυσάμην τῆς πορείας.  
Καλλικράτης τῷ παιδί.*

Entre essas duas inscrições antigas, das quais a segunda estava escrita de cabeça para baixo, e tão clara e deteriorada que se não fosse a transcrição feita por Vincey eu dificilmente teria condições de entender, já que, tendo sido escrita na parte da peça que mais se ressentira da manipulação com o passar do tempo, fora quase de todo apagada, via-se a nítida e moderna assinatura de um Leonel Vincey, "Aetate sua 17", inscrita no local pelo avô de Leo, creio. À direita da assinatura havia as iniciais J. B. V., e logo abaixo, um grande número de assinaturas gregas, em escrita uncial e em letra cursiva, além daquilo que parecia ser algumas repetições de uma sentença (a meu filho) executadas sem muito cuidado, mostrando que a peça fora passada religiosamente de geração a geração.

A outra coisa legível depois das assinaturas gregas eram as palavras "ROMAE, A.U.C.", indicando que a família havia migrado para Roma. Por infelicidade, entretanto, com exceção da terminação (*cvi*), a data da mudança para Roma está perdida para sempre, pois exatamente o pedaço onde fora colocada se quebrou.

Em seguida havia doze assinaturas em latim, rabiscadas aqui e ali, onde quer que existisse um espaço adequado na superfície da cerâmica. Essas assinaturas, com exceção de três, terminavam todas com o nome "Vindex", que significa "o Vingador", aparentemente adotado pela família, depois de seu estabelecimento em Roma, como uma espécie de equivalente ao grego "Tisístenes", que também quer dizer "o Vingador". Por fim, como seria de esperar, o sobrenome latino "Vindex" acabou se transformando primeiro em "De Vincey" e depois no simples "Vincey", usado até hoje. É curioso observar como o dever hereditário de vingança, cuja origem remonta a uma egípcia que viveu antes da era cristã, está dessa forma preservado num nome de família inglês.

Desde então, tenho encontrado alguns dos outros nomes latinos inscritos no fragmento mencionado na história e em outros registros. São eles, se me lembro com exatidão:

MVSSIVS. VINDEK  
SEX. VARIVS. MARVLLVS  
C. FVFIDIVS, C. F. VINDEK  
LABERIA POMPEIANA. CONIVX. MACRINI. VINDICIS

o último deles sendo, é claro, o nome de uma senhora romana. A lista que se segue inclui entretanto todos os nomes latinos encontrados no fragmento:

C. CAECILIVS VINDEK  
M. AIMILIVS VINDEK  
SEX. VARIVS. MARVLLVS  
Q. SOSIVS PRISCVS SENECIO VINDEK  
L. VALERIVS COMINIVS VINDEK  
SEX. OTACILIVS. M. F.  
L. ATTIVS. VINDEK  
MVSSIVS VINDEK  
C. CAECILIVS VINDEK  
LICINIVS FAVSTVS  
LABERIA POMPEIANA CONIVX MACRINI VINDICIS MANILIA  
LVCILLA CONIVX MARVLLI VINDICIS

Depois dessa série de nomes romanos há um intervalo de muitos séculos. Ninguém jamais saberá qual foi a história de tal relíquia durante esses anos obscuros, ou de que forma ela conseguiu ser mantida na família. Meu pobre amigo Vincey, não podemos esquecer, dissera-me que seus ancestrais romanos tinham acabado por se estabelecer na Lombardia, e que após a invasão de Carlos Magno retornaram com ele, atravessando os Alpes, para finalmente passar a viver na Bretanha, de onde seguiram para a Inglaterra durante o reinado de

Eduardo, o Confessor. Como ele sabia disso tudo, não sei, já que nas inscrições não existe menção alguma à Lombardia ou a Carlos Magno, embora, como poderão ver em seguida, exista uma referência à Bretanha. Continuando: os registros seguintes encontrados no fragmento, se não considerarmos uma alongada mancha de sangue ou de outra espécie de material de coloração avermelhada, consistem em duas cruzes traçadas com pigmento vermelho, provavelmente representando as espadas dos cruzados, acompanhadas por um bonito monograma ("D. V.") feito em azul e escarlate, talvez executado por aquela mesma Dorothea Vincey que escreveu, ou melhor, pintou os dois versos de pé quebrado. À esquerda desses registros, inscritas em azul-pálido, vêem-se as iniciais A. V. seguidas de uma data, 1800.

Logo depois, vem o que talvez seja um item tão curioso como qualquer outra coisa existente nessa extraordinária relíquia do passado. Foi escrito em letras góticas, bem acima das cruzes ou espadas dos cruzados, e data do ano de 1455. E como a melhor estratégia é permitir que ele fale por si mesmo, fiz constar aqui o fac-símile, juntamente com o original em latim sem as contrações; a partir dele pode-se perceber que o escritor era um latinista medieval bastante razoável. Mais tarde descobrimos uma coisa ainda mais curiosa, a saber, uma versão inglesa do texto em latim. Essa versão, também em letras góticas, foi encontrada num segundo pergaminho que havia no escrínio, aparentemente um pouco mais antigo do que o primeiro — com a tradução para latim medieval do texto em grego uncial — de que passarei a falar. Também será apresentada uma reprodução do texto na íntegra.

*Fac-símile da inscrição em letras góticas encontrada no fragmento de Amenartas*

**I**sta reliquia est valde misticū et myrificū op̄s  
q̄d maiores mei ex Armorica s̄ Britannia  
m̄iore secū cōbehebāt et q̄dm sc̄s cleric̄s seper p̄ri  
meo in manū ferebat q̄d p̄itus illud destrueret  
affirmās q̄d esset ab ip̄so sathana cōstatū prestigi-  
osa et dyabolica arte q̄re p̄ter mebs cōfregit illud  
ī d̄bas p̄tes q̄s q̄dm ego Joh̄s de Aliceto salvas  
servabi et adaptabi sicut app̄aret die lūe p̄r post  
fest̄o festo Marie virḡ<sup>o</sup> anni ḡfe mcccclv.

*Versão desenvolvida da inscrição acima*

Ista reliquia est vald misticum et myrificum opus, quod maiores mei ex

Armorica, scilicet Britannia Minore, secum con-vehebant; et quidam sanetus clericus semper patri meo in manu ferebat quod penitus illud destrueret, affirmans quod esset ab ipso Sathana conflatum prestigiosa et dyabolica arte, quare pa-ter meus confregit illud in duas partes, quas quidem ego Jo-jannes de Vinceto salvas servavi et adaptavi sicut apparet die lune próximo post festum beate Marie Virginis anni gratie MCCCCXLV.

*Fac-símile da tradução em letras góticas para o inglês arcaico da inscrição latina acima, encontrada no fragmento de Amenar-tas; a tradução foi descoberta num pergaminho.*

**T**hys cellike ps a ryghte mistpfall worke &  
a marveplous p<sup>r</sup> whyche myne abnceteres  
afore tyme dyd conbeighe hider w<sup>t</sup> p<sup>m</sup> ffrom  
Armoryke wh<sup>e</sup> ps to seien Britayne p<sup>r</sup> lesse & a  
certayne holpe clerke shoulde allweyes beare my  
ffadir on honde p<sup>r</sup> he dwghte vttirly ffor to  
ffrullhe p<sup>r</sup> lame affirmpnge p<sup>r</sup> pt was ffourmpd &  
confflatyd off sathanas hym selffe by arte magike  
& dybellyshe wherfore my ffadir dyd take p<sup>r</sup>  
lame & to brast pt yn tweyne but I John de  
Uincey dyd save whool p<sup>r</sup> tweye ptes therof &  
topeercyd p<sup>m</sup> togybder agayne soe as pee se on p<sup>r</sup>  
depe mondape next ffolowpnge after p<sup>r</sup> ffeelte of  
sepnte Marpe p<sup>r</sup> blessed byrgyne yn p<sup>r</sup> peere of  
salvacoun ffowertene hundreth & ffyve & ffowrti.

*Versão modernizada da tradução acima*

"Esta relíquia é um trabalho místico e maravilhoso, que em tempos passados

meus ancestrais conseguiram transportar escondida da Armórica, que hoje é a Bretanha, e um certo sacerdote devia sempre segurar meu pai pela mão dizendo que tinha o poder de fazer previsões e afirmando que a relíquia era uma combinação do próprio Satanás através de artes mágicas e diabólicas; por esse motivo meu pai realmente rasgou a relíquia em pedaços, mas eu, John de Vincey, consegui salvar todos os fragmentos e os uni mais uma vez, como podem ver, nesta segunda-feira, dia seguinte à festa da Santa Virgem Maria Abençoada, no ano do Senhor de 1455."

O registro seguinte e, salvo um último, era da época elizabetana e datava de 1564: "Uma história muitíssimo estranha, e que na verdade custou a vida de meu pai; pois, ao procurar o lugar correto na costa da África, sua embarcação foi afundada por um galeão português perto de Lourenço Marques, e ele pereceu. — John Vincey".

Em seguida vinha o último registro, que, a julgar pelo estilo em que fora escrito, havia sido feito por algum representante da família na metade do século XVIII. Era uma referência equivocada às bem conhecidas linhas de Hamlet, e dizia o seguinte: "Há mais coisas no céu e na terra do que pode imaginar sua filosofia, Horácio".<sup>[7]</sup>

Agora restava apenas mais um documento para ser examinado — a antiga tradução em letras góticas para o latim medieval da inscrição uncial existente no fragmento. Como poderão ver, essa tradução foi feita e assinada no ano de 1495 por um certo "erudito" de nome Edmundus de Prato (Edmund Pratt) licenciado em Lei Canônica pelo Exeter College, em Oxford, e que fora de fato um aluno de Grocyn, o primeiro estudioso a ensinar grego na Inglaterra.<sup>[8]</sup> Sem nenhuma dúvida, assim que a fama desse novo conhecimento chegou a seus ouvidos, o Vincey daquela época, talvez o mesmo John de Vincey que anos antes havia salvo a relíquia da destruição e feito o registro em letras góticas datado de 1445, foi imediatamente a Oxford para descobrir se porventura isso poderia ser útil na tentativa de solucionar o segredo da misteriosa inscrição. E não se desapontou, pois o erudito Edmundus estava à altura da tarefa. Na verdade sua tradução é um exemplo tão bom de erudição medieval e latinidade que, mesmo correndo o risco de saturar o leitor instruído com a apresentação de muitas antiguidades, tomei a decisão de mandar reproduzi-la em fac-símile, juntamente com a versão desenvolvida, para aqueles que se atrapalham com as contrações. Essa tradução tem diversas peculiaridades, sobre as quais não é oportuno falar agora, mas mesmo assim não resisto à tentação de chamar a atenção dos estudiosos para a frase "*Du-xerunt autem nos ad reginam advenaslananiscoronantium*", que me impressionou como uma deliciosa interpretação do original.

*Tradução latina em letras góticas medievais da inscrição uncial encontrada no fragmento de Amenartas, executada por Edmundus de Prato em 1495.*

**A**menartas e gen. reg. Egyptii vror Callicratis  
sacerdoti Iudis quā dei sobēt demonia at-  
tēdēt filioli' Ivo Cifistheni iā moribūda ita mādat :  
Effugi quōdā ex Egypto regnāte Nectanebo cū  
patre tvo, p̄pter mei amorē pejerato. Fugiētes  
autē v'sus Notū trans mare et xxiii mēses p̄r  
litora Libye v'sus Oriētē errant' vbi est petra  
quedā īngna sc̄lypta instar Ethiop̄ capiti, deinde  
dies iiii ab ost' fluū īngni eiecti p̄tim submersi  
sumus p̄tim morbo mortui suū : in fine autē a  
fēt hōibz portabamur p̄r palud' et vada. vbi abiū  
m'itudo celū obūbrat dies x. donec adveniū ad  
cabū quēdā montē, ubi olim īngna vrbs erat,  
cauerne quoq̄ īmēse : dixerūt autē nos ad reginā  
Aduenastalamiscoronātiū que magicē vtebāt et  
peritia omniū rer' et saltē p̄lcris et vigore īfēscī-  
bil' erat. Hec īngno patē tui amore p̄billa p̄mū  
q̄dē ei coūbiū michi mortē parabat. postea v'ro  
reclāte Callicrate amore' mei et timore regine

affecto nos p̄r magicā abduxit p̄r vias horribil'  
vbi est puteus ille p̄fūdus, cuius iuxta aditū  
iacebat senioſ philoſophi cadauer, et advēiētib'  
mōstrabit flāmā Uite erectā, iſtar columnne volu-  
tātis, voces emittētē q̄ſi tonitribus: tūc p̄r ignē  
ipetu nociuo expers trāſiit et iā ipſa ſeſe formoſior  
viſa eſt.

Quib' ſaci iurabit ſe patrē tuū quoq̄ iimortalē  
oſtēſurā eſſe, ſi mē priuſ occiſa regine cōt̄bberniū  
mallet; neq̄ enī ipſa me occidere valuit, p̄pter noſ-  
tratū iſgicā cuius egomet p̄tem habeo. Ille vero  
nichil huius genū maluit, manib' ante ocul' paſſis  
ne mulier' forniſitatē adſpiceret: poſtea eū iſgica  
p̄cuſſit arte, at mortuū efferebat ide cū ſletib' et  
vagitiſ, me p̄r timorē expulit ad oſtiū iſgni  
flumiſ beliuoſi porro in nabe in qua te peperit,  
uir poſt dies h̄be Athenas invec̄ta ſū. At tu,  
Ⓞ Ciſiſtheſi, ne q̄d quorū mādō nauci fac: neceſſe  
enī eſt mulierē exq̄virere ſi q̄ba Uite myſteriū  
ipetres et v̄dicare, quātū in te eſt, patrē tuū  
Callicrat' in regine morte. Sin timore ſeu aliq̄  
cauſa rē reliquis iſfectā, hoc ipſū oib' poſter' mādō  
dū bonis q̄s inveniatur q̄bi ignis lauacrū nō  
p̄rhorreſcet et p̄tentia dignū dōiabit hōiū.

Talia dico incredibilia q̄dē at mne ſicta de reb'  
michi cognitis.

Hec Grece ſcripta Latine reddidit vir doctus  
Edmōds de Prato, in Decretis Licenciatus e Coll.  
pupillis, Id. Apr. A°. Dñl. MCCCCLXXXIX.

*Versão desenvolvida da tradução em latim medieval acima*

— Bem — comentei depois de ter lido e examinado com cuidado todas as inscrições e parágrafos, ou pelo menos todos os que ainda estavam legíveis -, isso é tudo, Leo, e agora você pode formar sua própria opinião a respeito do assunto; quanto a mim, já formei a minha.

— E qual é? — perguntou ele sem demora.

— É a seguinte: acredito sinceramente que o fragmento é genuíno e, por mais incrível que pareça, que veio sendo mantido em sua família desde o século IV a.C. Os registros são uma prova irrefutável, e, portanto, por mais improvável que possa parecer, o fato deve ser aceito. Mas vou apenas até aí. Não tenho nenhuma dúvida de que sua remota ancestral, a princesa egípcia, ou algum escriba sob o comando dela tenha escrito o que acabamos de ler no fragmento, e também não tenho dúvidas de que a perda do marido e os sofrimentos por que passou a perturbaram, e que ela não estava em seu juízo perfeito quando escreveu isso.

— E o que você me diz das coisas que meu pai viu e ouviu ali? — perguntou Leo.

— Coincidência. Não há dúvida de que existem diversos penhascos na costa da África que parecem ter o formato da cabeça de um homem, assim como deve haver muitas pessoas que falam um dialeto do árabe. Acredito também que devam existir dezenas de pântanos. Entretanto, Leo, embora eu sinta muito em dizer isso, não acredito que seu pai estivesse completamente são quando escreveu essa carta. Ele tinha enfrentado uma série de problemas, e deixou que a história tomasse conta da sua imaginação, além de, é claro, ser um homem muito criativo. De qualquer modo acho que essa lenda que chegou até nós não tem nenhum valor. Sei que existem estranhas forças na natureza com que raramente entramos em contato, e que, quando isso acontece, não conseguimos entender. Mas até que eu veja com meus próprios olhos, o que não é provável acontecer, nunca vou acreditar que existam meios de evitar a morte, mesmo que apenas por algum tempo, ou que exista ou tenha existido uma feiticeira branca no meio de um pântano africano. É bobagem, meu rapaz, pura bobagem! O que diz disso, Job?

— Acredito, senhor, que tudo isso é mentira; e se for verdade espero que o sr. Leo não se meta com essas coisas, pois nenhum bem vai resultar disso.

— Talvez vocês dois tenham razão — disse Leo em voz baixa. — Quanto a mim, tudo o que tenho a dizer é que pretendo resolver esse assunto de uma vez por todas, e se vocês não quiserem ir comigo irei sozinho.

Olhei para o rosto do jovem e percebi que estava falando a verdade. Quando Leo fala a verdade, isso se evidencia por uma curiosa expressão que faz com a boca, uma mania que tem desde criança. Porém, para ser sincero, eu não tinha a menor intenção de permitir que ele fosse a nenhum lugar sozinho, para meu próprio bem, ou, por que não dizer, para o bem dele. Era muito ligado a ele para permitir isso. Não sou homem de muitos laços e afeições. As circunstâncias conspiraram contra mim nesse assunto, e homens e mulheres geralmente me evitam — ou pelo menos é o que sinto, o que dá na mesma —, acreditando talvez

que minha aparência um tanto assustadora seja a chave para meu caráter. A fim de não ter de enfrentar isso preferi, na medida do possível, me afastar da sociedade e evitar essas oportunidades que, para a maioria dos homens, resultam na formação de laços mais ou menos íntimos. Em consequência disso, Leo era tudo o que tinha — irmão, filho e amigo —, e até que se cansasse de mim iria segui-lo aonde quer que fosse. Mas naturalmente não queria deixá-lo perceber a grande influência que exercia sobre mim; por isso comecei a pensar em alguma maneira de capitular com elegância.

— Sim, devo ir, tio — repetiu ele —, e mesmo que não ache o famoso Pilar da Vida, de qualquer forma terei a oportunidade de fazer algumas caçadas de primeira classe.

Ali estava minha chance, e não perdi tempo.

— Caçadas? — perguntei. — Ah, claro! Não havia pensado nisso antes. Deve ser uma região muito selvagem, e bastante propícia para isso. Sempre quis matar um búfalo antes de morrer. E sabe o que mais, meu rapaz? Não acredito nessa busca, mas acredito em caçadas, e realmente, se depois de refletir bem' você tomar a decisão de ir, tirarei umas férias e irei com você.

— Ótimo — disse Leo; — bem que eu achava que você não perderia essa chance. Mas... e quanto ao dinheiro? Vamos precisar de uma bela quantia.

— Não precisa se preocupar com isso — respondi. — Temos toda a sua renda, que vem se acumulando há anos, e além disso economizei dois terços da parte que seu pai me deixou. Temos dinheiro suficiente.

— Muito bem; então, podemos começar a guardar todas essas coisas e ir até a cidade para comprar algumas armas. Por falar nisso, Job, você vai conosco? Já é hora de começar a conhecer o mundo.

— Bem, senhor -7- respondeu Job, impassível —, não tenho muito interesse em conhecer o estrangeiro, mas se meus dois senhores estão indo, vão precisar de alguém para ajudá-los, e não sou o tipo de pessoa que fica para trás, depois de servi-los por vinte anos.

— Ótimo, Job — disse eu. — Você não vai encontrar nenhuma maravilha por lá, mas pelo menos poderá fazer algumas boas caçadas. E agora ouçam, vocês dois. Ninguém vai dizer nem uma palavra a qualquer pessoa sobre isso. — E aponte para o fragmento. — Se alguém souber, e acontecer algo comigo, meus parentes mais próximos vão questionar meu testamento alegando insanidade, e vou me tornar o alvo de todas as piadas de Cambridge.

Dali a três meses estávamos em pleno oceano, a caminho de Zanzibar.

## Capítulo IV - A tempestade

Quão diferente é a cena de que vou falar agora em relação àquela que acabamos de deixar para trás! Longe estão as quietas salas da universidade, os elmos ingleses balançando com o vento, as gralhas barulhentas e os volumes familiares nas prateleiras; e em seu lugar levanta-se a visão do oceano imenso e calmo, brilhando em reflexos prateados sob os raios da lua cheia africana. Uma brisa suave enfuna a enorme vela da nossa embarcação e nos empurra pela água, que forma pequenas ondas à medida que o barco passa. A maioria dos homens já está dormindo, pois é quase meia-noite, mas um enorme árabe, de pele escura, que atende pelo nome de Mahomed, permanece no leme, orientando-se preguiçosamente pela posição das estrelas. A cerca de três milhas para estibordo pode-se ver uma linha baixa e indistinta. É a costa oriental da África central. Estamos navegando para o sul, tentando evitar a monção de nordeste, exatamente no espaço que existe entre o continente e o recife que garante essa perigosa orla por centenas de milhas. A noite está quieta ao extremo, tão quieta que um sussurro pode ser ouvido de popa a proa; tão quieta que o som distante de um estrondo chega até nós, vindo da costa distante.

O árabe que está no leme levanta a mão e diz uma única palavra:

— *Simba* (leão)!

Todos se erguem e escutam. Logo em seguida ele surge de novo, um som lento e majestático, que nos faz tremer até a medula.

— Por volta das dez horas da manhã — digo — devemos, capitão não tiver se enganado em seus cálculos, o que acho bastante provável, avistar aquela misteriosa rocha com o formato da cabeça de um homem, e começar nossas caçadas.

— E começar nossa busca à cidade em ruínas e ao Fogo da Vida — corrigiu Leo, tirando o cachimbo da boca e dando uma risadinha.

— Bobagem! — respondi. — Você estava exercitando seu árabe esta tarde com o homem do leme. E o que ele disse? Que tem estado comerciando (escravos, provavelmente) por esta região durante a maior parte de sua iníqua vida, e uma vez chegou a aportar nessa rocha "humana". E por acaso ele já ouviu algo a respeito das ruínas da cidade ou das cavernas?

— Não — respondeu Leo. — Ele afirma que aquela região é só pântano, cheia de cobras, em especial jibóias, e também de animais selvagens, e que nenhum homem vive ali. Mas na verdade existe um cinturão de pântano ao longo de toda a costa da África oriental, então não faz muita diferença.

— Faz — respondi —, faz em se tratando de malária. Você está vendo qual é a opinião que essa gente tem a respeito da região. Nenhum deles vai querer vir conosco. Acham que somos loucos, e, palavra de honra, acredito que tenham razão. Se algum dia chegarmos a ver a velha Inglaterra novamente, ficarei muito surpreso. Na verdade isso não importa muito para alguém na minha idade; porém, preocupo-me com você, Leo, e com Job. Estamos numa canoa furada, meu rapaz.

— Certo, tio Horace. Mas no que diz respeito a mim, não vou desperdiçar esta oportunidade. Olhem! O que é aquela nuvem? — E apontou uma mancha escura que aparecia no céu estrelado, algumas milhas atrás de nós.

— Pergunte ao homem que está no leme — sugeri.

Ele se levantou, estendeu os braços e foi até o leme, retornando em seguida.

— Ele disse que é uma tempestade, mas que vai passar bem ao largo de nós.

Nesse exato momento surgiu Job, de aparência muito forte e bem inglesa, em seu conjunto de flanela marrom próprio para caçadas, e com um certo ar de perplexidade estampado no rosto redondo, o que havia se tornado bastante comum desde que começara a navegar por essas águas estranhas.

— Por favor, senhor — disse, tocando seu chapéu de sol, que estava enfiado na parte de trás da cabeça de uma maneira um tanto ridícula —, já que todas as nossas coisas, inclusive as armas, estão lá atrás, na baleeira, isso para não dizer nada das provisões que estão nos baús, acho que seria melhor se eu desse uma escapada e dormisse ali. Não estou gostando nada do jeito — e nesse ponto baixou a voz para um sussurro portentoso — desses negros; eles têm jeito de ladrões. Agora suponhamos que alguns deles resolvam esgueirar-se para o barco no meio da noite, cortar a corda e fugir com tudo. Ia ser um belo golpe, lá isso ia.

A baleeira, preciso explicar, fora especialmente construída para nós em Dundee, na Escócia. Nós a tínhamos trazido conosco, pois sabíamos que essa costa era uma rede de enseadas e que podíamos precisar de alguma coisa para navegar nelas. Era uma bonita embarcação, com trinta pés de comprimento, uma bolina móvel para velejar e o fundo todo de cobre para protegê-la dos animais aquáticos; além disso, estava equipada com diversos compartimentos a prova d'água. O capitão do barco maior havia nos dito que quando alcançássemos a rocha, que ele conhecia e que parecia ser idêntica à descrita no fragmento pelo pai de Leo, não seria possível chegar até muito perto com o barco, em virtude do grande número de bancos de areia e das ondas muito fortes. Sendo assim, dedicáramos três horas daquela manhã, enquanto o tempo estava bem calmo e o vento, parado ao nascer do sol, a transferir a maior parte das provisões e bagagens para a baleeira, tendo o cuidado de colocar as armas, as munições e os alimentos nos compartimentos impermeáveis especialmente preparados para isso, pois assim ao avistarmos a lendária rocha não teríamos mais nada a fazer senão entrar no barco e rumar para terra. Outra razão que havia nos induzido a tomar essa precaução era o fato de os capitães árabes serem especialistas em ultrapassar o ponto para onde estavam rumando seja por descuido ou por um engano quanto à identificação do local. E como todos os velejadores sabem, é quase impossível para um barco desse tipo, preparado para navegar sempre a favor da monção, dar meia-volta e navegar contra ela. Conseqüentemente, deixamos nosso barco pronto para remar em direção à rocha a qualquer momento.

— É claro, Job — disse eu —, talvez seja uma boa idéia. Há uma porção de cobertores lá; apenas tenha cuidado para ficar longe da lua, pois ela pode cegá-lo ou deixá-lo louco.

— Por Deus, senhor! Não creio que isso importasse muito, pois estou a meio caminho da loucura só de olhar para esses africanos e seus modos torpes e

traçoeiros. Eles só servem como estéreo e mais nada, e mesmo para isso eles já cheiram mal demais.

Job, como podemos ver, não era nenhum admirador das maneiras e costumes dos nossos amigos de pele escura.

Sendo assim puxamos o bote pelo cabo de reboque até ele ficar bem próximo à popa do barco, e Job pulou para dentro com a graça de um saco de batatas. Depois voltamos e nos sentamos de novo no convés, fumando e conversando, soltando pequenas rajadas de fumaça e falando bobagens. A noite estava tão adorável, e nossa mente, tão cheia de excitação reprimida de uma espécie ou de outra, que não tínhamos nenhuma vontade de ir para a cama. Durante cerca de uma hora ficamos assim, e depois, acredito, ambos caímos no sono. Ou pelo menos tenho uma leve lembrança de Leo, já semi-adormecido, explicar-me que a cabeça não era um mau lugar para acertar um búfalo, se se fosse capaz de meter a bala exatamente entre os chifres ou dentro da garganta do animal, ou qualquer outro absurdo do tipo.

Não me lembro de mais nada, até que repentinamente. . . — um rugido aterrorizante do vento, um grito agudo de terror da tripulação que acordava, e a água batendo, como uma chicotada, em nosso rosto. Alguns dos homens correram para soltar as adriças e baixar a vela, porém a troça emperrou e a verga não descia. Dei um salto e agarrei-me a uma corda. Atrás da embarcação o céu estava negro como piche, mas a lua ainda brilhava à nossa frente, iluminando a escuridão. Bem embaixo dela uma enorme onda, com pelo menos vinte pés de altura, vinha em nossa direção. Estava prestes a arrebentar — a lua brilhava em sua crista, cobrindo a espuma de luz. E corria sob o céu negro, impulsionada pela terrível tempestade que a seguia bem de perto. De repente, num piscar de olhos, vi a forma negra da baleeira ser lançada bem alto no ar, sobre a crista da onda que quebrava. Logo depois, um choque de água, um violento ataque de espuma em ebulição, e eu estava tentando desesperadamente salvar minha vida, pois havia sido varrido do convés como uma bandeira num vendaval.

Fôramos encobertos pela água.

A onda passou. Parecia que eu ficara submerso durante vários minutos — na verdade eram segundos. Olhei para os lados. O vento destruirá a vela maior, que estava tremulando a sotavento, bem alto no ar, como um enorme pássaro ferido. Então, durante um momento, houve um pouco de calma, e pude ouvir a voz de Job, que gritava desesperadamente: "Venham até o bote!"

Atordoado e meio afogado como estava, ainda tive condições de correr para a popa. Sentia o barco afundando sob meus pés — estava cheio de água. Sob o painel de popa, a baleeira balançava furiosamente, e vi o árabe Mahomed, que estivera ao leme, saltar para dentro dela. Dei um puxão desesperado no cabo de reboque retesado, tentando trazê-la para perto. Saltei desvairado, em direção ao bote, e Job segurou-me pelo braço, fazendo-me rolar pelo chão. O barco maior afundava lentamente, e quando começou a desaparecer na água Mahomed puxou uma faca curva e cortou a corda de fibra que nos unia a ele; um segundo mais tarde estávamos navegando com a tempestade à nossa proa, no lugar onde antes estivera o barco.

— Deus do céu! — gritei. — Onde está Leo? *Leo! Leo!*

— Desapareceu, senhor, que Deus o ajude! — bradou Job em meu ouvido; e a fúria da tempestade era tal que a voz dele me pareceu um suspiro.

Torci as mãos em agonia. Leo tinha se afogado, e eu ficara vivo para lamentar sua morte.

— Olhem — gritou Job —, aí vem outra!

Virei-me; uma segunda onda enorme estava prestes a nos cobrir, e por um momento tive esperanças de me afogar também. Com uma espécie de estranha fascinação fiquei apreciando o terrível acontecimento. A lua estava praticamente escondida pela fúria da tempestade, mas um pouco de luz ainda iluminava a crista do vagalhão destruidor. E bem naquele ponto havia algo escuro — um dos destroços. A onda chegou até nós, e o bote ficou quase coberto pela água. Por sorte, porém, a baleeira fora construída com compartimentos impermeáveis — Deus abençoe o homem que os inventou! — e navegou sobre a onda como um cisne. E em meio à espuma e à turbulência consegui ver que a coisa escura que havia na onda vinha direto em minha direção. Estendi o braço direito para tentar afastá-la, e minha mão tocou um outro braço, cujo pulso meus dedos agarraram como se formassem um tornio. Sou um homem bastante forte e tinha um lugar para me segurar; mesmo assim, contudo, meu ombro foi praticamente deslocado pela força e pelo peso do corpo que flutuava. Tivesse a situação permanecido inalterada por mais dois segundos e seria obrigado a deixá-lo ir, ou seria arrastado com ele. Mas a onda passou, deixando-nos com a água pelo joelho.

— Retirar a água do barco! Retirar a água do barco! — gritava Job, transformando suas palavras em ação.

Porém eu simplesmente não podia fazer nada naquele momento, pois a lua desapareceu, deixando-nos na mais completa escuridão; e de repente um pequeno raio de luz iluminou o rosto do homem a quem eu estava agarrado, e que agora estava meio deitado, meio flutuando no fundo do bote.

Era *Leo*. Leo trazido de volta pela onda — de volta, vivo ou morto, tendo saído da própria mandíbula da Morte.

— Retirar a água do barco! Retirar a água do barco! — gritava Job. — Ou então afundaremos!

Apanhei uma grande tigela de lata com alça que estava presa sob um dos bancos, e nós três começamos a trabalhar freneticamente por nossa vida. A furiosa tempestade continuava em cima e ao redor de nós, arremessando o barco de um lado para outro; o vento, a chuva e a camada de espuma nos cegavam e atordoavam, mas apesar disso trabalhávamos como demônios, com a selvagem animação dos desesperados, pois até mesmo o desespero pode dar forças a alguém. Um minuto! Três minutos! Seis minutos! O bote começou a ficar mais leve, e nenhuma outra onda nos atingiu. Cinco minutos mais e o bote estava quase vazio. De repente, acima dos guinchos terríveis do furacão, pudemos ouvir um estrondo mais forte, mais profundo. Deus do Céu! Era o ruído das ondas!

Naquele instante a lua começou a brilhar de novo — dessa vez por trás da trilha da tempestade. Bem longe de nós, no meio do oceano dilacerado, refletiam-se os raios imperfeitos de sua luz; e ali, a cerca de meia milha, corria

uma linha branca de espuma, seguida por um pequeno espaço da mais completa escuridão e novamente outra faixa branca. Eram os vagalhões, e seu rugido soava forte, cada vez mais forte, à medida que éramos puxados em sua direção como se fôssemos ser engolidos. Ali estavam, borbulhando em jorros nevoentos de espuma, batendo e golpeando suas cristas, que mais pareciam os dentes cintilantes do inferno.

— Pegue o leme, Mahomed! — gritei em árabe. — Precisamos tentar atravessá-las. — Ao mesmo tempo peguei um remo e coloquei-o em posição, incitando Job a fazer o mesmo.

Mahomed conseguiu chegar até a parte traseira do bote e pegou o leme; enquanto isso Job, não sem alguma dificuldade, apesar de ser um ótimo remador, conseguia pôr seu remo no lugar. Um minuto depois a frente do barco já estava virada diretamente para a massa de espuma que se aproximava, afundando e cortando o mar com a velocidade de um cavalo de corridas. Bem à nossa frente a primeira linha de vagalhões parecia um pouco menor que à nossa direita ou esquerda, pois nesse local havia uma região de águas mais profundas. Virei-me e aponteí naquela direção.

— Vire o barco, pelo amor de Deus, Mahomed! — gritei. O árabe era um exímio navegador e muito acostumado aos perigos dessa costa traiçoeira; portanto, agarrou o leme e, inclinando o corpo maciço para a frente, fixou o olhar na espuma aterrorizante até parecer que seus olhos redondos e enormes iriam saltar das órbitas. O impulso dado pelas ondas estava virando o barco para estibordo. Se atingíssemos a linha das ondas a cerca de cinquenta jardas nessa direção correríamos o risco de afundar, pois naquele local as ondas estavam extremamente grandes e violentas. Mahomed apoiou o pé contra o banco que havia à sua frente; olhando para ele eu podia notar que seus dedos morenos estavam abertos como os dedos da mão, devido ao peso que recebiam à medida que assimilava a força do leme. Este virou um pouco, mas não o suficiente. Dei um urro para que Job voltasse a tirar a água do barco, enquanto eu também fazia esse trabalho, ao mesmo tempo em que lutava com o remo. O bote começou a mudar de direção, e já não era sem tempo.

Por Deus, estávamos nelas! E então se seguiram momentos de tamanha excitação que não tenho esperanças de conseguir descrevê-los aqui. Tudo o que lembro é o grito agudo do mar de espuma, onde as ondas se levantavam aqui, ali e em todos os lugares, como fantasmas vingadores que se levantassem do seu túmulo marinho. Em certo momento chegamos a virar quase completamente, mas ou por sorte ou devido à perícia de Mahomed na direção a frente do bote endireitou-se de novo antes que um novo vagalhão nos encobrisse. Outro ainda — um monstro. Nós os atravessávamos ou ficávamos por cima deles — mais freqüentemente os atravessávamos — e de repente, com um grito selvagem de exultação do árabe, conseguimos passar entre as linhas de ondas selvagens que rugiam e chegar a um pedaço de mar um pouco mais calmo.

Porém estávamos de novo quase cheios de água, e não mais que meia milha nos separava da outra linha de vagalhões. Recomeçamos a tirar a água, trabalhando como loucos. Por sorte a tempestade já estava passando e a lua brilhava com intensidade, revelando o topo de um promontório rochoso, que

despontava a mais ou menos meia milha de distância, e do qual as ondas pareciam ser uma espécie de continuação. De qualquer forma elas arrebetavam próximas a ele. Provavelmente a crista que formava o promontório seguia oceano adentro, só que num nível mais baixo, formando também os recifes. Esse penhasco terminava num curioso pico, que aparentemente não estar a mais que uma milha de distância. E no exato momento em que acabávamos de tirar a água do barco pela segunda vez Leo abriu os olhos, para meu imenso alívio, e, constatando que suas roupas haviam caído da cama, observou que já estava na hora de irmos para a capela. Disse-lhe para fechar os olhos e ficar quieto, o que fez, sem dar nenhuma mostra de ter percebido a nossa situação.

Quanto a mim, aquela referência à capela me fez lembrar, com uma espécie de dolorida saudade, meus confortáveis aposentos em Cambridge. Como pode ser tão tolo a ponto de deixá-los? Esse é um pensamento que tem me ocorrido sempre desde aquela noite, cada vez com maior intensidade.

Mas agora éramos mais uma vez arrastados em direção as ondas, embora com menor velocidade, já que o vento diminuía e apenas a corrente ou a maré (ficou provado depois que era a maré) nos impelia.

Mais um minuto, e com um melancólico lamento a Alá por parte do árabe, uma exclamação submissa de minha parte e algo que nada tinha de submisso por parte de Job, entramos de novo nas ondas. Tudo se repetiu como da primeira vez, só que com menos violência. A perícia de Mahomed no leme e os compartimentos impermeáveis salvaram nossa vida. Em não mais que cinco minutos estava tudo acabado, e éramos levados — pois estávamos exaustos demais para fazer qualquer coisa a não ser manter o bote no rumo certo — com extrema velocidade em direção ao promontório que já descrevi.

Continuamos sendo levados pela maré até chegarmos a um ponto bem a sotavento, e de repente a velocidade começou a diminuir e o bote, a andar menos; parecia afinal que alcançáramos um remanso. A tempestade passara, deixando o céu atrás de si calmo e limpo; o promontório interceptara a ressaca provocada pela tormenta, e a maré, que correra com tanto ímpeto em direção ao rio (pois estávamos na desembocadura de um), havia perdido toda a energia, de modo que flutuávamos suavemente, e antes que a lua desaparecesse, conseguimos retirar toda a água do barco e arrumar as partes que haviam sido danificadas. Leo dormia a sono solto, e achei que não seria prudente acordá-lo. Era verdade que suas roupas estavam molhadas, mas a noite estava agora tão quente que achei (no que fui apoiado por Job) que isso não causaria dano algum a um homem de constituição tão vigorosa. Além disso não tínhamos nenhuma peça de roupa seca à mão.

Dali a pouco a lua desceu, e ficamos flutuando nas águas, com poucas preocupações na cabeça e tempo para refletir sobre tudo o que se passara e os perigos de que escapáramos. Job deitou-se na proa, Mahomed manteve sua posição no leme, e eu me sentei num banco bem no meio do bote, perto do local onde Leo estava deitado.

A lua desceu com toda a graça; partiu nas profundezas do horizonte, não sem antes deixar longos véus de sombra deslizando no céu, onde mais tarde

apareceram as estrelas. Entretanto, logo elas começaram a empalidecer ante o esplendor vindo do leste, e o advento da manhã se apresentou perante o azul novo do céu. Quietos, cada vez mais quietos ficava o mar, quieto como a névoa suave que se estendia sobre ele, escondendo todos os seus problemas, da mesma forma que em nossa vida tempestuosa as ondas transitórias do sono se estendem sobre a alma torturada pela dor, fazendo-a esquecer os pesares. De leste a oeste corriam os anjos da Manhã, de mar a mar, de pico de montanha a pico de montanha, espalhando a luz que lhes saía do peito e das asas. E deixavam a escuridão, perfeitos, gloriosos, passando em grande velocidade sobre o mar calmo, a linha baixa da costa, os pântanos além dela e as montanhas acima deles; sobre aqueles que dormiam em paz e os que jaziam acordados, imersos em sua dor; sobre o bem e o mal; sobre os vivos e os mortos; sobre o imenso mundo e tudo aquilo que respira ou já respirou sobre a terra.

Era uma visão magnífica, e ao mesmo tempo triste, talvez pelo excesso de beleza que havia nela. O nascer do sol, o pôr-do-sol! Eles são o símbolo e a marca da humanidade, de todas as coisas que o homem tem a fazer. Naquela manhã essa idéia chegou até mim com uma força peculiar. O sol que nascia naquele momento para nós tinha se posto no dia anterior para nossos outros dezoito companheiros de viagem! Tinha se posto para sempre para dezoito pessoas a quem conhecêramos!

Nosso barco afundara levando-os consigo; e agora eles estavam perdidos entre as rochas e as algas marinhas; tantos seres humanos levados pelo grande oceano da Morte! E nós quatro estávamos salvos!



## Capítulo V - A cabeça do etíope

Finalmente os arautos e mensageiros do sol real terminaram seu trabalho, e depois de sair em busca das sombras fizeram-nas desaparecer. Em seguida, com toda a pompa, o rei saiu de seu leito no oceano, inundando a terra de luz e calor. Fiquei sentado no barco ouvindo o murmúrio da água e apreciando o nascer do sol; mas em determinado momento, o suave movimento do bote colocou exatamente entre mim e o astro o singular rochedo ou pico existente no final do promontório, que atingimos em meio a tanto perigo, fazendo assim desaparecer a magnífica visão. Entretanto, continuei absorto a olhar para a rocha, até o momento em que sua borda foi ressaltada pela claridade da forte luz que havia atrás. Foi então que dei um salto, como seria de esperar, pois percebi que o topo do pico, com cerca de oitenta pés de altura por cento e cinquenta de largura em sua base, tinha o formato da cabeça e do rosto de um negro, com a expressão mais terrível e diabólica que se possa imaginar. Não havia nenhuma dúvida; ali estavam os lábios grossos, as bochechas cheias e o nariz achatado, colocados à minha frente com extrema nitidez e ressaltados pelo fundo flamejante. Ah estava também o crânio redondo, formado talvez pelo trabalho de milhares de anos de chuva e vento; e para completar a semelhança alguns montinhos de erva daninha ou líquen haviam crescido nas encostas, montinhos esses que colocados como estavam contra o sol ficavam extremamente parecidos com a carapinha na cabeça colossal de um negro. Com certeza era bastante estranho; tão estranho que chego a pensar que aquilo não era um mero capricho da natureza e sim um gigantesco monumento, construído, assim como a conhecida esfinge egípcia, por algum povo esquecido a partir de um pedaço de rocha que se prestasse a tal serviço, talvez como um sinal de advertência e provocação para qualquer inimigo que chegasse àquele porto. Infelizmente nunca tivemos oportunidade de verificar qual era a verdade, por ser a rocha de difícil acesso tanto pelo lado terrestre quanto pelo marítimo, e também devido ao fato de termos outras coisas para tratar. Hoje em dia, considerando o problema sob a luz do que vimos depois, acredito que a rocha tenha sido esculpida por mãos humanas; porém, de qualquer forma, a efigie está ali, olhando através das eras para as mutações do oceano — e já estava ali há mais de dois mil anos, quando Amenartas, a princesa egípcia esposa de Kallikrates, o remoto ancestral de Leo, encarou sua face demoníaca —, e não tenho dúvidas de que continuará no mesmo lugar daqui a muitos séculos, tantos quantos já se passaram entre os seus dias e os tempos de hoje, e já tivermos sido completamente esquecidos.

— O que acha disso, Job? — perguntei a nosso criado, que estava sentado na borda do bote tentando absorver a maior quantidade possível de sol, com a aparência bastante infeliz, e aponte para a cabeça demoníaca e flamejante.

— Por Deus, senhor! — exclamou Job, só então notando o promontório. — Acho que o velho senhor deve ter posado para seu retrato nas rochas.

Dei uma risada que acordou Leo.

— Olá! — disse ele. — O que está acontecendo comigo? Estou todo dolorido.

Onde está o barco? Alguém pode me dar um pouco de *brandy*?

— Você tem de dar graças a Deus por ainda estar sentindo dor, meu rapaz — respondi. — O barco naufragou, todos os que estavam a bordo morreram afogados, com exceção de nós quatro, e sua própria vida foi salva graças a um milagre. — Em seguida, enquanto Job, agora que já havia luz suficiente, procurava uma garrafa de *brandy* num dos compartimentos, contei-lhe nossa aventura da noite anterior.

— Deus do céu! — exclamou ele debilmente. — E pensar que fomos os escolhidos para sobreviver!

A essa altura o *brandy* já fora encontrado, e todos tomamos um grande gole, agradecidos por seu poder de regeneração. Também o sol estava começando a ganhar força e aquecia nossos ossos enregelados, já que ficáramos molhados durante cinco horas ou mais. — Olhe — continuou Leo, ofegante, enquanto colocava a garrafa de *brandy* no chão -, lá está a cabeça de que fala o texto, a "rocha esculpida com o formato da cabeça de um etíope .

— É — disse eu —, lá está ela.

— Bem, então — concluiu — a história é mesmo verdadeira.

— Acho a conclusão um pouco precipitada — respondi. — Sabíamos que essa cabeça existia; seu pai a tinha visto. Mas muito provavelmente não é a mesma de que fala a inscrição; ou se é, isso não prova nada.

Leo sorriu para mim com ar de superioridade.

— Você é um judeu incrédulo, tio Horace — disse ele. — Quem viver, verá.

— Exatamente — respondi; — e agora seria bom vocês notarem que estamos à deriva junto a um banco de areia, sendo levados à desembocadura de um rio. Pegue seu remo, Job, e vamos ver se conseguimos encontrar um lugar para atracar.

O rio em que estávamos entrando não parecia ser muito largo, embora as longas faixas de névoa que cobriam suas margens não tivessem se levantado o suficiente para permitir uma avaliação mais correta. E como aconteceu com quase todos os nos da África oriental, a região da desembocadura era bem rasa; portanto, quando o vento vinha da terra e a maré estava baixa, não havia dúvida de que era praticamente impossível até mesmo para um bote percorrer sequer algumas polegadas. Naquele momento, porém, a situação estava mais favorável, e nossa embarcação não era uma banheira cheia de água. Em não mais que vinte minutos havíamos passado a desembocadura, e sem ter muito trabalho fomos levados por uma brisa forte, embora um pouco instável, direto a uma enseada. A essa altura a neblina já se desvanecera com o sol, que estava ficando desagradavelmente forte, e pudemos ver a entrada do pequeno estuário a cerca de meia milha. Entretanto, parecia haver uma faixa de terra firme a aproximadamente uma milha de nós, e nos dirigimos para ela. Depois de quinze minutos chegamos, e tendo amarrado o bote a uma bela árvore de grandes folhas brilhantes e flores da espécie da magnólia, só que rosadas e não brancas<sup>[9]</sup>, que se estendia sobre a água, desembarcamos. Feito isso tiramos as roupas, que pusemos para secar junto com outras coisas que estavam no barco, e tomamos banho; o sol secou tudo rapidamente. Depois, tendo o cuidado de nos abrigarmos

do calor embaixo de algumas árvores, tomamos um copioso café da' manhã composto por uma língua em conserva, que trouxéramos em boa quantidade; enquanto comíamos nos congratulávamos por nossa sorte em termos carregado e preparado o bote no dia anterior, antes que a tormenta destruísse nosso barco. Quando terminamos o café as roupas já tinham secado, e nos apressamos em colocá-las, sentindo-nos bastante refrescados. Para falar a verdade, com exceção do cansaço e de algumas equimoses, nenhum de nós sofrerá muito com a terrível aventura, que fora fatal para nossos companheiros. Leo, é verdade, quase se afogara, mas isso não pesava muito para um jovem e vigoroso atleta de vinte e cinco anos.

Depois do café começamos a examinar o local. Estávamos numa faixa de terra seca com aproximadamente duzentas jardas de largura por quinhentas de comprimento, limitada de um lado pelo rio e dos outros três por intermináveis pântanos desolados, que se estendiam até onde os olhos conseguiam alcançar. Essa faixa de terra se elevava cerca de vinte e cinco pés acima do plano dos charcos que nos circundavam e do rio: na verdade tinha-se a nítida impressão de que fora feita pela mão do homem.

— Este lugar já foi um ancoradouro — disse Leo, dogmático.

— Absurdo — respondi. — Quem seria estúpido o suficiente para construir um ancoradouro no meio desses charcos medonhos, num país habitado por selvagens. . . isto é, se for mesmo habitado?

— Talvez isso não tenha sido sempre um pântano e o povo, sempre selvagem — retrucou ele secamente, olhando para a íngreme ribanceira, pois estávamos parados na beira do rio. — Olhe — continuou, apontando para um local onde o furacão da noite anterior arrancara uma das árvores de magnólia, que tinha crescido bem na beira do barranco, no exato local onde a margem descia em direção à água, e que ao cair tinha levado consigo uma grande porção de terra. - Aquilo não é pedra trabalhada? Se não for, parece. . . .

— Absurdo — repeti; mas mesmo assim subimos até o local, parando exatamente entre as raízes arrancadas e a ribanceira.

— E então? - perguntou ele.

Dessa vez, porém, não respondi. Tudo o que consegui fazer foi dar um assobio. Pois ali estava, descoberto pela remoção da terra, um incontestável revestimento de pedra sólida, composto por grandes blocos ligados entre si por uma espécie de cimento marrom tão duro que não consegui fazer nele nenhuma marca com a lâmina da minha faca de caça. E isso não era tudo; vendo que havia algo que se projetava para fora do solo na parte de baixo do pedaço descoberto de parede, removi a terra solta com as mãos, revelando um grande anel de pedra com um pé ou mais de diâmetro e cerca de três polegadas de espessura. Essa descoberta silenciou-me por completo.

— Parece muito com um ancoradouro onde navios de grande porte ficavam atracados, não é, tio Horace? — perguntou Leo com um sorriso excitado.

Tentei dizer "Absurdo" de novo, mas a palavra parou na minha garganta — o velho anel de pedra falava por si. Em alguma época passada grandes barcos mesmo tinham atracado ali, e a parede de pedra era, sem dúvida alguma, a parte

remanescente de um ancoradouro construído com toda a solidez. Provavelmente a cidade a que pertencia estava enterrada embaixo do pântano atrás dele.

— Começa a parecer que de fato existe algo de verdadeiro nessa história, não é, tio Horace? — disse o exultante Leo; e pensando na misteriosa cabeça de negro e no não menos misterioso trabalho de pedra, preferi não retrucar.

— Um país como a África — disse eu — com certeza é repleto de relíquias de civilizações há muito tempo desaparecidas e já esquecidas. Ninguém sabe a idade da civilização egípcia, e é bem provável que ela tenha tido seus desdobramentos. Em seguida vieram os babilônios, os fenícios, os persas, e depois outros povos, sempre mais ou menos civilizados; isso para não falar dos judeus, de quem todos "precisam" atualmente. É bem possível que eles, ou quaisquer outros, tenham tido colônias ou postos comerciais por aqui. Lembre-se daquelas cidades persas enterradas que o cônsul nos mostrou em Kilwa<sup>{10}</sup>.

— Pode ser — disse Leo —, mas não foi isso que você disse antes.

— Bem, o que vamos fazer agora? — perguntei, mudando o rumo da conversa.

Como ninguém tinha uma resposta, andamos até a beira do pântano e o examinamos. Aparentemente ele era bastante vasto, e enormes bandos de todos os tipos de aves aquáticas saíam de seus recessos, a ponto de algumas vezes ser quase impossível enxergar o céu. Além disso o sol, que estava cada vez mais alto, fazia a superfície do pântano e as espumantes lagoas de águas estagnadas exalarem vapores venenosos.

— Duas coisas estão bem claras — disse eu, dirigindo-me a meus três companheiros, que olhavam para esse espetáculo com desânimo: — primeiro, que é impossível atravessar por aqui — e aponte para o pântano —, e segundo, que se ficarmos aqui com certeza morreremos de febre.

— Tão certo como um monte de feno, senhor — completou Job.

— Muito bem; sendo assim, temos duas alternativas pela frente. Uma é pegar o barco e tentar encontrar algum outro porto pela costa, o que seria um procedimento bastante arriscado; e a outra, tentar remar ou velejar rio acima, e ver aonde chegamos.

— Não sei o que pretendem fazer — disse Leo; — quanto a mim, vou subir o rio.

Job revirou os olhos e deu um gemido, enquanto o árabe murmurava "Alá" e completava com outro gemido. De minha parte, preferi comentar com delicadeza que, como parecia estarmos entre a cruz e a caldeirinha, não fazia muita diferença para que lado íamos. Mas na realidade estava tão ansioso para tomar uma decisão quanto Leo. A colossal cabeça de negro e o ancoradouro de pedra tinham excitado minha curiosidade a um ponto que me deixava secretamente envergonhado, e eu estava preparado para satisfazê-la a qualquer custo. Sendo assim, depois de termos recolocado com cuidado o mastro e recarregado o bote, pegamos nossos rifles e embarcamos. Por sorte o vento estava soprando na direção do continente, de modo que pudemos levantar a vela. Na verdade descobrimos mais tarde que como regra geral o vento sopra nessa

direção durante algumas horas pela manhã, e na direção contrária no final do dia. A explicação que ofereço para esse fato é de que quando a terra está resitada pelo orvalho e pela noite o ar quente se eleva, e a corrente de ar vem da direção do mar até que o sol esquite a terra mais uma vez. Pelo menos essa parece ser a regra nessa latitude.

Tirando vantagem desse vento favorável velejamos rio acima durante três ou quatro horas. Numa certa altura deparamos com um bando de hipopótamos que se levantaram e deram urros ameaçadores a cerca de dez ou doze braças de distância do bote, o que deixou Job bastante alarmado, e, devo confessar, a mim também. Esses eram os primeiros hipopótamos que víamos na vida, e a julgar por sua insaciável curiosidade acredito que éramos os primeiros homens brancos que eles viam. Dou minha palavra de honra que uma ou duas vezes cheguei a pensar que estavam vindo na direção do barco para satisfazê-la. Leo queria atirar neles, mas o dissuadi, temendo as conseqüências. Também vimos centenas de crocodilos se aquecerem ao sol nas margens lodosas, além de milhares e milhares de aves aquáticas. Matamos alguns desses pássaros, entre eles um ganso selvagem que, além de ter nas asas garras pontudas e curvas, era dotado de um terceiro esporão, com quase três quartos de polegada de altura, que lhe saía do crânio exatamente entre os dois olhos. Como nunca mais encontramos outro igual, não sei se era uma mutação ou uma espécie distinta. Na segunda hipótese o caso pode interessar aos naturalistas. Job deu-lhe o nome de ganso unicórnio.

Por volta do meio-dia o sol ficou extremamente quente, e o mau cheiro exalado pelo pântano que o rio drenava era tão repulsivo que nos fez tomar imediatamente doses preventivas de quinino. Logo depois a brisa parou por completo, e como remar o pesado bote contra a correnteza naquele calor estava fora de questão, ficamos satisfeitos por conseguir parar sob a sombra de um grupo de árvores — da família dos salgueiros — que cresciam na margem do rio, e ficamos ali, ofegantes, até que por fim a aproximação do pôr-do-sol colocou um termo a nossas misérias. Vendo o que parecia ser um espaço aberto de água bem à nossa frente, tomamos a decisão de remar até ele, antes de estabelecer o que faríamos à noite. Entretanto, no exato momento em que desamarrávamos o bote, um magnífico antílope, com grandes chifres curvados para a frente e uma listra branca no rabo, veio até a beira do rio para beber água, sem perceber nossa presença, pois estávamos escondidos debaixo das árvores, a cerca de cinquenta jardas de distância. Leo foi o primeiro a enxergá-lo e, esportista fanático, sedento do sangue das boas caçadas, com que estivera sonhando há tanto tempo, no mesmo instante se apurou todo, apontando como um cão de caça. Percebendo o que acontecera, estendi-lhe seu rifle Express, ao mesmo tempo que apanhava o meu.

— E agora — comentei — espero que não erre o tiro.

— Errar! — sussurrou ele com desdém. — Eu não conseguiria errar este nem que tentasse.

Dito isso levantou o rifle, no exato momento em que o gamo ruão, tendo satisfeito a sede, levantou a cabeça e olhou através do rio. Estava parado contra o fundo incandescente do céu, numa pequena elevação ou crista do solo, que atravessava o pântano (com certeza uma trilha favorita); havia algo de muito

belo no animal. Na verdade, mesmo que viva até os cem anos não acredito que chegue um dia a esquecer essa cena desolada e ao mesmo tempo fascinante; está gravada para sempre em minha memória. À direita e à esquerda havia grandes faixas de pântano solitário com cheiro de morte, uniforme e monótono até onde os olhos podiam alcançar, interrompido aqui e ali por algumas lagoas de água escura e cheia de turfas, que como espelhos refletiam os raios vermelhos do sol que se punha. A nossa frente e atrás de nós estendia-se a visão do rio indolente, visão essa que terminava nos reflexos de uma lagoa cercada de juncos, em cuja superfície as longas luzes do entardecer brincavam enquanto uma brisa suave agitava as sombras. Na direção do oeste aparecia o enorme círculo vermelho do sol que se punha, já sumindo no horizonte nevoento e enchendo de vermelho o enorme firmamento, bem no alto do qual garças e outras aves selvagens voavam em linha, formando quadrados e triângulos, como lampejos de ouro alado sobre a mancha vivida de sangue. E além disso havia nós — três ingleses modernos num moderno bote inglês —, que parecíamos ferir a natureza, estando em total desacordo com a harmonia daquela desolação incomensurável; e à nossa frente o nobre gamo, delineado no fundo avermelhado do céu.

*Bang!* E lá se foi o animal, com um poderoso salto. Leo errara o tiro. *Bang!* Passou sob ele novamente. Então me decido. Preciso atirar, embora ele esteja voando como um arco, e já a quase cem jardas de distância ou mais. Por Deus! Na mosca!

— Bem, acho que me antecipei, mestre Leo — disse eu, lutando contra a pouca generosa exultação que em tais momentos supremos da existência se apouca do esportista mais bem-educado.

— Diabos o carreguem! — resmungou Leo. E acrescentou com o rápido sorriso que é um dos seus encantos, iluminando-lhe a bela face como um raio de luz — Peço-lhe desculpas, camaradas. Meus parabéns; foi um tiro maravilhoso, e os meus foram horríveis.

Saltamos do barco e corremos até o animal, que fora atingido na espinha e já estava rígido. Demoramos cerca de um quarto de hora ou mais para limpá-lo e cortar o máximo da melhor carne que podíamos carregar; sendo assim, depois de termos arrumado tudo, quase não havia mais luz suficiente para que remássemos até aquela espécie de lagoa onde, havendo uma folga no pântano, o rio se expandia um pouco. No exato momento em que a escuridão caía conseguimos ancorar a cerca de trinta braças da margem desse lago. Não ousamos sair do barco, pois não sabíamos se iríamos encontrar terreno seco para acampar, e também tínhamos medo das emanações venenosas do pântano, de que imaginávamos estar mais protegidos na água. Assim acendemos uma lanterna e fizemos nossa refeição, preparando da melhor maneira possível outra língua em conserva; depois começamos a nos preparar para dormir, mas só para descobrir que isso seria impossível. Pois seja porque tinham sido atraídos pela luz da lanterna ou pelo odor diferente do homem branco, por quem haviam estado esperando durante os últimos mil anos ou coisa assim, não sei; o fato é que naquele momento fomos atacados por dezenas de milhares dos mosquitos maiores, mais persistentes e sedentos de sangue que eu já vira ou de que ouvira

falar. Chegavam em nuvens, zumbindo e picando até nos deixarem quase loucos. A fumaça do tabaco parecia deixá-los ainda mais animados e ativos, de modo que no final fomos forçados a nos cobrir completamente com cobertores, e ficamos sentados ali, cozinhando lentamente, sem poder parar de nos cocar e praguejar sob as cobertas. Até que de repente, emergindo do silêncio, ouviu-se o rugido profundo de um leão, e depois o de um segundo leão movendo-se entre os juncos, a sessenta jardas de nós.

— Como eu já dizia — comentou Leo colocando a cabeça para fora do cobertor —, temos muita sorte por não estarmos na margem, não é, titio? — Leo algumas vezes me chamava dessa maneira pouco respeitosa. — Maldição! Um mosquito me picou o nariz! — E a cabeça desapareceu de novo.

Um pouco mais tarde apareceu a lua, e a despeito de todas as espécies de rugidos que chegavam a nós, vindos dos leões na margem, achamos que estávamos em perfeita segurança e começamos a cochilar.

Não sei exatamente o que me fez tirar a cabeça do aconchegante abrigo proporcionado pelo cobertor; talvez tenha sido pelo fato de achar que os mosquitos estavam começando a picar através dele. De qualquer modo, assim que saí ouvi Job sussurrar com a voz aterrorizada:

— Oh, meu Deus, olhe para aquilo!

No mesmo instante todos nós olhamos para onde ele apontava, e foi isto o que vimos sob a luz da lua: perto da margem havia dois amplos círculos de anéis concêntricos ondulando através da superfície da água, e no centro de cada um deles aparecia um objeto escuro se movendo.

— O que é aquilo? — perguntei.

— São os malditos leões, senhor — respondeu Job num tom que sugeria uma estranha mistura de senso de injúria pessoal com o respeito habitual e, obviamente, medo —, e estão nadando até aqui para nos jantar — completou nervosamente, acrescentando um *r* em sua agitação.

Olhei de novo; não havia dúvida; consegui até mesmo perceber o brilho de seus olhos ferozes. Atraídas pelo cheiro de carne do antílope morto há pouco ou pelo nosso cheiro, as feras famintas estavam investindo contra o bote.

Leo já estava com um rifle na mão. Pedi-lhe que esperasse até elas chegarem mais perto, e nesse meio tempo encontrei minha arma. A mais ou menos quinze pés de nós havia um banco de areia onde a profundidade da água não chegava a quinze polegadas, e exatamente naquele momento a primeira delas — era a leoa — chegou ao local, sacudiu-se e soltou um rugido. Naquele instante Leo atirou; a bala entrou pela boca aberta do animal e saiu pela parte traseira de seu pescoço; a leoa caiu morta, espalhando água ao redor. O outro animal — um leão já adulto — estava cerca de dois passos atrás dela. Mas no instante em que colocava as patas da frente no banco de areia aconteceu alguma coisa. Houve uma agitação na água, exatamente como acontece nas lagoas inglesas quando um lúcio mata um peixe menor, só que milhares de vezes maior e mais violenta, e de súbito o leão soltou um terrível rugido e deu um salto em direção ao banco de areia, trazendo consigo algo escuro.

— Alá! — gritou Mahomed. — Um crocodilo pegou a perna dele! — E com certeza era isso. Podíamos ver o focinho longo, as fileiras brilhantes de dentes e o

corpo de réptil gigantesco logo atrás.

Em seguida aconteceu uma cena das mais extraordinárias. O leão conseguiu arrastar-se até o banco de areia, com o crocodilo meio andando e meio nadando, ainda agarrado à sua pata traseira. O leão rugiu até o ar em volta começar a tremer; em seguida o animal virou-se com um rosnado agudo e selvagem e agarrou a cabeça do crocodilo. O réptil afrouxou a mordida, pois como descobrimos mais tarde — tivera um dos olhos destroçados, e avançou um pouco; em vista disso o leão segurou-o pela garganta e ergueu-o, e eles começaram a rolar um sobre o outro na luta mais terrível que se possa imaginar. Era impossível seguir seus movimentos, mas quando pudemos distinguir algo, novamente as posições haviam se invertido, pois o crocodilo, cuja cabeça mais parecia uma massa de sangue, agarrava o corpo do leão logo acima dos quartos traseiros, e estava esmagando o animal, sacudindo-o de um lado para outro. Rugindo em agonia, por seu lado, a fera torturada agarrava e mordia loucamente a cabeça escamosa do inimigo, e, cravando as enormes patas traseiras na pele macia da garganta do crocodilo, rasgou-a de alto a baixo, como alguém rasgaria um pedaço de tecido.

E de repente tudo acabou. A cabeça do leão tombou para a frente sobre as costas do crocodilo, e a fera morreu, com um horrível gemido; o réptil, depois de ficar imóvel por alguns minutos, rolou lentamente para o lado, com a mandíbula ainda presa na carcaça do leão, praticamente partido em duas, como descobrimos mais tarde.

Esse duelo de morte fora uma visão ao mesmo tempo magnífica e chocante, e acredito que poucos homens tiveram a oportunidade de presenciar uma cena como essa. E assim tudo acabou.

Depois disso, tendo deixado Mahomed de guarda, passamos o resto da noite em relativa paz, na medida em que os mosquitos permitiram.

## Capítulo VI - Uma cerimônia cristã

No dia seguinte acordamos às primeiras luzes da manhã, fizemos as abluções que as circunstâncias permitiam e nos preparamos para partir. Estou inclinado a dizer que assim que houve luz suficiente para possibilitar vermos o rosto uns dos outros, eu, pelo menos, tive um acesso de riso, pois a face já de ordinário redonda e cheinha de Job tinha inchado até mais ou menos o dobro de seu tamanho normal devido às picadas de mosquito, e a condição de Leo não era muito melhor. Na verdade, de nós três era eu que estava em melhores condições, por certo graças à dureza da minha pele escura e também pelo fato de grande parte dela estar coberta por pêlos, uma vez que, desde nossa partida da Inglaterra, eu tinha permitido que a barba, já de si luxuriante, crescesse segundo a própria vontade. Quanto aos outros dois, estavam com o rosto mais bem barbeado, o que evidentemente oferecia ao inimigo uma extensão maior de terreno a ser explorado, embora no caso de Mahomed os mosquitos, reconhecendo o gosto de um verdadeiro adorador de Alá, não tocassem por nenhum preço. Com que frequência, acreditem, durante a semana seguinte ou um pouco mais desejamos com ardor possuir a cor e o cheiro de um árabe!

Quando acabamos de rir tão alto quanto nossos lábios inchados permitiam já era dia claro, e a brisa matutina vinda do lado do mar abria espaços na densa névoa que cobria o pântano, formando aqui e ali enormes bolas de vapor felpudo. Içamos as velas, e depois de termos examinado com vagar o crocodilo e os dois leões mortos, cuja pele não tivemos condições de retirar por não contarmos com instrumentos adequados, partimos; velejamos através da lagoa e seguimos o curso do rio, que avançava pelo lado oposto àquele em que estávamos. Ao meio-dia, quando a brisa amainou, tivemos sorte o suficiente para encontrar um pedaço de terra seca para acampar e acender uma fogueira, e ali cozinhamos dois patos selvagens e um pouco da carne do gamo — não muito saborosos, é verdade mas que pelo menos nos alimentaram. Cortamos em tiras o resto da carne do animal e a colocamos ao sol para secar, a fim de obter um pouco de *biltong*, que, acredito, é o nome dado pelos holandeses da África do Sul à carne assim preparada. Nessa agradável faixa de terra seca permanecemos até a madrugada do outro dia, e como na véspera passamos a maior parte do tempo lutando contra os mosquitos, mas sem maiores problemas. Os dois dias seguintes transcorreram de maneira semelhante, e sem nenhuma aventura digna de nota, a não ser pelo fato de termos matado uma espécie de gamo sem chifres particularmente gracioso e de termos visto diversas variedades de nenúfares em flor, alguns deles azuis e de uma beleza esquisita, embora poucos fossem perfeitos, devido à presença de um tipo de larva aquática branca de cabeça verde que se alimentava deles. Foi no quinto dia de viagem, quando já percorrêramos, segundo nossos registros precários, cerca de cento e trinta e cinco ou cento e quarenta milhas continente adentro, que aconteceu o primeiro evento de real importância. Naquela manhã a brisa costumeira cessou por volta das onze horas, e depois de remarmos um pouco fomos forçados a parar, mais

ou menos exaustos, num local que parecia ser a junção do nosso rio com outro de aproximadamente cinqüenta pés de largura. Havia algumas árvores por perto — na verdade as únicas árvores existentes naquele país pareciam estar localizadas na beira dos rios —, e descansamos embaixo delas; em seguida, como a terra naquele local fosse razoavelmente seca, andamos um pouco ao longo da margem do rio para inspecionar o local e também matar algumas aves que nos servissem de alimento. Não tínhamos andado nem cinqüenta jardas quando percebemos que todas as nossas esperanças de continuar a subir o rio na baleeira tinham chegado ao fim, pois não mais de duzentas jardas acima de onde havíamos parado encontramos uma sucessão de baixios e bancos de areia onde a profundidade da água não passava de seis polegadas. Era um beco sem saída.

Resolvemos voltar, e andamos um pouco ao longo das margens do outro rio, para logo chegar à conclusão, a partir de vários indícios, de que não se tratava absolutamente de um rio e sim de um antigo canal, semelhante ao que pode ser visto acima de Mombaça na costa de Zanzibar, ligando os rios Tana e Ozy de modo a permitir que as embarcações que descem o primeiro possam cruzar o segundo e através dele alcançar o mar, evitando assim a perigosa barra que existe na desembocadura do Tana. O canal à nossa frente fora evidentemente feito pela mão do homem em alguma era remota da história do mundo, e o resultado desse trabalho ainda era visível no formato das margens elevadas, que algum dia sem dúvida já tinham sido parte de trilhas de reboque. Exceto em alguns locais, onde as margens haviam sido escavadas pela água ou despencado, essas paredes de argila compacta estavam a uma distância uniforme uma da outra, e a profundidade do canal também parecia ser uniforme. Como quase não havia correnteza, a superfície do canal estava coberta de vegetais, entremeados por pequenos caminhos de água pura que pareciam trilhas feitas, suponho, pela passagem constante de aves aquáticas, iguanas e outros animais. Agora que estava evidente nossa impossibilidade de prosseguir pelo rio ficava também claro que tínhamos de escolher entre o canal e a volta ao mar. Não podíamos simplesmente permanecer onde estávamos, para sermos assados pelo sol e devorados pelos mosquitos até morrerem de febre e naquele pântano sombrio.

— Bem, acho que devemos tentar — disse eu, e os outros concordaram, cada um à sua maneira: Leo, como se fosse a melhor piada do mundo; Job, com um desagrado respeitoso; e Mahomed, com uma invocação ao Profeta e uma compreensível praga sobre todos os descrentes e sua maneira de pensar e viajar.

Com isso, logo que o sol baixou, e tendo pouca ou nenhuma esperança de que nosso amigo vento voltasse, partimos. Durante a primeira hora ou algo assim conseguimos conduzir o bote com os remos, embora a duras penas; mas depois as ervas começaram a ficar muito densas para permitir isso e fomos obrigados a recorrer ao primitivo e bastante exaustivo método de rebocá-lo. Durante duas horas trabalhamos na margem, Mahomed, Job e eu, que supostamente era forte o bastante para fazer o trabalho que os dois faziam do outro lado, enquanto Leo, sentado na proa do bote, retirava as ervas que se acumulavam no talhamar, usando para isso a espada de Mahomed. Quando escureceu paramos durante algumas horas para descansar e apreciar os mosquitos; por volta da meia-noite, porém, seguimos viagem, tirando vantagem da temperatura um pouco mais

amena. De madrugada descansamos durante três horas, e continuamos uma vez mais, trabalhando até cerca das dez da manhã, quando de repente caiu um dilúvio, acompanhado por uma tempestade de raios, e passamos as seis horas seguintes quase submersos.

Não sei se existe qualquer vantagem em descrever os quatro dias seguintes detalhadamente, senão para dizer que no conjunto foram os mais horríveis que já passei na vida, formando uma monótona lembrança de trabalho pesado, calor, infortúnios e mosquitos. Durante todo aquele árido percurso atravessamos uma região de pântanos quase infinitos, e só posso atribuir o fato de termos escapado das febres e da morte às constantes doses de quinino e purgantes que engolíamos e à labuta incessante que tínhamos de enfrentar. No terceiro dia de viagem canal acima avistamos o cume redondo de uma montanha, que aparecia indistintamente através dos vapores do charco, e no início da quarta noite, quando acampamos, tivemos a impressão de que essa montanha ficava a não mais que vinte e cinco ou trinta milhas de distância.

Naquela altura estávamos completamente exaustos, com a sensação de que nossas mãos cheias de bolhas não conseguiriam rebocar o bote por nem mais uma jarda, e achando que a melhor coisa a fazer seria nos deitar para esperar a morte na medonha solidão do pântano. Era uma situação terrível, que acredito não ter sido experimentada pela maioria dos homens brancos; e quando me atirava no fundo do bote para dormir o sono da profunda exaustão acusava-me com amargura por minha insensatez ao ter concordado em tomar parte naquela loucura, que só poderia, estava claro, terminar com nossa morte naquela terra desolada. Lembro-me bem de que pensava, enquanto lentamente caía no sono, em qual seria a aparência do bote e de sua infeliz tripulação dali a dois ou três meses. A baleeira estaria ali, já com alguns buracos e meio cheia de água fétida, que quando agitada pelo vento iria balançar para a frente e para trás, lavando nossos ossos em decomposição, e esse seria o fim da exploração e daqueles que nela haviam saído em busca de mitos, tentando desvendar os segredos da Natureza.

Parecia que eu já estava até ouvindo a água bater contra nosso esqueleto ressecado, fazendo-o chocar-se uns contra os outros, meu crânio batendo no de Mahomed e vice-versa, até o cadáver do árabe levantar-se por fim e, olhando para mim através das órbitas vazias, amaldiçoar-me com as mandíbulas escancaradas porque eu, um cão cristão, estava perturbando o último sono de um fiel verdadeiro. Abri os olhos, ainda tremendo pelo horrível pesadelo, e de repente tremi de novo, só que dessa vez não era um sonho, já que dois enormes olhos estavam me observando através da escuridão nevoenta. Tentei ficar de pé, mas meu terror e confusão eram tão grandes que dei um grito, e mais outro, até que acabei acordando os demais, que também ficaram de pé, ainda cambaleantes e meio bêbados de sono e medo. E então, de repente, houve um lampejo de aço frio, e uma enorme lança foi colocada rente à minha garganta; atrás dela outras lanças brilhavam com crueldade.

— Paz — disse uma voz em árabe, ou mais precisamente em algum dialeto bastante próximo; — quem são vocês que vêm nadando pelo rio? Falem ou morrerão! — E o aço encostou, cortante, em minha garganta, enviando um

arrepio gelado através de meu corpo.

— Somos viajantes, e chegamos até aqui por acaso — respondi em meu melhor árabe, que pareceu ser compreendido, pois o homem virou a cabeça e, dirigindo-se a uma forma alta que era visível na parte traseira do grupo, disse:

— Pai, devemos matá-los?

— De que cor são os homens? — quis saber, em resposta, uma voz profunda.

— A cor deles é branca.

— Não matem — foi a resposta. — Faz já quatro sóis que Ela-que-Deve-Ser-Obedecida me dirigiu estas palavras: "Homens brancos virão; se homens brancos vierem, não os matem". Vamos levá-los até a morada de Ela-que-Deve-Ser-Obedecida. Tragamos os homens, e também o que eles têm consigo.

— Venham! — disse o homem, meio me conduzindo meio me arrastando para fora do bote, e enquanto era levado percebi que outros homens estavam fazendo a mesma delicadeza com meus companheiros.

Na margem havia um grupo de aproximadamente cinqüenta homens. Naquela escuridão tudo o que pude descobrir foi que estavam armados com lanças enormes, eram muito altos, de constituição bem forte, cor não muito escura, e que estavam nus, exceto por uma pele de leopardo que traziam fortemente amarrada na cintura.

Naquele momento Leo e Job foram empurrados para a frente e colocados a meu lado.

— Mas qual é o problema? — perguntou Leo, esfregando os olhos.

— Oh, meu Deus! Senhor, estamos perdidos! — exclamou Job; e naquele exato momento houve uma perturbação qualquer e Mahomed caiu entre nós, seguido por uma sombra que carregava uma lança levantada.

— Alá! Alá! — gemia Mahomed, sentindo que suas esperanças se acabavam. — Protejam-me! Protejam-me!

— Pai, é um negro — disse uma voz. — O que diziam as palavras de Ela-que-Deve-Ser-Obedecida a respeito de negros?

— Ela não disse nada a esse respeito; mas não o mate. Venha cá, meu filho.

O homem avançou, e a grande e sombria forma se inclinou para a frente, sussurrando algo.

— Sim, é claro — respondeu o outro, dando um risinho que nos fez gelar o sangue.

— Os três homens brancos estão ali? — perguntou a voz.

— Sim, estão.

— Então traga o que foi preparado para eles e leve com você tudo o que puder ser carregado daquela coisa que flutua.

Nem bem acabara de falar, alguns homens avançaram, trazendo nos ombros diversos palanquins cobertos, cada um para ser levado por quatro carregadores, mais dois homens de reserva; foi-nos indicado que esperavam que subíssemos neles.

— Ótimo! — disse Leo. — Finalmente encontramos alguém disposto a nos carregar, depois de termos nos carregado durante tanto tempo.

Leo sempre tem uma visão otimista das coisas.

Como não me restava outra alternativa, depois de ver que os outros já haviam

subido em suas liteiras, resolvi subir também, achando-a muito confortável. Parecia ter sido fabricada com uma espécie de tecido de fibra de ervas, que esticava e cedia a qualquer movimento do corpo, ligado nas duas extremidades ao mastro de apoio, proporcionando um suporte confortável para a cabeça e pescoço.

Nem bem tinha me acomodado quando, acompanhando seus passos de uma monótona canção, os carregadores iniciaram a caminhada com um trote ritmado. Durante cerca de meia hora permaneci quieto, refletindo sobre as extraordinárias experiências por que estávamos passando e imaginando se algum dos eminentes e respeitáveis fósseis amigos meus em Cambridge iria acreditar em mim, se por um milagre eu fosse colocado de novo em minha familiar mesa de jantar, com o único objetivo de contar-lhes essa história. Eu não gostaria de que o fato de chamar de fósseis esses homens bons e eruditos fosse interpretado como possuindo alguma insinuação ou menosprezo por eles, mas minha própria experiência me diz que as pessoas são propensas à petrificação, até mesmo na universidade, se continuarem seguindo análogas trilhas com muita persistência. Eu mesmo estava ficando fossilizado, mas ultimamente meu estoque de idéias tem sido bastante ampliado. Bem, permaneci ali, imóvel e pensativo, tentando imaginar qual seria o desfecho daquilo tudo, até que por fim cansei de pensar e comecei a dormir.

Suponho que deva ter dormido umas sete ou oito horas, conseguindo o primeiro descanso real desde a noite anterior ao naufrágio; quando acordei o sol já estava alto. Continuávamos viajando, a uma velocidade de cerca de quatro milhas por hora. Dando uma olhada através das finas cortinas da liteira, de modo engenhoso fixadas no mastro de apoio, percebi com alívio infinito que deixáramos a região dos eternos pântanos e estávamos agora atravessando uma planície relvada, em direção a uma montanha em forma de cálice. Se era ou não a mesma montanha que avistáramos do canal, não sei, e nunca fui capaz de descobrir, já que, como constatamos mais tarde, esse povo não era muito pródigo em informações a respeito de tais assuntos. Em seguida comecei a observar os homens que me carregavam. Possuíam uma constituição magnífica, cor meio amarelada, e poucos deles tinham menos de um metro e oitenta. No geral sua aparência tinha bastante em comum com a dos somalis da África oriental, a não ser pelo fato de que o cabelo não era crespo, e sim preso em grossos rabos pretos que caíam sobre os ombros. As feições eram aquilíneas, e em muitos casos belíssimas, com dentes particularmente brancos e regulares. Apesar de toda aquela beleza, porém, fiquei muito impressionado pelo fato de no conjunto nunca ter visto rostos tão maldosos. Havia um aspecto de frieza e sombria crueldade estampado naquelas faces que me revoltava, e que na verdade em alguns casos chegava a ser sobrenatural em sua intensidade.

Outra característica que observei neles foi que pareciam incapazes de sorrir. Algumas vezes cantavam a monótona canção a que me referi antes, mas quando não estavam cantando permaneciam quase em perfeito silêncio, e a luz de um sorriso jamais iluminava suas faces sombrias e perversas. De que raça poderiam ser aquelas pessoas? Falavam uma língua que era uma espécie de árabe modificado, mas não eram árabes. Estava quase certo disso, pelo simples fato de

serem muito escuros, e por outro lado amarelos demais. Não consigo explicar por quê, mas a aparência deles me enchia de um medo doentio que me deixava envergonhado. Estava ainda preso a esses pensamentos quando uma outra liteira emparelhou com a minha. Dentro dela — pois as cortinas estavam abertas — sentava-se um homem velho com uma túnica esbranquiçada, aparentemente feita de linho grosseiro, e bastante larga; logo concluí que aquele homem era a figura sombria que ficara na margem, e a quem os outros chamavam de pai. Era um homem belo ao extremo, de grande barba branca, tão comprida que suas pontas saíam pelos lados da liteira, e tinha o nariz adunco, sobre o qual brilhava um par de olhos tão penetrantes como os de uma cobra, enquanto sua fisionomia como um todo era puro instinto, combinado com um ar de sabedoria e humor sardônico impossíveis de descrever no papel.

— Estás acordado, estranho? — perguntou ele com voz profunda e baixa.

— E claro, meu pai — respondi com educação, certo de que deveria fazer o máximo para ganhar a amizade desse ancião, cujo poder e riqueza decerto tinham sido conseguidos ilicitamente.

Ele acariciou a bela barba branca e esboçou um sorriso.

— Qualquer que seja o país de onde vens — continuou —, e pelo jeito deves vir de algum lugar onde conhecem um pouco de nossa língua, com certeza dão boa educação às crianças, meu filho Forasteiro. E agora conta-me o motivo por que vieste até esta terra, onde quase nenhum pé estrangeiro pisou desde tempos imemoriais. Por acaso tu e teus companheiros estais cansados de viver?

— Viemos para descobrir coisas novas — respondi, audacioso. — Estamos cansados do que é conhecido; saímos mar a fora para encontrar o desconhecido. Somos membros de uma raça muito corajosa, que não teme a morte, meu muito respeitado pai. . . isto é, se conseguirmos obter algumas informações novas antes de morrer.

— Hum. . . — disse o velho senhor. — Isso pode ser verdade; de qualquer forma seria prematuro contradizer-te. Não fosse assim, meu filho, eu diria que tu estás mentindo. Entretanto, ousa dizer que Ela-que-Deve-Ser-Obedecida vai satisfazer todos os teus desejos a respeito desse assunto.

— Quem é Ela-que-Deve-Ser-Obedecida? — perguntei, cheio de curiosidade.

O velho lançou um olhar aos carregadores e então respondeu, com um leve sorriso que de alguma forma fez-me gelar o sangue:

— Com certeza, meu estranho filho, vais descobrir isso em breve, se for da vontade dela te encontrar em carne e osso.

— Em carne e osso? — retruquei. — O que pode meu pai querer dizer com isso?

Mas o velho apenas sorriu de uma maneira horrível, e não deu nenhuma resposta.

— Qual é o nome do teu povo, meu pai? - perguntei.

— O nome de meu povo é *amahagger*, o Povo das Rochas.

— E se um filho tem o direito de perguntar, qual é o nome do meu pai?

— Meu nome é Billali.

— E aonde estamos indo, meu pai?

— Vais ver - E a um sinal seu os carregadores começaram a andar mais rápido, até alcançar a liteira onde Job estava repousando (com uma perna pendurada para fora). Entretanto, os dois aparentemente não conseguiram se entender, pois no mesmo instante vi que os carregadores saíam em direção a liteira de Leo.

Depois disso, como nada de novo acontecesse, sucumbi ao agradável balanço da liteira e voltei a dormir. Tinha um cansaço de morte. Quando acordei percebi que estávamos passando através de um desfiladeiro rochoso de formação magmática e com encostas bastante escarpadas, onde cresciam muitas árvores bonitas e arbustos em flor.

Nesse momento o desfiladeiro fez uma curva, e uma visão maravilhosa se abriu perante meus olhos. A nossa frente descortinava-se uma vasta extensão de terra com cerca de seis milhas de comprimento, moldada com o formato de um anfiteatro romano. As paredes dessa grande sala eram feitas de rocha e cobertas de arbustos, mas no centro havia uma das mais lindas campinas que já vi, guarnecida de árvores enormes e magníficas e banhada por córregos serpenteantes. Nessa rica planície pastavam rebanhos de bois e bodes, porém não vi nenhum carneiro. No início, não conseguia imaginar que espécie de estranho lugar era aquele, mas de repente percebi que devia ser a cratera de um vulcão há muito extinto, que com o passar do tempo se transformara num lago, o qual mais recentemente secara de alguma maneira inexplicável. E com certeza posso afirmar que, a partir das minhas experiências nesse lugar e num outro, muito maior mas muito semelhante, que mais adiante terei oportunidade de descrever, tenho todas as razões para acreditar que essa conclusão era correta. Entretanto, o que me intrigava era que, embora no local houvesse pessoas tomando conta dos rebanhos, não vi nenhum sinal de habitação humana. Onde moravam todos?, ficava imaginando. Minha curiosidade logo seria satisfeita. Fazendo uma curva à esquerda a fila de liteiras seguiu pelas encostas escarpadas da cratera por uma distância de mais ou menos meia milha, ou talvez pouco menos, e parou. Vendo que meu "pai" adotivo, Billali, deixava sua liteira, resolvi seguir seu exemplo, no que fui acompanhado por Leo e Job. A primeira coisa que observei foi nosso desventurado companheiro árabe, Mahomed, estendido no chão, completamente exausto. Parecia não ter sido agraciado com uma liteira, sendo forçado a percorrer toda aquela distância; e como já estava bastante esgotado antes daquele percurso, seu estado agora era de grande prostração.

Olhando ao nosso redor vimos que o lugar onde paráramos era uma plataforma defronte à entrada de uma grande caverna, e que empilhado sobre ela estava todo o conteúdo da baleeira, até mesmo os remos e as velas. Ao lado da entrada da caverna havia diversos grupos formados pelos homens que nos haviam escoltado e por outros, parecidos com eles. Todos eram altos e belos, embora o tom da pele variasse bastante, já que alguns eram tão negros como Mahomed, e outros, tão amarelos como os chineses. Estavam nus, exceto pela pele de leopardo amarrada em torno da cintura, e cada um carregava uma grande lança.

Entre eles, havia também algumas mulheres, que no lugar da pele de leopardo usavam a pele tingida de um pequeno gamo vermelho, semelhante à de

um oribi, só que um pouco mais escura. De modo geral essas mulheres eram belíssimas, com grandes olhos escuros, feições bem talhadas e cabelos bastos e crespos — mas não como a carapinha dos negros — que variavam do preto até o castanho, com todas as nuances das tonalidades intermediárias. Algumas delas, mas muito poucas, usavam uma espécie de túnica de linho amarelado, semelhante à usada por Billali; isso, porém, como descobrimos mais tarde, era mais um símbolo de hierarquia do que uma tentativa de se vestir. Quanto ao resto, a aparência delas não era tão atemorizante quanto a dos homens, e chegavam até a sorrir algumas vezes, embora isso fosse raro. Assim que apeamos, elas se reuniram à nossa volta e nos examinaram com curiosidade, mas sem demonstrar nenhuma emoção. Mesmo assim foi notório que o porte atlético e a bem delineada face grega de Leo excitaram sua atenção, e quando ele, educado, levantou o chapéu para cumprimentá-las mostrando os cabelos loiros e cacheados, pôde-se ouvir um leve murmúrio de admiração. E aquilo não parou por ali; pois, depois de examiná-lo com minúcia dos pés à cabeça, a mais bonita das jovens — cujo cabelo tinha uma coloração próxima ao castanho-claro, e que usava uma túnica — avançou decidida até ele e de uma maneira que seria até sedutora, não fosse pela excessiva determinação, colocou-lhe silenciosamente o braço em volta do pescoço e, inclinando-se, beijou-o nos lábios.

Não consegui reprimir uma exclamação, esperando ver Leo ser atingido por uma lança a qualquer momento, e Job saiu-se com esta: "Que assanhada! Nunca vi coisa assim!" Quanto a Leo, parecia um pouco surpreendido; mas em seguida, lembrando-se de que com certeza chegáramos a um país onde os costumes dos antigos cristãos eram seguidos, resolveu retribuir o abraço.

De novo soltei uma exclamação, achando que algo iria acontecer; para minha surpresa, porém, embora algumas das jovens parecessem um pouco vexadas, as mulheres mais velhas e os homens apenas sorriram de leve. Depois que viemos a compreender os costumes desse povo extraordinário o mistério foi explicado. Apenas então ficou claro que, ao contrário dos hábitos de quase todas as outras raças selvagens do mundo, as mulheres *amahagger* viviam em condições de perfeita igualdade com os homens, não estando ligadas a eles por nenhum tipo de obrigação. A descendência era traçada só através da linha da mãe, e enquanto os indivíduos ficavam bastante orgulhosos por terem uma linhagem materna bastante antiga e superior, assim como temos orgulho de nossas famílias na Europa, nunca prestavam atenção, e ainda nem reconheciam qualquer homem como pai, até mesmo quando a ascendência paterna era perfeitamente conhecida. Havia apenas um elemento paterno titular em cada tribo ou, como a chamavam, família, e esse elemento era o chefe imediato, eleito pelos membros do grupo, que recebia o título de pai. Billali, por exemplo, era o pai dessa família, que consistia em aproximadamente sete mil elementos, e nenhum outro homem entre eles era jamais chamado por esse nome. Quando uma mulher se sentia atraída por um homem demonstrava sua preferência abraçando-o em público, do mesmo modo como essa jovem bela e bastante diligente, chamada Ustane, fizera com Leo. Se ele a beijasse de volta isso seria uma prova de que tinha aceitado, e o arranjo continuaria até que um dos dois se cansasse. Devo

acrescentar entretanto que a troca de casais não era tão freqüente como se poderia imaginar. Nem gerava briga alguma, pelo menos entre os homens, que, quando suas mulheres desertavam em favor de um rival, aceitavam a situação mais ou menos com a mesma naturalidade com que aceitamos nosso imposto de renda ou nossas leis matrimoniais, considerando-as algo a não ser desafiado, em prol do bem-estar da comunidade, não importa quão desagradáveis essas situações pudessem ser para o indivíduo, em determinadas circunstâncias. É bastante curioso observar como os costumes da humanidade em relação a essa questão variam de país para país, tornando a moralidade uma questão de latitude e religião, e o que é certo em um lugar torna-se errado e impróprio noutro. Entretanto deve-se compreender que, considerando-se o fato de que todas as nações civilizadas parecem aceitar como um axioma a realidade de que a cerimônia é a pedra de toque da moral, não existe na verdade, mesmo de acordo com nossos princípios, nada de imoral nesse costume *amahagger*, já que a troca pública de um abraço corresponde à nossa cerimônia de casamento, que, como sabemos, justifica a maioria das coisas.

## Capítulo VII - A canção de Ustane

Terminada a sessão de beijos *coram populo* — por falar nisso, nenhuma das jovens manifestou a menor intenção de me agradar dessa maneira, embora eu tenha visto uma delas rondando Job, para grande alarme daquele respeitável indivíduo —, o velho Billali deu um passo à frente e graciosamente nos convidou a entrar na caverna, o que fizemos, seguidos por Ustane, que não pareceu inclinada a aceitar meus sinais de que desejávamos privacidade.

Antes que tivéssemos dado cinco passos ocorreu-me de súbito a idéia de que a caverna onde estávamos entrando não era obra da Natureza mas, ao contrário, fora escavada pelas mãos do homem. Até onde podíamos perceber, parecia ter uns cem pés de comprimento por cinquenta de largura, com o teto bastante elevado, fazendo-a parecer mais a nave de uma catedral que qualquer outra coisa. Dessa sala principal saíam várias passagens, colocadas a uma distância de doze ou quinze pés uma da outra, e que conduziam, imaginei, a câmaras menores. A cerca de cinquenta pés da entrada da caverna, bem no local onde a luz começava a desaparecer, havia uma fogueira, que lançava enormes sombras sobre as melancólicas paredes de pedra. Nesse local Billali parou e convidou-nos a sentar, dizendo que logo nos trariam comida; sendo assim, sentamo-nos sobre os tapetes de pele estendidos à nossa frente e esperamos. Um pouco depois a comida, que consistia em carne de bode cozida, leite fresco servido num pote de cerâmica e espigas de milho indiano assadas, foi trazida por algumas jovens. Como estávamos praticamente mortos de fome, não creio que em toda a minha vida tenha comido com tamanha satisfação. Na verdade em poucos minutos já tínhamos devorado tudo o que fora colocado à nossa frente.

Tendo terminado, Billali, nosso um tanto sombrio anfitrião, e estivera a nos olhar no mais absoluto silêncio, levantou-se e começou a falar. Disse que o que acontecera era uma coisa maravilhosa. Ninguém jamais soubera nem sequer ouvira falar de estrangeiros brancos chegando ao país do Povo das Rochas. Algumas vezes, embora muito raramente, uns poucos homens negros tinham chegado até o local, e através deles seu povo ficou sabendo da existência de homens muito mais brancos, que cruzavam o mar em seus navios; entretanto a chegada de homens como nós era um fato sem precedentes. Mesmo assim, fomos vistos arrastando o bote canal acima e, continuou com franqueza, já dera ordens para que nos destruíssem, considerando ser proibido a qualquer estranho penetrar naquela região, quando chegou uma mensagem de Ela-que-Deve-Ser-Obedecida dizendo que nossa vida devia ser poupada e que tinham de nos trazer até aquele lugar.

— Perdão, meu pai — interrompi; — mas se, como entendi, Ela-que-Deve-Ser-Obedecida vive ainda mais longe daqui, como pode ter ficado sabendo de nossa aproximação?

Billali virou-se e, vendo que estávamos sozinhos — pois a jovem Ustane havia deixado o local assim que ele começara a falar —, disse com um risinho que me encheu de curiosidade:

— Não existe ninguém em seu país que possa ver sem os olhos e ouvir sem os ouvidos? Não pergunte mais nada; Ela é capaz disso.

Sendo assim dei de ombros, e ele continuou a falar, dizendo que nenhum outro esclarecimento sobre nossa situação fora recebido, e que portanto estava prestes a ter uma entrevista com Ela-que-Deve-Ser-Obedecida — geralmente chamada de Hiya ou Ela simplesmente, para facilitar, e que, segundo nos deu a entender, era a rainha dos *amahagger* —, a fim de saber quais eram os seus desejos.

Perguntei-lhe quanto tempo pretendia ficar ausente, e ele respondeu que viajando com bastante rapidez poderia estar de volta dentro de cinco dias, mas que havia muitas milhas de pântano para ser atravessadas antes de chegar até o lugar onde Ela estava. Em seguida disse que tomaria todas as providências para que nada nos faltasse durante sua ausência e afirmou que, tendo se apegado pessoalmente a nós, esperava com sinceridade trazer uma resposta de Ela favorável à continuação de nossa existência. Ao mesmo tempo, prosseguiu, não gostaria de esconder que achava isso muito pouco provável, já que todos os estrangeiros que algum dia haviam pisado nessas terras desde os tempos de sua avó, nos de sua mãe e até os dias de hoje tinham sido mortos sem clemência alguma, e de um modo que não gostaria de descrever, para não ferir nossos sentimentos. E isso fora feito a pedido da própria Ela, ou pelo menos era o que supunha. De qualquer maneira ela nunca havia interferido para salvá-los.

— Mas como — perguntei —, como pode ser isso? Você é um homem velho, e o tempo de que está falando deve ser equivalente a pelo menos três gerações humanas. Como então é possível que Ela tenha ordenado a morte de alguém que viveu no início da vida de sua avó, se Ela mesma não havia nascido ainda? Novamente Billali sorriu — o mesmo sorrisinho peculiar —, e depois de fazer uma profunda reverência partiu sem nos dar nenhuma resposta, e não o vimos mais durante cinco dias. Depois da partida de Billali discutimos a situação, que me alarmava bastante. Eu não tinha gostado nem um pouco do que ouvira a respeito dessa rainha Ela-que-Deve-Ser-Obedecida, ou apenas Ela, que aparentemente ordenava a execução de qualquer estrangeiro desafortunado sem o menor vestígio de clemência. Também Leo estava deprimido, contudo tentava se consolar afirmando em triunfo que essa Ela com certeza era a pessoa a quem o texto no fragmento e a carta de seu pai se referiam, e a prova "disso eram as alusões de Billali a respeito da idade e dos poderes da mulher. A essa altura eu já estava tão acabrunhado com o curso tomado pelos acontecimentos que não tinha ânimo nem mesmo para discutir uma afirmação tão absurda como essa; sendo assim, sugeri que devíamos tentar sair da caverna e tomar um banho, de que todos nós estávamos bastante necessitados.

Isso posto, indicamos nossa vontade a um indivíduo de meia-idade e expressão incomumente soturna, até mesmo para aquele povo de homens soturnos, e que parecia ter sido escalado para cuidar de nós, agora que o pai da aldeia partira, e saímos todos juntos, não sem antes acender nosso cachimbo. Fora da caverna, uma pequena multidão dava mostras de estar esperando por nossa saída, mas quando nos viram fumar saíram correndo para todos os lados, gritando alto que éramos mágicos poderosos. Para falar a verdade, nada a nosso respeito provocou tamanha sensação quanto nosso hábito de fumar tabaco —

nem mesmo as armas de fogo [\[11\]](#). Depois disso conseguimos ir até um riacho que tinha origem numa poderosa nascente no solo e ali tomar nosso banho em paz, embora algumas das mulheres, inclusive Ustane, mostrassem uma inclinação decidida por nos seguir até mesmo a esse lugar.

Quando terminamos nosso maravilhoso e refrescante banho o sol já estava se pondo; na verdade ao chegarmos de volta à grande caverna já estava escurecendo. A caverna estava cheia de pessoas, reunidas em volta de fogueiras — pois haviam sido acesas diversas —, fazendo a refeição noturna iluminadas por esse clarão acobreado e pela luz de lampiões pendurados nas paredes ou apenas colocados ao redor. Esses lampiões eram feitos de cerâmica fosca e tinham formatos variados, alguns deles muito interessantes. Os maiores eram grandes potes de cerâmica avermelhada, com gordura transparente derretida; eram equipados com um pavio de junco que passava através de um disco de madeira existente na parte superior do pote. Essa espécie de lampião requeria um cuidado constante para evitar que a chama se apagasse toda vez que o pavio terminava, já que não havia meios de puxá-lo para cima. Já os lampiões menores, também feitos de argila cozida, tinham pavios fabricados com a parte central do tronco de palmeiras ou então o caule de uma espécie muito bonita de samambaia. Esse pavio passava através de um buraco redondo na parte inferior do lampião, onde era encaixado um pedaço de madeira dura que permitia empurrá-lo para cima toda vez que dava sinais de apagar.

Ficamos sentados por alguns momentos, observando aquele povo fazer sua refeição noturna num silêncio tão lúgubre como eles mesmos, até que por fim, cansados de contemplá-los e de observar as sombras escuras se movendo nas paredes de pedra, sugeri a nosso novo guardião que gostaríamos de ir para a cama.

Sem uma palavra ele se levantou, pegou-me pela mão com polidez e, apanhando um lampião, dirigiu-se a uma das pequenas passagens que saíam da caverna central, como eu já havia observado. Andamos nessa passagem por umas trezentas polegadas, até que de repente ela se abriu numa pequena sala com cerca de oito pés quadrados, talhada na rocha viva. Num dos lados dessa pequena câmara havia uma laje de pedra, colocada cerca de três pés acima do chão; ela ia de um canto ao outro da sala, como uma espécie de beliche numa cabine, e meu guia insinuou que eu deveria dormir ali. Não havia janela ou nenhum tipo de ventilação no local, nem tampouco qualquer mobília; e ao olhar mais detalhadamente cheguei à desagradável conclusão — bem próxima da verdade, como descobri mais tarde — de que aquele lugar servira originariamente como um sepulcro para os mortos, e não um local para os vivos dormirem, e que a laje de pedra fora projetada para receber cadáveres. Esse pensamento fez-me tremer contra a vontade; mas percebendo que tinha de dormir em algum lugar, sufoquei meus sentimentos da melhor maneira possível e voltei à caverna para pegar meu cobertor, que fora trazido do bote junto com as outras coisas. Ali me encontrei com Job, que ao ser conduzido a um aposento semelhante se recusara categoricamente a nele permanecer, afirmando que a simples visão do lugar lhe dava "enjôo" e que preferia ser morto e enterrado no

túmulo de pedra do avô naquele mesmo instante. E depois manifestou sua determinação de dormir comigo, se eu permitisse. E óbvio que aceitei com alegria a proposta.

Apesar de tudo a noite foi bastante reconfortante. Digo apesar de tudo porque tive um pesadelo horrível, em que aparecia enterrado vivo; sem dúvida alguma o sonho fora induzido pela natureza sepulcral do lugar onde eu estava. De madrugada acordou-nos o alto som de uma trombeta, produzido, como descobrimos mais tarde, por um jovem *amahagger* que soprava através de um buraco perfurado na parte lateral da presa oca de um elefante, conservada apenas para essa finalidade.

Aceitando a sugestão, levantamo-nos e fomos ao riacho para nos lavar; depois disso o café da manhã foi servido. Durante o café uma das mulheres, já não tão jovem, avançou até Job à vista de todos e deu-lhe um beijo. Posta de lado por um momento a impropriedade do ato, acho que à sua maneira foi a coisa mais divertida que já vi. Nunca vou esquecer a repugnância e o terror abjeto do respeitável Job. Exatamente como eu, Job é uma espécie de misógino — devido, imagino, ao fato de ter nascido numa família de dezessete irmãos —, e os sentimentos expressos em seu rosto ao perceber que não só estava sendo beijado em público, e sem consentimento de sua parte, mas também na presença de seus patrões, eram por demais confusos e dolorosos para admitir uma descrição acurada. Ele deu um pulo e empurrou para longe a mulher, um pouco rechonchuda e já com seus trinta anos.

— Nunca pensei! — disse, ofegante, levando-a provavelmente a concluir que ele estava apenas envergonhado e a abraçá-lo de novo.

"Fique longe de mim! Desapareça, sua atrevida!", gritou ele, ameaçando-a com a colher de madeira com que se servia em seu café da manhã. "Peço que me desculpem, senhores, mas tenho certeza de que não fiz nada para encorajá-la. Oh, meu Deus! Lá vem ela de novo. Segure-a, sr. Holly! Por favor, segure-a! Não posso suportar isso; realmente é demais para mim. Isso nunca me aconteceu antes, senhores, nunca. Não existe nada que desabone minha reputação." Com isso terminou seu discurso e saiu correndo o mais rápido que podia, indo se esconder na caverna; e pela primeira vez vi os *amahagger* rirem. Quanto à mulher, entretanto, não achou graça. Pelo contrário, pareceu toda arrepiada, de tão furiosa, e a zombaria das outras mulheres serviu apenas para recrudescer a sua fúria. Ficou ali parada, literalmente tremendo e rosnando de indignação, e ao vê-la daquele jeito desejei que os escrúpulos de Job fossem para o inferno, pois tinha quase certeza de que seu admirável comportamento colocara nossa garganta em perigo. E como os acontecimentos demonstraram, não estava enganado.

Depois que a mulher se retirou, Job voltou num estado de grande nervosismo, olhando com ar desconfiado para todas as mulheres que dele se aproximavam. Aproveitei a oportunidade para explicar a nossos anfitriões que Job era um homem casado que tivera experiências desagradáveis na vida conjugal, responsáveis por sua presença na viagem e também pelo terror que ele manifestava à simples visão de uma mulher. Entretanto minhas observações

foram recebidas em silêncio, ficando evidente que o comportamento de nosso criado fora considerado uma desfeita para a "família" como um todo, embora as mulheres, à moda de algumas de suas irmãs mais civilizadas, se divertissem com a recusa recebida pela companheira.

Depois do café saímos para dar um passeio e examinar o rebanho dos *amahagger*, assim como suas terras cultivadas. Eles possuíam duas raças de gado, uma de animais grandes, ossudos e sem chifres, que entretanto produziam um leite maravilhoso, e a outra, uma variedade vermelha, de animais pequenos e gordos, excelentes para a produção de carne mas cujo leite não tinha nenhum valor. Essa última espécie se assemelhava muito à raça *norfolk*, com a única diferença de que os animais tinham chifres que em geral se curvavam para a frente, sobre a cabeça, às vezes tão compridos que se tornava necessário serrá-los para não penetrarem nos ossos do crânio. Os bodes tinham pêlos longos e eram usados exclusivamente como alimento, ou pelo menos nunca os vimos ser ordenhados. Quanto às plantações dos *amahagger*, eram primitivas ao extremo; a única ferramenta que conheciam era uma pá feita de ferro, pois aquele povo descobrira e já utilizava esse material. Com o formato mais semelhante ao de uma grande ponta de lança do que qualquer outra coisa, essa pá não oferecia nenhum ponto de apoio para o pé. Como consequência disso o trabalho de cavar exigia grande esforço. Tal serviço entretanto era todo realizado pelos homens; as mulheres, ao contrário dos hábitos da maioria dos povos selvagens, estavam isentas por completo de qualquer trabalho manual. E isso porque, como acredito já ter mencionado anteriormente, entre os *amahagger* o sexo frágil estabelecera seus direitos.

No começo ficávamos muito intrigados com a origem e os costumes dessa raça extraordinária, questões sobre as quais eles não eram muito comunicativos. Com o passar dos dias, entretanto — pois durante os quatro dias seguintes não aconteceu nada de extraordinário —, aprendemos algo com a nova amiga de Leo, Ustane, que por falar nisso se grudara ao jovem como se fosse sua sombra. Quanto à questão da origem, não tinham nenhuma, pelo menos até onde ela sabia. Havia porém, segundo nos informou, construções de pedra e muitos pilares, conhecidas como Kôr, perto do lugar onde Ela morava, que, segundo os sábios, um dia haviam sido moradias humanas, e já se sugerira que os *amahagger* fossem descendentes desses homens. Todavia ninguém ousava se aproximar daquelas grandes ruínas, porque eram mal-assombradas: as pessoas apenas as observavam a distância. Outras ruínas semelhantes podiam ser encontradas, ela ouvira dizer, em diversas partes do país, isto é, em qualquer lugar onde uma das montanhas se elevasse acima do nível do pântano. Também as cavernas que eles habitavam haviam sido escavadas na rocha por homens, talvez os mesmos que construíram as cidades. Eles próprios não possuíam leis escritas, apenas costumes, que entretanto eram tão coibitivos quanto as leis. Se alguém ofendesse um dos costumes seria condenado à morte pelo pai da "família". Perguntei como os condenados eram executados, mas como resposta ela apenas deu um sorriso, dizendo que eu poderia ver isso um dia, muito em breve.

Porém eles tinham uma rainha. A rainha era Ela, mas aparecia muito raramente, apenas uma vez a cada dois ou três anos, quando saía de seu retiro para proferir sentenças contra infratores, e mesmo nessas ocasiões estava sempre enrolada numa enorme capa, de modo que ninguém conseguia ver-lhe o rosto. Os homens que a guardavam e cuidavam eram surdos-mudos, e portanto não podiam contar nada; dizia-se porém que ela era mais encantadora do que qualquer outra mulher jamais tinha sido. Também havia rumores de que era imortal e tinha poderes sobre todas as coisas, mas Ustane não sabia nada sobre isso. No que acreditava era que de tempos em tempos a rainha escolhia um marido, e assim que uma criança do sexo feminino nascia, esse marido, nunca mais visto, era executado. Adulta, quando a mãe morria e era enterrada numa das grandes cavernas, ela reinava em seu lugar. Contudo, desses assuntos ninguém podia falar com certeza. Apenas Ela era obedecida em toda a extensão da terra, e questionar sua autoridade era morte certa. Ela mantinha uma guarda, embora não possuísse um exército regular, e desobedecer-lhe também significava a morte.

Perguntei qual era o tamanho do país e quantas pessoas viviam nele. Ela respondeu que sabia da existência de dez famílias como aquela, incluindo a grande família da rainha; e que todas as famílias moravam em cavernas, situadas em locais semelhantes àquela faixa de terreno elevado, espalhadas aqui e ali na vasta extensão do pântano, que só podiam ser alcançadas através de trilhas secretas. Com frequência as famílias guerreavam umas contra as outras, até que Ela enviava uma mensagem de que aquilo devia acabar, no que era logo obedecida. As guerras e as febres contraídas ao cruzar os pântanos impediam que o número de habitantes aumentasse muito. Não tinham relação alguma com qualquer outra raça, pois na verdade ninguém morava nas proximidades; e além disso os pântanos não podiam ser atravessados pelos inimigos. Apenas uma vez um exército que vinha da região do grande rio (provavelmente o Zambeze) tentara atacá-las, mas seus soldados acabaram por se perder nos charcos, e de noite, vendo as grandes bolas de fogo que se moviam por lá, tentaram alcançá-las, acreditando terem chegado ao acampamento do inimigo, e metade deles morreram afogados. Quanto ao resto, logo morreram de febre ou desnutrição, não sendo necessário um único golpe para derrotá-los. Os charcos, acrescentou, eram de todo impenetráveis, exceto para os que conheciam as trilhas, e, o que me pareceu bastante plausível, nunca teríamos chegado àquele lugar se não tivéssemos sido trazidos por seu povo.

Essas e muitas outras coisas aprendemos com Ustane durante os quatro dias de intervalo antes de nossas verdadeiras aventuras começarem, e vocês podem bem imaginar quanto elas nos preocuparam. A história toda era extraordinária, quase incrível, na verdade, e o mais estranho de tudo era que até aquele momento ela correspondia mais ou menos ao texto antigo encontrado no fragmento. E agora parecia haver uma misteriosa rainha envolta em rumores a respeito de seus atributos mágicos e terríveis, e comumente conhecida pelo impessoal - apesar de um tanto aterrador, a meu ver - título de Ela. No conjunto não consegui perceber o sentido daquilo tudo, nem Leo, embora é claro ele estivesse triunfante em relação a mim por eu ter ridicularizado a lenda. Quanto a

Job, já há algum tempo abandonara quaisquer tentativas de achar alguma lógica naquilo tudo, deixando-se navegar no mar das circunstâncias. Descobri que Mahomed, o árabe — por falar nisso, ele era tratado pelos *amahagger* com razoável civilidade, mas também com desdém e indiferença — estava bastante apavorado, embora eu não conseguisse compreender por quê. Às vezes ficava o dia inteiro encolhido num canto da caverna, pedindo proteção a Alá e ao Profeta. Quando eu o pressionava sobre isso dizia que tinha medo porque aquelas pessoas não eram homens e mulheres de verdade, e sim demônios, e a terra, encantada; e, acreditem-me, uma ou duas vezes cheguei a ficar inclinado a concordar com ele. Assim passou o tempo, até a noite do quarto dia após a partida de Billali, quando algo aconteceu.

Nós três e Ustane estávamos sentados em volta de uma fogueira na caverna, um pouco antes de dormir, quando de repente a mulher, que estava silenciosa e pensativa, levantou-se e começou a falar colocando a mão sobre os cachos dourados de Leo. E até hoje, quando fecho os olhos, consigo ver-lhe o porte altivo e as belas formas envolvidos alternadamente pela sombra densa ou pela luz vermelha e bruxuleante da fogueira; e ali estava ela, em pé, o centro selvagem da cena mais selvagem que presenciei na vida, revelando o fardo de seus pensamentos e presságios num discurso rítmico que dizia mais ou menos o seguinte:

Tu és o meu escolhido — tenho esperado por ti desde o começo! Tu és muito belo. Que outro homem tem o cabelo como o teu ou a pele tão branca?

Quem tem o braço tão forte, quem é tão homem como tu?

Teus olhos são como o céu, e a luz que existe neles, as estrelas.

Tu és perfeito e tens o rosto feliz, e meu coração se inclinou por ti.

Ah, quando meus olhos te avistaram te desejei muito,

E então tomei-te para mim, oh, meu amado,

E te segurei firme, para que nada de mal te acontecesse.

Ah, cobri tua cabeça com meu cabelo para que o sol não a atingisse;

E eu era toda tua, e tu eras todo meu.

E tudo permaneceu assim por algum tempo, até que o Tempo conspirou contra nós num dia amaldiçoado;

E então o que aconteceu naquele dia? Ah, meu amado! Não sei! Mas eu, eu não te vi mais — eu, eu fiquei perdida na escuridão.

E ela, que é mais forte, te levou; ah, ela, que é mais bela que Ustane.

E tu ainda olhaste para trás e chamaste meu nome, e teus olhos me procuraram na escuridão.

Mas apesar de tudo ela venceu pela Beleza e te conduziu até [lugares horríveis, E então, ah! Então, meu amado. . . ]

E nesse ponto a extraordinária mulher interrompeu sua fala, ou canto, que tinha um fraseado tão musical que não conseguíamos entender sobre o que

estava falando; e então ela fixou os olhos flamejantes na profunda sombra que havia à sua frente. Um minuto depois eles adquiriram um ar vago e aterrorizado, como se estivessem se esforçando para compreender um terror apenas vislumbrado. Retirou a mão de cima da cabeça de Leo e apontou para a escuridão. Todos olhamos e não conseguimos ver nada; mas ela viu algo, ou pelo menos acreditou ter visto, e algo que evidentemente afetou até mesmo seus nervos de aço, pois sem emitir nenhum som, ela caiu sem sentidos entre nós.

Leo, que realmente tinha se ligado a essa jovem admirável, ficou bastante alarmado e angustiado, e, para ser absolutamente sincero, minha própria condição não estava longe do medo supersticioso. A cena e as circunstâncias eram por demais misteriosas.

Naquele instante entretanto ela recuperou os sentidos e se sentou, com um arrepio convulsivo.

— O que quiseste dizer com isso, Ustane? — perguntou Leo, que graças a dois anos de aprendizado conseguia falar razoavelmente árabe.

— Nada, meu escolhido — respondeu ela com um sorrisinho forçado —, apenas cantei em tua homenagem à maneira do meu povo. É claro que não quis dizer nada. Como poderia falar do que ainda não aconteceu?

— E o que viste, Ustane? — perguntei, olhando-a com intensidade no rosto.

— Nada — respondeu ela de novo —, não vi nada. Não me pergunteis o que vi. Por que iria assustar-vos? — E em seguida, virando-se para Leo e olhando-o com a mais profunda ternura que jamais vi no rosto de uma mulher, civilizada ou selvagem, tomou a cabeça dele entre as mãos e beijou-o na testa, como faria se fosse sua mãe.

— Quando eu estiver longe de ti, meu escolhido — disse ela —, quando de noite estenderes a mão e não poderes me encontrar, então debes pensar um pouco em mim, pois realmente te amei muito, embora possa não ser digna de lavar teus pés. Mas agora vamos apenas nos amar e aproveitar o que nos é dado, e sermos felizes, pois na sepultura não há amor, calor, nem o roçar dos lábios. Nada talvez, ou quem sabe apenas memórias amargas do que poderia ter sido. Hoje o tempo nos pertence; como vamos saber a quem pertencerá no dia de amanhã?

## Capítulo VIII - A festa, e depois!

No dia seguinte a essa cena memorável — uma cena calculada para causar profunda impressão em todos aqueles que a presenciaram, mais em virtude daquilo que sugeria e parecia prenunciar do que pelo que revelava — fomos informados de que uma festa em nossa homenagem naquela noite seria realizada. Fiz o possível para declinar da honra, dizendo sermos pessoas modestas e não nos importarmos com festas; porém, como minhas observações foram recebidas com o silêncio da desaprovação, achei que seria mais inteligente não continuar a fazer objeções.

Sendo assim, pouco antes do pôr-do-sol, fui informado de que tudo estava pronto, e acompanhado por Job fui à caverna, onde encontramos Leo, como sempre acompanhado por Ustane. Os dois tinham estado passeando e portanto ainda não sabiam nada a respeito da festa. Quando Ustane ouviu sobre o convite, vi que uma expressão de horror apareceu em seu belo rosto. No mesmo instante ela se virou e, pegando pelo braço um homem que passava, perguntou-lhe algo num tom imperioso. A resposta pareceu tranquilizá-la um pouco, pois ficou com o ar mais aliviado, embora longe de estar satisfeita. Em seguida fez uma tentativa de se queixar ao homem, que era uma pessoa de certa autoridade, mas ele repreendeu-a severamente e fez menção de ir embora. Em seguida, mudando de idéia, pegou-a pelo braço e a fez sentar-se entre ele e outro homem no círculo em volta da fogueira; percebi que por alguma razão v ela achou melhor obedecer.

Naquela noite a fogueira da caverna estava maior que o normal, e cerca de trinta e cinco homens e duas mulheres a rodeavam, formando um amplo círculo - as mulheres eram Ustane e a senhora que levava Job a representar o papel de uma personagem bíblica para evitá-la. Os homens estavam sentados em perfeito silêncio, como de costume, cada um com sua grande lança em pé atrás de si, apoiada num encaixe cortado na pedra exatamente para essa finalidade. Apenas um ou dois deles usavam a roupa de linho amarelado que mencionei antes; o resto não vestia nada senão a pele de leopardo enrolada na cintura.

— O que foi agora, senhor? — perguntou Job de maneira ambígua. — Que Deus nos abençoe e nos proteja, lá está aquela mulher de novo. Mas agora ela com certeza não pode estar atrás de mim, depois de ter percebido que não a encorajei de modo algum. Eles me dão arrepios, todos eles, e isso é um fato. Porque, olhe, também convidaram Mahomed para jantar. E veja, aquela mulher que me persegue está falando com ele da maneira mais gentil e civilizada possível. Bom, estou feliz por não ser comigo, é isso!

Olhamos, e de fato a mulher em questão se levantara e estava escoltando o desventurado Mahomed do canto onde, dominado por alguma aguda manifestação de horror, estivera sentado, tremendo e invocando Alá. O árabe não parecia estar muito disposto a obedecer, no mínimo porque era uma honra com a qual não estava acostumado, já que até o momento tinha feito as refeições

separadamente dos outros. De qualquer modo pude perceber que ele estava num estado de grande terror, pois suas pernas cambaleantes mal conseguiam suportar o corpo maciço e robusto, e acho que se ele permitiu que o levassem foi mais devido ao expediente de barbarismo que percebia atrás de si, sob a forma de um enorme *amahagger* empunhando uma grande lança, do que pelas seduções da mulher que o conduzia pela mão.

— Bem — comentei com os outros —, não gosto absolutamente do rumo que as coisas estão tomando, mas suponho que temos de enfrentá-las. Meus camaradas estão com seus revólveres? Pois caso contrário é melhor pegá-los e ver se estão carregados.

— Eu estou com o meu, senhor — disse Job, dando uma pancadinha no Colt —, mas o sr. Leo só tem a faca de caça, embora ela seja grande o suficiente, acredito.

Como não seria possível esperar até que a arma que estava faltando fosse apanhada, avançamos corajosamente e nos sentamos em fila, com as costas voltadas para a parede.

Assim que nos sentamos foi passado um jarro de cerâmica com um fluido fermentado cujo gosto não era de modo algum desagradável, embora bastante indigesto; esse líquido era feito de grãos esmagados — não de milho indiano, e sim de um pequeno grão marrom que cresce em cachos presos ao caule, não muito diferente do que é conhecido como milho *kafir* na região sul da África. O jarro era bastante curioso, e como não diferia das centenas de outros utilizados pelo *amahagger*, acho que posso muito bem descrevê-lo. Tais jarros eram de fabricação bastante antiga, e havia exemplares de todos os tamanhos. Nada de semelhante pode ter sido fabricado no país durante centenas ou talvez milhares de anos. Peças como essas podiam ser encontradas em túmulos de pedra, que devo descrever em ocasião apropriada, e creio que sua finalidade original era receber as vísceras dos mortos, à moda dos egípcios, com quem os antigos habitantes desse país podem ter tido alguma conexão. Leo entretanto acreditava que, como no caso das ânforas etruscas, os vasos eram colocados nos túmulos para uso espiritual dos mortos. A maioria deles tinha duas alças; quanto ao tamanho, era variável — havia desde os que mediam três pés até os de algumas polegadas —, assim como a forma; todos, porém, eram extremamente belos e graciosos, sendo fabricados com uma espécie de louça negra muito fina, não lustrosa, mas levemente áspera. Sobre essa base eram incrustadas figuras mais graciosas e cheias de vida do que quaisquer outras encontradas em vasos antigos. Algumas dessas figuras representavam cenas de amor com uma simplicidade infantil e uma liberdade de forma que não seriam aprovadas pelo gosto dos dias de hoje. Outros apresentavam imagens de jovens dançando, ou ainda cenas de caçadas. O jarro em que estávamos bebendo, por exemplo, tinha de um lado um desenho bastante vigoroso que mostrava alguns homens, aparentemente brancos, atacando com lanças um elefante, enquanto do lado oposto havia uma pintura, não tão bem feita, de um caçador atirando uma flecha num antílope que fugia — pela aparência do animal ousou dizer que era um cefo ou um antílope africano.

É estranho fazer uma digressão como essa num momento tão crítico, mas ela

não é longa demais para a ocasião, pois esta em si foi longa o suficiente. Com exceção da passagem do vaso, que se repetia a intervalos, e do movimento necessário para colocar mais lenha na fogueira, nada aconteceu durante quase uma hora. Ninguém disse uma palavra. Ficamos todos sentados em perfeito silêncio, olhando para o clarão e o fulgor da enorme fogueira e para as sombras provocadas pela luz bruxuleante dos lampiões de cerâmica — que aliás não eram antigos. No espaço existente entre nós e a fogueira havia uma grande selha, equipada com quatro pequenos cabos, exatamente como a de um açougueiro, só que maciça. Ao lado dela havia um par de grandes tenazes de ferro com longos cabos; e do outro lado da fogueira, um conjunto semelhante. Por algum motivo não gostei em absoluto da presença dessa selha e das tenazes que a acompanhavam. E fiquei sentado ali, contemplando os objetos, observando o círculo silencioso das selvagens e soturnas faces dos homens e refletindo que tudo aquilo era apavorante, já que estávamos inteiramente à mercê daquele povo temível, que assumia para mim proporções exageradas, na medida em que ainda não tínhamos a menor noção do que seria a sua verdadeira personalidade. Eles podiam ser melhores do que eu pensava, ou então piores. Tinha medo de que fossem piores, e não estava errado. Era uma espécie curiosa de festa, refleti, parecendo na realidade um banquete de doidos, já que não havia nenhum sinal de comida.

Por fim, exatamente quando começara a me sentir como se estivesse hipnotizado, aconteceu algo. Sem o menor aviso um homem que estava sentado no outro lado do círculo perguntou em voz bem alta:

— Onde está a carne que vamos comer?

A essa pergunta, todos do círculo responderam num tom profundo e calculado, estendendo a mão direita em direção ao fogo:

— A carne virá.

— É um bode? — quis saber o mesmo homem.

— É um bode sem chifres, e mais que um bode, e devemos matá-lo — responderam em uníssono. E depois de dar meia-volta todos pegaram com a mão direita o cabo de sua lança, soltando-a em seguida simultaneamente.

— E um boi? — perguntou mais uma vez o homem.

— E um boi sem chifres, e mais que um boi, e devemos matá-lo — foi a resposta, e de novo as lanças foram empunhadas e colocadas de volta no lugar.

Em seguida houve uma pausa e percebi, com um horror que fez meus cabelos se arrepiarem, que a mulher próxima a Mahomed começou a acariciá-lo, alisando-lhe o rosto e dizendo-lhe palavras ternas, enquanto seus olhos ferozes examinavam de alto a baixo aquele corpo trêmulo. Não sei por que aquela visão me apavorou tanto, mas na verdade todos ficaram apavorados, sobretudo Leo. As carícias eram muito traiçoeiras, e evidentemente faziam parte de alguma fórmula terrível que tinha de ser executada [\[12\]](#). Percebi que Mahomed, sob a pele castanha, ficava branco, o branco doentio do medo.

— A carne está pronta para ser cozida? — perguntou a voz, desta vez num andamento mais rápido.

— Está pronta; está pronta.

— E a panela está quente o bastante para cozinhá-la? — continuou ele numa espécie de grito que ecoou dolorosamente nos grandes recessos da caverna.

— Está quente; está quente.

— Por Deus! — exclamou Leo. — Você se lembra da inscrição: "O povo que coloca panelas na cabeça de estrangeiros"?

Assim que pronunciou essas palavras, antes que pudéssemos nos mexer ou mesmo considerar o assunto, dois enormes nativos com cara de facinora se levantaram, e apanhando as tenazes de ferro colocaram-nas no coração da fogueira, enquanto de repente a mulher que estivera acariciando Mahomed retirou de sob a faixa que usava na cintura um laço de fibras; após passá-lo por cima dos ombros, enlaçou o homem que estava ao seu lado, amarrando-o pelas pernas. Os dois nativos com as tenazes levantaram-se ao mesmo tempo e, espalhando fogo por diversos pontos do chão de rocha, ergueram uma enorme panela de cerâmica, que havia sido aquecida, até ficar incandescente. Num segundo, quase que com um único movimento os dois tinham alcançado o local onde Mahomed se debatia. O árabe lutava como um demônio, gritando no abandono de seu desespero, e apesar disso sem conseguir se livrar do laço que o prendia; todavia os esforços dos homens que seguravam as pernas do árabe não surtiam efeito, e por um instante aqueles miseráveis ficaram impotentes, incapazes de alcançar seu objetivo, que, por mais horrível e absurdo que pareça, era *colocar a panela fervente sobre a cabeça de Mahomed*.

Horrorizado, dei um salto, e puxando o revólver atirei instintivamente na diabólica mulher que estivera agradando Mahomed, e que agora o segurava pelos braços. A bala atingiu-lhe as costas, matando-a na hora; desde aquele dia orgulho-me disso, pois, como ficamos sabendo depois, ela havia se valido dos costumes antropofágicos dos *amahagger* para organizar aquele sacrifício, como forma de se vingar da ofensa feita por Job. A mulher caiu morta, e à medida que seu corpo amolecia pude ver, para meu terror e consternação, que Mahomed, fazendo um esforço sobre-humano, conseguia se libertar de seus torturadores e, com uma espécie de salto no ar, caía morto sobre o corpo da mulher. A pesada bala da pistola atravessara o corpo dos dois, realizando a proeza de acertar a assassina enquanto salvava sua vítima de uma morte centenas de vezes mais cruel. Fora um acidente horrível e misericordioso ao mesmo tempo.

Por um momento houve apenas o silêncio do assombro. Os *amahagger* nunca tinham ouvido falar de armas de fogo antes, e os efeitos produzidos por uma delas os intimidavam. No instante seguinte, porém, um homem que estava próximo a nós recuperou-se e agarrou sua lança, preparando-se para dar uma estocada em Leo, que estava a seu lado.

— Fugam! — gritei, dando o exemplo e começando a correr pela caverna com toda a rapidez que minhas pernas permitiam. Teria buscado a saída, se fosse possível, mas havia homens no caminho, e além disso pude perceber, claramente delineada contra o fundo mais claro do céu, a forma indistinta de uma multidão que se agrupava no lado de fora da caverna. Sendo assim dirigi-me para o interior da gruta, seguido por meus companheiros, que por sua vez traziam atrás

de si o clamor de toda uma multidão de canibais, completamente loucos de fúria pela morte da mulher. Com um salto ultrapassei a forma prostrada de Mahomed. Quando passava por cima do corpo inerte pude sentir o calor da panela incandescente, que fora largada nas proximidades, e vi, com a ajuda do brilho da própria panela, que as mãos do árabe — ainda não de todo morto — tinham um leve movimento. No fundo da caverna havia uma pequena plataforma rochosa com mais ou menos três pés de altura e oito de profundidade, onde, durante a noite, eram colocados dois lampiões grandes. Se essa plataforma fora construída como assento ou se era apenas uma elevação que deveria ser destruída depois de ter cumprido sua função como ponto de apoio para se prosseguirem as escavações, não sei — ou, pelo menos, não sabia naquele momento. Quando por fim a alcançamos, nós três subimos rapidamente e nos preparamos para vender nossa vida o mais caro que pudéssemos. Durante alguns segundos a multidão que já quase nos alcançava estacou, depois de ver nosso rosto voltado contra ela. Job estava no lado esquerdo da plataforma; Leo, no meio; e eu, no direito. Atrás de nós havia os lampiões. Leo se inclinou para a frente e olhou para a longa alameda de sombras que terminava na fogueira e nos lampiões, onde as quietas for- ' mas dos nossos pretensos assassinos se moviam em todas as direções, com a luz suave refletida nas lanças; até mesmo na fúria, eles eram silenciosos como bulldogues. A única outra coisa visível era a panela incandescente, que ainda brilhava raivosamente na escuridão. Havia um fulgor curioso nos olhos de Leo, e seu belo rosto estava rígido como pedra. Na mão direita ele carregava a pesada faca de caça. Colocando a correia de couro um pouco mais acima do pulso, envolveu-me o ombro e me abraçou.

— Adeus, velho camarada — disse ele —, meu querido amigo, meu mais que pai. Não temos nenhuma chance contra esses canalhas; vão nos liquidar em poucos minutos e nos comer no jantar, suponho. Adeus. Fui eu que o coloquei nisso. Espero que me perdoe. Adeus, Job.

— A vontade de Deus será feita — respondi, apertando os dentes, enquanto me preparava para o final. Naquele momento, soltando uma exclamação, Job levantou o revólver e atirou, atingindo um homem — não o homem em quem havia mirado, por falar nisso: qualquer coisa em que Job atirasse estava em perfeita segurança.

E então eles começaram a avançar, e também atirei o mais rápido que pude, tentando contê-los — eu e Job juntos, acredito, conseguimos matar ou ferir mortalmente pelo menos cinco homens, além da mulher, antes que nossas pistolas se descarregassem. Porém, não tivemos tempo de recarregá-las, pois eles continuavam a avançar de uma maneira que chegava a ser esplêndida em sua temeridade, já que achavam que podíamos continuar atirando por tempo indeterminado.

Um homem enorme subiu na plataforma, e Leo o matou com um golpe de sua poderosa arma, praticamente atravessando-o com a faca. Consegui fazer o mesmo com outro, mas Job errou o golpe, e vi que um musculoso *amahagger* o agarrava pela cintura, lançando-o da plataforma. Naquele exato momento sua faca, que não estava presa por uma correia, caiu-lhe da mão, e por um golpe de sorte bateu com o cabo na rocha e ficou virada para cima, vindo a trespassar o

corpo do *amahagger*, que estava sob o de Job. O que em seguida aconteceu a Job não posso dizer com certeza, mas minha impressão é que ele ficou imóvel em cima do corpo do agressor "fingindo-se de morto", como dizem os americanos. Quanto a mim, logo fui envolvido num combate desesperado contra dois facinoras, que para minha sorte estavam sem lança; e pela primeira vez na vida a enorme força física com que a Natureza me agraciara me foi realmente útil. Eu golpeará a cabeça de um nativo com minha faca de caça, que, sendo quase tão grande e pesada como uma pequena espada, o atingiu com tamanho vigor que o fino aço rachou-lhe o crânio até mais ou menos a altura dos olhos, ficando de tal modo encravada na cabeça que quando de repente o nativo caiu para um lado ela foi arrancada de minha mão.

Foi então que os outros dois pularam em cima de mim. Percebi que avançavam e passei um braço em volta da cintura de cada um; caímos todos juntos no chão da caverna e ali ficamos rolando e lutando em desespero. Os dois eram bem fortes, mas eu estava louco de raiva, e com a ânsia de batalha que se apossa do coração dos homens mais civilizados quando a luta corre solta e a vida está por um fio. Enlacei os dois demônios negros com os braços, apertando-os até ouvir suas costelas estalarem e se esmigalharem ruidosamente sob a força do meu abraço mortal. Os dois se torciam e retorciam como cobras, agarravam-me e golpeavam com os pulsos; porém, eu resistia. Deitado de costas, para que o corpo dos dois me protegesse de lanças vindas de cima, vagarosamente fui lhes tirando a vida, e à medida que isso acontecia, por mais estranho que possa parecer, eu pensava no que o amável diretor da minha faculdade em Cambridge (que fazia parte da Sociedade pela Paz) e meus companheiros de trabalho iriam dizer se por alguma magia da clarividência pudessem me ver, eu, entre todos os homens, envolvido numa luta tão sangrenta. Logo meus agressores foram perdendo as forças e praticamente pararam de lutar; a respiração já lhes faltava e estavam morrendo, mas mesmo assim eu ainda não ousava soltá-los, pois eles levavam muito tempo para morrer. Sabia que se relaxasse meu aperto os dois se recuperariam. Os outros selvagens decerto achavam — já que nós três estávamos amontoados num local escuro — que estávamos todos mortos; de qualquer modo não interferiram na nossa pequena tragédia. Virei o rosto e, enquanto permanecia deitado, ali, a respiração entrecortada pela violência da horrível luta, pude ver que Leo também estava fora da plataforma, pois a luz do lampião caía em cheio sobre ele. Ainda estava em pé, mas no centro de uma crescente massa de guerreiros que lutava para derrubá-lo, da mesma forma como fazem os lobos quando atacam veados. Bem alto, acima deles, destacava-se a bela e pálida face do jovem, encimada por cachos dourados que se agitavam à medida que ele se movia para frente e para trás; e pude perceber que Leo lutava com um abandono desesperado e uma energia que eram ao mesmo tempo esplêndidos e terríveis. Ele enterrou a faca num homem — na verdade todos estavam tão juntos e misturados que os nativos não podiam matá-lo com suas compridas lanças, e por outro lado não possuíam facas nem paus para atacá-lo. O homem caiu; de repente, porém, a faca foi de algum modo arrancada da mão de Leo, deixando-o completamente indefeso — cheguei a pensar que sua hora tivesse chegado. Mas não; fazendo um esforço desesperado,

ele conseguiu se livrar dos agressores, agarrou o corpo do homem que acabara de matar e, levantando-o bem alto no ar, arremessou-o com tal violência sobre a multidão que o atacava que o choque e o peso do corpo derrubaram uns cinco ou seis homens no chão. No minuto seguinte, porém, todos estavam em pé de novo, com exceção de um, cujo crânio fora esmagado, e voltavam a atacá-lo. Bem devagar, e não sem muito trabalho e luta, os lobos acabaram por derrotar o leão. Ainda uma vez Leo conseguiu se recuperar e acertou um *amahagger* com o punho; contudo, isso era mais do que qualquer homem podia fazer para se defender durante tanto tempo contra tantos, e por fim ele acabou tombando sobre o chão de rocha, caindo como se fosse um carvalho, e levando consigo todos que o seguravam. Eles o pegaram pelos braços e pernas e levaram seu corpo dali.

— Uma lança — gritou alguém —, uma lança para cortar-lhe a garganta e um jarro para recolher o sangue.

Fechei os olhos, pois vi um homem chegar correndo com uma lança, e eu mesmo não podia fazer nada para ajudar Leo, pois já começava a ficar fraco: os dois homens que estavam sobre mim ainda não haviam morrido, e uma fraqueza mortal se apoderava do meu corpo.

De repente, porém, houve uma confusão, e involuntariamente voltei a abrir os olhos, voltando-os em direção à cena do crime. A jovem Ustane havia se jogado sobre a forma prostrada de Leo, cobrindo-lhe o corpo com o seu e apertando o pescoço do jovem com os braços. Tentaram tirá-la dali, mas não conseguiram, pois ela enrolou as pernas em volta dele, agarrando-se como um buldogue, ou melhor, como uma trepadeira a uma árvore. Então procuraram atingi-lo pelo lado sem machucá-la; contudo, ela logrou protegê-lo de alguma forma, e ele ficou apenas ferido.

Por fim eles perderam a paciência.

— Passem a lança através do corpo dos dois — disse uma voz, a mesma que fizera as perguntas a respeito da horrível festa —, desse modo eles ficarão casados de verdade.

Em seguida o homem que portava a arma se aprumou para o golpe. Vi o brilho frio do aço bem alto e mais uma vez fechei os olhos.

No mesmo momento em que fazia isso, ouvi uma voz de homem trevejar lá de fora, em tons que se elevavam e ecoavam nas paredes de rocha.

— Parem!

Foi aí que desmaiei, e à medida que perdia os sentidos passou como um raio em minha mente escurecida a idéia de que estava entrando no estágio de esquecimento que precede a morte.

## Capítulo IX - Um pequeno pé

Quando voltei a abrir os olhos estava deitado num colchão de pele, colocado não muito longe da fogueira em volta da qual nos reuníramos para a festa macabra. A meu lado vi Leo, ainda desfalecido; sobre ele, inclinava-se a silhueta esguia de Ustane, que limpava o profundo ferimento de lança com água gelada antes de cobri-lo com linho. Atrás dela, encostado à parede da caverna, estava Job, aparentemente sem nenhum ferimento grave, mas com algumas escoriações e bastante têmulos. No outro lado da fogueira, caídos aqui e ali, como se num momento de profunda exaustão tivessem abandonado o corpo no chão para dormir, viam-se os corpos daqueles a quem matáramos durante nossa terrível luta pela vida. Contei-os: havia doze cadáveres, além da mulher e do pobre Mahomed, que fora morto por minhas próprias mãos e colocado no final daquela fila irregular, tendo ainda a seu lado a panela manchada pelo fogo. À esquerda alguns homens ocupavam-se em recolher as armas dos canibais sobreviventes, amarrando-as duas a duas. O ar de indiferença aborrecida com que esses vilões estavam se submetendo a seu destino combinava de modo sinistro com a fúria desafiadora que brilhava em seus olhos sombrios. E na frente dos prisioneiros, dirigindo as operações, havia ninguém menos que nosso amigo Billali, que parecia um pouco cansado mas especialmente patriarcal com sua graciosa barba, e tão frio e desinteressado como se estivesse supervisionando o corte de um boi.

Naquele momento ele se virou, e percebendo que eu me sentara, avançou até mim e disse com a máxima cortesia esperar que eu estivesse me sentindo melhor. Respondi que no momento mal sabia como me sentia; tudo o que podia perceber era que estava todo dolorido.

Então ele se inclinou e examinou o ferimento de Leo.

— Apesar de o corte ser bem fundo — disse —, a lança não perfurou as entranhas. Ele vai se recuperar.

— Graças à tua chegada, meu pai — respondi. — Em mais um minuto estaríamos todos além da possibilidade de qualquer recuperação, pois aqueles teus demônios estavam tentando nos matar, assim como teriam feito com nosso servo. — E apontei na direção de Mahomed.

O velho homem apertou os dentes, e vi uma extraordinária expressão de malignidade anular em seus olhos.

— Não temas, meu filho — disse ele. — A vingança recairá sobre eles de tal maneira que a carne se torceria por entre os ossos simplesmente de ouvir falar. Para Ela serão enviados, e a vingança será digna de sua grandeza. Aquele homem — e apontou para Mahomed —, aquele homem teria morrido de uma maneira misericordiosa se comparada à morte que esses homens-hienas terão. Diz-me, eu te peço, como tudo aconteceu.

Em poucas palavras fiz-lhe um relato dos acontecimentos.

— Ah, então foi isso! — respondeu ele. — Sabes, meu filho, é que aqui existe um costume segundo o qual se deu um estrangeiro chega a este país ele pode ser

morto na panela e comido.

— Isso é o que se chama de hospitalidade às avessas — comentei desanimado. — Em nosso país, divertimos os estrangeiros e lhes damos alimento. Aqui vocês se alimentam deles e se divertem com isso.

— É o que manda o costume — disse ele com um dar de ombros. — Pessoalmente acho que é um mau costume; mas de qualquer forma — acrescentou depois de refletir um pouco — não aprecio o gosto dos estrangeiros, sobretudo depois de terem vagado através dos pântanos e se alimentado de aves selvagens. Quando Ela-que-Deve-Ser-Obedecida enviou ordens de que devíeis ser mantidos vivos, nada disse a respeito do homem negro; conseqüentemente esses homens, que nada mais são do que hienas, começaram a ter vontade de comê-lo, e foi a mulher a quem com toda a razão mataste que colocou no coração maldoso deles a idéia de colocar a panela fervente em teu amigo.

Bem, de qualquer modo eles terão a recompensa que merecem. Sena melhor para eles que nunca tivessem visto a luz do dia do que ter de enfrentar a terrível ira de Ela. Felizes daqueles que morreram durante a luta.

"Ah", continuou, "antes que me esqueça, foi uma bela luta. Sabes, velho babuíno de braços longos, que esmagaste as costelas daqueles dois caídos ali como se elas não fossem mais fortes que a casca de um ovo? E teu jovem amigo, o leão, também lutou bravamente: um, contra tantos; matou três na hora, e aquele ali", apontou para um corpo que ainda se movia um pouco, "vai morrer daqui a pouco, pois está com a cabeça quebrada; quanto aos outros, todos estão feridos. Foi uma bela luta, e com ela conquistaste minha amizade, pois adoro ver uma boa briga. Mas diz-me, meu filho, o Babuíno — pois agora estou percebendo que tua face também é coberta de pêlos, como a dos babuínos —, como foi que mataste aqueles outros com um buraco? Houve um estrondo, é o que dizem, e mataste-os — contam que eles caíram imediatamente."

Expliquei-lhe o melhor que pude, mas em poucas palavras — pois me sentia esgotado ao extremo, e só me dispus a falar por recear ofender alguém muito poderoso caso não o fizesse —, a respeito das propriedades da pólvora; depois disso Billali sugeriu que eu deveria ilustrar minhas palavras fazendo a arma funcionar num dos prisioneiros. — Um apenas — continuou — não faria diferença, e a experiência, além de ser interessante para ele, me daria uma oportunidade imediata de vingança. — Billali ficou bastante espantado quando lhe disse que não tínhamos o costume de fazer justiça com as próprias mãos, e que esse era um assunto para ser resolvido através da lei e de instâncias superiores do poder, das quais ele nunca ouvira falar. Acrescentei entretanto que assim que me recuperasse iria levá-lo para atirar conosco, e que ele mesmo poderia matar um animal. Essa perspectiva deixou-o tão excitado como uma criança ante a promessa de um brinquedo novo.

Somente então Leo abriu os olhos, estimulado por um pouco de *brandy*, de que ainda tínhamos uma pequena quantidade; sendo assim, decidimos interromper nossa conversa.

Em seguida Leo, cujo estado ainda era bastante delicado, estando apenas semiconsciente, foi carregado em segurança até uma cama; além de Job, ajudou-me no transporte a valente Ustane, a quem, se não tivesse ficado com

medo de sua reação, eu com certeza teria beijado em reconhecimento pela coragem que tivera ao salvar a vida do meu menino, colocando em risco a sua própria. Ustane, porém, era uma jovem com quem eu não me sentia à vontade para tomar certas liberdades, a menos que tivesse certeza de que elas seriam compreendidas, e portanto reprimi minhas inclinações. Então, exausto e machucado, mas com um sentimento de segurança que desde alguns dias desconhecia, arrastei-me até meu pequeno leito-sépulcro, não sem antes agradecer do fundo do meu coração à Providência pelo fato de aquela laje não ser na realidade um sepulcro, como seguramente ocorreria, não fosse por uma milagrosa combinação de eventos que só posso mesmo atribuir à proteção dela. Poucos homens chegaram tão perto do fim como nós, naquele dia inesquecível, e conseguiram escapar.

Não costumou dormir muito bem, mesmo em meus melhores momentos; especialmente naquela noite, quando afinal adormeci, meus sonhos não foram dos mais agradáveis. A apavorante visão do pobre Mahomed lutando para escapar da panela incandescente não me deixava em paz. Além disso, no fundo da visão, pairava uma forma coberta, que de tempos em tempos parecia retirar os panos que cobriam o corpo, revelando num momento a forma perfeita de uma mulher adorável e noutro os ossos brancos de um esqueleto, que à medida que se revelava e se escondia pronunciava esta misteriosa sentença, aparentemente sem sentido: "Aquilo que está vivo já conheceu a morte, e aquilo que está morto mesmo assim jamais morrerá, pois no Círculo do Espírito a vida e a morte nada significam. Sim, todas as coisas viverão para sempre, embora em certos períodos possam dormir e ser esquecidas".

Por fim o dia amanheceu, mas foi então que descobri estar demasiado sensível e dolorido para me levantar. Mais ou menos às sete horas Job apareceu, mancando de um modo horrível e com a face redonda semelhante a uma maçã podre, e me disse que Leo dormira bem, embora estivesse ainda muito fraco. Duas horas depois também apareceu Billali (chamado por Job de Billy-Bode, animal esse com quem o velho de fato se parecia, graças à barba branca, ou mais familiarmente de Billy); carregava um lampião, e sua forma avantajada quase alcançava o teto da pequena câmara. Fingi que estava dormindo e através das pálpebras semicerradas pude observar seu velho rosto sarcástico, mas ainda bonito. Ele fixou os olhos de falcão em mim e passou a mão na gloriosa barba branca, que, por falar nisso, seria de um valor inestimável para qualquer barbeiro londrino, se usada como propaganda.

— Ah! — ouvi-o murmurar (Billali tinha o hábito de falar sozinho em voz baixa). — Ele é feio, tão feio como o outro é belo, um verdadeiro babuíno; foi um nome bem escolhido. Mas gosto dele. É estranho que a esta altura da vida eu venha a gostar de um homem. Como diz o provérbio: "Desconfia de todos os homens e mata aqueles de quem desconfiastes demais; quanto às mulheres, fuge delas, pois representam o mal e no final acabarão por te destruir". E um bom provérbio, especialmente a última parte — acho que deve ter sido criado pelos antigos. Mesmo assim gosto desse Babuíno, e fico imaginando onde foi que lhe ensinaram esses truques; tenho confiança em que Ela não vai enfeitá-lo. Pobre Babuíno! Deve estar bem cansado depois daquela luta. Vou embora, senão acabo

despertando-o.

Esperei até que ele se virasse e estivesse próximo à saída, andando na ponta dos pés, sem fazer nenhum ruído, para então chamá-lo:

— Meu pai — disse eu —, és tu?

— Sim, meu filho, sou eu; mas não quero incomodar-te. Apenas vim ver como estavas, e te dizer que aqueles que tentaram te matar, meu Babuíno, já estão bem longe, a caminho de Ela, que disse que também vocês deviam ir logo, mas acho que ainda não estão em condições.

— Não — respondi —, não antes de nos recuperarmos um pouco; leva-me porém para ver a luz do dia, meu pai, eu te peço. Não gosto deste lugar.

— De fato — disse ele — este lugar tem uma atmosfera triste. Lembro-me de que quando era menino descobri o corpo de uma bela mulher colocado onde estás agora; é, bem nessa laje.

Era tão bonita que fiquei com a mania de vir até aqui com um lampião e ficar olhando. Não fosse por suas mãos geladas acho que iria pensar que ela estava apenas dormindo e que um dia iria acordar, tão bela e cheia de paz estava em seu vestido branco. Era branca também, e tinha cabelos loiros que lhe chegavam quase aos pés. Ainda existem muitas como ela nos túmulos do lugar onde Ela mora, pois aqueles que as colocaram lá conheciam um modo, de que nada sei, de salvar suas amadas das mãos impiedosas da Decadência, até mesmo depois de a Morte as ter encontrado. Ah, todos os dias eu vinha até aqui e ficava olhando para ela, até que no final — não rias de mim, estrangeiro, pois eu não era mais que um rapazote tolo — aprendi a amar aquela forma morta, invólucro que um dia contivera uma vida não mais existente. Eu me aproximava dela e beijava-lhe a face fria, imaginando quantos homens tinham vivido e morrido desde que ela existia, e quem a tinha amado e abraçado em seus dias, já tão longínquos. E acho que aquela forma morta me ensinou alguma coisa, meu Babuíno, pois de fato aprendi uma verdade, que é a da insignificância da Vida, e da permanência da Morte, e de como todas as coisas que existem sob o sol têm de seguir seu destino e são para sempre esquecidas. E assim eu meditava, e parecia que aquele conhecimento chegava até mim através da morta, até que um dia minha mãe, uma mulher perspicaz mas impetuosa, percebendo que eu estava mudado, seguiu-me e viu a bela mulher branca; então teve medo de que eu estivesse enfeitado, como na Verdade estava. Assim, meio por medo e meio por raiva, pegou o lampião e, colocando a mulher morta de pé contra a parede, ateou fogo em seus cabelos; a mulher queimou inteira, dos pés à cabeça, pois as pessoas conservadas dessa maneira tornam-se facilmente inflamáveis.

"Olha, meu filho, os sinais da fumaça provocada pela queima ainda podem ser vistos no teto."

Levantei a cabeça, ainda duvidando, e lá estava, bem visível no teto de rocha do sepulcro, uma marca de fuligem gordurosa com três pés de diâmetro ou mais. Era evidente que com o correr dos anos os sinais haviam desaparecido "das paredes da pequena caverna, mas permaneceram no teto, e não havia dúvidas quanto à sua veracidade.

— Ela ficou totalmente queimada — continuou ele, num tom meditativo —, quase até os pés, mas esses pelo menos eu consegui salvar, cortando o osso

carbonizado e escondendo-os debaixo daquele banco de pedra, embrulhados num pedaço de linho. Tenho certeza disso, pois me lembro de tudo como se tivesse acontecido ontem. Talvez até ainda estejam aí, se ninguém os encontrou até hoje. Para falar a verdade, nunca mais havia entrado nessa câmara desde aquele dia. Espera, vou olhar. — E, ajoelhando-se, Billali tateou com o longo braço os escuros recessos debaixo do banco de pedra. Logo em seguida seu rosto se iluminou, e com uma exclamação ele tirou dali uma espécie de embrulho coberto de poeira, que sacudiu no chão. O objeto estava coberto com os restos de um trapo em decomposição; Billali desfez o pacote, revelando, para minha surpresa, o pé bem-feito de uma mulher quase branca, que parecia tão fresco e firme como se tivesse sido colocado ali no dia anterior.

— Vê, meu filho Babuíno — disse ele com a voz triste —, eu te falei a verdade, pois aqui está um dos pés. Pega-o, meu filho, e contempla-o.

Peguei na mão aquele fragmento gelado de mortalidade e olhei-o à luz do lampião com sentimentos que não posso descrever, tão misturados estavam o espanto, o medo e a fascinação. Era leve, muito mais leve, devo dizer, do que fora quando vivo, e a pele ainda conservava toda a sua aparência, embora tivesse um leve odor aromático. Não estava encolhido nem atrofiado, ou mesmo escuro e repugnante, como costuma ocorrer com as múmias egípcias; pelo contrário, era claro e carnudo, e, a não ser num ponto onde fora levemente chamuscado, perfeito como no dia da morte — um verdadeiro triunfo do embalsamamento.

Pobre pezinho! Coloquei-o de volta no banco de pedra, debaixo do qual havia permanecido durante tantos anos, e fiquei imaginando quem fora a beldade que ele carregara através da pompa e ostentação de uma civilização esquecida — primeiro uma alegre criança, depois uma jovem desabrochando para a vida, e por fim uma mulher perfeita. Através de que corredores da Vida aquele passo teria ecoado, e no final com que coragem teria pisado nos caminhos empoeirados da Morte! Para onde teria se esgueirado na calada da noite, enquanto o escravo negro dormia no chão de mármore, e quem teria ouvido a sua chegada? Formoso pezinho! Que bem poderia ter se colocado sobre o pescoço orgulhoso de um conquistador, finalmente curvado perante a beleza de uma mulher, e contra cuja brancura de pérola os lábios de nobres e reis poderiam ter sido pressionados.

Com o que restara do velho pedaço de linho, que me parece ter sido um pedaço da mortalha de sua dona, já que estava meio queimado, embrulhei de novo essa relíquia do passado e escondi-a na minha sacola de viagem — um lugar estranho para se guardar algo, pensei. Em seguida, com a ajuda de Billali, saí cambaleando para ver Leo. Encontrei-o bastante ferido, num estado muito pior que o meu, talvez devido à excessiva brancura de sua pele, e ainda bastante debilitado pela perda de sangue provocada pelo ferimento no lado esquerdo, mas apesar de tudo bastante alegre, e desejando comer algo. Job e Ustane colocaram-no numa liteira, que fora retirada de seus varais exatamente com essa finalidade, e com a ajuda do velho Billali carregaram-no até a entrada da caverna, de onde, por falar nisso, todos os traços da carnificina da noite anterior já tinham sido removidos. Naquele local tomamos café, e ali permanecemos durante todo o dia, e na verdade durante a maior parte dos dois dias que se

seguiram.

Na terceira manhã Job e eu estávamos quase recuperados. Leo também tinha melhorado tanto que acabei cedendo ao freqüente pedido de Billali e concordei em iniciar nossa viagem até Kôr, que, segundo nos fora dito, era o nome do local onde a misteriosa Ela vivia, embora ainda temesse os efeitos que essa viagem teria sobre Leo e estivesse apreensivo sobretudo quanto a possibilidade de que o movimento fizesse abrir de novo seu ferimento há pouco cicatrizado. Na verdade, não fosse pela evidente ansiedade de Billali em iniciar a viagem, que nos levava a suspeitar que alguma dificuldade ou perigo poderia nos ameaçar se não obedecêssemos, eu não teria concordado em ir tão cedo.

## Capítulo X - Especulações

Uma hora depois de nossa decisão de partir foram trazidas até a porta da caverna cinco liteiras, cada uma acompanhada por quatro carregadores e dois homens de reserva, além de um grupo de cinquenta *amahagger* armados, que devia formar a nossa escolta e carregar a bagagem. Três dessas liteiras, é claro, estavam reservadas para nós, e uma para Billali, que para meu imenso alívio tinha se proposto nos acompanhar, enquanto a quinta liteira, segundo presumi, deveria ser utilizada por Ustane.

— A senhorita vai conosco, meu pai? — perguntei a Billali, que estava por ali, supervisionando os preparativos.

Dando de ombros, ele respondeu:

— Se quiser. Nesse país as mulheres fazem tudo o que querem. Nós as reverenciamos e submetemo-nos a sua vontade, porque sem elas o mundo não poderia continuar; as mulheres são a fonte da vida.

— Ah! — comentei, pois nunca considerara a questão sob esse prisma.

— Nós as reverenciamos — continuou ele — até certo ponto, pois elas acabam por se tornar insuportáveis, o que — acrescentou — em geral ocorre a cada duas gerações.

— E então o que acontece? — perguntei, cheio de curiosidade.

— Então — respondeu ele, esboçando um sorriso — nos rebelamos e matamos as mais velhas para servir como exemplo às jovens e mostrar-lhes que somos mais fortes. Minha pobre esposa foi morta dessa maneira três anos atrás. Foi muito triste, mas para dizer a verdade, meu filho, a vida tem sido mais feliz desde então, já que a idade me protege das donzelas.

— Resumindo — repliquei, citando as palavras de um político cuja sabedoria ainda não iluminara a escuridão dos *amahagger* —, descobriste que tua posição atual implica mais liberdade e menos responsabilidade.

No início a imprecisão dessa frase confundiu-o um pouco, embora eu acredite que minha tradução tenha conseguido manter o sentido original; porém acabou por entendê-la e apreciá-la.

— É verdade, meu Babuíno — disse ele —, percebo o que queres dizer, mas todas as "responsabilidades" foram mortas, ou pelo menos a maioria delas, e é por isso que hoje existem tão poucas mulheres de idade. Bem, de qualquer forma a culpa é delas mesmas. Quanto a Ustane — continuou num tom mais sério —, não sei o que dizer. É uma garota corajosa, e está apaixonada pelo Leão; foste testemunha de como ela se grudou a ele, salvando-lhe a vida. Além disso, segundo os nossos costumes, está casada com ele e tem o direito de ir aonde ele for, a menos — acrescentou sugestivamente — que Ela diga não, pois suas palavras anulam todos os direitos.

— E se Ela ordenar que Ustane o deixe e a jovem se recusar? O que aconteceria?

— Se o furacão ordena que a árvore se incline e esta se recusa — respondeu ele dando de ombros —, o que acontece?

Em seguida, sem esperar uma resposta, Billali virou-se e dirigiu-se à sua liteira; dez minutos depois estávamos todos a caminho.

Levamos mais ou menos uma hora para cruzar a planície vulcânica em forma de taça e mais cerca de meia hora para subir até a borda, no lado mais distante. Uma vez ali, entretanto, a vista era maravilhosa. A nossa frente estendia-se um longo declive coberto de relva, cuja uniformidade era quebrada aqui e ali por aglomerados de árvores, a maioria delas da espécie dos espinheiros. No sopé dessa suave encosta, a cerca de nove ou dez milhas de distância, podíamos distinguir um confuso pântano, sobre o qual os vapores fétidos se acumulavam tal qual a fumaça em certas cidades. Era bastante fácil para os carregadores descerem a encosta, e por volta do meio-dia já tínhamos atingido as margens do melancólico pântano. Nesse ponto paramos para almoçar, e logo depois, seguindo uma trilha sinuosa e batida pelo vento, mergulhamos no charco. Pelo menos para nossos olhos destreinados a picada parecia ser tão estreita que se confundia com as trilhas feitas por pássaros e outros animais aquáticos, e até hoje é um mistério para mim a maneira como nossos carregadores encontravam o caminho através dos charcos. Na frente do cortejo seguiam dois homens, carregando longas varas que aqui e ali eram mergulhadas no solo à frente deles; a razão para esse procedimento era que a natureza do solo mudava freqüentemente, por motivos que ainda não compreendi bem, de forma que lugares em condições de ser atravessados provavelmente iriam tragar os viajantes no mês seguinte. Eu nunca vira uma cena tão lúgubre e deprimente. Milhas e milhas de atoleiros, entremeados de quando em quando pelo verde brilhante de faixas de terreno um pouco mais sólido e por lagoas sombrias e profundas ladeadas de altos juncos, onde se desenvolviam os abetouros e os sapos coaxavam incessantemente; milhas e milhas da mesma cena, sem qualquer clareira, a menos que a névoa do desassossego pudesse ser assim chamada. Os únicos seres vivos no imenso pântano eram os pássaros aquáticos e os animais que se alimentavam deles; entretanto, essas variedades de animais existiam em grande número. Gansos, garças, patos, galeirões, marrecos, narcejas e maçaricos abundavam à nossa volta; grande parte desses animais era novidade para mim, e todos se mostravam tão mansos que quase se podia atingi-los com um pedaço de pau. A espécie que mais me chamou a atenção foi uma bela variedade de narcejas pintadas, quase do tamanho de um frango-d'água e com um estilo de vôo que também lembrava mais essa ave que as narcejas existentes na Inglaterra. Nas lagoas viviam uma espécie de pequeno crocodilo ou iguana gigante, não consegui saber, que se alimentava, segundo Billali, de aves aquáticas, além de muitos exemplares de uma repelente cobra-d'água preta cuja mordida era bastante perigosa, embora não tão mortal, concluí, como a de uma naja ou a de uma víbora africana. Os sapos-bois também eram enormes, com vozes proporcionais ao seu tamanho; e quanto aos mosquitos — ou "musquitus", como Job os chamava — chegavam, se isso é possível, a ser piores do que tinham sido os do rio, e nos atormentavam sem parar. Sem nenhuma dúvida, entretanto, a pior característica do pântano era o horrível cheiro de vegetação podre que dele emanava, e que às vezes era simplesmente insuportável, além das exalações de malária que o acompanhavam, e que éramos obrigados a respirar.

Continuamos a caminhar charco adentro, até que por fim o sol se pôs com um sombrio esplendor, bem no momento em que alcançávamos uma região de terra mais elevada, com cerca de dois acres de extensão — um oásis de terra seca em meio à imensidão lamacenta —, e Billali anunciou que passaríamos a noite ali. O processo de acampar revelou-se, entretanto, bastante simples, consistindo na verdade em todos se sentarem em volta de uma fogueira reduzida, feita com juncos secos e alguma madeira trazida conosco. Mesmo assim aproveitamos o descanso da melhor maneira possível, fumando e comendo com todo o apetite que o cheiro do vapor sufocante e quente nos permitia, pois o calor era intenso nessa região, e ainda assim, por estranho que pareça, às vezes um ventinho frio nos arpejava. Mas com todo o calor que fazia estávamos bastante felizes por poder ficar perto do fogo, pois descobrimos que os mosquitos não gostavam de fumaça. Depois disso enrolamo-nos em nossos cobertores e tentamos dormir, mas, pelo menos no que me concerne, os sapos-bois e o extraordinário e alarmante rugido produzido pelas centenas de narcejas que cobriam o céu tornavam o sono uma impossibilidade — isso para não falar dos outros desconfortos. Virei-me e olhei para Leo, que estava a meu lado; parecia dormir, mas seu rosto tinha uma cor rosada que não me agradou muito; à luz bruxuleante da fogueira vi Ustane, deitada do outro lado de Leo, levantar-se de tempos em tempos e olhar para ele com bastante ansiedade.

Entretanto eu nada podia fazer para ajudar meu amigo, pois já tínhamos tomado uma boa dose de quinino, o único medicamento preventivo que possuíamos; sendo assim, deitei-me e fiquei olhando as estrelas surgirem aos milhares, até que todo o imenso arco do firmamento ficasse salpicado de pontinhos brilhantes — e pensar que cada ponto daqueles representava um mundo! Ali estava uma visão gloriosa, através da qual o homem podia avaliar muito bem a própria insignificância! Logo abandonei esses pensamentos, pois a mente se cansa com facilidade quando se empenha em entender o Infinito e tenta traçar os passos do Todo-Poderoso, à medida que Ele avança de esfera a esfera, ou mesmo deduzir Seu objetivo, a partir de Suas obras. O conhecimento dessas coisas não está ao nosso alcance. O conhecimento é a força, e somos fracos. Talvez o excesso de sabedoria cegasse nossa visão imperfeita, e muita força nos embriagasse ou sobrecarregasse nossa frágil razão até que ela sucumbisse e ficássemos perdidos nas profundezas de nossa própria vaidade. Pois qual é o resultado do crescente conhecimento humano em suas tentativas de interpretar o livro da Natureza através do esforço persistente de sua observação limitada? Por acaso não é fazer o homem questionar a existência de seu Criador, ou até mesmo de qualquer objetivo inteligente que não o próprio? A verdade é dissimulada, pois não podemos olhar para sua glória, da mesma forma que não conseguimos enfrentar o brilho do sol. Ela nos destruiria. O conhecimento absoluto não é apropriado para o homem em seu estágio atual, pois suas capacidades, que ele costuma considerar ilimitadas, na verdade são bastante reduzidas. O recipiente fica logo cheio, e se quebraria em pedacinhos caso a milésima parte da inexprimível e silenciosa Sabedoria que dirige os caminhos dessas esferas brilhantes e da Força que as impulsiona fosse pressionada para dentro dele. Talvez em outro lugar ou época as coisas sejam diferentes. Quem

pode dizer? Aqui o destino do homem nascido da carne não é outro senão o de suportar a labuta e as adversidades; agarrar as bolhas sopradas pela Fortuna, as quais ele chama de prazeres, e ficar agradecido se elas permanecerem por alguns instantes em sua mão antes de estourar; e quando a tragédia está terminada e a hora chegou, seguir humildemente rumo ao desconhecido.

Acima de mim brilhavam as estrelas eternas, enquanto sob meus pés as irrequietas bolas de fogo geradas pelo pântano rolavam para lá e para cá buscando a terra, impulsionadas pelos vapores; fiquei pensando que as duas coisas de certa forma representavam uma imagem do que o homem era e do que poderia ser, se o Poder vivo que o comandava, assim como àquelas duas coisas, ordenasse também isso.

Muitas especulações desse tipo passaram por minha cabeça naquela noite. Elas costumam atormentar todo mundo, de tempos em tempos. Digo "atormentar" porque — ora! — pensar nessas coisas só pode servir para nos dar a medida da impotência do próprio pensamento. Qual é o sentido do nosso débil choro nos imensos silêncios do espaço? Por acaso nossa inteligência limitada pode ler os segredos desse céu salpicado de estrelas? Porventura conseguimos encontrar alguma resposta? Não, nada, nunca — nada senão ecos e visões fantásticas! E ainda assim acreditamos que além do horizonte do túmulo existe uma resposta, e que através da Fé poderemos obtê-la. Sem Fé, sofreremos a morte moral, e por meio dela, subiremos ao Paraíso.

Cansado, mas ainda sem sono, passei a considerar nossa empreitada, em tudo o que tinha de fantástico. E mesmo assim não era estranho que a história toda combinasse com o que séculos antes fora escrito no fragmento? Quem era essa extraordinária mulher, rainha de um povo que parecia tão extraordinário quanto ela mesma, reinando cercada por vestígios de uma civilização perdida? E qual era o sentido dessa história de um Fogo que tinha o poder da vida eterna? Seria possível que existisse algum fluido ou essência capaz de fortificar essas paredes de carne a tal ponto que elas pudessem resistir à passagem do tempo e aos rudes golpes da decadência? Era possível, embora não fosse provável. A continuação indefinida da vida provavelmente não seria, como o pobre Vincey mesmo dissera, uma coisa tão maravilhosa como a produção da vida e sua duração temporária. E se tudo fosse verdade, o que aconteceria? A pessoa que tivesse esse poder sem dúvida conseguiria governar o mundo. Poderia acumular todas as riquezas, todo o poder e toda a sabedoria, que também significa poder. Poderia dedicar o tempo de uma vida inteira ao estudo de cada arte ou ciência. Bem, se tudo fosse verdade e essa Ela fosse praticamente imortal, no que eu não acreditava nem por um segundo, como seria possível que com todas essas coisas a seus pés ela preferisse permanecer numa caverna, vivendo numa sociedade de canibais? Com certeza isso resolvia a questão. A história era absurda, digna apenas dos dias supersticiosos em que fora escrita. De qualquer modo eu tinha certeza de que *não* tentaria obter a vida eterna.

Nos meus estranhos quarenta anos de vida eu já conhecera muito bem as preocupações, os desapontamentos e as amarguras secretas para desejar que essa situação continuasse indefinidamente. E ainda assim suponho que, comparada a outras, minha vida tenha sido razoavelmente feliz.

E em seguida, pensando que no presente momento havia muito mais possibilidades de que nossas carreiras terrestres fossem cortadas prematuramente do que prolongadas indefinidamente, consegui afinal pegar no sono, com o que por certo qualquer leitor desta narrativa, se porventura alguém um dia a ler, ficará bastante agradecido.

Quando acordei já estava amanhecendo, e os guardas e carregadores pareciam fantasmas andando de um lado para outro através da densa névoa da manhã, preparando as coisas para a nossa partida. O fogo estava quase apagado; levantei-me e me espreguicei, sentindo calafrios em todas as partes do corpo devido ao frio úmido da madrugada. Em seguida olhei para Leo. Estava sentado, com as mãos na cabeça, e vi que seu rosto ainda estava corado, os olhos, brilhantes, e que ao redor das pupilas havia um contorno amarelado.

— E então, Leo — disse eu —, como está se sentindo?

— Como se fosse morrer — respondeu ele com a voz rouca. — Minha cabeça está estourando, sinto tremores pelo corpo todo e estou terrivelmente enjoado.

Dei um assobio, ou pelo menos senti-me inclinado a fazê-lo, pois Leo estava com febre muito alta. Fui até onde Job estava, para pedir-lhe que pegasse o vidro de quinino, de que por sorte ainda tínhamos um bom suprimento, e acabei descobrindo que o estado do próprio Job não era muito melhor. Ele reclamava de dores nas costas e vertigens, e quase não conseguia andar. Então fiz a única coisa possível naquelas circunstâncias: dei aos dois cerca de dez miligramas de quinino e decidi tomar também uma pequena dose, como medida preventiva. Depois disso fui procurar Billali e fiz-lhe um relato da situação, perguntando qual seria a melhor coisa a fazer. Ele veio comigo e fomos examinar Leo e Job, a quem aliás Billali apelidara de Porquinho, graças à gordura, às faces redondas e aos olhos pequenos do meu amigo.

— Ah! — disse ele quando os dois já não podiam nos ouvir. — A febre! Eu já temia isso. O Leão está bem mal, mas é jovem e vai sobreviver. Quanto ao Porquinho, não está tão mal; pegou apenas a "pequena febre", a que sempre começa com dores no corpo. Ele vai se salvar graças à sua gordura.

— Eles podem seguir viagem, meu pai? — perguntei.

— Não há outra alternativa, meu filho, eles têm de continuar. Se pararem aqui com certeza vão morrer; além disso estarão melhor nas liteiras do que no chão. Mas hoje à noite, se tudo correr bem, estaremos fora do pântano, onde o ar é bem melhor. Venha, vamos colocá-los nas liteiras e partir, pois é muito ruim ficar parado aqui, nesta neblina matinal. Podemos tomar o café da manhã enquanto viajamos.

Fizemos exatamente isso, e com o coração pesado reiniciei aquela estranha jornada. Durante as primeiras três horas tudo correu tão bem como se poderia esperar; foi então que aconteceu um acidente que quase nos fez perder o prazer da companhia do nosso venerável amigo Billali, cuja liteira liderava a marcha. Estávamos atravessando um trecho de atoleiros muito perigoso, onde algumas vezes os carregadores chegavam a afundar até o joelho. Para falar a verdade eu não conseguia entender como eles eram capazes de carregar aquelas liteiras tão pesadas num terreno instável como aquele que atravessávamos, embora na

verdade os quatro carregadores tivessem de ser ajudados pelos dois homens de reserva.

De repente, enquanto andávamos às tontas chapinhando pelos charcos, ouviu-se um grito agudo seguido de uma torrente de exclamações, e por fim o barulho de uma tremenda pancada na água; depois disso a caravana inteira parou.

Pulei imediatamente de minha liteira e saí correndo. Cerca de vinte jardas à frente pude ver a borda de uma daquelas sombrias lagoas cheias de turfa de que já falei antes, e a trilha que seguíamos estava bem no topo da sua margem, que era bastante escarpada. Olhando em direção a essa lagoa percebi horrorizado que a liteira de Billali estava flutuando na água, enquanto ele próprio não podia ser visto em lugar algum. Para tornar as coisas mais claras vou explicar logo o que aconteceu. Por azar, um dos carregadores de Billali pisara numa cobra gigante, tendo sido picado no tornozelo; em consequência disso, como era de esperar, largou o varal que estava segurando e em seguida, ao perceber que estava caindo na margem, agarrou-se à liteira para se salvar. O resultado foi exatamente o que se podia prever. A liteira foi arrastada em direção à margem, os carregadores não conseguiram segurá-la, e Billali, junto com o homem que fora mordido, caiu dentro da lagoa cheia de lodo. Quando alcancei a beira da água não consegui ver nenhum dos dois; na verdade o desafortunado carregador nunca mais seria visto de novo. Bateu com a cabeça contra algo ou ficou atolado na lama, ou quem sabe a mordida da cobra o tenha paralisado. De qualquer modo desapareceu. Entretanto, embora Billali também não estivesse visível, seu paradeiro era bastante claro devido à grande agitação da liteira, em cujo tecido ele estava preso.

— Está ali! Nosso pai está ali! — disse um dos homens, embora não movesse um dedo para tentar ajudá-lo, assim como os outros. Simplesmente ficaram parados olhando para a água.

— Saiam da frente, seus covardes! — gritei em inglês e, tirando o chapéu, tomei um bom impulso e pulei bem no centro da horrível lagoa viscosa. Umhas poucas braçadas me levaram ao local onde Billali estava lutando para se livrar do emaranhado de tecidos.

De alguma forma, não sei bem como, consegui libertá-lo, e sua venerável cabeça, toda coberta de limo verde, parecendo a de Baco tomada pela hera, emergiu da superfície da água. O resto foi fácil, já que Billali era um indivíduo bastante prático e teve o bom senso de não se agarrar a mim, como costumam fazer as pessoas que estão se afogando. Segurei-o então pelo braço e reboquei-o até a margem, sobre cuja lama fomos arrastados com dificuldade. Nunca antes eu havia visto um espetáculo tão asqueroso como o que apresentamos, e talvez se possa ter uma idéia da quase sobre-humana dignidade da aparência de Billali ao se considerar que, embora tossindo, meio afogado e coberto de lama e lodo verde como estava, com a bela barba ensopada, o rabo-de-cavalo oleoso de um chinês, ele ainda parecia venerável e imponente.

— Seus cachorros! — vociferou, dirigindo-se aos carregadores assim que se recuperou o suficiente para poder falar. — Vocês iam me deixando, eu, seu pai, morrer afogado. Se não fosse por esse estrangeiro, meu filho, o Babuíno, com certeza teria me afogado. Jamais vou esquecer isso. — E olhou fixamente para

eles com os olhos brilhantes, embora ainda um pouco úmidos, de uma maneira que os fez se sentirem embaraçados, apesar de todos procurarem aparentar uma aborrecida indiferença.

— Quanto a ti, meu filho — continuou ele, voltando-se para mim e segurando-me as mãos —, podes ter certeza de que serei teu amigo em todos os momentos, bons ou maus. Salvas-te a minha vida: talvez um dia eu possa salvar a tua.

Depois disso nos limpamos o melhor que pudemos, recuperamos a liteira e seguimos viagem, *sem* o homem que se afogara. Não sei se porventura ele era impopular ou se o motivo era a indiferença e o temperamento egoísta dos nativos, mas o fato é que ninguém pareceu se importar muito com o repentino e definitivo desaparecimento do companheiro, com exceção do homem que foi escalado para substituí-lo.

## Capítulo XI - A planície de Kôr

Finalmente, e para meu grande alívio, mais ou menos uma hora antes do pôr-do-sol deixamos o grande cinturão de pântanos, atingindo uma região de terras que se elevavam em ondulações sucessivas. Exatamente antes de chegarmos ao cume da primeira, paramos para passar a noite. Minha primeira preocupação foi verificar as condições de Leo. O jovem estava pior do que pela manhã, e não parava de vomitar, situação essa que perdurou até a madrugada. Não tive nem uma hora de sono naquela noite, pois o tempo todo ajudei Ustane, uma das mais gentis e incansáveis enfermeiras que já conheci, a cuidar de Leo e Job. Entretanto o ar naquela região tinha uma temperatura agradável, sem ser excessivamente quente, e não havia muitos mosquitos. Além disso estávamos acima do nível da bruma dos charcos, que se estendia logo abaixo de nós como um manto de fumaça escura sobre uma cidade, iluminada aqui e ali, pelos globos móveis de fogo-fátuo. Por tudo isso podia-se considerar que, comparativamente falando, estávamos bem.

Ao amanhecer do dia seguinte Leo delirava um pouco, pensando estar dividido em duas metades. Sentia-me terrivelmente angustiado e comecei a imaginar com uma espécie de medo doentio qual seria o desfecho daquela situação. Ah! Eu já ouvira falar muitas vezes de como essas febres geralmente terminavam. Estava imerso nesses pensamentos quando Billali chegou e disse que precisávamos partir logo, sobretudo porque, na sua opinião, se Leo não chegasse a um lugar onde pudesse ficar imóvel e receber os cuidados apropriados dentro de no máximo doze horas, sua morte seria apenas uma questão de dias. Não pude deixar de concordar com ele, e por isso colocamos Leo na liteira e partimos, com Ustane caminhando ao lado de seu amado para espantar as moscas e impedir que ele se atirasse ao chão.

Meia hora depois do nascer do sol alcançamos o topo da elevação que mencionei antes, e uma vista maravilhosa descortinou-se para nós. A nossa frente se estendia uma rica extensão de terra, verdejante e encantadora, coberta de grama, folhagens e flores. Na extremidade oposta, a uma distância, calculo, de cerca de dezoito milhas de onde estávamos, uma enorme e extraordinária montanha se elevava abruptamente da planície. O sopé dessa grande montanha parecia ser uma encosta gramada, mas sobre ela, a uma altitude de cerca de quinhentos pés acima do nível da planície, havia uma enorme parede de rocha escarpada, com mil e duzentos a mil e quinhentos pés de altura. Essa montanha, que sem dúvida nenhuma era de origem vulcânica, parecia ser arredondada, mas como apenas um segmento da circunferência era visível, ficava muito difícil calcular seu tamanho real, que de qualquer modo era extraordinário. Mais tarde descobri que ela não podia cobrir menos do que cinquenta milhas quadradas de terreno. Nunca vi, e acredito que nunca vá ver, nada maior e mais imponente do que a visão proporcionada por esse grande castelo natural, que elevava a solitária grandeza, sobre toda a planície. Sua incrível solidão dava-lhe mais imponência, e seus picos escarpados pareciam beijar o céu. Na verdade a

maior parte deles ficava escondida pelas nuvens, que se agrupavam em massas felpudas sobre as encostas amplas e planas.

Sentei-me na liteira e fiquei admirando aquela paisagem majestosa e emocionante; suponho que Billali tenha percebido o que eu sentia, pois pediu que sua liteira fosse colocada a meu lado.

— Eis a morada de Ela-que-Deve-Ser-Obedecida! — disse. — Por acaso alguma rainha já teve um trono como esse?

— E maravilhoso, meu pai — respondi. — Como, porém, entraremos ali? Aqueles picos parecem ser difíceis de escalar.

— Vais ver, meu Babuíno. Agora olha para a trilha abaixo de nós. O que pensas ser? És um homem inteligente. Vamos, diz-me.

Olhei e vi o que parecia ser a linha de uma estrada, que seguia bem na direção do sopé da montanha, embora estivesse coberta de relva. Em ambos os lados dela havia altos barrancos, quebrados aqui e ali, mas no todo razoavelmente contínuos, cujo sentido não consegui entender. Parecia bastante estranho que alguém quisesse cercar daquela forma uma estrada.

— Bem, meu pai — respondi —, suponho que seja uma estrada, embora também esteja inclinado a dizer que era o leito de um rio, ou melhor, de um canal — acrescentei, observando a extraordinária regularidade do traçado.

Billali — que aliás não aparentava nem um pouco ter estado perto da morte no dia anterior — meneou a cabeça de maneira circunspecta e replicou:

— Estás certo, meu filho. E um canal construído por aqueles que viviam aqui antes de nós a fim de levar a água para longe. Disso tenho certeza: dentro do grande círculo rochoso da montanha para onde nos dirigimos já houve um dia um grande lago; então os primeiros habitantes desse local, por meio de artes maravilhosas que desconheço, escavaram uma trilha para a água atravessar a sólida rocha da montanha, fazendo as perfurações na altura do fundo do lago. Antes, porém, construíram o canal que atravessa a planície. Então, quando a água acabou por sair, caiu diretamente no canal que fora feito para recebê-la, cruzando a planície até alcançar as terras baixas que ficam atrás dessa elevação, e ali talvez tenha formado o pântano que acabamos de atravessar. Mais tarde, quando o lago já estava seco, o povo a quem me refiro construiu uma grande cidade onde fora seu leito, da qual nada restou além de ruínas e o nome de Kôr, e habitou durante muitos séculos as cavernas e passagens que vais conhecer.

— Pode ser — respondi; — mas se assim for, como se explica que o lago não tenha se enchido de novo com a água das chuvas da primavera?

— Não, meu filho, aquele era um povo sábio; eles deixaram um dreno para impedir que isso acontecesse. Vês aquele rio do lado direito? — Apontou para uma corrente de tamanho médio que serpenteava através da planície, a cerca de quatro milhas de nós. — Aquele é o dreno, e ele atravessa a parede da montanha bem no ponto em que se fez o corte para esse canal. No começo é provável que a água viesse por aqui; depois, porém, foi feito um desvio, e as pessoas passaram a usar o canal como estrada.

— Então não existe nenhum outro lugar por onde se possa entrar na grande montanha — perguntei —, exceto através do dreno?

— Existe um lugar — respondeu ele — que gado e homens a pé podem

cruzar com grande dificuldade, mas é um segredo. Podes procurar durante um mês e não irás encontrá-lo. É usado apenas uma vez por ano, quando os rebanhos que engordam nas encostas e nessa planície são levados para lá.

— E Ela fica o tempo todo ali dentro? — perguntei. — Ou vem algumas vezes para fora da montanha?

— Não, meu filho, onde ela está, lá está ela.

Aquela altura já avançáramos bastante na planície, e eu examinava com prazer a beleza variada das flores e árvores semi-tropicais, estas últimas crescendo isoladas ou sobretudo em grupos de três ou quatro; a maioria das árvores era de bom tamanho e parecia pertencer a uma variedade do carvalho. Havia também muitas palmeiras, algumas delas com mais de cem pés de altura, além de algumas das maiores e mais bonitas samambaias que já vi, rodeadas por nuvens de beija-flores coloridos e borboletas de grandes asas. Passeando através das árvores ou apenas deitados na grama longa e sedosa podiam-se ver todas as espécies de animais selvagens, desde rinocerontes até lebres. Vi um rinoceronte, grandes rebanhos de búfalos, cefos, quagas e antílopes negros, dos quais os mais bonitos eram os gamos; isso para não mencionar as espécies menores e três avestruzes que à nossa aproximação fugiram velozes, como nuvens brancas antes de um vendaval. Os animais existiam em tamanha profusão que após um tempo não consegui me conter. Tinha comigo na liteira um rifle esportivo Martini de um cano só, e ao perceber um belo e gordo cefo se esfregando contra o tronco de um dos carvalhos saltei para o chão e fui rastejando até ficar o mais próximo possível. O animal permitiu que eu chegasse até umas oitenta jardas de distância e só então virou a cabeça e olhou-me, preparando-se para fugir. Levantei o rifle, e mirando mais ou menos no meio do seu corpo, que estava virado de lado para mim, atirei. Nunca dera um tiro mais certo em toda a minha pequena experiência, pois o enorme gamo deu uma espécie de salto no ar e caiu morto. Os carregadores, que tinham parado para ver o que estava acontecendo, murmuraram surpresos, num cumprimento inusitado da parte daqueles homens taciturnos que nunca pareciam se surpreender com coisa alguma; logo em seguida um grupo deles saiu correndo para limpar o animal. Quanto a mim, embora estivesse bastante ansioso para examiná-lo, permaneci sentado na liteira, como se estivesse muito acostumado a matar cefos, sentindo ter subido vários graus na estima dos *amahagger*, que encaravam meu desempenho como uma manifestação de bruxaria de primeira classe. Entretanto eu nunca vira um cefo em seu hábitat natural. Billali me recebeu com entusiasmo.

— Maravilhoso, meu filho, o Babuino! — gritou. — Maravilhoso! És um grande homem, embora sejas feio. Se eu não tivesse visto com certeza nunca acreditaria. E disseste que vais me ensinar a matar dessa maneira?

— É claro, meu pai — respondi —, isso é fácil.

Mas ao mesmo tempo tomei a firme decisão de me jogar ao chão ou me refugiar atrás de uma árvore no exato momento em que "meu pai" Billali começasse a atirar.

Nada digno de nota aconteceu depois desse pequeno incidente, até cerca de uma hora e meia antes do pôr-do-sol, quando chegamos ao sopé da enorme massa vulcânica a que me referi antes. É quase impossível para mim descrever

sua assustadora grandeza da forma como a percebia, enquanto meus pacientes carregadores se moviam a custo ao longo do leito do antigo curso de água em direção ao ponto onde o imenso paredão marrom crescia rapidamente de precipício em precipício, até que seu cume se perdesse em meio às nuvens. Tudo o que posso dizer é que a intensidade de sua grandeza solitária, e sobretudo solene, me inundou um profundo terror. Continuamos subindo a encosta cintilante e ensolarada, até por fim as sombras arrepiantes vindas do alto engolirem o brilho, e naquele exato momento começamos a atravessar um corte feito na rocha. Aquele maravilhoso trabalho progredia cada vez mais para o fundo da montanha, e devia, ousado dizer, ter ocupado milhares de homens durante muitos anos. Na verdade até hoje não consigo imaginar de que forma aquilo tudo foi feito sem ajuda de pólvora ou dinamite. Esse é e deve permanecer como um dos mistérios daquela terra selvagem. Posso apenas imaginar que esses cortes e as vastas cavernas escavadas nas rochas eram obras empreendidas pelos governantes de Kôr, que ali viveram em tempos imemoriais e que, como no caso dos monumentos egípcios, tinham sido construídos com o trabalho de dezenas de milhares de prisioneiros durante um número indefinido de séculos. Mas quem foram essas pessoas?

Alcançamos afinal a face do próprio precipício e nos defrontamos com a entrada de um túnel escuro, que forçosamente me lembrava os túneis fabricados por nossos engenheiros do século XIX na construção das linhas ferroviárias. Desse túnel fluía um considerável volume de água. Para falar a verdade, embora acredite que ainda não tenha mencionado isso, a partir do ponto onde começava o corte na sólida rocha passáramos a seguir a corrente, que no final se transformava no rio já descrito por mim que serpenteava em direção ao lado direito da planície. Metade do corte formava um canal para a corrente, e a outra, colocada num nível um pouco mais alto — oito pés, aproximadamente —, era utilizada como estrada. Um tanto mais à frente entretanto a corrente fazia uma curva e seguia um leito próprio. Na entrada da caverna a caravana parou, e enquanto os homens se ocupavam em acender alguns lampiões de cerâmica que tinham trazido, Billali, descendo de sua liteira, informou-me polida mas firmemente que Ela ordenara que nossos olhos fossem vendados, para que não pudessemos aprender o segredo das trilhas que atravessavam o interior da montanha. É claro que aceitei a ordem de bom grado, mas Job, que apesar da viagem estava bem melhor, não gostou nada daquilo, vendo nesse expediente, assim me parece, o primeiro passo para termos a cabeça colocada em painéis ferventes. Porém acabou ficando mais tranquilo depois de eu lhe ter chamado a atenção para o fato de não haver painéis quentes disponíveis e nenhum fogo onde pudessem ser aquecidas, pelo menos que fosse do meu conhecimento. Quanto ao pobre Leo, depois de se revirar durante horas, para meu profundo alívio caiu por fim numa espécie de sono ou estupor, não sei bem qual dos dois, de modo que não havia necessidade de vendá-lo. A operação foi executada amarrando-se bem forte em volta dos nossos olhos um pedaço de pano que nada mais era senão o linho amarelo com que os *amahagger* que condescendiam em usar alguma roupa fabricavam suas vestimentas. Como descobri mais tarde esse linho, retirado dos túmulos, ao contrário do que supusera inicialmente, não era

fabricado pelos nativos. Depois de bem apertado, na nuca, o tecido foi amarrado debaixo do queixo com vários nós, para não escorregar.

Aliás, Ustane também teve os olhos vendados, não sei bem por quê, a não ser que temessem que ela pudesse nos revelar os segredos da rota.

Depois de realizada essa operação prosseguimos nosso caminho, e logo, pelo eco dos passos dos carregadores e barulho mais alto da água, provocado pela reverberação num espaço confinado, percebi que estávamos entrando realmente na grande montanha. Era uma sensação estranha aquela de ser levado para dentro do coração da rocha sem saber bem para onde, mas àquela altura eu já estava ficando acostumado a tais experiências e não me surpreendia com mais nada. Sendo assim, permaneci em silêncio, ouvindo os passos dos carregadores e o correr da água e tentando acreditar que me divertia. Naquele momento os homens começaram a entoar o melancólico canto que eu ouvira na noite em que fomos capturados na baleeira, e suas vozes produziram um efeito bastante curioso — na verdade, quase indescritível. Depois de algum tempo o ar estagnado começou a ficar extremamente denso e pesado, de tal forma que me senti sufocar, até que por fim a liteira fez uma curva, depois outra e mais outra, e o som da água corrente desapareceu. Depois disso o ar voltou a ficar mais fresco; as curvas, porém, continuaram, e eu, vendado como estava, ficava cada vez mais confuso. Tentei fazer de cabeça um mapa para o caso de algum dia ser necessário tentarmos escapar por aquela rota, mas, inútil dizer, falhei por completo. Passou-se outra meia hora ou coisa assim, quando de repente percebi que estávamos mais uma vez ao ar livre. Podia ver a luz através da venda e sentir a frescura do ar no rosto. Mais alguns minutos e as liteiras pararam; em seguida ouvi Billali ordenar a Ustane que tirasse a venda e desatasse os nós das nossas. Sem esperar pela ajuda, afrouxei o nó da minha e olhei ao redor.

Como previa, viajáramos através da montanha e agora estávamos no lado oposto, logo abaixo de sua face saliente. A primeira coisa que observei foi que o paredão de rocha não era tão alto naquele local, tendo no máximo quinhentos pés de altura, o que provava que o leito do lago, ou melhor, da vasta e antiga cratera onde estávamos ficava muito acima do nível da planície que circundava a montanha. Quanto ao resto, descobrimos que estávamos num lugar amplo, cercado de rocha e com o formato de uma taça, bastante parecido com o primeiro que conhecêramos, só que dez vezes maior. Na verdade eu mal conseguia discernir a linha sombria dos picos do lado oposto. Grande parte daquela planície que delimitara a Natureza estava cultivada e cercada de paredes de pedra, construídas para impedir que bois e bodes, dos quais havia grandes rebanhos, invadissem as plantações.

Espalhados pela planície cresciam tufo de grama, e a algumas milhas de distância em direção ao centro vi o que parecia ser o contorno de ruínas colossais. Porém não tive mais tempo de observar nada, pois fomos imediatamente cercados por uma multidão de *amahagger*, semelhantes sob todos os aspectos àqueles com quem já estávamos familiarizados e que embora falassem pouco fizeram um círculo tão fechado à nossa volta que uma pessoa deitada numa maça não poderia enxergar nada. De repente apareceram diversos homens armados organizados em pelotões; vieram a passos rápidos em nossa

direção, comandados por oficiais que carregavam varas de marfim, e tendo emergido — foi o que pude ver — da face do paredão como formigas saindo dos formigueiros. Esses homens, assim como os oficiais, tinham outras roupas além da pele de leopardo, e deduzi que faziam parte da guarda particular da própria Ela.

O líder avançou até Billali, saudou-o atravessando a vara transversalmente em frente à testa e em seguida perguntou alguma coisa que não consegui entender. Billali deu-lhe uma resposta breve, que fez o regimento virar-se e começar a marchar ao longo da lateral do penhasco, no que foram seguidos por nossa caravana de liteiras. Depois de viajar dessa forma durante meia milha paramos mais uma vez na frente da entrada de uma enorme caverna, com cerca de sessenta pés de altura por oitenta de largura. Naquele ponto Billali desceu da liteira e pediu que eu e Job o seguissemos — Leo, é claro, estava muito doente para nos acompanhar. Obedeci e entramos na grande caverna, penetrada até certa altura pelos raios do sol que se punha, sendo o restante, ou seja, a área que ficava fora do alcance da luz do dia fracamente iluminada por lâmpões que pareciam se estender por uma distância quase incomensurável, como as lâmpadas de gás de uma rua vazia de Londres.

A primeira coisa que observei foi que as paredes estavam cobertas por esculturas em baixo-relevo, a maior parte delas semelhantes às existentes nos vasos que já descrevi: a maioria retratava cenas de amor, depois vinham os motivos de caçadas, os retratos de execuções e de tortura dos criminosos, que consistia em se colocar em sua cabeça uma panela — presumivelmente com água fervente —, o que deixava bem claro de onde nossos anfitriões tinham tirado a idéia daquela prática tão agradável. Havia muito poucas cenas de batalhas, embora as de duelos e de homens correndo ou lutando fossem freqüentes; a partir desses dados fui levado a acreditar que aquele povo não estava muito acostumado a ataques de inimigos externos, seja por causa do isolamento em que viviam, seja por sua grande força. Entre os desenhos havia colunas de textos grafados na rocha numa língua cuja natureza era de todo nova para mim; de qualquer modo não era grego ou egípcio, hebraico ou assírio — disso tenho certeza. Seus caracteres pareciam-se mais com os chineses do que com quaisquer outros de que eu tenha conhecimento. Perto da entrada da caverna tanto os desenhos como os escritos estavam quase apagados; no interior dela, porém, muitos deles tinham o frescor e a perfeição do dia em que o escultor terminou seu trabalho.

O regimento de guardas não avançou além da entrada da caverna, onde fizeram uma formação que nos permitiu passar pelo meio. Assim que entramos, entretanto, fomos recebidos

por um homem vestido de branco que se inclinou com humildade mas não disse nada, o que não era de espantar, já que mais tarde descobrimos ser ele surdo-mudo.

Perpendicularmente à grande caverna, a uma distância de uns vinte pés a partir da entrada, havia uma caverna menor ou uma espécie de ampla galeria, que fora escavada na rocha tanto no lado direito como no esquerdo da caverna principal. Na frente dessa galeria, à nossa esquerda, estavam parados dois

guardas, fato que me levou a pensar que aquela poderia ser a entrada da moradia da própria "Ela. A entrada da galeria do lado direito não estava guardada, e o mudo indicou que era por ali que devíamos seguir. Depois de andar algumas jardas por essa passagem, que era iluminada por lâmpões, chegamos à entrada de uma câmara, entrada essa protegida por uma cortina feita de algum tipo de grama, cuja aparência não era muito diferente da de um tapete de Zanzibar. Fazendo outra profunda reverência o mudo afastou a cortina e nos conduziu a um cômodo de bom tamanho, escavado como de costume na rocha sólida, mas para meu grande alívio iluminado graças a uma seteira perfurada num lado do paredão. Nesse quarto havia um estrado de pedra, potes cheios de água para a higiene e peles de leopardo artisticamente tingidas que serviam de cobertores. Colocamos Leo na cama, ele ainda dormia a sono solto, e Ustane permaneceu a seu lado. Percebi que o surdo-mudo olhava para ela de forma estranha, como se quisesse dizer: "Quem é você, e com ordem de quem veio até aqui?" Em seguida, ele nos levou a um quarto muito parecido, que foi destinado a Job, e depois a outros dois, ocupados respectivamente por mim e Billali.

## Capítulo XII - Ela

A primeira preocupação minha e de Job, depois de cuidar de Leo, era tomar banho e colocar roupas limpas, pois as que estávamos usando não tinham sido trocadas desde o naufrágio do nosso barco. Por sorte, como creio já ter mencionado, a maior parte da nossa bagagem pessoal fora colocada na baleeira, sendo portanto salva; ela foi transportada até a montanha pelos carregadores, embora as provisões trazidas para serem trocadas ou para presentear os nativos tivessem se perdido. Quase todas as nossas roupas eram feitas de uma flanela cinzenta muito resistente, que eu considerei excelente para viajar naquela região. Embora uma jaqueta *norfolk*, uma camisa e calças compridas desse material pesassem não menos de quatro libras, o que era considerável em países tropicais, onde cada grama a mais aumenta o cansaço, eram roupas quentes refratárias aos raios de sol e principalmente às ondas de frio, tão frequentes em regiões onde ocorrem mudanças bruscas de temperatura.

Nunca vou esquecer o conforto da sensação de limpeza e daquelas flanelas aconchegantes. A única coisa que faltava para completar minha felicidade era um pouco de sabão, de que não dispúnhamos.

Mais tarde descobri que os *amahagger*, que não incluíam a sujeira entre suas várias características abomináveis, usavam uma espécie de carvão para se lavar; embora esse carvão tivesse uma textura desagradável até que se acostumasse a ele, era um substituto bastante razoável para o sabão.

Já vestido, e tendo aparado e penteado minha barba negra, cuja condição anterior de completo desleixo era suficiente para justificar o apelido de Babuíno que Billali me dera, comecei a me sentir incrivelmente esfomeado. Sendo assim, não fiquei nem um pouco triste quando, sem o menor aviso ou ruído preparatório, a cortina que havia na entrada de minha caverna foi levantada, e outra muda, dessa vez uma jovem, anunciou através de sinais que eu não podia deixar de entender — ou mais precisamente abrindo a boca e apontando para ela — que havia algo pronto para comer. Dessa forma, segui-a a outra câmara, em que não entráramos ainda, onde encontrei Job, que para seu grande constrangimento também fora levado até ali por uma bela jovem muda. Job nunca chegou a esquecer os avanços da mulher da panela fervente e suspeitava que toda mulher que se aproximava dele tinha as mesmas intenções.

— Essas jovens têm um jeito de olhar, senhor — dizia ele se desculpando —, que eu não chamaria de respeitável.

Essa câmara era duas vezes maior que as outras, e logo percebi que sua função original era a de refeitório e também, provavelmente, de sala de embalsamamento para os sacerdotes dos mortos; e posso muito bem explicar aqui que aquelas cavernas ocas nada mais eram do que vastas catacumbas, onde durante vários séculos os restos mortais da grande raça extinta, cujos monumentos nos cercavam, tinham sido primeiro embalsamados, com uma técnica e perfeição até hoje nunca igualadas, e mais tarde escondidos para sempre. Em cada lado dessa câmara de rocha havia uma mesa de pedra

comprida e sólida, com cerca de três pés de largura por um pouco mais que isso de altura, escavada na própria pedra, de que um dia fora parte e a que ainda se ligava pela base. Essas mesas eram ligeiramente ocas ou curvadas para dentro, de modo a dar lugar para os joelhos de quem se sentasse numa projeção da pedra, talhada de forma a funcionar como um banco, que acompanhava a parede da caverna a uma distância de cerca de dois pés da mesa. Além disso cada um desses bancos estava colocado de tal modo que sua extremidade terminava bem embaixo de uma seteira escavada na rocha para permitir a entrada do ar e da luz. Entretanto ao examinar essas mesas com mais cuidado percebi uma diferença entre elas que me escapara no início: uma das mesas, a que ficava à esquerda de quem entrava na caverna, fora obviamente utilizada não para comer, e sim para embalsamamento. Isso era evidente devido a cinco depressões existentes na pedra, cada uma com um formato semelhante ao de um ser humano, com um lugar separado para a cabeça e uma pequena elevação para apoiar o pescoço; cada depressão tinha um tamanho diferente, a fim de acomodar corpos que variassem de estatura, desde o de um homem adulto até o de uma criança, e com buracos perfurados a intervalos regulares que permitiam aos fluidos escoar. Na verdade, se ainda fosse necessária qualquer confirmação, tínhamos apenas de olhar as paredes da caverna para ter certeza. Pois ali estava, esculpida nas paredes do cômodo e parecendo tão fresca como se tivesse sido terminada há pouco, a representação pic-tórica da morte, do embalsamamento e do enterro de um homem velho, de longas barbas, por certo um antigo rei ou uma pessoa eminente daquele país.

A primeira figura representava a sua morte. O homem estava deitado num diva apoiado em quatro pés curvos que terminavam numa forma arredondada, dando-lhes a aparência de notas musicais. Evidentemente ele estava prestes a expirar, pois à sua volta estavam reunidas mulheres e crianças que choravam, as primeiras com os cabelos caindo sobre as costas. A cena seguinte reproduzia o embalsamamento do corpo, que fora colocado em cima de uma mesa onde havia depressões semelhantes às existentes na mesa à nossa frente; na verdade era provável que o desenho representasse essa mesma mesa. Três homens se ocupavam do trabalho: um supervisionava tudo; o outro segurava um funil que tinha o formato exato de um filtro para vinhos e cuja extremidade estava introduzida numa incisão feita no peito do morto, sem dúvida nenhuma na grande artéria peitoral; enquanto o terceiro, que fora retratado montado em cima do cadáver, segurava um enorme jarro na mão e dele despejava algum fluido fumegante que caía precisamente na boca do funil. A parte mais curiosa dessa imagem é que tanto o homem que segurava o funil quanto o que despejava o fluido tampavam o nariz; supus que essa atitude se devia ao mau cheiro que o cadáver exalava, ou mais provavelmente evitaria a aspiração dos vapores aromáticos que se desprendiam do fluido colocado nas veias do morto. Outra coisa curiosa e para a qual não encontro explicação é o fato de que os três homens eram representados com o rosto coberto por uma faixa de linho, com orifício no lugar dos olhos e do nariz.

A terceira escultura representava o enterro do morto. Ali estava ele, rígido e frio, vestido com uma túnica de linho, repousando numa laje de pedra

semelhante àquela em que eu havia dormido durante nossas primeiras noites entre os *amahagger*. Havia lâmpões acesos sobre a cabeça do morto e a seus pés, e ao lado tinham sido colocados vários dos belos vasos pintados a que já me referi antes, e que talvez estivessem cheios de provisões. A pequena câmara estava lotada de carpideiras, e músicos tocavam instrumentos semelhantes a liras, enquanto próximo ao pé do morto um homem segurava um lençol, prestes a colocá-lo sobre o cadáver.

Essas esculturas, consideradas apenas como trabalhos artísticos, eram tão admiráveis que não me sinto culpado por descrevê-las de maneira tão completa. Considero-as também de interesse inigualável por representarem com precisão quase científica os ritos de morte praticados por um povo já de todo esquecido, e naquela ocasião pensei em quão invejosos ficariam certos amigos colecionadores que tenho em Cambridge se algum dia eu tivesse a oportunidade de descrever-lhes essas maravilhosas relíquias. Por certo eles iriam dizer que eu estava exagerando, não obstante o fato de cada página dessa história trazer tantas evidências internas de sua veracidade que obviamente seria quase impossível para mim tê-la inventado.

Voltemos aos fatos. Depois de ter examinado às pressas as esculturas — acho que esqueci de mencionar que eram feitas em alto-relevo —, sentamo-nos para fazer uma excelente refeição composta de carne de bode cozida, leite fresco e bolos de farinha, tudo isso servido em travessas de madeira.

Terminando de comer voltamos para verificar o estado do pobre Leo, enquanto Billali dizia que precisava esperar por Ela para ouvir as suas ordens. Quando chegamos ao quarto de Leo o encontramos extremamente doente. Saiu de seu torpor e estava fora de si, tendo de vez em quando acessos de violência e balbuciando sem parar a respeito de uma corrida de barcos no rio Cam. Para falar a verdade, ao entrarmos no quarto Ustane tentava acalmá-lo. Falei com ele, e minha voz pareceu aquietá-lo; de qualquer modo ele ficou bem mais tranqüilo, e foi até mesmo persuadido a engolir uma dose de quinino.

Eu já estava sentado ao lado de Leo havia mais de uma hora, talvez — ou pelo menos lembro-me de que estava ficando tão escuro que eu apenas conseguia ver sua cabeça, que parecia um raio de ouro sobre o travesseiro improvisado com uma sacola coberta por um cobertor —, quando de repente Billali chegou com ares de grande importância e informou-me que a própria Ela condescendera em manifestar o desejo de me ver — uma honra, acrescentou, concedida a muito poucos. Acredito que ele tenha ficado um pouco horrorizado com a minha maneira fria de receber a honra, mas a verdade era que eu não me sentia esmagado pela gratidão ante a perspectiva de conhecer uma rainha selvagem e obscura, não importa quão misteriosa e absoluta pudesse ser, sobretudo num momento em que minha mente estava tomada pelo querido Leo, por cuja vida começava a temer grandemente. Mesmo assim levantei-me para acompanhá-lo, e ao fazer isso avistei alguma coisa que brilhava no chão e abaixei-me para pegá-la. Talvez o leitor se lembre de que junto com o fragmento havia no escrínio um escaravelho marcado com um *o* redondo, um ganso, e outro curioso hieróglifo cujo significado era *Suten se Ra*, ou O Filho Real

do Sol. Leo insistira em colocar esse escaravelho, que era bem pequeno, num enorme anel de ouro maciço, semelhante aos que em geral são usados como sinetes, e foi exatamente esse anel que encontrei. Supus que o jovem o tinha tirado e lançado no chão de pedra durante uma das acometidas da febre. Achando que o anel poderia sumir, se o deixasse ali, coloquei-o em meu próprio dedo mínimo e segui Billali, deixando Job e Ustane na companhia de Leo.

Atravessamos a passagem e cruzamos a grande caverna semelhante à nave lateral de uma igreja, alcançando a passagem correspondente do outro lado, em cuja entrada os guardas estavam imóveis, tal qual duas estátuas. A medida que nos aproximávamos, os dois inclinaram a cabeça em sinal de saudação e depois, levantando as longas lanças, colocaram-nas transversalmente na frente da testa, do mesmo modo como o líder dos soldados fizera com a vara de marfim ao nos encontrar. Passamos entre os dois e chegamos a uma galeria muito semelhante à que levava r» nossos próprios cômodos, a não ser pelo fato de que essa passagem estava mais bem iluminada. Alguns passos adiante fomos recebidos por quatro mudos — dois homens e duas mulheres — que fizeram profundas reverências e em seguida se colocaram em formação, as mulheres na frente e os homens atrás de nós; dispostos dessa maneira continuamos nossa procissão, atravessando várias portas encimadas por cortinas semelhantes às existentes em nossos quartos, e que, segundo descobri mais tarde, eram as entradas dos cômodos ocupados pelos mudos que serviam a Ela. Alguns passos mais e chegamos a outra porta, colocada bem à nossa frente, e não à esquerda, como as outras, e que parecia marcar o final daquele corredor. Nesse local havia outros dois guardas vestidos de branco, ou melhor, com túnicas meio amareladas, que também se inclinaram e nos saudaram, deixando-nos passar pelas pesadas cortinas e entrar numa enorme antecâmara; esse cômodo tinha quase quarenta pés de comprimento por muitos outros de largura, e nele havia oito ou dez mulheres de cabelos louros, a maioria delas jovens e belas, sentadas em almofadas, trabalhando com agulha de marfim em algo que parecia ser uma tela de bordar. Essas mulheres também eram surdas-mudas. Na extremidade mais distante desse cômodo grande e iluminado havia uma segunda entrada, coberta por pesadas tapeçarias de estilo oriental bem diferentes das cortinas colocadas nas portas dos nossos quartos; na frente dessa entrada viam-se duas mudas particularmente belas, que permaneciam com a cabeça inclinada sobre o joelho e as mãos cruzadas, numa atitude de completa submissão. A medida que avançamos, cada uma delas estendeu um braço e puxou a cortina para o lado. Nesse momento Billali fez uma coisa curiosa. Aquele venerável e distinto senhor — pois Billali era acima de tudo distinto — ficou de quatro e começou a se movimentar pelo cômodo nessa posição pouco digna, com a longa barba se arrastando pelo chão. Comecei a segui-lo, mas de pé, na posição normal. Olhando por cima do ombro, ele percebeu e disse:

— Abaixa-te, meu filho; abaixa-te, meu Babuíno; fica de quatro, vamos! Acabamos de entrar na presença de Ela, e se não fores humilde, com certeza ela te fulminará no local onde estiveres.

Parei, sentindo medo. Na verdade meus joelhos começaram a tremer; meus pensamentos, entretanto, vieram em meu socorro. Sou inglês e por que, perguntei

a mim mesmo, deveria me arrastar na presença de uma selvagem como se fosse um macaco? Não iria e não conseguiria fazer isso, isto é, a menos que estivesse absolutamente certo de que minha vida ou meu conforto dependessem disso. Pois uma vez que começasse a andar de joelhos, teria de fazer isso sempre, o que configuraria um reconhecimento patente da minha inferioridade. Sendo assim, fortificado pelo preconceito insular em relação à submissão, que, com a maior parte de nossos chamados preconceitos, tem uma grande dose de senso comum a recomendá-lo, continuei a caminhar com toda a audácia. Logo em seguida chegamos a outro cômodo, bem menor que o anterior, cujas paredes estavam cobertas por ricas cortinas, do mesmo tipo das que havia sobre as portas; mais tarde descobri que essas peças eram resultado do trabalho das mudas que se sentavam na antecâmara; elas teciam diversas faixas que posteriormente eram costuradas, formando as cortinas. Além disso, espalhados aqui e ali por todo o aposento, viam-se sofás de uma bela espécie de madeira negra da família do ébano incrustada de marfim, e sobre o assoalho podiam-se ver diversas outras tapeçarias, ou melhor, tapetes. Na extremidade oposta desse apartamento havia o que parecia ser um recesso, também adornado com cortinas, através das quais brilhavam raios de luz. O resto do aposento estava vazio.

Penosa e lentamente o velho Billali se arrastou por toda a extensão da caverna, e eu, com o ar mais digno que consegui encontrar, segui andando atrás dele. Mesmo assim sentia que não estava conseguindo o que queria. Para começar, é muito difícil aparentar dignidade quando se está andando atrás de um velho que se arrasta sobre a barriga como uma cobra. Sendo assim, para não ultrapassá-lo, ou eu tinha de manter minha perna no ar durante alguns segundos antes de cada passo ou então dar uma paradinha entre os passos, mais ou menos como Mary, rainha da Escócia, seguindo para a execução numa peça de teatro. Billali não era um especialista na arte de rastejar — suponho que a idade atrapalhasse um pouco —, e portanto nosso progresso através do aposento era bastante penoso. Eu estava logo atrás de Billali, e em diversas ocasiões fiquei tentando a impulsioná-lo para a frente com um chute. Parecia absurdo avançar na presença da realeza selvagem à maneira de um irlandês levando um porco ao mercado. Era isso que parecíamos, e essa idéia quase me fez dar uma risada. Verdade. Fui obrigado a assoar o nariz para reprimir essa tendência a uma manifestação inconveniente de alegria, e esse procedimento encheu o velho Billali de horror, pois olhou-me por sobre os ombros e, fazendo uma cara medonha, murmurou:

— Oh, meu pobre Babuíno!

Por fim alcançamos as cortinas, onde Billali despencou no chão, com as mãos estendidas para a frente como se estivesse morto, e eu, sem saber o que fazer, comecei a examinar o local. Naquele instante percebi que havia alguém olhando para mim por trás das cortinas. Não conseguia ver quem era, mas podia sentir muito bem o olhar dele ou dela, e, o que é mais importante, esse olhar produzia um efeito bastante estranho sobre meus nervos. Estava apavorado, sem saber por quê. O lugar era muito estranho, é verdade, e parecia abandonado, a despeito da rica decoração e do suave brilho dos lampiões — na verdade esses acessórios apenas aumentavam, ao invés de diminuir, a solidão do local, exatamente como

à noite uma rua vazia iluminada tem a aparência muito mais solitária do que uma escura. Tudo estava em absoluto silêncio e ainda havia Billali, estendido como um cadáver diante das pesadas cortinas, através das quais passava o odor de perfumes que pareciam flutuar em direção às sombras do teto abobadado. Os minutos se passavam, e ainda não havia nenhum sinal de vida e nenhum movimento das cortinas; porém, eu podia sentir o peso de um olhar me atravessando e me enchendo do mais profundo terror, até que o suor começou a gotejar sobre minhas sobrancelhas.

Afinal a cortina começou a se mover. Quem poderia estar atrás dela? Uma rainha selvagem nua, uma lânguida beleza oriental, ou uma jovem do século XIX tomando o chá da tarde? Não tinha a menor idéia, e não teria ficado surpreso com a visão de nenhuma das três. Na verdade eu já estava além da possibilidade de surpresa. Naquele momento a cortina se agitou, e por entre suas dobras apareceu uma belíssima mão branca, branca como a neve, com dedos longos e afilados, terminando nas unhas mais rosadas que já vi. Essa mão segurou a cortina, colocando-a de lado, e em seguida uma voz falou, acho que a voz mais suave e ao mesmo tempo mais cristalina que já ouvi na vida. Lembrava-me o murmúrio de um riacho.

— Estrangeiro — disse a voz em árabe, mas um árabe muito mais puro e clássico do que o dos *amahagger* —, estrangeiro, por que tens tanto medo?

Até então eu estava satisfeito, pois apesar do terror que trazia no íntimo eu havia conseguido manter um controle completo sobre minha fisionomia, e assim essa questão me surpreendeu um pouco. Antes, porém, que tivesse decidido de que maneira iria respondê-la, a cortina se abriu, e uma figura alta apareceu. Digo "figura" porque não apenas o corpo mas também o rosto estavam cobertos por um material branco suave e diáfano, de tal forma que à primeira vista não pude deixar de pensar num cadáver embrulhado numa mortalha. E mesmo assim não sei por que tive essa impressão, já que o tecido era tão fino que sob ele podia muito bem distinguir o brilho da carne rosada. Suponho que essa impressão derivava da maneira como as coisas estavam arrumadas, acidental ou, o que era mais provável, propositalmente. De qualquer modo senti-me mais apavorado do que nunca perante aquela aparição fantasmagórica, e meus cabelos começaram a ficar arrepiados à medida que me envolvia a certeza de estar na presença de algo que não era natural. Mesmo assim podia perceber com clareza que a figura enfaixada como uma múmia à minha frente era a de uma mulher alta e atraente, cuja beleza saía por todos os poros, dona de uma espécie de graça felina que até então eu nunca vira. Quando ela movia a mão ou o pé todo o seu corpo parecia ondular, e o pescoço não dobrava, e sim se curvava.

— Por que estás tão apavorado, forasteiro? — perguntou de novo a voz doce, uma voz que, como os acordes da mais suave melodia, parecia atingir direto o coração. — Existe algo em mim que possa amedrontar um homem? Se assim for, então com certeza os homens mudaram muito! — Em seguida, com um movimento um pouco pretensioso, virou-se, mantendo um dos braços erguido, de forma a poder revelar toda a sua graça e os ricos cabelos, negros como o ébano, que caíam em suaves ondulações por sobre o alvo tecido, chegando-lhe quase aos pés, cobertos por sandálias.

— É tua beleza que me faz temer, ó rainha — respondi humildemente, quase sem saber o que dizia; enquanto falava tive a impressão de ouvir o velho Billali, que ainda estava prostrado no chão, murmurar: "Bom, meu Babuíno, muito bom!"

— Vejo que os homens ainda sabem como enganar as mulheres com falsas palavras — respondeu ela dando uma risada que soou como distantes sinos de prata. — Ah, forasteiro, tens medo porque meus olhos estão vasculhando teu coração; é por isso que tens medo. Mesmo assim, como sou apenas uma mulher, vou te perdoar pela mentira, pois foi dita com cortesia. E agora diga-me como chegaste a esta terra de habitantes das cavernas, uma terra de pântanos e maldade, e das velhas sombras dos mortos. Vieste para ver o quê? Será possível que dás tão pouco valor a tua vida a ponto de colocá-la na cavidade da mão de Hiya, nas mãos de Ela-que-Deve-Ser-Obedecida? Conte-me também como chegaste a conhecer a língua que falo. É uma língua arcaica, a doce filha do velho síriaco. Ela ainda vive no mundo? Como podes ver, moro entre as cavernas e os mortos, nada sabendo a respeito dos homens, nem me interessando em saber. Tenho vivido, forasteiro, com minhas memórias, e essas memórias estão numa sepultura cavada por minhas próprias mãos, pois já foi dito, com razão, que o filho do homem traça a própria trilha do mal. — E nesse ponto a bela voz tremeu, transformando-se num murmúrio tão doce como o de qualquer pássaro da floresta. De repente seus olhos caíram sobre a figura estatelada de Billali, e ela pareceu se recompor um pouco.

— Ah! Estás aqui, velho homem. Conte-me o que aconteceu de errado em tua família. Sem dúvida parece que esses meus convidados foram atacados. Ah, e um deles esteve prestes a ser assassinado com a panela fervente e comido por aqueles brutos, teus filhos, e não tivessem os outros lutado bravamente, também teriam sido mortos, e nem mesmo eu poderia ter chamado de volta uma vida, depois que ela se separasse do corpo. O que significa isso, velho homem? O que tens a dizer para impedir que te entregue àqueles que executam minha vingança?

A voz da mulher se levantara em sua ira, até soar, clara e fria, contra as paredes de rocha, e achei que podia perceber os olhos dela flamejando através da gaze que os escondia. Pobre Billali! Ele, que antes me parecia uma pessoa de fato corajosa, estava todo trêmulo de terror perante aquelas palavras.

— Ó Hiya! Ó Ela! — disse ele sem levantar a cabeça branca do chão. — O Ela, tu que és tão poderosa, tem piedade, pois agora, como sempre, serei teu servo e te obedecerei. Não foi nenhum plano ou falha minha, ó Ela; foi obra daqueles malditos a quem chamam de meus filhos. Liderados por uma mulher a quem um de teus convidados, o Porquinho, tinha desprezado, eles queriam seguir o antigo costume da terra e comer o negro rechonchudo que chegara junto com esses teus convidados, o Babuíno e o Leão — que está doente —, achando que não dirias uma palavra a respeito dele. Mas quando o Babuíno e o Leão perceberam o que iria acontecer, mataram a mulher e também o servo negro, para salvá-lo do horror da panela. Foi aí que aqueles malditos, ah, aqueles filhos do mal que vive nas cavernas, ficaram sequiosos por sangue e se atiraram sobre o Leão, o Babuíno e o Porquinho. Mas eles lutaram bravamente, ó Hiya! Lutaram como homens e mataram muitos, conseguindo se defender; foi então

que cheguei e os salvei, enviando os malfeitores para Kôr, a fim de serem julgados por tua grandeza, ó Ela! E aqui estão eles.

— Ah, velho, sei disso, e amanhã mesmo vou me sentar no grande salão e fazer justiça, não temas. E quanto a ti, eu te perdôo, embora não devesse. Espero que de agora em diante controles melhor tua família. Agora vai!

Billali ficou de joelhos com uma vitalidade impressionante e após inclinar a cabeça por três vezes, fazendo a barba branca varrer o chão, arrastou-se para fora do aposento como fizera para entrar, até que por fim desapareceu através das cortinas, deixando-me (confesso que um pouco temeroso) sozinho com aquela terrível mas fascinante mulher.



### Capítulo XIII - Ayesha se revela

— Lá se foi ele — disse Ela —, o velho tolo de barbas brancas! Ah! Como é pouco o conhecimento que um homem adquire na vida. Ele reúne o saber como se reunisse água, mas como água o saber lhe escorre por entre os dedos, e mesmo assim, se as mãos dele ficarem apenas úmidas, como se tivessem recebido um pouco de orvalho, toda uma geração de tolos vai dizer: "Olhem, aquele homem é um sábio!" Não é assim que acontece? Mas como é teu apelido? "Babuino" foi o que ele disse — e ela riu; — esse é o jeito desses selvagens, que não têm imaginação, e chamam as pessoas pelos nomes dos animais com que elas se parecem. De que modo as pessoas te chamam em teu próprio país, forasteiro?

— Chamam-me de Holly, ó rainha — respondi.

— Holly — repetiu ela, pronunciando a palavra com dificuldade, mas mesmo assim com um sotaque gracioso. — E o que significa "Holly"?

— Holly é uma árvore espinhosa — respondi.

— Muito bem. Então tens o ar espinhoso e ao" mesmo tempo parecido com uma árvore. És forte e feio; porém se não me falha a sabedoria és honesto no fundo do coração, e alguém em quem se pode confiar; além disso, também sabes pensar. Mas vem, Holly, não fiques aí parado; entra e senta-te junto a mim. Percebi que não te arrastaste pelo chão como aqueles escravos. Estou tão cansada da admiração e do terror deles que algumas vezes, quando me envergonham, tenho vontade de fulminá-los por puro esporte, e ainda ficar observando os outros empalidecerem de terror. — E com essas palavras a rainha afastou com a mão de marfim a cortina que nos separava, para que eu pudesse passar.

Entrei, um pouco trêmulo. Aquela mulher era terrível. Atrás das cortinas havia um recesso de cerca de doze pés por dez onde estavam colocados um diva e uma mesa, sobre a qual havia frutas e água mineral. Ao lado da mesa, na outra extremidade do aposento, estava colocado um vaso, que mais parecia uma fonte esculpida em pedra, também cheio de água pura. O lugar era debilmente iluminado por lampiões semelhantes aos que já descrevi antes, e o ar e as cortinas exalavam um suave perfume. Esse perfume parecia emanar do magnífico cabelo e do traje branco e justo da própria Ela. Entrei no pequeno aposento e fiquei ali parado, meio sem saber o que fazer.

— Senta-te — disse Ela, apontando para o diva. — Por enquanto não tens nenhum motivo para ter medo de mim. E se tiveres não será por muito tempo, pois te matarei. Sendo assim, é melhor relaxares.

Sentei-me numa das extremidades do diva, próximo ao vaso em forma de fonte, e Ela se deixou cair lentamente na outra extremidade.

— E agora, Holly — começou ela —, gostaria de saber como chegaste a conhecer tão bem o árabe. E minha querida língua materna, pois sou árabe de nascimento, e até mesmo uma *al Arab al Ariba*, ou seja, uma árabe entre os árabes, e da raça de nosso pai Yárab, filho de Káhtan, já que nasci na bela e

antiga cidade de Ozal, na província de Yamana, o Feliz. Entretanto o teu árabe não se parece com o que falávamos. Tua fala não tem a musicalidade da suave linguagem das tribos de Hamyar, que eu estava habituada a ouvir. Algumas palavras também parecem mudadas, assim como entre os *amahagger*, que já adulteraram e corromperam sua pureza original, de modo que tenho de falar com eles numa língua que parece estranha para mim. {13}

— Estudei árabe durante muitos anos — respondi. — Além disso o árabe é falado no Egito e em diversos outros lugares.

— Então ainda se fala árabe e ainda existe um Egito? E qual é o faraó que se senta no trono? Ainda é algum dos descendentes do persa Oco, ou os aquemênios já deixaram o país, visto que estão longe os dias Oco?

— Os persas já não estão mais no Egito há cerca de dois mil anos, e desde então os ptolomeus, os romanos e muitos outros já floresceram e dominaram a região do Nilo, sendo derrotados no devido tempo — respondi, espantado. — Mas como foi que ficaste sabendo a respeito do persa Artaxerxes?

Ela apenas riu, sem dar resposta alguma, e de novo um arrepio gelado percorreu-me o corpo. — E a Grécia — continuou ela —, ainda existe uma Grécia? Ah, como eu amava os gregos! Eram tão bonitos como o dia e inteligentes, apesar de violentos e instáveis.

— Claro — respondi —, existe uma Grécia, bem como o povo grego. Entretanto, os gregos de hoje em dia não são mais como os de antigamente, e a própria Grécia não é mais que um arremedo da antiga e poderosa Grécia.

— Ora! E quanto aos hebreus, ainda estão em Jerusalém? E ainda existe o templo construído pelo rei sábio, e se existe, que Deus é ali cultuado? Apareceu mesmo aquele Messias de quem tanto falavam e faziam profecias em voz alta, e é Ele quem governa a terra?

— Os judeus foram derrotados e se dispersaram, e fragmentos desse povo estão espalhados pelo mundo inteiro; Jerusalém não existe mais. Quanto ao templo construído por Herodes. . .

— Herodes! — exclamou ela. — Não conheço nenhum Herodes. Mas conta-me.

— Os romanos o queimaram, e as águias romanas voaram através das ruínas. A Judéia agora é um deserto.

— Ora, vejamos só! Foram um grande povo, esses romanos, e rumaram diretamente para o seu final; na verdade chegaram a apressá-lo, como o Destino, ou como suas próprias águias buscando a presa! E deixaram paz atrás de si.

— *Solitudinem faciunt, pacem appellant* — sugeri.

— Ah, também sabes falar latim! — disse ela um pouco surpresa. — Soa meio estranho em meus ouvidos depois de todos esses anos, e duvido que teu sotaque não seja parecido com o dos romanos. Quem escreveu isso? Não conheço essa frase, mas é um dito verdadeiro desse grande povo. Parece que encontrei um homem culto — alguém cujas mãos já seguraram a água do conhecimento do mundo. Sabes falar grego também?

— Sei, rainha, e também um pouco de hebraico, mas não falo bem nenhuma

das duas línguas. Hoje são línguas mortas.

Ela bateu palmas com uma alegria infantil. — Conseguiste cultivar os frutos da sabedoria nessa árvore feia que é o teu corpo, Holly — disse; — mas voltando àqueles judeus que eu odiava, pois me chamavam de paga e idolatra quando tentava lhes ensinar minha filosofia, veio mesmo o tal Messias, e é Ele quem governa o mundo?

— O Messias veio — respondi com reverência; — porém, veio pobre e humilde, e não O quiseram. Açoitaram-No e crucificaram-No, mas mesmo assim Suas palavras e obras permanecem, pois Ele era o Filho de Deus, e na verdade realmente governa a metade do mundo, mas não possui um império.

— Ah, os lobos sanguinários — disse ela —, os seguidores da Razão e de diversos deuses, seqüiosos de lucro. Ainda consigo ver suas faces escuras. Então crucificaram o Messias? Era de esperar. O fato de o Messias ser Filho do Espírito Vivo — se realmente Ele o era, e a respeito disso podemos conversar mais tarde — não significava nada para eles.

"Não se importariam muito com nenhum Deus que não viesse cheio de poder e pompa. Eles, um povo escolhido, um receptáculo Daquele a quem chamam de Jeová, ah, e um receptáculo de Baal e de Astartéia, e um receptáculo dos deuses dos egípcios — um povo audacioso, ávido por qualquer coisa que lhe trouxesse riqueza e poder. Sendo assim, crucificaram o Messias porque Ele chegou humildemente — e agora estão dispersos por todas as partes do mundo? Porque, se me lembro bem, esse era o destino deles, segundo as palavras de um de seus profetas. Bem, azar deles. . . desses judeus, que partiram meu coração e fizeram-me olhar com maldade o resto do mundo, ai, e me enviaram para este pedaço de terra selvagem. Enquanto eu tentava lhes transmitir sabedoria em Jerusalém, eles me atiravam pedras; verdade, no portão do Templo, aqueles rabinos e hipócritas de barbas brancas incitavam as pessoas a atirar pedras em mim! Veja, ainda tenho marcas daquele dia até hoje!" E com um movimento inesperado levantou os tecidos diáfanos que cobriam seu braço roliço, apontando para uma pequena cicatriz que se destacava, vermelha, contra a beleza de sua pele branca.

Horrorizado, fiz um movimento brusco para trás.

— Perdoa-me, rainha — disse eu —, mas estou desnorteado. Aproximadamente dois mil anos já se passaram desde que o Messias dos judeus foi crucificado em Gólgota. Como então é possível que tenhas ensinado tua filosofia aos judeus antes que Ele existisse? Es uma mulher, não um espírito. Como pode uma mulher viver dois mil anos? Por que tentas me fazer de bobo, ó rainha?

Ela se inclinou no divã, e mais uma vez senti aqueles olhos misteriosos me percorrerem, vasculhando meu coração.

— Ora, homem! — disse ela, por fim, falando lenta e ponderadamente. — Parece que ainda existem certos segredos sobre a terra a respeito dos quais sabes muito pouco. Então ainda acreditas que todos os seres devem morrer, assim como aqueles judeus acreditavam? E eu te digo que nada morre. Não existe essa coisa a que chamam Morte, embora de fato exista uma coisa chamada Transformação. Veja — e apontou para algumas esculturas na parede de rocha

—, três vezes dois mil anos já se passaram desde que o último homem da grande raça que talhou essas imagens caiu ante o sopro da pestilência que destruiu esse povo, e ainda assim eles não estão mortos. Mesmo hoje vivem; talvez agora mesmo seus espíritos estejam reunidos à nossa volta. — E deu uma olhada ao redor. — Para falar a verdade, algumas vezes tenho a impressão de que meus olhos podem vê-los.

— Pode ser, mas para este mundo estão mortos.

— E, mas só por algum tempo; mesmo neste mundo eles nascerão de novo, e muitas vezes. Eu mesma, sim, eu, Ayesha <sup>{14}</sup> — pois esse, estranho, é meu nome —, posso te afirmar que estou esperando o renascimento de um homem a quem amei, e ficarei aqui até que ele me encontre, sempre, porém, com a certeza de que ele virá e de que aqui, e somente aqui, virá ao meu encontro. Por que, então, não acreditas que eu, toda-poderosa, eu, cujo encanto e graça são maiores que o encanto e graça da grega Helena, a quem os poetas costumavam homenagear em suas canções; eu, cuja sabedoria e maior, ah, muito maior e mais profunda que a do sábio Salomão; eu, que conheço os segredos da terra e suas riquezas e que posso utilizar todas as coisas segundo a minha vontade; eu que, embora temporariamente, consegui superar a Transformação a que chamais Morte; por que, repito, ó forasteiro, por que achas que permaneço aqui, entre esses bárbaros em nada superiores a animais?

— Não sei — respondi com humildade.

— Porque estou esperando aquele a quem amo. Talvez minha vida esteja cheia de maldade (não sei, pois quem pode dizer o que é o bem e o que é o mal?) Sendo assim, tenho medo de morrer para ir procurá-lo onde ele está, mesmo que pudesse morrer, o que não é possível até que minha hora chegue; pois talvez entre nós se erguesse uma parede que eu não pudesse ultrapassar; no mínimo é disso que tenho medo. Com certeza seria muito mais provável que me perdesse ao procurá-lo naqueles grandes espaços onde os planetas vagam para sempre. Mas o dia vai chegar, pode ser que mais cinco mil anos tenham se passado e já estejam perdidos e misturados na câmara do Tempo, da mesma forma que as pequenas nuvens desaparecem na escuridão da noite, ou pode ser amanhã que ele, meu amado, nasça de novo, e então, seguindo a lei que é mais forte que qualquer plano humano, virá me encontrar *aqui*, onde um dia nos beijamos, e com certeza o coração dele vai amolecer, embora eu tenha pecado contra ele. Ah, mesmo que não me reconheça, ainda assim ele me amará, nem que seja apenas pela minha beleza!

Fiquei estarrecido por um momento, sem nada conseguir dizer. O assunto era estranho demais para que eu pudesse compreendê-lo.

— Mas mesmo assim, ó rainha — consegui murmurar depois de algum tempo —, mesmo que os homens possam nascer muitas vezes, não é isso que ocorre contigo, se estás falando a verdade. — Nesse ponto ela voltou a me lançar um daqueles olhares penetrantes, e uma vez mais pude perceber o cinza daqueles olhos misteriosos. — Tu — continuei depressa — não morreste nunca?

— Exatamente — respondeu ela; — e a razão disso é que, um pouco por

acaso e um pouco através de conhecimento, consegui solucionar um dos grandes enigmas do mundo. Diz-me, forasteiro: a vida é; por que então não deveria ser prolongada um pouco mais? O que são dez, vinte ou cinqüenta mil anos na história da vida? Porque em dez mil anos a chuva e as tempestades mal terão desbastado um palmo do topo de uma montanha. Em dois mil anos estas cavernas não mudaram nada, nada mudou, a não ser os animais e o homem, que é igual aos animais. Não existe nada de sobrenatural no assunto, nada que não possa entender. A vida é surpreendente, sim, mas não há nada de surpreendente no fato de que possa ser prolongada. A Natureza tem uma essência animada, assim como o homem, que é filho da Natureza, e aquele que conseguir encontrar essa essência e receber seu sopro deverá viver o mesmo tempo que ela. Mas não vai viver para sempre, pois a Natureza não é eterna, e ela própria deve morrer, da mesma forma como a natureza da lua morreu. Ela própria deve morrer, ou melhor, transformar-se e dormir até que chegue o tempo de viver de novo. Quando porém morrerá? Não tão já, suponho, e enquanto ela viver, todo aquele que possuir seu segredo viverá com ela. Portanto não tenho tudo, mas tenho alguma coisa, mais, talvez, que qualquer outra pessoa que tenha vivido antes de mim. Porém não tenho nenhuma dúvida de que para ti tudo isso é um grande mistério, e portanto não vou cansá-lo com isso agora. Uma outra hora voltarei a tocar nesse assunto, se tiver vontade, embora talvez nunca mais fale sobre isso. Por acaso te surpreendes por eu saber que estavas a caminho desta terra e por ter podido te salvar do calor e do sol?

— Sim, ó rainha — respondi debilmente.

— Então olha para aquela água. — E apontando para o vaso em forma de fonte, inclinou-se para a frente e colocou a mão sobre ele.

Levantei-me e observei; no mesmo instante a água escureceu. Em seguida clareou, e pude ver com mais nitidez que qualquer outra coisa em minha vida... Vi, juro, nosso bote vagando por aquele horrível canal. Lá estava Leo, deitado no fundo do bote, dormindo, coberto por um casaco para afastar os mosquitos, e lá estávamos, eu, Job e Mahomed puxando o barco.

Dei um salto para trás, horrorizado, gritando que aquilo era mágica, pois podia reconhecer cada detalhe da cena apresentada — era uma cena que na verdade já acontecera na vida real.

— Não, não, Holly — replicou ela —, não é mágica, que é apenas sonho da ignorância. Não existe mágica, embora exista outra coisa, que é o conhecimento dos caminhos ocultos da Natureza. Essa água é meu espelho; nela posso ver o que acontece todas as vezes que assim desejo. E por isso que posso mostrar-te o que quiseres do passado, se for algo que tenha relação com este país ou com qualquer coisa que eu conheça, ou também qualquer coisa que tu, que contemplos, tenhas conhecido. Pensa num rosto qualquer, e ele aparecerá refletido na água, através de teus pensamentos. Porém ainda não conheço todos os segredos: não consigo ver nada do futuro. Mas é um segredo antigo; apenas não pude descobri-lo ainda. As feiticeiras da Arábia e do Egito descobriram-no séculos atrás. O que aconteceu foi que um dia, por acaso, pensei naquele velho canal (já faz mais de vinte anos que estive lá pela última vez) e tive vontade de vê-lo de novo. Então olhei e vi o bote, três homens andando e outro adormecido, cujo rosto não

consegui enxergar, mas que tinha uma forma jovem e nobre. Foi aí que decidi mandar meus homens salvá-los. E agora, adeus. Não, fica e fala-me a respeito desse jovem — o Leão, como o velho homem o chama. Gostaria de vê-lo, porém ele está doente, segundo disseste, com febre e também alguns ferimentos provocados pela luta.

— Ele está muito doente — respondi com tristeza; — será que não podes fazer nada por ele, ó rainha? Tu que sabes tanto?

— É claro que posso curá-lo. Mas por que falas com tanta tristeza? É porque amas o jovem? Por acaso é teu filho?

— É meu filho adotivo, rainha! Devo trazê-lo a tua presença?

— Não. Há quanto tempo está com febre?

— Hoje é o terceiro dia.

— Bem, deixe-o ficar deitado mais um dia. Aí talvez ele supere a doença com as próprias forças, o que é muito melhor do que se for curado por mim, pois minha medicina é de um tipo que atinge a vida em sua própria cidadela. Se amanhã de noite, porém, exatamente na mesma hora em que a febre iniciou, ele não começar a melhorar, então irei até ele para curá-lo. Espere; quem está cuidando dele?

— Nosso criado branco, a quem Billali chama de Porquinho; além dele — e aí continuei com certa hesitação — há uma mulher chamada Ustane, uma nativa muito bonita, que veio e o abraçou na primeira vez em que o viu, e tem ficado com ele desde então, como acredito ser o costume de teu povo, ó rainha.

— Meu povo! Não me fales de meu povo — interrompeu ela; — esses escravos não são meu povo, mas apenas cachorros que devem me servir até que chegue o dia da minha libertação; e quanto a seus costumes, não tenho nada a ver com eles. Além disso não fiques me chamando de rainha — estou cansada de títulos e elogios —, chama-me de Ayesha; esse nome soa doce aos meus ouvidos, e é também um eco do passado. Quanto a essa tal de Ustane, não sei. Só fico imaginando se é contra ela que fui avisada, e a quem, por outro lado, avisei. Será que ela. . . Espera, vou ver. — Em seguida, inclinando-se para a frente, passou a mão sobre o vaso de água e olhou intensamente para dentro dele. — Olha — disse, em voz baixa —, é esta a mulher?

Olhei para dentro da água e ali, espelhada sobre a plácida superfície, estava o contorno da face imponente de Ustane. Inclinava-se para a frente, e um ar de infinita ternura se estampava em suas feições enquanto olhava para algo que estava um pouco abaixo, com as madeixas castanhas caindo suavemente sobre o ombro direito.

— É ela — respondia em voz baixa, pois mais uma vez me sentia perturbado ante tão estranha visão. — Está olhando Leo dormir.

— Leo! — exclamou Ayesha com voz um tanto ausente. — Pois essa é a palavra para leão em latim. Pela primeira vez na vida o velho encontrou um apelido adequado. É estranho, porém — continuou ela, falando para si mesma —, muito estranho. Tão parecido. . . Mas não é possível! — E com um gesto impaciente passou a mão pela água uma vez mais. A água escureceu, fazendo a imagem desaparecer tão silenciosa e misteriosamente como tinha surgido, e de novo a luz do lampião, e apenas ela, brilhou na superfície daquele espelho

límpido e vivo.

— Tens algo para me perguntar antes de ires, Holly? — quis saber ela depois de alguns minutos de reflexão. — Deves estar levando uma vida dura aqui, com essas pessoas tão selvagens, que não sabem lidar com um homem civilizado. Quanto a mim, isso não me perturba, pois vê minha comida. — E apontou para as frutas que havia sobre a pequena mesa. — Nada além de frutas jamais passa pelos meus lábios; frutas, bolos de farinha e um pouco de água. Dei ordens para que minhas meninas te servissem. São todas mudas, como sabes, surdas e mudas, e sendo assim são as servas mais seguras que há, exceto para aqueles que sabem ler seu rosto e sinais. Fui eu que as criei assim — uma tarefa que me custou muitos séculos e muito trabalho; mas no final triunfei. Antes disso já havia tido sucesso uma vez, mas era uma raça tão feia que as deixei morrer; agora, porém, como podes ver, elas são diferentes. Além disso, uma outra vez consegui criar uma raça de gigantes, mas depois de certo tempo a Natureza se cansou daquela gente, e eles acabaram por não vingar. Tens ainda algo para me perguntar?

— Ah, apenas uma coisa, ó Ayesha — disse audaciosamente, sem entretanto sentir a coragem que, creio, eu aparentava ter no momento. — Gostaria de contemplar tua face.

Mais uma vez sua risada ecoou como sinos.

— Reflete bem sobre isso, Holly — respondeu ela —, reflete bem. Pareces conhecer os antigos mitos dos deuses gregos. Não havia um Acteão que pereceu desditosamente por ter visto demasiada beleza? Se eu te mostrar minha face, talvez possas corroer tua vida com um desejo impotente; pois saibas que não sou para ti — nem para nenhum homem, exceto um, que foi, mas ainda não é.

— Como queiras, Ayesha — respondi. — Não tenho medo da tua beleza. Há muito desviei o coração de vaidades como

a beleza de uma mulher, já que ela acaba por fenecer, tal qual uma flor.

— Não, estás enganado — replicou Ayesha; — ela *não* desaparece. Minha beleza vai durar enquanto eu durar; mesmo assim, se é isso que desejas, ó homem imprudente, seja essa a tua vontade; mas não me acuses se um dia as paixões sobrepujarem tua razão, da mesma forma que os infratores egípcios costumavam montar num potro bravo e deixá-lo ir para onde quisesse. Nenhum homem a quem minha beleza foi um dia revelada conseguiu esquecê-la, e é por isso que até mesmo entre esses selvagens permaneço escondida, temendo que possam me envergonhar e tenha de acabar por matá-los. Responda, queres ver?

— Quero — respondi, dominado pela curiosidade.

Ela ergueu os braços brancos e bem torneados — nunca vira braços tão belos — e devagar, bem devagarinho, retirou algum tipo de fecho que havia atrás da cabeça. E então, de repente, os longos panos que a cobriam como uma mortalha caíram no chão, e meus olhos puderam viajar naquelas formas, agora cobertas apenas por um traje branco e justo, que servia somente para realçar-lhe ainda mais as formas magníficas impregnadas por uma vitalidade e uma graça de serpente que eram mais que humanas. Nos pequenos pés havia sandálias, fechadas por cravos de ouro. Em seguida vinham tornozelos mais perfeitos do que os sonhados por qualquer escultor. Na cintura a túnica branca era amarrada por um cinto em forma de serpente de duas cabeças, confeccionado em ouro

puro, acima do qual as formas graciosas se avolumavam em linhas tão puras quanto belas, até a túnica terminar na brancura argêntea do peito, onde os braços roliços estavam cruzados. Subi os olhos até o rosto, e — não estou exagerando — cheguei a contrair-me entre o espanto e a admiração. Já tinha ouvido falar da beleza dos seres celestiais, e agora estava frente a ela; só que essa beleza, apesar de toda a pureza e graça majestosa, era má — ou melhor, naquele momento impressionou-me pela maldade. Como posso descrevê-la? Não posso — simplesmente não posso! Ainda não nasceu o homem cuja pena consiga transmitir o sentido daquilo que vi. Poderia falar dos grandes olhos negros, doces e profundos, e que mudavam a cada instante, dos matizes do rosto, ou ainda da ampla e nobre sobranceira, sobre a qual os cabelos caíam, curtos e delicados, delineando as feições. Mas, por mais belos, por mais incrivelmente belos que fossem aqueles traços, o indescritível encanto de Ayesha não residia neles. Seu encanto estava, se é que se pode localizá-lo em algum lugar, na visível majestade, na graça imperial e na divina aparência de suave poder que brilhavam sobre a fisionomia radiosa, como se fora um halo vivo. Nunca antes eu imaginara quão sublime a beleza poderia se tornar — e mesmo assim havia nela um quê de escuridão, — aquela glória não pertencia toda ao paraíso; — entretanto, não era menos gloriosa por isso. E embora o rosto que estava à minha frente fosse o de uma mulher jovem, com não mais de trinta anos, em perfeita saúde e com o primeiro ímpeto da beleza madura, ainda assim ela trazia estampado em si um selo de experiência inexprimível, além da marca de profunda familiaridade com a dor e a paixão. Nem mesmo o sorriso discreto que lhe percorria os contornos da boca conseguia esconder aquela sombra de pecado e sofrimento. Sombra essa que brilhava inclusive na luz daqueles olhos gloriosos, e também estava presente no ar de majestade, parecendo dizer: "Contempla-me, atraente como nenhuma outra mulher jamais foi ou será, imortal e semidivina; as lembranças me perseguem através dos séculos, e a paixão me conduz pela mão — já pratiquei muitos atos maus e me familiarizei com o sofrimento ao longo dos anos, e ao longo dos anos ainda praticarei muita maldade e conhecerei a tristeza, até que chegue o dia da minha redenção".

Atraído por uma força magnética a que não conseguia resistir, deixei os olhos descansarem naqueles olhos brilhantes cuja corrente, ao penetrar-me, me desnor-teava deixando-me meio cego.

Ela riu — ah, que musicalidade! — e balançou a cabeça com um ar de sublime volubilidade, digno da própria Vênus Victrix.

— Homem imprudente! — disse ela. — Como Acteão tiveste a tua vontade satisfeita; toma cuidado para não acontecer contigo o mesmo que ocorreu a ele, que morreu desditosamente, feito em pedaços pelos cães malditos das suas próprias paixões. Também eu, Holly, sou uma deusa virgem, que não deve ser tocada por nenhum homem, a não ser um, e esse homem ainda não apareceu. Responde, já viste o suficiente?

— Olhei para tua beleza e agora estou cego — respondi com a voz rouca, levantando a mão para proteger os olhos.

— Então! O que foi que te disse? A beleza é como um raio; é magnífica, mas destrói. . . Especialmente árvores, Holly! — E de novo meneou a cabeça e riu.

Ayesha fez uma pausa, e através de meus dedos pude perceber uma mudança aterrorizante se operar em sua fisionomia. Os olhos enormes de "repente se fixaram numa expressão em que o horror parecia lutar com uma espécie de esperança gigantesca, que se levantava das profundezas daquela alma sombria. O adorável rosto ficou rígido, e a forma graciosa e flexível pareceu se contrair.

— Homem! — disse ela meio murmurando, meio sibilando, ao mesmo tempo em que atirava a cabeça para trás, mais parecendo uma cobra pronta para dar o bote. — Homem! Onde arrumaste esse escaravelho que está em tua mão? Fala, ou pelo Espírito Vivo vou te fulminar aí mesmo onde te encontras! — E deu um pequeno passo em minha direção, enquanto em seus olhos brilhava uma luz tão apavorante (pareceu-me quase uma chama) que caí no chão à sua frente, balbuciando confusamente algumas palavras, imerso em profundo terror.

— Paz! — disse ela, com uma súbita mudança de atitude, voltando a falar com sua antiga voz suave. — Assustei-te de fato. Perdoa-me! Há momentos, porém, Holly, em que a mente quase infinita se torna impaciente perante a lentidão das mentes finitas, e fico tentada a usar meus poderes para conseguir o que quero. Ficaste muito próximo da morte, mas me lembrei a tempo. E o escaravelho — o que tens a dizer sobre o escaravelho?

— Encontrei-o — balbuciei debilmente enquanto voltava a me levantar, e é digno de nota o fato de que tinha a mente tão perturbada que naquele momento não conseguia me lembrar de mais nada sobre o anel, exceto o fato de que fora encontrado na caverna de Leo.

— E muito estranho — disse ela com um súbito acesso de estremecimento e agitação bem femininos, que pareciam um pouco deslocados naquela admirável mulher —, mas já tinha visto um escaravelho muito semelhante a esse. Estava preso no pescoço do meu amado. — E deu um leve soluço; foi então que percebi que apesar de tudo ela era apenas uma mulher, embora provavelmente bastante idosa.

— Então — continuou ela — deve ser um escaravelho parecido, mas mesmo assim nunca vi um igual, pois em relação a ele também havia uma história, e aquele que o usava a prezava muito. [115](#) O escaravelho que conheci, porém, não estava encaixado assim num anel. Agora vai, Holly, vai, e se puderes tenta esquecer que, devido a tua insensatez, olhaste para a beleza de Ayesha. — E então voltou as costas para mim e atirou-se no diva, escondendo o rosto nas almofadas.

Quanto a mim, saí cambaleante, e nem lembro como cheguei à minha caverna.

## Capítulo XIV - Uma alma no inferno

Eram cerca de dez horas da noite quando me atirei sobre a cama, começando a reunir meus pensamentos dispersos e a refletir sobre o que vira e ouvira. Mas quanto mais pensava, mais confuso ficava. Será que estava louco, bêbado ou sonhando acordado, ou apenas fora vítima de um embuste gigantesco e muito bem elaborado? Como era possível que eu, um homem racional bastante familiarizado com os principais fatos científicos da nossa história, e portanto dedicando um absoluto e profundo ceticismo em relação a toda essa embromação que na Europa atende pelo nome de sobrenatural, pudesse acreditar que durante os últimos minutos estivera conversando com uma mulher de mais de dois mil anos de idade? A coisa toda contrariava toda a experiência da humanidade, além de ser absoluta e completamente impossível. Tratava-se por certo de um embuste, mas mesmo se assim fosse, o que eu deveria fazer? Ademais, como poderia explicar as figuras na água, a extraordinária familiaridade da mulher com o passado remoto e sua ignorância ou aparente ignorância em relação a qualquer fato futuro? E o que dizer de sua magnífica e impressionante beleza? Isso de qualquer forma era um fato patente, e ultrapassava a experiência do mundo. Nenhuma mulher meramente mortal poderia brilhar com um fulgor tão sobrenatural. E quanto a isso pelo menos ela dissera a verdade — não era seguro para homem algum olhar para uma beleza tão absoluta. Eu era um tronco endurecido em relação a tais assuntos, com exceção de uma experiência dolorosa no começo inocente da juventude, tendo retirado quase por completo de meus pensamentos o sexo frágil (às vezes chego a pensar que esse não é um bom nome). Agora, porém, para meu intenso horror, *sabia* que nunca conseguiria esquecer a visão daqueles olhos gloriosos, e, ai de mim, o próprio *ar satânico* da mulher, ao mesmo tempo que horrorizava e repelia, atraía num grau muito mais intenso. Uma pessoa com a experiência de dois mil anos atrás de si, com o comando de poderes tremendos e o conhecimento de um mistério que podia retardar a morte, com certeza não era a melhor pessoa para alguém se apaixonar, se de fato alguma mulher era digna de tal ato. Mas, céus! Não era uma questão de ser ou não digna, pois, até onde ia a minha percepção, não sendo versado em tais assuntos, eu, um adjunto da minha universidade, famoso pelo que meus companheiros gostavam de chamar de misoginia, e um homem respeitável, já bem entrado na idade madura, sucumbira absoluta e irremediavelmente àquela feiticeira branca. Absurdo; tudo não passava de um enorme absurdo! Ela me avisara com toda a clareza, e eu tinha me recusado a acatar a advertência. Amaldiçoada seja a curiosidade fatal que está sempre instigando os homens a retirar o véu que encobre as mulheres, e amaldiçoado seja o impulso natural que a provoca! Essa é a causa de metade — ah, bem mais que metade — dos nossos infortúnios. Por que o homem não se contenta em viver sozinho e ser feliz, deixando a mulher viver sozinha e feliz também? Mas talvez elas não ficassem felizes, e não tenho certeza de que nós ficaríamos. Eis aqui uma situação interessante — eu, na minha idade, cair vítima

daquela Circe dos tempos modernos! O problema é que ela não era moderna, ou pelo menos assim afirmava. Era quase tão velha quanto a Circe original. Arranquei alguns fios de cabelo e dei um pulo do diva, sentindo que se não fizesse alguma coisa acabaria ficando louco. E, além de tudo, o que ela queria dizer a respeito do escaravelho? Era o escaravelho de Leo, e tinha sido encontrado na velha arca que Vincey deixara em minha sala uns vinte e um anos antes. Seria possível que apesar de tudo a história toda fosse verdadeira e as inscrições no pergaminho *não* fossem forjadas, ou mesmo inventadas por algum indivíduo meio maluco e já há muito tempo esquecido? E nesse caso seria possível que Leo fosse o homem a quem Ela esperava — o homem morto que deveria renascer? Impossível! Essa hipótese era totalmente absurda! Por acaso alguém já ouviu falar de algum homem que nasceu de novo?

Mas se era possível que uma mulher pudesse existir durante dois mil anos, isso também podia ser — qualquer coisa podia ser possível. Pelo que sabia, até eu poderia ser uma reencarnação de algum ser esquecido, ou talvez o último representante de uma longa linhagem de ancestrais. Bem, *vive la guerre!* Por que não? Só que por infelicidade eu não tinha nenhuma lembrança dessas existências prévias. A idéia era tão absurda para mim que dei uma gargalhada e me dirigi até a imagem esculpida de um guerreiro de olhar sombrio que havia na parede da caverna para gritar bem alto: "Quem vai saber, velho companheiro? Talvez eu tenha sido seu contemporâneo. Por Júpiter! Talvez até eu tenha sido você, e você seja eu", e então ri de novo da minha própria fantasia, e o som da minha risada ecoou tristemente ao longo do teto abobadado, como se o fantasma do guerreiro tivesse emitido uma risada fantasma.

Logo em seguida me ocorreu o pensamento de que ainda não fora ver como Leo estava passando; assim, peguei um dos lampiões que estavam queimando ao lado da cama e, após colocar os sapatos, esgueirei-me pela passagem até a entrada da caverna onde ele dormia. A brisa noturna movimentava a cortina suavemente para frente e para trás, como se as mãos de um espírito as abrisse e fechasse todo o tempo. Deslizei para dentro do apartamento abobadado e olhei em volta. Havia luz suficiente para que eu pudesse ver Leo deitado no diva, com febre e tosse convulsiva, mas dormindo. Ao lado dele, meio prostrada no chão, meio encostada na cama de pedra, estava Ustane. Ela segurava uma das mãos de Leo, mas também cochilava, e os dois juntos formavam uma imagem bonita, embora patética. Pobre Leo! Seu rosto estava vermelho e muito quente, havia enormes olheiras negras sob os olhos, e tinha a respiração difícil. Estava doente, muito doente; e de novo o medo horrível de que ele pudesse morrer e me deixar sozinho no mundo se apossou de mim. E mesmo assim, se ele vivesse com certeza seria meu rival em relação a Ayesha; mesmo se ele não fosse o homem, que chance teria eu, repelente e já na meia-idade, contra sua brilhante juventude e beleza? Bem, graças a Deus! Meu senso de realidade ainda não estava morto. Ela ainda não conseguira destruí-lo; e enquanto permanecia ali parado, pedi a Deus do fundo do coração que meu menino, meu mais que filho, vivesse — ah, mesmo que ficasse provado que era ele o homem.

Depois voltei de novo para o meu quarto tão suavemente como viera, porém

ainda não conseguia dormir; a visão e o pensamento de Leo, ali deitado tão doente, nada mais fizeram do que adicionar combustível ao fogo da minha ansiedade. O corpo cansado e o excesso de tensão mental impulsionavam minha imaginação a uma atividade extraordinária. Idéias, visões e quase inspirações povoavam-me o pensamento com uma vivacidade surpreendente. A maioria delas era bastante grotesca, algumas, assustadoras, e outras ainda lembravam sensações e pensamentos que durante anos haviam ficado enterrados sob os escombros da minha vida passada. Acima e abaixo de todas elas pairava, porém, a forma daquela mulher terrível, e através de todas elas fulgurava a memória de sua beleza extasiante. Fiquei andando de um lado para outro da caverna — de um lado para outro.

De repente vi uma coisa que ainda não notara antes: uma estreita abertura na parede de pedra. Levantei o lampião e examinei-a; a abertura levava a uma passagem. Naquele instante já estava suficientemente consciente para me lembrar de que não é nada agradável, numa situação como a nossa, encontrar passagens secretas no quarto, vindas não sei de onde. Se existem passagens, pessoas podem passar por elas; e essas pessoas podem vir quando se está dormindo. Um pouco para ver aonde a passagem levava e um pouco pelo simples desejo de fazer alguma coisa resolvi seguir aquele caminho. A passagem levava a uma escada de pedra, que descí; a escada terminava noutra passagem, ou melhor, num túnel, também escavado na rocha e construído, até onde eu podia perceber, bem embaixo da galeria que levava à entrada dos nossos quartos, atravessando a grande caverna central. Continuei a andar: a passagem era silenciosa como um túmulo, mas mesmo assim, levado por uma sensação ou atração que não consigo definir, decidi continuar; meus pés, vestidos apenas com meias, pisavam sem fazer barulho no liso chão de rocha. Depois de ter andado quase cinqüenta jardas, cheguei a uma terceira passagem, perpendicular a essa, e naquele ponto algo horrível aconteceu: uma forte brisa apareceu de repente e apagou meu lampião, deixando-me na mais completa escuridão, nas entranhas daquele lugar misterioso. Dei alguns passos para frente, pretendendo ultrapassar o cruzamento, tomado do pavor de virar sem querer no escuro e acabar ficando totalmente perdido. Em seguida parei para pensar. O que devia fazer? Não trazia nenhum fósforo comigo; parecia um tanto insensato tentar o longo caminho de volta através da mais completa escuridão, mas por outro lado não podia ficar parado ali a noite inteira, e mesmo que pudesse isso não iria me ajudar muito, pois no interior da rocha o meio-dia deveria ser tão escuro quanto a meia-noite. Olhei por cima do ombro — nem uma luz ou som. Perscrutei a escuridão à minha frente: longe, bem distante, vi algo que poderia ser o brilho desmaiado de uma fogueira. Talvez fosse uma caverna onde eu pudesse encontrar alguma luz — de qualquer modo valia a pena investigar. Devagar e a custo esgueirei-me ao longo do túnel, mantendo a mão contra a parede e experimentando o solo com o pé antes de dar qualquer passo, receando cair num buraco. Trinta passos — havia mesmo uma luz, uma luz bem clara que ia e vinha, brilhando através de cortinas! Cinqüenta passos — estava perto! Sessenta — oh, graças a Deus!

Pus-me atrás das cortinas, e como elas não estavam fechadas, pude ver claramente o interior da pequena caverna. Tinha a aparência de um túmulo e

estava iluminada por uma fogueira que fora acesa em seu centro; o fogo tinha uma chama esbranquiçada que não soltava fumaça. Além disso, do lado esquerdo, havia uma espécie de prateleira de pedra, com uma borda de cerca de três polegadas de altura, onde fora colocado o que imaginei ser um cadáver; de qualquer forma era isso que parecia, e alguma coisa branca o estava cobrindo. Do lado direito havia uma prateleira semelhante, sobre a qual se espalhavam diversas cobertas bordadas. Perto do fogo uma figura de mulher estava inclinada e parecia olhar fixamente para a chama bruxuleante; ajoelhada de lado para mim, de frente para o cadáver, ela tinha o corpo enrolado num manto escuro que a cobria por inteiro, como a vestimenta de uma freira. De repente, enquanto eu ainda estava tentando me decidir sobre o que fazer, com um movimento convulso que sugeria um impulso de energia desesperada, a mulher levantou-se e atirou o manto escuro para longe.

Era Ela em pessoa!

Estava vestida do mesmo modo como a vira durante a nossa última conversa: uma túnica branca bem justa com amplo decote e amarrada na cintura pelo exótico cinto de cobra de duas cabeças; os cabelos pretos e ondulados caíam-lhe pesadamente até quase os pés. Foi seu rosto que mais me chamou a atenção, atraindo-me como um vício; dessa vez não pela força de sua beleza, e sim pelo poder do terror fascinado. A beleza ainda estava ali, é certo, mas além do olhar torturado e insano a agonia, a paixão cega e o apavorante desejo de vingança estampados naquelas feições trêmulas eram impressões tão fortes que ultrapassam meu poder de descrição.

Por um momento ela permaneceu imóvel, as mãos levantadas bem acima da cabeça, e enquanto ficava ali parada o traje branco deslizou até a altura do cinto dourado, deixando à mostra a beleza ofuscante de suas formas. Mas ela continuou ali, os dedos cerrados, enquanto um indescritível ar de malevolência ia surgindo e tornando sombrio o belo rosto.

De repente comecei a pensar no que aconteceria se ela me descobrisse, e esse simples pensamento me deixou enjoado e tonto. Porém não creio que teria me mexido mesmo se soubesse que poderia morrer se ficasse ali, pois estava absolutamente fascinado. Ainda assim sabia que corria perigo. Suponhamos que ela me ouvisse ou me percebesse através da cortina, ou ainda que eu espirrasse, ou que sua mágica dissesse a ela que estava sendo espiada — num minuto eu estaria morto.

As mãos cerradas se abaixaram e de novo subiram acima da cabeça, para em seguida — dou minha palavra de homem respeitado — a chama branca da fogueira dar um salto e subir, chegando quase até o teto, e lançar um clarão violento e aterrador sobre a própria Ela, sobre a figura branca embaixo da coberta e sobre cada detalhe e arabesco da parede de pedra.

Os braços de marfim voltaram a descer e, à medida que os pendia, ela falava, ou melhor, sibilava, em árabe, e num tom que me gelou o sangue e por um segundo fez meu coração parar.

"Amaldiçoada seja, maldita seja esta mulher para sempre."

Os braços se abaixaram, e junto com eles, a chama. Em seguida elevaram-se de novo, e a enorme língua de fogo subiu atrás deles; alguns segundos e os braços

desceram de novo.

"Amaldiçoada seja a sua memória — maldita seja a memória da egípcia."

Braços para cima e para baixo novamente.

"Maldita seja ela, a filha do Nilo, por sua beleza.

"Maldita seja, pois sua magia prevaleceu contra mim.

"Maldita seja ela, que levou meu amado para longe."

E de novo a chama diminuiu e encolheu.

Ela cobriu os olhos com as mãos e, abandonando o tom sibilante, gritou:

— Para que essas maldições? Ela venceu e se foi.

Em seguida, recomeçou, com uma energia ainda mais apavorante:

"Maldita seja ela, onde estiver. Deixe que minha maldição a alcance onde estiver e perturbe seu descanso.

"Maldita seja através do espaço estrelado. Que até sua sombra seja amaldiçoada.

"Que meu poder a alcance, até mesmo lá.

"Que me ouça, até mesmo lá. Que se esconda de mim na escuridão.

"Que desça até as profundezas do desespero, pois um dia a encontrarei."

Novamente a chama caiu, e mais uma vez ela cobriu os olhos com as mãos.

— E bobagem — gemeu. — Quem pode alcançar aqueles que dormem sob as asas do poder? Nem mesmo eu posso alcançá-los.

Em seguida começou de novo seus ritos profanos.

"Maldita seja ela, quando nascer de novo. Que seja amaldiçoada desde o nascimento.

"Que seja amaldiçoada desde o momento em que nascer até que a morte a encontre.

"Sim, que seja amaldiçoada; pois então a alcançarei com minha vingança e a destruirei por completo."

E assim foi. A chama subia e descia, refletindo-se nos olhos agonizantes de Ayesha; o som sibilante das terríveis maldições — e não tenho palavras para descrever quão terríveis eram — percorria as paredes de pedra, indo morrer ao longe sob a forma de um eco suave, e luz brilhante e completa escuridão se alternavam sobre a horrível forma branca estendida no esquite de pedra.

Mas por fim ela pareceu se cansar daquilo tudo e parou. Sentou-se no chão de pedra, sacudindo a densa nuvem dos belos cabelos que lhe caíam sobre o rosto e o peito, e começou a soluçar de maneira terrível, na tortura de um desespero para partir o coração.

— Dois mil anos — gemeu —, por dois mil anos esperei e resisti; mas embora um século se sobreponha a outro e o tempo dê lugar ao tempo, a dor da memória ainda não diminuiu, e a luz da esperança não brilha com mais força. Oh, ter vivido dois mil anos com toda essa paixão a devorar-me o coração, e meu pecado sempre à minha frente! Oh, para mim a vida não pode trazer esquecimento! Oh, por todas as eras tediosas que já enfrentei e por todas que ainda estão por vir, e outras ainda que virão, para todo o sempre e eternamente!

"Meu amor! Meu amor! Meu amado! Por que aquele estranho te trouxe de volta dessa maneira? Durante cinco longos séculos não sofri assim. Oh, sei que pequei contra ti, mas será que ainda não sofri o suficiente? Quando vais voltar

para mim, que tenho tudo, porém sem ti não tenho nada? Existe alguma coisa que eu possa fazer? Mas o quê? O quê? O quê? Ou talvez ela — talvez aquela egípcia esteja a teu lado onde estiveres e faça pouco-caso da minha memória. Oh, por que não morri contigo, eu, que te matei? Ai de mim, que não consigo morrer! Ai de mim! Ai de mim!" E se atirou de bruços no chão, onde ficou soluçando e chorando com tal intensidade que achei que seu coração fosse explodir.

De repente parou de chorar, levantou-se, arrumando a túnica, e com um gesto impaciente atirou para trás as longas madeixas para então se dirigir majestosamente ao local onde o corpo jazia sobre o banco de pedra.

— Oh, Kallikrates! — gritou, e tremi ao ouvir aquele nome. — Preciso olhar de novo para teu rosto, embora isso signifique sofrimento. Mais de uma geração já se passou desde que olhei para teu rosto pela última vez, para o rosto daquele que matei, matei com as próprias mãos. E em seguida, com os dedos tremendo, Ayesha pegou a ponta daquela espécie de lençol que cobria a forma que estava no esquite de pedra, e nesse momento parou de falar. Quando começou de novo foi com uma espécie de suspiro respeitoso, como se seus pensamentos fossem muito terríveis até mesmo para ela.

— Devo fazer com que te levantes — perguntou, parecendo se dirigir ao cadáver —, para que fiques em pé à minha frente, como outrora? *Posso* fazer isso. — E estendeu as mãos sobre o cadáver coberto, enquanto todo o seu corpo ficava rígido e terrível de olhar, ao mesmo tempo em que os olhos pareciam apáticos e fixos no vazio. Cheio de horror, encolhi-me atrás das cortinas, o cabelo todo arrepiado, e se isso foi um produto da minha imaginação ou um fato real não posso dizer — julguei ter visto que a forma estática sob as cobertas começava a tremer acompanhada de um movimento do lençol, como se este estivesse colocado sobre o peito de alguém que dormia. De repente Ayesha retirou as mãos, e me pareceu que o cadáver parou de se mexer.

— Com que finalidade? — perguntou ela, a voz oprimida. — Qual é o objetivo de reviver a aparência externa da vida, quando não posso fazer o mesmo com o espírito? Mesmo se ficasses em pé à minha frente não irias me reconhecer, e só poderias fazer o que eu te ordenasse. A vida em ti seria a *minha* vida, e não a *tua* vida, Kallikrates!

Durante alguns instantes ela permaneceu assim, perdida em seus pensamentos; em seguida atirou-se de joelhos ao lado da forma e começou a chorar e a pressionar os lábios contra a coberta. Havia algo de tão terrível na visão daquela mulher imponente liberando sua paixão pelo morto — muito mais terrível do que qualquer das outras coisas que eu presenciara — que não consegui mais ficar olhando, e virando as costas para a cena comecei a me arrastar lentamente, tremendo como estava, ao longo da passagem escura, sentindo bem no fundo do meu coração trêmulo que tivera a visão de uma alma no inferno.

Segui tropeçando, não sei muito bem como. Duas vezes caí, e também tomei a direção errada naquela passagem perpendicular, mas por sorte descobri meu erro a tempo. Durante cerca de vinte minutos ou um pouco mais continuei a andar, até por fim me ocorrer que já devia ter passado a entrada da escadinha por onde descera. Então, profundamente exausto, estendi-me no chão de rocha e

perdi os sentidos.

Quando recuperei a consciência percebi que havia um pequeno raio de luz na passagem bem atrás de mim. Arrastei-me até ali e descobri que a débil claridade era proveniente da entrada para a escadinha. Subi correndo e alcancei meu quarto em segurança; então atirei-me no diva, e logo estava perdido em sonhos, ou melhor, em estupor.



## Capítulo XV - Ayesha julga

A coisa seguinte de que me lembro foi abrir os olhos e perceber a forma de Job, que àquela altura já quase se recuperara da febre. Estava parado sob um raio de luz que vinha do exterior, sacudindo minhas roupas, que não podiam ser escovadas por não haver nenhuma escova à mão, para depois dobrá-las com cuidado e colocá-las ao pé do diva de pedra. Feito isso retirou meu estojo de barba de dentro da mala de viagem e abriu-o, deixando-o pronto para o uso. Primeiro o colocara também ao pé do diva, mas, em seguida, receando, suponho, que eu o chutasse, colocou-o no chão sobre uma pele de leopardo, dando uns dois passos para trás para observar o efeito de sua obra. Como não o achou satisfatório, fechou a mala e, colocando-a de encontro à parede ao pé do diva, apoiou meu estojo de couro sobre ela. Em seguida olhou para os vasos cheios de água, que constituíam nossos apetrechos de limpeza. — Ah! — ouvi-o murmurar. — Não há água quente neste lugar abominável. Suponho que essas pobres criaturas usem água quente apenas para cozinhar pessoas. — E suspirou profundamente.

— Qual é o problema, Job? — perguntei.

— Perdão, senhor — disse ele, cocando a cabeça. — Pensei que estivesse dormindo, senhor; e com certeza parece que é disso que está precisando. Pela sua aparência, alguém poderia pensar que teve uma noite inesquecível.

Em resposta apenas gemi. De fato eu tivera "uma noite inesquecível", como esperava jamais voltar a ter.

— Como está o sr. Leo, Job?

— Mais ou menos na mesma, senhor. Se não melhorar logo, senhor, acho que não vai resistir; e isso é tudo, embora deva admitir que aquela selvagem, Ustane, realmente está fazendo o que pode por ele, quase como uma cristã batizada. Esta sempre por perto velando por ele, e se ousou interferir às vezes é terrível vê-la: seu cabelo parece ficar todo arrepiado, e lança pragas e maldições numa linguagem profana, ou pelo menos é o que acho, pela aparência dela.

— E daí, o que você faz?

— Faço uma mesura respeitosa e digo: "Senhora, não entendo nem reconheço essa posição em que se encontra. Deixe-me dizer-lhe que tenho um dever a cumprir, já que meu amo está incapacitado para isso devido à sua doença, e que continuarei a executá-lo até que também eu esteja incapacitado". Mas ela não me dá a menor atenção, e continua a praguejar e amaldiçoar de maneira ainda mais terrível do que antes. Na noite passada colocou a mão debaixo daquela espécie de camisola que usa para dormir, e puxou uma faca com uma espécie de lâmina curva; então saquei meu revólver, e ficamos girando pela sala até que no final ela explodiu em risadas. Não é um tratamento adequado para um cristão ter de tolerar coisas como essa da parte de uma selvagem, por mais bela que possa ser; isso, porém, é o que as pessoas esperam, já que foi bastante *idiota* (e colocou muita ênfase nesta última palavra) vir para um lugar como este para procurar coisas que nenhum homem deverá encontrar. Estamos sendo julgados,

senhor — esse é o meu ponto de vista; e quanto a mim, acredito que o julgamento ainda não chegou nem à metade, e quando estiver acabado estaremos acabados também, e ficaremos para sempre nessas cavernas nojentas, junto com cadáveres e fantasmas. E agora preciso ir ver o caldo do sr. Leo, se aquela gata selvagem me deixar; e talvez o senhor já queira se levantar, porque são mais de nove horas.

As observações de Job não chegaram a ser as mais estimulantes para um homem que acabara de passar uma noite tão terrível; e o que é mais importante, tinham o peso da verdade. Considerando a situação como um todo parecia-me absolutamente impossível conseguirmos escapar daquele lugar. Supondo que Leo se recuperasse e que Ela nos deixasse ir embora, o que era muito improvável, ou ainda que ela não nos "explodisse" em algum momento de irritação e que não tivéssemos a cabeça coroadada com uma panela fervente pelos *amahagger*, mesmo assim seria quase impossível encontrarmos o caminho de volta através daquela rede de pântanos, que, estendendo-se por milhares e milhares de milhas, formavam uma fortaleza mais forte e muito mais difícil ao redor das várias aldeias das famílias *amahagger* do que qualquer outra barreira construída ou planejada pelas mãos do homem. Não — havia apenas uma coisa a fazer: enfrentar a situação; e de minha parte eu estava tão profundamente interessado em desvendar toda aquela estranha história que, apesar de ter os nervos em frangalhos, não pedia nada mais do que ter a curiosidade satisfeita, mesmo que isso me custasse a vida. Qual entre os homens para quem a fisiologia tem seu encanto poderia resistir à chance de estudar um caráter como o dessa maravilhosa Ayesha quando a oportunidade se apresentasse? O próprio terror da busca colaborava ainda mais para aumentar a fascinação; além do mais — era obrigado a admitir isso para mim mesmo, apesar da sóbria luz do dia — a mulher tinha atributos que eu não conseguia esquecer. Nem mesmo a terrível cena que presenciara durante a noite anterior era capaz de tirar aquela fantasia da minha cabeça; e — ai de mim por ter de admitir isso! — não consegui esquecê-la até hoje. Depois de me vestir, dirigi-me à sala de jantar, ou melhor, de embalsamar, e comi alguma coisa, que como antes me foi servida por jovens mudas. Assim que terminei fui ver o pobre Leo, que, delirando ainda, nem mesmo me reconheceu. Perguntei a Ustane como ele estava indo, mas ela apenas meneou a cabeça e começou a chorar baixinho. Evidentemente a jovem não tinha muitas esperanças; e naquele mesmo instante tomei a decisão de persuadir Ela a vir vé-lo, se fosse possível. Com certeza ela o curaria, se tivesse poderes para isso — pelo menos era o que havia dito. Enquanto estava ali parado, Billali entrou no quarto e também meneou a cabeça.

— Ele vai morrer antes que anoiteça — disse ele.

— Que Deus não o permita, meu pai — respondi, começando a sair da sala, com o coração pesado.

— Ela-que-Deve-Ser-Obedecida pede a tua presença, meu Babuíno — disse o velho assim que passamos pela cortina; — mas, oh, filho querido, sê mais cuidadoso! Ontem estava convencido em meu coração de que Ela iria te destruir quando tu não te arrastaste sobre a barriga ante a presença dela. Neste momento

Ela vai sentar-se no grande salão para fazer justiça com aqueles que tentaram destruir a ti e ao Leão. Vem, meu filho; vem depressa.

Virei-me e segui-o através da passagem; quando alcançamos a caverna central vi que muitos *amahagger*, alguns vestidos e outros cobertos apenas pela doce simplicidade de uma pele de leopardo, passavam apressadamente. Reunimo-nos à multidão e andamos ao longo da caverna enorme, na verdade quase interminável. Todas as paredes apresentavam esculturas bastante elaboradas, e a cada vinte passos mais ou menos havia passagens abertas em ângulo reto que levavam, segundo Billali, a túmulos escavados na rocha pelas "pessoas que moraram aqui antes de nós". Ninguém mais visitava esses túmulos, disse ele. E admito que meu coração se regozijou quando pensei nas oportunidades de pesquisa antropológica que se abriam à minha frente.

Ao cabo de muito tempo chegamos ao final da caverna, onde havia um tablado de rocha quase igual àquele em que fomos atacados com tanta fúria, o que provava, pelo menos para mim, que anteriormente esses tablados deviam ser usados como altares, por certo para a celebração de cultos religiosos ou, para ser mais preciso, de ritos relacionados ao sepultamento dos mortos. Do outro lado dessa plataforma havia passagens que, segundo informação de Billali, conduziam a outras cavernas cheias de cadáveres. Na verdade — acrescentou ele — a montanha inteira está cheia de cadáveres, a maior parte deles em perfeito estado.

Na frente do tablado estava reunido um grande número de pessoas de ambos os sexos, todas elas com aquele peculiar ar de melancolia que teria reduzido o próprio Mark Tapley à miséria em não mais de cinco minutos. Sobre a plataforma fora colocada uma rude cadeira de madeira negra incrustada de marfim, com uma almofada feita de fibras vegetais e um escabelo formado por uma laje de madeira ligada à estrutura da cadeira.

De repente ouviu-se um grito de "Hiya! Hiya!" (Ela! Ela!), o que fez com que no mesmo instante toda aquela multidão de espectadores se lançasse ao chão e permanecesse imóvel, como se todos tivessem sido mortos coletiva e individualmente, deixando-me sozinho em pé, mais parecendo o solitário sobrevivente de um massacre. Além disso naquele momento uma fila de guardas começou a sair de uma passagem à esquerda, indo colocar-se de ambos os lados do tablado. Em seguida apareceram cerca de vinte jovens mudos, seguidos por outro tanto de moças mudas com lampiões, e por fim uma imponente figura branca, coberta dos pés à cabeça, em quem reconheci Ela em pessoa. A mulher subiu na plataforma e, depois de se acomodar na cadeira, começou a falar comigo em *grego*, acredito que por não desejar que as outras pessoas presentes entendessem o que dizia.

— Vem até aqui, Holly — disse ela —, e senta-te a meus pés para me ver fazer justiça com aqueles que tentaram te matar. Perdoa-me se meu grego é claudicante como o andar de um coxo; muito tempo se passou desde que ouvi esse idioma pela última vez, por isso minha língua está meio enterrada e fica difícil pronunciar algumas palavras.

Fiz uma reverência, e subindo no tablado sentei-me a seus pés.

— Como foi teu sono, meu Holly? — perguntou.

— Não dormi bem, Ayesha — respondi, falando a mais pura verdade e com um pouco de medo de que talvez ela soubesse como eu passara a noite.

— Ora — acrescentou ela com uma risadinha —, também não dormi muito bem. Esta noite tive alguns sonhos, e acho que foste tu que os chamaste, meu Holly.

— Com o que sonhaste, Ayesha? — perguntei com indiferença.

— Sonhei com alguém que odeio e com alguém que amo — respondeu ela às pressas e em seguida, como que para mudar o rumo da conversa, dirigiu-se em árabe ao capitão de sua guarda, dizendo: — Faça com que os homens sejam trazidos à minha presença.

O capitão se inclinou até o chão, pois a guarda e os atendentes pessoais da rainha não haviam se prostrado, tendo permanecido o tempo todo em pé, e partiu com os subordinados por uma passagem que havia à direita.

Em seguida tudo ficou silencioso. Ela apoiou numa das mãos a cabeça coberta e pareceu ficar absorta em seus pensamentos, enquanto a multidão em frente a si continuava prostrada ao chão, apenas virando um pouco a cabeça de vez em quando, para poder nos olhar de esguelha. Parecia que a rainha deles aparecia tão pouco em público que todos estavam dispostos a cometer aquela inconveniência e até mesmo a correr riscos maiores, a fim de ter a oportunidade de olhar para ela, ou melhor, para seus trajes, já que nenhum ser vivo ali presente, com exceção de mim mesmo, jamais vira aquele rosto. Por fim começamos a avistar o brilho das luzes e a ouvir o som pesado dos homens que avançavam pela passagem. Em seguida apareceram os guardas, e junto com eles os sobreviventes dos nossos quase assassinos, uns vinte ou pouco mais, em cujas feições a expressão natural de obstinação lutava contra o terror que evidentemente tomava conta daqueles corações selvagens. Todos foram enfileirados em frente ao tablado, e estavam para se jogar ao chão da caverna com os outros espectadores quando Ela os impediu:

— Não — disse ela com voz doce — fiquem em pé; peço que fiquem em pé. Talvez logo chegue o dia em que se cansarão de permanecer estendidos. — E deu uma risada melodiosa.

Vi uma onda de terror percorrer a fila de rostos desgraçados, e apesar de saber que eram canalhas maldosos senti pena deles. Alguns minutos, talvez dois ou três, se passaram antes que qualquer coisa de novo ocorresse, e nesses minutos de silêncio parecia que Ela — percebi pelo movimento de sua cabeça, já que, é claro, não podíamos ver-lhe os olhos — examinava cada delinqüente com cuidado e vagar. Por fim disse dirigindo-se a mim num tom baixo e deliberado:

— Reconheces esses homens, meu convidado?

— Sim, ó rainha, quase todos eles — respondi, vendo que me olhavam ameaçadoramente enquanto falava.

— Então conta-me, e a todos os outros presentes, a história de que já ouvi falar.

Sendo assim contei da maneira mais resumida possível a história do banquete canibal e da tentativa de torturar nosso pobre servo. A narrativa foi recebida no mais perfeito silêncio, tanto pelos acusados quanto pela audiência, e também pela

própria Ela. Quando terminei, Ayesha pronunciou o nome de Billali; o velho apenas ergueu a cabeça, e sem se levantar confirmou a minha história. Nenhum outro testemunho foi tomado.

— Vós o ouvistes — disse Ela por fim, com uma voz fria e clara, bem diferente de seu tom usual; na verdade essa era uma das coisas mais notáveis na personalidade daquela extraordinária criatura: sua voz tinha o poder de se adaptar com absoluta perfeição ao clima do momento. — E o que tendes a dizer, crianças rebeldes, para que a vingança não caia sobre vossa cabeça?

Por algum tempo não houve nenhuma resposta, mas um dos homens, um indivíduo alto, de peito largo e já bem maduro, feições graves e olhos semelhantes aos de um gavião, acabou por começar a falar. Disse que as ordens que tinham recebido falavam apenas em não fazer mal aos homens brancos; que nada fora dito em relação ao servo negro, e que então, instigados por uma mulher que agora estava morta, resolveram tentar colocar-lhe a panela fervente na cabeça, segundo o antigo e nobre costume do país, com o objetivo de comê-lo no devido momento. Quanto ao fato de terem nos atacado, fora o resultado de um acesso momentâneo de fúria, pelo qual sentiam um profundo arrependimento. Terminou sua fala pedindo com humildade que fossem perdoados, ou que pelo menos recebessem a graça de serem banidos para os pântanos a fim de viver ou morrer segundo a própria sorte; porém pude ver escrito em seu rosto que tinha muito poucas esperanças de ser atendido.

Em seguida veio uma pausa, e o mais intenso silêncio passou a reinar. Aquele lugar sombrio, debilmente iluminado pela luz bruxuleante dos lampiões, que formava amplas configurações de sombra e luz sobre a parede de rocha, parecia mais estranho do que qualquer outro que eu já vira, até mesmo naquela terra paga. A frente do tablado havia dezenas de espectadores, estendidos no chão como cadáveres, e as fileiras de corpos se seguiam umas às outras até acabarem por se perder na escuridão. A frente dessa audiência prostrada estava o grupo de malfeitores, tentando encobrir seus terrores naturais com uma brava aparência de desinteresse. A direita e à esquerda estavam os guardas silenciosos, vestidos de branco e armados com longas lanças e adagas, e os jovens serviçais mudos, observando tudo com olhos curiosos e duros. Um pouco além, sentada acima de todos em sua cadeira de bárbara e comigo a seus pés, estava a forma branca e encoberta da mulher, cujo encanto e poder impressionantes pareciam brilhar de forma visível sobre sua cabeça como um halo, ou ainda como o brilho de alguma luz invisível. Eu nunca vira aquela forma encoberta parecer mais amedrontadora do que naquele momento em que concentrava todas as suas energias na execução da vingança.

E por fim a vingança veio.

— Cães e serpentes — começou Ela numa voz baixa, que aos poucos foi ganhando poder, até que todo o lugar foi tomado por ela. — Devoradores de carne humana, dois crimes haveis cometido. Em primeiro lugar atacastes esses estrangeiros, que são brancos, e teríeis assassinado o servo deles, e somente essa única morte já seria suficiente para que fosseis condenados. Mas isso não é tudo. Ousastes me desobedecer. Por acaso não envieí minhas palavras através de Billali, meu servo, e pai de vossa família? Por acaso não pedi que tratásseis com

hospitalidade e entretêsseis esses mesmos estrangeiros a quem vos empenhastes em tentar matar, e a quem, não fosse pela bravura e força extrema de que eles são dotados, teríeis assassinado cruelmente? Por acaso não fostes ensinados quando crianças de que a lei de Hiya é eterna, e que aquele que a desobedecer, nem que seja por um só segundo, deve morrer? E por acaso a menor palavra minha não se transforma em lei? Vossos pais não vos ensinaram isso, quero dizer, enquanto nada mais éreis senão crianças? E por acaso não sabeis que é mais fácil pedirdes que essas enormes cavernas caiam sobre vossa cabeça ou que o sol interrompa suas jornadas diárias do que esperar que eu modifique o rumo de meus pensamentos ou torne minhas palavras mais leves ou pesadas segundo vossa vontade? Sabeis muito bem todas essas coisas, vós, iníquos. Mas sois puro mal — mal até o fundo de vosso coração —, a maldade borbulha em vosso rosto como uma fonte em tempo de primavera. E não fosse por mim com certeza já não existiríeis há muitas gerações, pois teríeis destruído uns aos outros por vossa própria maldade. E agora porque fizestes isso, porque vos empenhastes em matar esses homens, meus convidados, e ainda mais por terdes ousado desobedecer às minhas palavras, este é o destino a que vos condeno: que sejais levados à caverna da tortura [\[16\]](#)\* e entregues aos torturadores, e que ao nascer do sol de amanhã aqueles entre vós que ainda estiverem vivos devem ser mortos da mesma forma como teríeis assassinado o servo desse meu convidado.

Ela parou de falar, e um fraco murmúrio de terror percorreu a caverna. Quanto às vítimas, assim que tiveram consciência da profunda hediondez do destino a que haviam sido condenadas, abandonaram todo o estoicismo e se atiraram ao chão chorando e implorando por piedade de tal forma que era terrível vê-los. Também eu me virei para Ayesha e pedi-lhe que os poupasse, ou que pelo menos seu castigo não fosse tão terrível. Porém ela demonstrou ser mais dura que um diamante. — Meu Holly — respondeu-me, voltando a falar num grego que, verdade seja dita, embora sempre tenha sido considerado mais erudito nessa linguagem que a maioria dos homens, eu achava um pouco difícil de acompanhar, sobretudo por causa da mudança na tonicidade das palavras [\[17\]](#). — Meu Holly, não posso. Se eu demonstrasse um pingo de piedade para com esses lobos, vossa vida não estaria mais segura entre essa gente nem por mais um dia. Não os conheces. São tigres que gostam de beber sangue, e mesmo agora estão famintos por vossa carne.

Como julgas que governo essas pessoas? Tenho apenas um regimento de guardas para fazer cumprir minhas ordens, e sendo assim não pode ser pela força. É pelo terror. Meu império é o da imaginação. Apenas uma vez em cada geração acontecem coisas que me obrigam a fazer o que fiz agora, e mandar matar uma vintena deles por tortura. Não penses que sou cruel, ou que gosto de me vingar por coisas insignificantes. O que ganharia me vingando em pessoas como essas? Aqueles que vivem muito, Holly, não têm paixões, exceto as que afetam os próprios interesses. Embora possa parecer que os condenei num acesso de fúria ou porque não estou de bom humor, não é verdade. O que viste

foram apenas pequenas nuvens que voam sem rumo no céu, para lá e para cá, mas não te esqueças de que por trás delas está o grande vento que varre sua trilha sem se incomodar com nada. E isso que ocorre comigo, Holly. Meu humor e minhas mudanças são as pequenas nuvens, que parecem vagar segundo os próprios caprichos; mas por trás delas sopra eternamente o grande vento de meus objetivos. Não, esses homens têm de morrer; e morrer da maneira que decidi. — E então, sem nenhuma outra consideração, virou-se para o capitão da guarda e completou: — Que assim seja!

## Capítulo XVI - Os túmulos de Kôr

Depois que os prisioneiros foram retirados Ayesha fez um sinal com a mão e os espectadores viraram-se e começaram a rastejar para fora da caverna como um bando disperso de carneiros. Quando já estavam a uma distância considerável do tablado levantaram-se e saíram andando, deixando-me sozinho com a rainha, exceto pela presença dos mudos e de uns poucos guardas, já que a maioria destes últimos deixara o local junto com os condenados. Pensando que aquela era uma boa oportunidade pedi a Ela que fosse ver Leo, contando-lhe a respeito da condição precária do rapaz; ela porém não quis, argumentando que com certeza ele não morreria antes do cair da noite, já que as pessoas nunca morriam daquela febre a não ser ao amanhecer ou anoitecer. Disse também que seria melhor que a doença já tivesse se desenvolvido o máximo possível antes que a curasse. Sendo assim, já estava me levantando para ir embora quando ela me pediu que a seguisse, pois gostaria de conversar comigo enquanto me mostrava as maravilhas das cavernas.

Eu estava demasiado envolvido na teia de seu fascínio para dizer que não, mesmo se assim o quisesse, de modo que assenti com a cabeça; então ela desceu da cadeira e fazendo alguns sinais para as mudas saiu de cima do tablado. Imediatamente quatro garotas pegaram lampiões e postaram-se, duas à nossa frente e duas atrás de nós, enquanto as outras se retiravam junto com os guardas.

— Gostaria — disse ela — de ver algumas das maravilhas deste lugar agora, Holly? Olha para esta grande caverna. Já viste alguma coisa igual? E no entanto ela é real, assim como muitas outras, escavadas pelas mãos da extinta raça que um dia morou aqui, na cidade da planície. Um povo forte e maravilhoso eles devem ter sido, esses homens de Kôr, mas, assim como os egípcios, pensavam mais nos mortos que nos vivos. Quantos homens trabalhando durante quantos anos achas que foram necessários para a construção desta caverna e de todas as suas infinitas galerias?

— Dezenas de milhares — respondi.

— Então, Holly. Esse povo é bem antigo, anterior aos egípcios. Como consegui decifrar alguns símbolos deles posso ler uma parte de suas inscrições, e, olha aqui, esta foi uma das últimas cavernas que fizeram. — Então, virando-se para a rocha, fez um sinal para que as mudas levantassem os lampiões. Esculpida bem acima do tablado havia a figura de um homem velho sentado numa cadeira, tendo uma vara de marfim numa das mãos; fiquei bastante impressionado com o fato de suas feições serem incrivelmente semelhantes às do homem cujo embalsamamento estava representado na caverna onde tomávamos nossas refeições. Bem abaixo da cadeira, que aliás era quase igual à utilizada por Ayesha durante o julgamento, havia uma inscrição curta, grafada com os mesmos caracteres extraordinários a que já me referi antes, mas não me lembro deles o bastante para poder reproduzi-los. Pareciam-se mais com a escrita chinesa do que com qualquer outra que conheço. Apesar de alguma dificuldade e hesitação Ayesha conseguiu ler em voz alta e traduzir essa inscrição. Dizia mais

ou menos o seguinte:

“No ano de 4259 a partir da fundação da cidade imperial de Kôr esta caverna (ou lugar para os mortos) foi terminada por Tisno, rei de Kôr, depois que seu povo e escravos trabalharam nela durante três gerações; ela se destina a servir de túmulo para cidadãos eminentes. Que as bênçãos do céu acima do céu recaiam sobre esse trabalho e façam com que o descanso de Tisno, o poderoso monarca, cujas feições estão gravadas acima, seja perfeito e feliz até o dia do seu despertar [\[18\]](#), e que também seja tranqüilo o descanso dos seus servos e de todos aqueles de sua raça que, mesmo tendo nascido depois dele, deverão partilhar essa mesma morada”.

— Estás percebendo, Holly? — perguntou ela. — Esse povo fundou a cidade cujas ruínas ainda hoje podem ser vistas na planície, quatro mil anos antes de a caverna ser terminada. Mesmo assim, quando dois mil anos atrás coloquei os olhos nela pela primeira vez, era exatamente igual ao que é agora. Calcula portanto quão antiga deve ser a cidade! E agora segue-me, pois vou te mostrar como esse grande povo caiu ao chegar a hora. — Em seguida levou-me até o centro da caverna, parando num ponto onde uma pedra redonda fora colocada numa espécie de poço aberto no chão, fechando-o com a mesma precisão das placas de ferro que nas calçadas de Londres fecham os buracos por onde é jogado o carvão. — Vês? — perguntou. — Sabes me dizer o que é isso?

— Não, não sei — respondi, o que fez com que ela passasse para o lado esquerdo da caverna (olhando em direção à entrada) e fizesse um sinal para que as mudas erguessem os lampiões. Na parede havia algo pintado com pigmento vermelho e caracteres similares aos existentes embaixo da escultura de Tisno, rei de Kôr. Ayesha traduziu para mim a longa inscrição, cujo pigmento ainda estava intacto o suficiente para que a forma das letras pudesse ser identificada. O texto dizia o seguinte:

"Eu, Junis, sacerdote do Grande Templo de Kôr, escrevo estas palavras sobre a rocha da morada dos mortos no ano de 4803 a partir da fundação de Kôr. Kôr está acabada! Não haverá mais grandes banquetes em seus salões; não governará mais o mundo, e seus navios também não sairão mais para o comércio. Kôr está acabada!

E todas as suas obras, e todas as suas cidades, e todos os portos e canais que construiu ficarão para os lobos, corujas e cisnes selvagens, e também para os bárbaros que virão depois. Vinte e cinco luas atrás uma grande nuvem parou sobre Kôr e sobre as cem cidades de Kôr, e dessa nuvem saiu uma peste que matou todas as pessoas, velhos e jovens, uns após os outros, e não poupou ninguém. Um após o outro todos ficaram com a pele escura e morreram — jovens e velhos, ricos e pobres, homens e mulheres, príncipes e escravos. A peste matou e matou, e continuou matando, dia e noite, e aqueles que dela escaparam morreram de fome. Por causa do número de mortos o corpo dos filhos de Kôr não pôde mais ser preservado de acordo com os antigos ritos, tendo de ser

lançado dentro do grande fosso existente embaixo desta caverna, através do buraco que existe no chão. E por fim os últimos remanescentes desse grande povo, a luz do mundo, foi até a costa, pegou um barco e rumou em direção ao norte; e agora aqui estou, sacerdote Junis, que aqui escrevo, o último homem vivo desta cidade, e se existe alguém vivo nas outras cidades, não sei. Antes de morrer escrevo isso com toda a miséria do meu coração, pois já não existe mais o império de Kôr e não há mais ninguém para rezar em seu templo, e todos os seus palácios estão vazios, e seus príncipes, capitães, comerciantes e belas mulheres desapareceram para sempre da face da terra".

Dei um suspiro, atônito — a profunda desolação retratada naquela rude inscrição era esmagadora. Era terrível pensar naquele solitário sobrevivente de um povo tão poderoso registrando seu destino antes de também ser engolido pela escuridão. O que teria sentido aquele velho enquanto riscava na parede da caverna essas poucas linhas com a história da morte de seu povo, esmagado pela mais terrível solidão e iluminado por uma débil luz que clareava somente um pequeno espaço daquela escuridão? Que assunto para um filósofo ou um pintor, ou qualquer indivíduo que goste de pensar!

— Não achas, Holly — disse Ayesha pousando a mão em meu ombro —, que aqueles homens que navegaram para o norte podem ter sido os ancestrais dos primeiros egípcios?

— Não sei — respondi; — parece que o mundo é muito velho.

— Velho? Sim, de fato é muito velho. Ah, século após século surgem nações, e nações ricas, poderosas e talentosas, que depois desaparecem e são esquecidas, e delas não resta nenhuma lembrança. Esta é apenas uma entre muitas; pois o Tempo devora as obras dos homens, a menos que eles escavem cavernas como as do povo de Kôr, e mesmo assim pode acontecer que o oceano as engula ou que algum terremoto as destrua. Quem sabe o que já se passou sobre a terra e o que ainda virá? Não existe nada de novo sob o sol, como o sábio hebreu escreveu muito tempo atrás. Apesar disso acho que o povo de Kôr não foi totalmente destruído. Sobraram alguns poucos em outras cidades, pois eles tinham muitas. Mas vieram os bárbaros do sul, ou talvez o meu povo, os árabes, e tomaram suas mulheres como esposas, e a raça dos *amahagger* que existe agora é uma descendência bastarda dos poderosos filhos de Kôr, e mora nos túmulos, ao lado dos ossos dos pais<sup>[19]</sup>. Mas não sei; quem pode saber? Minhas artes não conseguem penetrar tão fundo na escuridão da noite do Tempo. Foram um grande povo. Conquistaram muita coisa, até não restar mais nada para ser conquistado, e depois viveram tranquilamente dentro das paredes de rocha de suas montanhas, com seus servos e servas, poetas e trovadores, escultores e concubinas; e comerciaram e discutiram, comeram e caçaram, dormiram e foram felizes até que chegou sua hora. Mas vem, vou te mostrar o grande fosso embaixo da caverna, de que fala a inscrição. Teus olhos nunca terão outra visão como essa.

Dessa forma seguiu-a até uma passagem lateral que saía da caverna principal,

descendo depois um grande número de degraus, até chegar a um poço subterrâneo, que não podia estar a menos de sessenta pés abaixo da superfície da rocha, ventilado através de curiosas perfurações feitas no teto, que levavam não sei aonde. Andamos ao longo desse túnel, até que de repente a passagem terminou, e Ayesha parou, pedindo que as mudas levantassem os lampiões; então, como ela havia profetizado, vi uma cena que provavelmente não verei de novo. Estávamos parados num buraco enorme, ou melhor, à beira do mesmo, já que era bem mais fundo — não sei a profundidade exata — do que o nível em que nos encontrávamos, circundado por uma pequena mureta de rocha. Até onde eu podia perceber, esse buraco tinha mais ou menos o tamanho do espaço existente embaixo da cúpula da Catedral de Saint Paul, em Londres; e quando os lampiões iluminaram melhor, eu vi que o local não passava de um ossário gigantesco, lotado por milhares de esqueletos humanos empilhados numa enorme pirâmide cintilante que se formou à medida que os corpos deslizavam do topo ao receberem o impacto de outros corpos jogados ali de cima. Não consigo imaginar nada mais aterrador do que essa confusão de restos de uma raça extinta, e o que tornava a cena ainda mais arrepiante era o fato de o ar seco ter feito com que um número considerável de corpos se preservasse conservando até mesmo a pele, corpos esses que agora, parados nas posições mais extravagantes, olhavam fixamente para nós, grotescas caricaturas de humanidade em meio àquela montanha de ossos. Meu assombro fez com que eu soltasse uma exclamação, e o eco da minha voz, ressoando naquele enorme espaço abobadado, perturbou um crânio que durante diversos milhares de anos estivera em delicado equilíbrio perto do topo da pilha. O crânio despencou dali de cima, saltitando alegremente em nossa direção, e trazendo consigo uma avalanche de outros ossos, até por fim o lugar inteiro ser chacoalhado pelo movimento, como se todos os esqueletos quisessem se levantar para nos cumprimentar.

— Vem — disse eu —, vamos sair daqui. — Esses corpos são daqueles que morreram por causa da peste, não? — acrescentei enquanto deixávamos o local.

— Sim. Os filhos de Kôr sempre embalsamaram seus mortos, da mesma forma que os egípcios, mas a sua arte era mais aprimorada, pois enquanto os egípcios retiravam todas as vísceras e extraíam o cérebro, o povo de Kôr injetava fluido nas veias, alcançando dessa forma todas as partes do corpo. Mas espera, vais ver. — E parando ao acaso numa das pequenas entradas laterais existentes na passagem ao longo da qual estávamos andando fez sinal para que as mudas iluminassem o caminho. Entramos numa pequena câmara semelhante à que eu havia ocupado em nosso primeiro local de parada, com a única diferença de que nessa havia dois bancos ou camas de pedra. Sobre eles havia figuras cobertas com Unho amarelo<sup>{20}</sup>, sobre o qual uma fina e quase impalpável camada de poeira havia se acumulado ao longo dos anos, camada essa que não era um milésimo do que se poderia esperar, já que nessas cavernas tão profundas não havia nenhum material que pudesse se transformar em pó. Ao lado dos corpos, nas prateleiras de pedra e também no chão, havia diversos vasos pintados, porém vi muito poucos ornamentos ou armas em todas as câmaras.

— Retira a coberta, Holly — disse Ayesha; mas quando estendi a mão para obedecer, fiquei paralisado. Parecia um sacrilégio, e para falar a verdade eu estava aterrorizado ante a horrível solenidade do lugar e as presenças silenciosas à nossa frente. Então ela mesma retirou a coberta, não sem antes rir de meus temores, apenas para revelar outra coberta, ainda mais fina que a anterior, colocada sobre as formas que jaziam no banco de pedra. Essa coberta também foi retirada, e pela primeira vez em milhares e milhares de anos olhos vivos puderam pousar sobre o rosto gelado daquele morto. Era uma mulher; devia ter morrido com uns trinta e cinco anos de idade, ou talvez um pouco menos, e decerto fora muito bela. Mesmo depois de tanto tempo suas feições calmas e bem delineadas, marcadas por sobranceiras delicadas e longos cílios que à luz do lampião lançavam pequenas linhas de sombra na brancura de marfim daquele rosto, eram maravilhosamente belas. Ali, vestida de branco e com o cabelo negro-azulado caindo-lhe sobre os ombros, ela dormia o último e longo sono; em seu braço, com o rosto pressionado contra seu peito, havia um bebezinho. Aquela visão era tão doce e ao mesmo tempo tão terrível que — posso confessar sem vergonha alguma — quase não consegui conter as lágrimas. A imagem me levou de volta através do obscuro abismo do tempo até uma morada feliz na extinta Kôr imperial, onde essa jovem atraente e bela vivera e morrera, levando também seu último filho para o túmulo. Ali estavam eles, mãe e filho, memórias brancas de uma história humana já esquecida, falando ao coração com mais eloquência do que teria feito qualquer registro escrito de suas vidas. Com reverência, coloquei de volta as cobertas, e dando um suspiro que, com o mesmo objetivo das sempre-vivas, devia florescer em toda a sua beleza apenas para retornar ao túmulo, virei-me para o corpo da prateleira oposta e num gesto suave descobri-o. Era o corpo de um homem de idade já avançada, com uma longa barba grisalha e também vestido de branco; por certo era o marido da jovem, que tendo sobrevivido a ela por muitos anos fora afinal dormir a seu lado para sempre.

Deixamos o local e exploramos outras câmaras. Eu precisaria de muito tempo para descrever todas as coisas que vi nelas. Cada uma tinha seus ocupantes — pois evidentemente os quinhentos e tantos anos que haviam se passado entre o término da construção da caverna e a destruição da raça foram suficientes para encher todos os compartimentos, por mais numerosos que fossem — e nenhum deles parecia ter sido perturbado desde o dia em que fora colocado ali. Poderia escrever um livro inteiro descrevendo-os, mas ao fazer isso estaria apenas repetindo o que já disse, com algumas variações.

A técnica com que aqueles corpos tinham sido tratados era tão avançada que quase todos eles estavam tão perfeitos como no dia de sua morte, milhares de anos antes. Não havia nada que pudesse perturbá-los no profundo silêncio da rocha viva; estavam fora do alcance do calor, do frio e da umidade, e as drogas aromáticas que lhes tinham sido injetadas possuíam, ao que parecia, efeitos praticamente eternos. Aqui e ali entretanto havia exceções, e nesses casos, embora a aparência externa da carne fosse saudável, bastava apenas tocá-la para que se revelasse o fato de que a figura não era mais que uma pilha de pó.

Isso acontecia, segundo Ayesha, pelo fato de que esses corpos em particular, devido talvez à pressa de enterrá-los ou por outras causas, haviam sido embebidos no fluido conservante [\[21\]](#) em vez de terem a droga injetada na substância da carne.

Entretanto preciso contar alguma coisa a respeito do ultimo túmulo que visitamos, pois seu conteúdo falava com mais eloquência à compaixão humana que os outros. Tinha apenas dois ocupantes, colocados juntos numa única prateleira. Retirei as mortalhas e ali, abraçados, estavam os corpos de um garoto e uma garota, ambos quase adolescentes. Ela tinha a cabeça apoiada no braço do rapaz, enquanto os lábios deste estavam pressionados contra suas sobrancelhas. Abri a túnica de Unho do jovem e encontrei um ferimento de faca na altura do coração, enquanto logo abaixo dos delicados seios da garota podia-se ver uma punhalada cruel, pela qual sua vida se desvanecera. Na rocha acima dos dois havia uma inscrição composta por apenas três palavras. Ayesha traduziu-a. Dizia: CASADOS NA MORTE.

Qual teria sido a história daqueles dois, em verdade tão belos enquanto vivos e que mesmo depois da morte não tinham se separado?

Fechei os olhos e minha imaginação, seguindo o fio condutor do pensamento, lançou seu veloz trem através das eras, traçando uma imagem tão vivida, real e cheia de detalhes na escuridão do Tempo que por um momento cheguei quase a pensar que triunfara sobre ele, penetrando a visão no mistério do passado.

Parecia que eu estava vendo a bela forma da garota — os cabelos louros caindo sobre os ombros e cintilando contra a brancura de neve dos trajes, e o peito, mais alvo ainda que a túnica, chegando a empanar com seu brilho a beleza dos ornamentos de ouro polido. Parecia que estava vendo a grande caverna cheia de guerreiros barbados e vestidos com cota de malha, e no tablado iluminado onde Ayesha fizera o julgamento ergueu-se um homem paramentado, rodeado pelos símbolos do seu dever religioso. Naquele momento entrou na caverna alguém com uma túnica púrpura; tinha na frente e atrás de si menestréis e belas jovens que marchavam entoando uma canção de matrimônio. Pálida, a jovem estava parada na frente do altar, mais bela entre as belíssimas mulheres que ali se encontravam — mais pura que um lírio e mais fria que o orvalho que brilha dentro dele. Mas à medida que o homem se aproximava ela começou a tremer. Então, de repente, um jovem de cabelos escuros saiu do meio da multidão, enlaçou a cintura dessa moça há tanto tempo esquecida e beijou-a na face pálida, fazendo com que o sangue voltasse àquele rosto, como as primeiras luzes do amanhecer tingindo de vermelho o céu silencioso. Em seguida houve muito barulho e confusão, seguido do rutilar de armas, e arrancaram o jovem dos braços da garota para feri-lo mortalmente; porém ela deu um grito e tirou a adaga do cinto dele, enfiando-a no peito alvo, na altura do coração, e também caiu morta. Então, com gritos, lamúrias e todos os sons possíveis de lamentação aquele quadro vivo deixou a arena de minha visão, e mais uma vez o Passado fechou suas portas.

Espero que o leitor compreenda e perdoe essa intromissão de um sonho numa

história real. Mas foi bem assim que a visão chegou até mim — vi tudo com muita clareza naquele momento, exatamente como acontecera; além disso, quem pode dizer em que proporção o passado, o presente e o futuro não existem apenas em nossa imaginação? O que é a imaginação? Talvez seja uma sombra da intangível verdade, talvez, a alma do pensamento!

Aquela imagem atravessou meu pensamento num instante, e agora Ela estava falando comigo.

— Vê qual é o destino do homem! — disse Ayesha enquanto colocava de novo as cobertas sobre os amantes mortos, falando numa voz solene e comovente, em perfeita harmonia com o sonho que eu tivera. — Para o túmulo, e o esquecimento que o encobre, é que vamos todos no final! Ah, até mesmo eu, que já vivi tanto. Até mesmo eu, Holly, daqui a milhares e milhares de anos; milhares de anos depois que já tiveres passado através desse portão e estiveres perdido nas brumas, vai chegar o dia em que também eu devo morrer e ficar exatamente como tu e como esses que aqui estão. E então qual vai ser a vantagem de ter vivido um pouco mais, impedindo a morte através do conhecimento que extraí da Natureza, se no final também terei de morrer? Na história do tempo que significam dez mil anos ou até mesmo dez vezes dez mil anos? E o mesmo que nada — é como a neblina que desaparece com a luz do sol; tão fugaz como uma hora de sono ou como a neve do inverno se derretendo. Olha o destino do homem! Com certeza nosso dia vai chegar, e todos deveremos dormir para sempre. Com certeza também iremos acordar e viver de novo, e de novo dormir, e assim por diante, através dos séculos, espaços e tempos, e através das eras, até que finalmente o próprio mundo morra e os mundos além deste mundo também estejam mortos, e nada viva a não ser o Espírito que é a Vida. Mas para nós dois, e para esses dois que aí estão, será que o fim dos fins será a Vida ou a Morte? E mesmo assim a Morte não é nada senão a Noite da Vida, e depois da Noite vem um outro Dia, que por sua vez dá origem a uma outra Noite. Mas qual será nosso destino, Holly, quando o Dia e a Noite, a Vida e a Morte, tiverem terminado e forem engolidos por aquilo que os criou? Quem pode ver tão longe? Nem mesmo eu!

Em seguida acrescentou, com a voz subitamente mudada:

— Já viste o suficiente, meu estranho convidado, ou devo mostrar-te mais a respeito das maravilhas desses túmulos que são meu palácio? Se quiseres posso levar-te até o local onde Tisno, o mais poderoso e valoroso rei de Kôr, em cujos dias estas cavernas foram terminadas, repousa numa pompa que parece zombar do nada e solicitar que as sombras vazias do passado homenageiem toda aquela ostentação!

— Já vi o suficiente, ó rainha — respondi —, e meu coração está esmagado pelo poder da morte aqui presente. A mortalidade é frágil e facilmente oprimida ante a presença do pó que espera pelo seu fim. Leva-me daqui, ó Ayesha!

## Capítulo XVII - A balança vira

Seguindo os lampiões carregados pelas surdas-mudas, que, estando bem longe do corpo das moças, davam a impressão de flutuar no ar, chegamos a uma escada que levava à ante-sala de Ela, a mesma que Billali atravessara de quatro no dia anterior. Naquele local quis me despedir da rainha, mas ela não deixou.

— Não — disse ela —, entra comigo, Holly, pois tua conversa me agrada de fato. Pensa, Holly; durante dois mil anos não tive ninguém para conversar a não ser escravos e minha própria alma, e embora de todo esse tempo pensando sozinha tenha resultado muita sabedoria e o esclarecimento de muitos mistérios, ainda assim estou cansada de meus pensamentos e passei a abominar a minha própria companhia, pois certamente o alimento que a memória nos dá para comer tem o gosto amargo, e só com os dentes da esperança conseguimos mastigá-lo. Quanto a ti, Holly, embora teu cérebro seja verde e imaturo, como convém a alguém tão jovem, ainda assim é o cérebro de um ser pensante. De fato me trazes de volta algo daqueles velhos filósofos com quem costumava discutir em Atenas, ou em Becca, na Arábia, pois tens o mesmo ar rabugento e o mesmo olhar seco, como se tivesses passado a maior parte dos teus dias lendo grego mal escrito e tivesses ficado manchado com a sujeira dos manuscritos. Então levanta a cortina e senta-te a meu lado, e vamos ficar comendo frutas e falando sobre coisas agradáveis. Olha, vou me descobrir novamente. Foste tu que quiseste, Holly; eu te avisei sobre os riscos que corrias — e deves me chamar de bela da mesma forma que aqueles velhos filósofos tinham o costume de fazer. Que sem-vergonhas, esqueciam toda a sua filosofia!

E sem mais cerimônias levantou-se, e livrando-se dos panos brancos que a envolviam, emergiu deles cintilante e esplêndida, como uma cobra resplandecente quando se livra da pele; ah, e fixou em mim os olhos maravilhosos — mais mortalmente do que qualquer basilisco — e penetrou-me com toda a sua beleza, soltando uma risada leve que soou pelo ar como o repique de sinos de prata.

O humor dela mudara, e a cor daquela mente insondável também estava diferente. Não era mais uma pessoa atormentada e odiosa como a vira quando estava amaldiçoando a rival morta, acompanhada pelas chamas; não era também alguém tão terrivelmente fria como na sala de julgamentos, nem majestosa, sombria e esplêndida como uma peça de tecido tírio, como quando estávamos na morada dos mortos. Não, seu humor naquele momento era o de uma Afrodite triunfante. A vida — radiante, maravilhosa, extasiante — parecia fluir à sua volta. Ela ria e suspirava com suavidade, e seus olhares esvoaçavam. Sacudiu as pesadas madeixas, cujo perfume encheu o lugar, e bateu no chão o pezinho calçado com uma sandália, cantarolando uma parte de algum antigo epitalâmio grego. Toda a sua majestade desaparecera, ou pelo menos estava escondida e apenas transparecia debilmente através de seu olhar risonho, como se fosse um raio visto através da luz do sol. Ayesha tinha deixado para trás o terror da chama, o poder frívolo do julgamento que naquele mesmo instante estava

sendo cumprido e a sábia tristeza dos túmulos — deixara-os para trás como fizera com os tecidos brancos que a envolviam, e agora estava ali, uma encarnação absoluta de feminilidade atraente e tentadora, mais perfeita — e de certa forma mais espiritual — que qualquer outra mulher.

— Então, meu Holly, senta-te em algum lugar onde possas me enxergar. Foi a tua própria vontade, não te esqueças — e digo de novo, não me culpes se gastares todo o pouco tempo que tens com uma dor tão forte no coração que preferirias ter morrido antes que teus olhos curiosos tivessem pousado em mim. Ali, senta-te e fala, pois na verdade estou precisando de elogios — responde, por acaso não sou bonita? Não, não respondas tão rápido; pensa bem sobre o assunto; analisa-me com detalhe, sem se esquecer do corpo, dos pés e mãos, do cabelo e da brancura da pele, e depois fala com sinceridade se algum dia já conhecestes uma mulher que tenha alguma coisa, sim, qualquer pequeno detalhe de beleza, algo tão insignificante como a curva de um cílio ou a forma de concha do lóbulo da orelha, que justifique o fato de ela erguer uma luz frente à minha beleza. E agora, minha cintura! Talvez aches que ela não é fina, mas na verdade é, e só não o aparenta porque a cobra de ouro é muito grossa e não se dobra como deveria. É uma cobra inteligente, e sabe que não faz bem apertar muito a cintura. Mas olha, dá-me tuas mãos — assim — e agora aperta minha cintura: aqui, e com um pouquinho de força teus dedos quase se tocam, não é, Holly?

Eu não podia agüentar aquilo por nem mais um minuto. Sou apenas um homem, e ela era mais que uma mulher. Só Deus sabe o que ela era — eu não! E ali, naquele mesmo instante, caí de joelhos à sua frente e falei numa triste mistura de linguagens — pois tais momentos confundem o pensamento — que a adorava como nenhuma outra mulher jamais fora adorada e que daria a imortalidade da minha alma para desposá-la, o que naquele momento com certeza teria feito, assim como qualquer outro homem ou até todas as raças de homens misturadas em uma só. Por um momento ela pareceu um pouco surpresa; em seguida começou a rir e a bater palmas de alegria.

— Oh, tão rápido, meu Holly! — exclamou. — Fiquei imaginando quantos minutos seriam necessários para te colocar de joelhos. Há muitos séculos não vejo um homem se ajoelhar na minha frente, e acredita-me, é uma doce visão para o coração de uma mulher — ah, a sabedoria e o passar dos anos não tiram nada desse agradável prazer que é o único direito do nosso sexo.

"O que queres? O que queres? Tu não sabes o que devias saber. Já não te disse que não sou feita para ti? Amo apenas um homem, e não és ele. Ah, Holly, apesar de toda a tua sabedoria

— pois de certo modo és sábio — não passas de um tolo correndo atrás de fantasias. Gostarias de olhar dentro dos meus olhos — gostarias de me beijar! Bem, se isso te agrada, olha!" E inclinou-se em minha direção, fixando os olhos escuros e arrebatadores sobre os meus. "Ah, e beija-me, se quiseres, já que graças ao esquema das coisas os beijos não deixam cicatrizes, exceto no coração. Mas se me beijares, já te aviso, vais devorar o próprio peito por amor a mim, e morrerás!" E inclinou-se ainda mais em minha direção, até que seu cabelo macio tocou-me as sobrancelhas e sua respiração perfumada brincou em meu rosto, deixando-me fraco e meio tonto. Mas de repente, no exato momento

em que eu estendia os braços para abraçá-la, ela se levantou, e uma rápida mudança de humor se operou em seu rosto. Estendendo a mão, colocou-a sobre minha cabeça, e me pareceu que algo fluía para dentro de mim, restituindo-me o bom senso, um sentimento de decência e outras virtudes domésticas.

— Chega desse jogo leviano — disse ela com um quê de severidade. — Ouça, Holly. És um homem bom e honesto, e estou disposta a te poupar; mas oh! É tão difícil para uma mulher ser misericordiosa. Já te disse que não fui feita para ti; sendo assim, deixa que teus pensamentos passem por mim como um vento vadio e que a poeira da tua imaginação caia novamente nas profundezas — bem, do desespero, se quiseres. Não me conheces, Holly. Se tivesses olhado para mim há não mais que dez horas atrás, quando a paixão me dominava, terias fugido, tremendo e cheio de horror. Tenho muitas mudanças de humor, e como a água daquele vaso exprimo muitas coisas; mas elas passam, meu Holly; passam e são esquecidas. Apenas a água continua a mesma, e eu também, e aquilo que faz a água faz a água, o mesmo acontecendo em relação a mim, e minhas características também não podem ser alteradas. Portanto não dá atenção à minha aparência, pois não podes saber o que sou por dentro. Se me perturbares de novo vou me cobrir, e nunca mais verás meu rosto novamente.

Levantei-me, e afundando-me ao lado dela nas almofadas do diva, ainda trêmulo de emoção, embora por um momento minha louca paixão tivesse me abandonado-, da mesma forma que as folhas de uma árvore ainda estremecem, mesmo depois de se ter ido a brisa que as agitou. Não ousei dizer que a vira naquele estado de espírito diabólico, murmurando encantamentos para o fogo dentro da câmara mortuária.

— Então — continuou ela —, come um pouco de fruta; acredita-me, é o único alimento verdadeiramente saudável para um homem. E agora me conta a respeito da filosofia daquele Messias hebreu que veio depois de mim, e que segundo tuas próprias palavras ainda hoje governa Roma, a Grécia, o Egito e outros povos bárbaros. Deve ter sido uma filosofia estranha a que Ele ensinou, pois no meu tempo esses povos não queriam nada com nossas filosofias. Divertimento, prazer, bebida, sangue, a fria espada e o choque dos homens reunidos nas batalhas — esses eram os princípios dos seus credos.

Naquela altura eu já me recuperara um pouco, e sentindo-me amargamente envergonhado pela fraqueza demonstrada fiz o melhor que podia para expor-lhe as doutrinas do cristianismo, nas quais entretanto, com a única exceção da nossa teoria do inferno e do paraíso, achei que ela não estava prestando a mínima atenção, já que seu interesse estava todo voltado para o Homem que as ensinara. Também contei-lhe que entre seu próprio povo, os árabes, um outro profeta, um Maomé, surgira e pregara uma nova fé, que tinha conquistado muitos milhões de adeptos.

— Ah! — disse ela. — Agora entendo: *duas* religiões novas! Já conheci tantas, e sem dúvida devem ter surgido muitas outras desde que me internei aqui, nestas cavernas de Kôr. A humanidade sempre pede aos céus que lhe mostrem o que há por trás deles. É o terror do fim, e também uma forma sutil de egoísmo — é isso o que alimenta as religiões. Observa, meu Holly, cada religião garante o futuro para seu seguidores; ou pelo menos promete algo de bom. O mal é para

aqueles ignorantes que nada querem com a religião, que vêem a mesma luz adorada pelos verdadeiros crentes, como os peixes vêem as estrelas, só que de maneira mais obscura. As religiões vêm e vão, as civilizações vêm e vão, e nada dura, apenas o mundo e a natureza humana. Ah! Se o homem percebesse que a esperança vem de dentro, e não de fora — e que ele próprio precisa trabalhar para garantir sua salvação! Ele está lá, e dentro dele, o sopro da vida e um conhecimento do bem e do mal, da forma que o bem e o mal existem para ele. E é sobre isso que deve construir seu futuro e permanecer ereto, sem se atirar na frente da imagem de qualquer Deus desconhecido, modelado à sua semelhança, apenas com um cérebro maior para pensar no mal e um braço mais longo para fazê-lo.

Pensei comigo mesmo — o que mostra quão antigo é esse tipo de argumentação, configurando-se na verdade numa das fórmulas recorrentes da discussão teológica — que os argumentos empregados por ela eram muito semelhantes a outros que eu ouvira no século XIX, em outros lugares que não as cavernas de Kôr — e com os quais, aliás, não concordo em absoluto —, mas não tive interesse em tentar discutir a questão mais a fundo. Em primeiro lugar por ter a cabeça muito cansada devido a todas as emoções vividas, e em segundo por saber que acabaria levando a pior. Já é bastante cansativo argumentar com um simples materialista, que vem com suas estatísticas e com todos os estratos geológicos, enquanto tudo o que você pode fazer é atacá-lo com algumas deduções, instintos e os flocos de neve da fé, que são, ai de nós, tão predispostos a derreter ante as brasas ferventes dos nossos problemas. Então que chance teria eu contra alguém dotado de um poder de raciocínio sobre-humano e dois mil anos de experiência, além de um arsenal com todos os tipos de conhecimento a respeito dos segredos da Natureza à sua disposição? Sentindo que seria mais provável que eu fosse convencido, ao invés de convencê-la, achei melhor deixar o assunto por isso mesmo e ficar quieto. Muitas vezes desde então já me arrependi amargamente de ter agido assim, pois dessa forma perdi a única oportunidade de saber no que Ayesha *de fato* acreditava, e qual era a sua "filosofia".

— Bem, meu Holly — continuou ela —, então as pessoas do meu povo também encontraram um profeta — um falso profeta, segundo dizes, pois não é o teu, e na verdade não duvido disso. Mas no meu tempo era diferente, pois naquela época nós, os árabes, tínhamos muitos deuses. Havia Alá e Sabá, a lua; Al Uzza e Manah, o impiedoso, por quem escorria o sangue das vítimas; e Wadd e Sawâ, e Yaghuth, o Leão dos habitantes de Yaman; e Yâûk, o Cavalo de Morad; e Nasr, a Águia de Hamyar; e muitos outros. Oh, toda aquela extravagância, aquela vergonhosa e deplorável extravagância! E mesmo assim quando me levantei e comecei a falar com sabedoria eles com certeza teriam me matado em nome dos seus deuses ultrajados. Bem, então sempre foi assim; mas meu Holly, será que já estás cansado de mim e por isso estás aí sentado, tão quieto? Ou será que tens medo de que te ensine a minha filosofia? Pois fica sabendo, tenho uma filosofia! O que seria de uma professora sem sua própria filosofia? E se me irritares demais, cuidado! Farei com que aprendas tudo o que sei, e serás meu discípulo, e nós dois vamos fundar uma fé que vai sobrepujar todas as

outras. Homem inconstante! Menos de meia hora atrás estavas de joelhos — uma postura que não te fica bem, Holly — jurando que me amavas. O que vamos fazer? . . . Não, já sei! Vou visitar aquele jovem, o Leão, como o velho Billali o chama, que veio contigo e está doente. A esta altura a febre já deve ter se desenvolvido ao máximo, e se ele estiver para morrer eu o recuperarei. Não tenhas medo, Holly; não usarei nenhuma mágica. Já não te falei que não existe isso a que chamam mágica, mas apenas o domínio e o comando das forças existentes na Natureza? Agora vai, e assim que eu tiver preparado a droga te seguirei. [\[22\]](#)

Sendo assim fui à caverna de Leo, apenas para encontrar Job e Ustane arrasados, declarando que Leo estava às portas da morte e que eles haviam me procurado por toda parte. Corri até o diva e olhei para o jovem: era óbvio que ele agonizava. Estava sem sentidos, respirava com dificuldade, tinha os lábios trêmulos e de vez em quando um pequeno arrepio lhe percorria o corpo. Eu entendia o suficiente de medicina para ver que dali a pouco mais de uma hora ele estaria fora do alcance de qualquer ajuda terrestre — ou talvez não passasse de cinco minutos. Como amaldiçoei meu egoísmo e a fantasia que me tinham feito ficar perdendo tempo ao lado de Ayesha enquanto meu filho querido estava morrendo! Ai de mim, ai de mim! Quão facilmente o melhor de nós é levado para o mal pelo brilho dos olhos de uma mulher! Ai, que infeliz maldito eu era! Na verdade quase não pensara em Leo durante a última meia hora — e isso, é bom lembrar, porque durante mais de vinte anos ele tinha sido minha melhor companhia e o principal interesse da minha existência. E agora talvez fosse tarde demais!

Apertei as mãos e olhei em volta. Ustane estava sentada ao lado do diva, e em seus olhos queimava a apática luz do desespero, enquanto Job se debulhava em lágrimas - perdão, mas não consigo descrever seu sofrimento usando palavras mais suaves — no canto da caverna. Vendo que estava sendo observado preferiu sair do cômodo e dar vazão a seu desespero na passagem. Era óbvio que a única esperança residia em Ayesha. Ela, e só ela, poderia salvar o jovem — a menos, é claro, que fosse uma impostora, coisa em que eu não acreditava. Iria até ela e imploraria para que viesse logo. No momento em que estava para sair em minha missão, porém, Job entrou voando quarto adentro com o cabelo literalmente em pé de terror.

— Que Deus nos ajude, senhor! — exclamou num sussurro apavorado. — Vem aí um cadáver deslizando pela passagem!

Por alguns instantes fiquei meio confuso, é claro que logo concluí que por certo vira Ayesha embrulhada naqueles estranhos trajes, sendo enganado pela extraordinária suavidade ondulante do seu andar, que o fez pensar num fantasma branco deslizando na direção dele. Na verdade essa questão foi esclarecida naquele exato momento, pois Ayesha em pessoa apareceu no quarto, ou melhor, na caverna. Job virou-se e viu a forma embrulhada; então, com um grito convulsivo de "Aí vem ele!", encolheu-se em um canto, escondendo a cabeça contra a parede; enquanto isso Ustane, adivinhando quem seria aquela terrível

presença, se prostrava imediatamente no chão.

— Chegaste em boa hora, Ayesha — disse eu —, pois meu menino está prestes a morrer.

— Então — disse ela calmamente —, se ainda não está morto não há nenhum problema, pois posso trazê-lo de volta à vida, meu Holly. Aquele homem ali é teu servo, e essa é a maneira como os servos recebem estranhos em teu país?

— Ele está assustado com tuas roupas; elas têm um ar de morte — respondi.

Ela riu.

— E quanto à garota? Ah, agora entendo. Já me falaste dela. Bem, pede que os dois nos deixem a sós, e vamos cuidar desse teu Leão doente. Não gosto que subalternos observem minha sabedoria.

Sendo assim pedi em árabe a Ustane e em inglês a Job que deixassem a sala; uma ordem a que este último obedeceu de imediato e com ar bastante satisfeito, pois não conseguia de modo algum controlar seu medo. Com Ustane, porém, já não foi assim.

— O que Ela quer? — sussurrou a jovem dividida entre o medo da terrível rainha e a ansiedade de permanecer junto a Leo. — Com certeza é direito de uma mulher ficar ao lado do marido quando ele está morrendo. Não, não vou sair, meu senhor, o Babuíno.

— Por que essa mulher não sai, meu Holly? — perguntou Ayesha do outro lado da caverna, onde estava ocupada em examinar algumas esculturas na parede.

— Ela não está querendo sair do lado de Leo — respondi, sem saber o que dizer. Ayesha virou-se, e apontando para a jovem Ustane disse uma palavra, uma única palavra, mas foi o suficiente, pois o tom com que foi pronunciada já dizia tudo.

— Saia!

No mesmo instante Ustane saiu rastejando da caverna.

— Vês, meu Holly? — disse Ayesha com uma risadinha. — Era indispensável que eu desse uma lição de obediência a esse povo. Essa garota chegou quase a me desobedecer, isso porém porque não viu hoje de manhã como trato os desobedientes. Bem, ela já se foi; agora deixa-me ver o jovem. — E deslizou até o diva onde Leo estava deitado, virado para a parede e com o rosto escondido pelas sombras.

— Ele tem uma aparência nobre — disse ao mesmo tempo em que se inclinava para olhar o rosto dele.

No instante seguinte a forma alta e esbelta da mulher andava cambaleante pelo cômodo, como se tivesse levado um tiro ou uma facada, até que por fim suas costas tocaram a parede da caverna, e então explodiu de seus lábios o grito mais terrível e sobrenatural que jamais chegou a meus ouvidos.

— O que foi, Ayesha? — gritei. — Ele está morto?

Ela virou-se e pulou em minha direção como uma tigresa.

— Cão! — sussurrou ela de um modo terrível e que para mim soou como o silvo de uma cobra. — Por que escondeste isso de mim? — E estendeu o braço de um jeito que pensei que fosse me matar.

— Isso o quê? — gritei no mais profundo terror. — O que.

— Ah! — disse ela. — Talvez não soubesses. Pois fica sabendo, meu Holly, fica sabendo: ali, ali naquela cama esta meu amado Kallikrates. Kallikrates, que finalmente voltou para mim, como eu sabia que um dia voltaria, como eu sabia que ia acontecer! — E começou a soluçar e a rir ao mesmo tempo, e na verdade ela se comportava como qualquer outra mulher que estivesse assim emocionada, murmurando: "Kallikrates, Kallikrates!"

"Absurdo", pensei comigo mesmo, mas não ousei dizer isso em voz alta; e para falar a verdade naquele momento estava pensando exclusivamente na vida de Leo, numa terrível ansiedade que me fazia esquecer todo o resto. O que mais me preocupava era que ele pudesse morrer enquanto Ayesha estava abalada pela histeria.

— A menos que sejas capaz de ajudá-lo, Ayesha — sugeri humildemente —, logo teu Kallikrates não vai mais poder ouvir teu chamado. É óbvio que está morrendo.

— É verdade — disse ela com um sobressalto. — Oh! Por que não vim antes? Estou perturbada — minha mão treme, até mesmo minha mão —, e apesar de tudo é tão fácil. Aqui, tu, Holly, pega este frasco — acrescentou, tirando um pequeno jarro de cerâmica das dobras da roupa — e derrama o líquido na garganta dele. Isso vai curá-lo, se já não estiver morto. Rápido, agora! Rápido! O homem está morrendo!

Olhei em direção a Leo; era verdade — estava em seus momentos finais. Vi seu rosto sofrido tornar-se acinzentado e ouvi a respiração começar a fazer um ruído estranho na garganta. O pequeno frasco estava fechado por um pedacinho de madeira. Tirei-o com os dentes, e uma gota do líquido que havia dentro caiu em minha língua. O sabor era doce, e fez com que durante um segundo minha cabeça girasse e os olhos ficassem embaçados por uma névoa, mas por sorte o efeito passou tão rápido como chegara.

Quando me inclinei sobre Leo ele estava quase moribundo — sua cabeça dourada virava vagarosamente de um lado para outro, e a boca estava entreaberta. Pedi a Ayesha que segurasse a cabeça do jovem, o que ela conseguiu fazer, embora estivesse tremendo da cabeça aos pés, como uma folha de álamo ou um cavalo assustado. Então, forçando um pouco o queixo dele, derramei o conteúdo do frasco em sua boca. No mesmo instante levantaram-se alguns vapores, como acontece quando alguém agita ácido nítrico, e essa visão não aumentou minhas esperanças — que já não eram muito grandes, diga-se de passagem — na eficácia do tratamento.

Uma coisa entretanto era certa: os estertores da morte cessaram — no começo achei que era porque Leo já estava além deles, tendo cruzado o temido rio. O rosto dele ficou lívido, e as batidas de seu coração, que já estavam bastante fracas, pareciam sumir por completo — apenas as pálpebras ainda se moviam um pouco. Cheio de dúvidas olhei para Ayesha, cuja cabeça estava agora descoberta, já que os panos que a envolviam tinham escorregado enquanto andava sem parar ao redor da sala. Ela ainda segurava a cabeça de Leo, e com o rosto tão pálido quanto o dele olhava para suas feições com uma expressão de tamanha ansiedade e agonia como eu nunca vira antes. Ficava claro que não sabia se ele ia viver ou morrer. Cinco minutos se arrastaram, e vi que ela perdia

as esperanças; a adorável face oval pareceu desabar e ficar visivelmente menor sob a pressão de uma agonia mental cujo lápis traçava linhas negras ao redor das cavidades dos olhos. Até mesmo a cor de coral pareceu deixar seus lábios, até eles ficarem tão brancos quanto o rosto de Leo, tremendo de uma maneira que inspirava piedade. Era chocante vê-la: mesmo do fundo do meu desespero senti pena dela.

— Tarde demais? — perguntei com a voz entrecortada.

Ela escondeu o rosto nas mãos e não me deu resposta; então também virei as costas para chorar. Mas no momento em que me virava ouvi uma respiração profunda, e olhando para baixo percebi uma leve coloração surgindo no rosto de Leo, e depois mais forte e um pouco mais forte, até que, maravilha das maravilhas, o homem que julgávamos morto se virou na cama.

— Viste? — perguntei, sussurrando.

— Vi — respondeu ela com a voz rouca. — Está salvo. Pensei ter chegado muito tarde; mais um minuto, um único minuto, e ele se teria ido para sempre! — E dizendo isso ela explodiu em lágrimas, soluçando com tamanha intensidade como se seu coração fosse quebrar, e mesmo assim parecendo mais adorável do que nunca enquanto chorava. Por fim parou.

— Perdoa-me, meu Holly — perdoa-me por minha fraqueza — disse. — Como podes ver, apesar de tudo sou apenas uma mulher. Pensa — agora pensa um pouco! Ainda hoje de manhã falaste a respeito do lugar de tormentos apontado por essa tua nova religião. Chamaste-os de inferno ou Hades — um lugar onde a essência vital vive e retém uma memória individual, e onde todos os erros e faltas cometidas, as paixões não satisfeitas e os terrores ilusórios da mente, com que um dia ela terá de se haver, vêm para zombar, assombrar, escarnecer e atormentar o coração para todo o sempre, apresentando-lhe a visão da sua própria desesperança. Assim, bem assim vivi durante mais de dois mil anos, passando por cerca de sessenta e seis gerações — que é como avaliaes o tempo — no inferno, como tu o chamas, atormentada pela memória de um crime, torturada dia e noite por um desejo não satisfeito, sem nenhuma companhia, sem conforto, sem morte, e impulsionada nessa minha melancólica estrada apenas pelas fracas luzes da esperança, que, embora piscassem aqui e ali, e brilhassem mais forte em determinados momentos, desaparecendo em outros, ainda assim, de acordo com minhas previsões, um dia iriam me libertar.

"E, então, pensa um pouco, Holly, pois nunca ouvirás outra história ou verás outra cena como essa, não, nem mesmo se eu te der outros dez mil anos de vida, e poderás tê-los como pagamento, se quiseres — pensa: chegou por fim o meu libertador, aquele por quem ansiei e esperei durante tantas gerações; no momento determinado ele veio me procurar, como eu sabia que iria fazer, pois minha sabedoria não podia estar errada, embora não soubesse nem como nem quando. Portanto vê quão ignorante eu era! Vê como é pequena minha sabedoria e insignificante minha força! Durante horas ele permaneceu aí, às portas da morte, e não senti nada — eu, que estive esperando por ele há dois mil anos —, não senti nada! E então o vejo, por fim, e eis que minha chance quase me escapa antes que consiga alcançá-la, pois ele está nas garras da morte, onde nenhum de meus poderes consegue alcançá-lo. E se ele morrer, com certeza o inferno terá

de ser vivido de novo — mais uma vez terei de enfrentar os séculos tediosos e esperar e esperar, até que o tempo em sua plenitude traga meu Amado de volta para mim. E então deste o remédio a ele, e aqueles cinco minutos se passaram antes que eu ficasse sabendo se ele viveria ou morreria, e te digo que todas as sessenta e seis gerações passadas não foram tão longas como aqueles cinco minutos. Mas no final eles passaram, e ele ainda não apresentava nenhum sinal de melhora, e eu sabia que se o remédio ainda não tinha produzido efeito ele seria inócuo, pelo menos até onde meu conhecimento alcança. Então achei que ele tivesse morrido de novo, e todas as torturas de todos os anos reuniram-se numa única lança envenenada e me penetraram de alto a baixo, porque uma vez mais eu perdera Kallikrates! E de repente tudo mudou, e eis que ele suspira, e vive, como eu tinha certeza de que iria acontecer, pois nunca alguém que havia tomado a droga tinha morrido. Pensa nisso agora, meu Holly — pensa, que maravilha! Agora ele vai dormir durante doze horas, e então a doença o terá deixado — o terá deixado para a vida e para mim!"

Parou de falar e descansou a mão sobre a jovem cabeça dourada; depois, inclinando-se, beijou a sobrancelha dele com um abandono de ternura tão puro que teria sido bonito de olhar, não fora o fato de aquela visão cortar-me o coração — pois eu estava com ciúme.

## Capítulo XVIII - "Vai embora, mulher!"

Em seguida houve um minuto ou dois de silêncio, durante os quais se alguém pudesse julgar pela expressão de enlevo quase angélico de seu rosto — pois de vez em quando ela tinha um ar angélico —, Ela parecia estar mergulhada numa espécie de êxtase de felicidade. De repente porém foi atingida por um novo pensamento, e sua expressão transformou-se no exato reverso do angelical.

— Quase tinha me esquecido — disse ela; — aquela mulher, Ustane. O que ela é de Kallikrates? . . . Sua serva, ou. . . — E fez uma pausa, a voz trêmula.

Encolhi os ombros.

— Pelo que sei ela está casada com ele segundo o costume dos *amahagger* — respondi; — mas na realidade não tenho certeza.

O rosto dela ficou sombrio como uma nuvem de tempestade. Apesar da idade avançada Ayesha ainda não superara o ciúme.

— Então é o fim — disse ela; — a jovem tem de morrer, agora!

— Por qual crime? — perguntei horrorizado. — Ela não é culpada de nada que tu também não sejas, ó Ayesha. Ela ama o rapaz, e ele tem gostado muito de receber esse amor; onde está o crime, então?

— Na verdade, Holly, és um tolo — respondeu ela, quase petulante. — Onde está o crime? O crime dela é estar entre mim e meu desejo. Sei muito bem que posso tirá-lo dela, pois existe algum homem sobre a terra, Holly, que consiga resistir a mim, se eu utilizar minha força? Os homens só são fiéis enquanto as tentações passam ao largo. Mas se a tentação for forte o suficiente então o homem vai se render, já que todos os homens, como todas as cordas, têm seu ponto fraco, e este é a paixão, que para eles significa o mesmo que o ouro e o poder para as mulheres — o peso sobre sua fraqueza. Acredita-me, as coisas iriam muito mal para as mulheres mortais naquele paraíso de que falas se apenas os espíritos fossem belos, pois seus amos nunca as olhariam, e esse paraíso iria se tornar um inferno. Pois o homem pode ser comprado pela beleza de uma mulher, se ela for bela o suficiente; e a beleza de uma mulher sempre pode ser comprada com ouro, se houver ouro suficiente. Era assim nos meus dias, e continuará a ser assim até o final dos tempos. O mundo é um grande mercado, meu Holly, onde todas as coisas estão à venda para aquele que oferecer o maior preço na moeda dos nossos desejos.

Essas observações, tão cínicas como se poderia esperar de uma mulher com a idade e a experiência de Ayesha, chocaram-me muito, e respondi com mau humor que em nosso paraíso não havia casamentos nem separações.

— Do contrário não seria um paraíso, é o que queres dizer? — interrompeu ela. — Que vergonha, Holly, pensares tão mal de nós, pobres mulheres! Então é o casamento que marca a linha que separa o teu paraíso do teu inferno? Chega porém de falar nisso. Agora não é hora de disputas nem de desafios intelectuais. Por que estás sempre discutindo algo? Por acaso és também um filósofo dos tempos modernos? Quanto a essa mulher, deve morrer; pois embora eu seja capaz de roubar seu amado, mesmo assim, enquanto ela viver, pode ser que ele

pense nela com ternura, e isso não posso suportar. Nenhuma outra mulher deve residir nos pensamentos do meu amo; meu império tem de ser todo meu. Ela já teve o seu tempo, que fique contente com isso; é melhor uma hora de amor do que um século de liberdade — agora a noite a engolirá.

— Não, não — gritei —, seria um crime terrível; e tudo o que nasce de um crime só pode ser mau. Por teu próprio bem, não faças isso.

— Então por acaso é um crime, ó tolo, eliminar aquilo que se interpõe entre nós e nossos objetivos? Se assim for, toda a nossa vida é um longo crime, meu Holly; pois dia após dia destruimos para poder viver, já que neste mundo só sobrevivem os mais fortes. Aqueles que são fracos devem perecer; a terra e os frutos da terra são para os fortes. Para cada árvore que cresce outras tantas devem secar, e assim o mais forte tem sua parte. Conseguimos poder e nosso lugar no mundo passando por cima dos corpos mortos daqueles que falham e caem; e tiramos da boca de bebês famintos o alimento que comemos. E o esquema das coisas. Também disseste que um crime faz surgir o mal, mas a esse respeito realmente te falta experiência; pois muitas coisas boas podem resultar de crimes, e muitas coisas ruins, de boas ações. A ira cruel do tirano pode ser uma bênção para milhares que vieram depois dele, enquanto a bondade de um homem santo pode gerar uma nação de escravos. O homem faz isso ou aquilo guiado pelo que há de bom ou mau no coração; porém não pode saber para onde seu juízo o está conduzindo; pois quando golpeia está cego e não vê onde a pancada vai cair, nem é capaz de contar os fios etéreos que tecem a teia das circunstâncias. O bem e o mal, o amor e o ódio, a noite e o dia, o doce e o amargo, o homem e a mulher, o céu lá em cima e a terra aqui embaixo — todas essas coisas são necessárias umas para as outras, e quem sabe onde tudo vai acabar? Eu te digo que existe uma Mão do Destino que entrelaça umas nas outras a fim de poder suportar a carga do seu objetivo, e todas as coisas estão reunidas nessa grande corda, para a qual elas são necessárias. Sendo assim não nos cabe dizer que isso é o mal e aquilo o bem, ou que a escuridão é horrível e a luz, maravilhosa; pois para outros olhos que não os nossos o mal pode ser o bem e a escuridão, mais bonita que a luz do dia, ou ambas as coisas igualmente belas. Estás ouvindo, meu Holly?

Perdi totalmente a esperança de argumentar contra casuísmos dessa natureza, que se levados até sua conclusão lógica destruiriam por completo toda a moralidade, pelo menos da maneira como a compreendemos. Porém a fala de Ayesha me fez sentir um leve arrepio de medo, pois o que não seria possível para alguém que não sendo coagida por nenhuma lei humana estava também absolutamente livre de qualquer senso moral do que é certo ou errado, senso esse que por mais parcial e convencional que possa ser ainda assim é baseado, como nos afirma a consciência, na grande muralha da responsabilidade individual, que é o que diferencia o homem dos outros animais? Apesar de tudo estava ainda bastante ansioso por tentar salvar Ustane, por quem nutria afeição e respeito, do terrível destino que a esperava nas mãos de sua poderosa rival. Então fiz mais um apelo.

— Ayesha — disse eu —, és muito sutil para mim; pois tu mesma não disseste que cada homem deve ter uma lei para si próprio e seguir os ensinamentos de

seu coração? Será que teu coração não tem piedade alguma daquela cujo lugar pretendes tomar? Reflete um pouco: como tu disseste — embora para mim a coisa toda seja inacreditável —, aquele a quem desejas tanto voltou para ti depois de muitos séculos, e agora mesmo, como também disseste, acabas de tirá-lo das garras da morte. Então pretendes celebrar a sua volta com o assassinato de alguém que o amava e a quem talvez ele amasse — alguém que afinal de contas salvou a vida dele quando as lanças de teus escravos queriam dar cabo dela? Disseste também que em dias passados cometeste uma séria injustiça para com esse homem, pois com as próprias mãos o mataste por causa da egípcia Amenartas, a quem ele amava.

— Como sabes disso, ó forasteiro? Como conheces esse nome? Pois não o mencionei na tua frente — interrompeu ela com um grito, agarrando-me o braço.

— Talvez eu tenha sonhado — respondi; — sonhos muito estranhos pairam nestas cavernas de Kôr. Porém parece que esse sonho era mesmo uma sombra da realidade. E o que ganhas-te com teu crime insensato? Dois mil anos de espera, não foi? E agora pretendes repetir a história? Dize o que quiseses, e te responderei sempre que vais gerar o mal; pois para aquele que o pratica, pelo menos, o bem produz o bem, e o mal, o mal, mesmo que depois de um tempo o mal possa produzir algo de bom. As ofensas precisam existir; pobre porém daquele que as produz. Assim disse aquele Messias de quem já te falei, e é verdade. Se tu matares essa inocente, já te aviso, serás amaldiçoada, e não colherás nenhum fruto dessa tua antiga árvore do amor. E então, o que achas? Achas que esse homem vai pegar a tua mão ainda vermelha do sangue daquela que o amou e cuidou dele?

— Quanto a isso — respondeu ela — já havia te dado uma resposta. Mesmo que tivesse matado não só a ela, mas a ti também, ainda assim ele me amaria, Holly, pois não seria mais capaz de evitá-lo do que tu de evitar a tua própria morte, se por acaso eu resolvesse te matar, Holly. E mesmo assim, pode ser que exista algo de verdadeiro naquilo que falas, pois de algum modo atingiu minha mente. E se é para ser assim, então vou poupar essa mulher; pois já não te disse que não sou cruel apenas pelo simples prazer da crueldade? Não gosto de ver o sofrimento, e muito menos de provocá-lo. Faz com que ela venha até minha presença; rápido, antes que eu mude de idéia! — E imediatamente cobriu o rosto com seus panos diáfanos.

Bastante satisfeito por ter sido bem-sucedido fui até a passagem e chamei por Ustane, cuja túnica branca pude avistar a algumas jardas de distância, sentada no chão sob um dos lampiões de cerâmica que tinham sido colocados no túnel, a intervalos regulares. A jovem levantou-se e correu até mim.

— Meu amo está morto? Oh, não diga que ele está morto! — gritou ela, levantando em minha direção a nobre face toda manchada pelas lágrimas e com um ar de súplica infinita que entrou direto em meu coração.

— Não, ele vive — respondi. — Ela o salvou. Vem.

Ela deu um suspiro profundo e entrou, colocando-se logo de joelhos, como era costume entre os *amahagger*, ante a presença da terrível Ela.

— Levanta-te — disse Ayesha na voz mais gelada de que era capaz — e vem

até aqui.

Ustane obedeceu, permanecendo em pé diante dela com a cabeça abaixada.

Em seguida houve uma pausa, que Ayesha interrompeu.

— Quem é esse homem? — perguntou apontando para a forma adormecida de Leo.

— É meu marido — respondeu Ustane em voz baixa.

— É quem o deu a ti como marido?

— Eu o peguei, segundo o costume de nosso país, ó Ela.

— Fizeste muito mal, mulher, ao pegar esse homem, que

é um estrangeiro. Ele não pertence à tua raça, e portanto o costume não tem valor. Ouça: talvez tenhas feito isso por pura ignorância, e é por isso, mulher, que vou te poupar, pois de outra forma morrerias. Ouça bem. Volta imediatamente para teu próprio lugar e nunca mais ousa falar de novo com esse homem ou sobre ele colocar teus olhos. Ele não é para ti. Ouça mais uma vez. Se quebrares essa minha lei morrerás no mesmo instante. Vai!

Mas Ustane não se moveu.

— Vai embora, mulher!

Então Ustane levantou a cabeça e pude ver que tinha o rosto transtornado pela paixão.

— Não, ó Ela, não irei — respondeu com a voz sufocada. — Esse homem é meu marido, e eu o amo; amo-o e não vou deixá-lo. Não tens o direito de exigir que eu deixe meu marido.

Vi que Ayesha tremeu de alto a baixo, e eu mesmo senti um arrepio, temendo pelo pior.

— Tem piedade — disse eu, em latim; — é apenas a natureza trabalhando.

— Eu tenho piedade — respondeu ela friamente, usando o mesmo idioma; — não fosse assim ela já estaria morta. — E em seguida, dirigiu-se a Ustane: — Mulher, estou te dizendo, vai-te embora, antes que te destrua aí mesmo onde estás!

— Não vou! Ele é meu, meu! — gritou Ustane angustiada-mente. — Fui eu que o encontrei, e ainda salvei a vida dele! Destrói-me, então, se de fato tens poder para isso! Não vou te dar meu marido. . . Nunca. . . Nunca!

Ayesha fez um movimento tão rápido que quase não o consegui acompanhar, mas pareceu-me que atingira de leve a cabeça da pobre garota com a mão. Olhei para Ustane e recuei cambaleando de horror, pois em sua cabeça, bem entre as trancas cor de bronze, podiam-se ver três marcas de dedos, *brancas como a neve*. Quanto à jovem, colocou as mãos na cabeça, como alguém que está atordoada.

— Deus do céu! — exclamei, horrorizado ante aquela terrível demonstração de poder inumano; mas Ela apenas deu uma risadinha.

— Sei que pensas, pobre tola ignorante — disse ela, dirigindo-se à jovem desconcertada —, que não tenho poderes para matar. Olha, há um espelho ali — e apontou para o espelho de barbear redondo de Leo, que fora colocado por Job sobre a sua bagagem, junto com outras coisas; — entrega-o a essa mulher, meu Holly, e deixa que ela mesma veja o que aconteceu com seus cabelos e perceba

se tenho ou não poder para matar.

Peguei o espelho e segurei-o na frente dos olhos de Ustane. A jovem olhou, colocando a mão na cabeça, depois olhou de novo, e no mesmo instante desabou no chão, dando um soluço abafado.

— Agora vais embora ou terei de te golpear uma vez mais? — perguntou Ayesha com ar de deboche. — Vê, coloquei meu selo em ti, para poder te reconhecer até que teus cabelos fiquem brancos por completo. Se eu voltar a olhar para teu rosto podes ter certeza de que teus ossos logo ficarão mais brancos do que meu selo em teus cabelos.

Amedrontada e abatida, a pobre criatura levantou-se e, marcada para sempre com aquele terrível sinal, arrastou-se para fora do quarto, soluçando com amargura.

— Não fiques com um ar tão apavorado, meu Holly — disse Ayesha depois que Ustane saiu. — Continuo dizendo que não lido com mágica, não existe mágica. É apenas uma força que não consigo compreender. Coloquei a marca nessa jovem para encher de terror o coração dela, pois de outra forma teria de matá-la. E agora vou pedir que meus servos levem meu amo Kallikrates para uma câmara próxima à minha, a fim de que eu possa vê-lo e estar pronta para recebê-lo quando ele acordar; e tu também deves vir, meu Holly, e o outro branco, teu servo. Mas de uma coisa deves lembrar-te, para teu próprio bem. Não deves dizer nada a Kallikrates a respeito de como essa mulher foi embora, e também deves falar o menos possível a meu respeito. Estás avisado! — E saiu deslizando para dar suas ordens, deixando-me mais perplexo do que nunca. Para falar a verdade eu estava numa tal confusão e tão atormentado e torturado por aquela seqüência de emoções variadas que comecei a pensar que estava ficando louco. Entretanto, e talvez felizmente, não tive muito tempo para refletir, pois naquele momento os mudos chegaram para transportar Leo e nossos pertences para outros aposentos, de modo que por alguns momentos houve bastante alvoroço. Nossas novas acomodações estavam localizadas logo atrás do lugar que costumávamos chamar *boudoir*<sup>231</sup>, de Ayesha — aquele espaço cheio de cortinas, onde a vira pela primeira vez. Não sabia exatamente onde dormia, mas tinha a impressão de ser bem perto.

Passei aquela noite no quarto de Leo, porém ele permaneceu o tempo todo em um estado de torpor, como se estivesse morto, sem se mover uma única vez. Também eu dormi bem, e, na verdade, estava mesmo precisando disso, mas meu sono foi tomado por sonhos que aludiam a todos os horrores e maravilhas que presenciara. A cena que mais me atormentava era aquela exibição de *diablerie* com que Ayesha deixara a marca de seus dedos no cabelo da rival. Havia algo de tão terrível naquele movimento rápido, semelhante ao de uma cobra, e no embranquecimento instantâneo daquelas faixas de cabelo que mesmo se o efeito do gesto em Ustane tivesse sido muito mais violento duvido que teria me impressionado mais profundamente. Até hoje continuo sonhando com aquela cena terrível, e vejo a jovem, chorando, privada de seu amor e marcada como Caim, lançar um último olhar para seu amado e sair do local se

arrastando, ante o terrível olhar de sua rainha.

Outro sonho que me atormentou naquela noite teve origem na enorme pirâmide de ossos. Sonhei que todos aqueles cadáveres se levantavam e marchavam à minha frente aos milhares, dezenas de milhares — em esquadrões, companhias e exércitos —, com a luz do sol brilhando através de suas costelas ocas. O grupo atravessou a planície, chegando até Kôr, sua casa imperial; pude ver as pontes levadiças baixarem à sua chegada, e ouvi seus esqueletos retinirem embaixo dos portões de bronze. E eles prosseguiram, pelas esplêndidas ruas, passando por fontes, palácios e templos tão maravilhosos, como nunca nenhum olho humano chegou a apreciar. Mas não havia ninguém para recebê-los na praça do mercado, e nenhum rosto de mulher apareceu nas janelas — apenas uma voz sem dono soou pelas ruas, dizendo: "Arruinada! Kôr imperial está arruinada! Arruinada! Arruinada!" Mas aquelas falanges brilhantes continuaram marchando pela cidade, e o chacoalhar de seus passos ecoava no ar silencioso, à medida que, imperturbáveis, seguiam seu caminho. Passaram por toda a cidade até subir na muralha, percorrendo a larga estrada que fora construída sobre ela, até que por fim alcançaram de novo a ponte levadiça. Então, como o sol já se punha, decidiram retornar a seu sepulcro; a luz do astro brilhava palidamente nas órbitas vazias dos olhos, lançando até bem longe as sombras gigantescas de seus ossos, que se esticavam e se arrastavam como enormes pernas de aranhas, à medida que os exércitos serpeavam através da planície. Então chegaram à caverna, e uma vez mais se atiraram no buraco que levava até a cova da morte, um por um, em filas intermináveis; nesse momento acordei, tremendo, e vi Ela, que estivera parada entre o meu divã e o de Leo, deslizar como uma sombra para fora do aposento.

Depois disso, dormi de novo, dessa vez profundamente, até a manhã seguinte, acordando bastante reanimado. Afinal chegava a hora em que, segundo Ay esha, Leo deveria acordar, e por isso apareceu a própria Ela, toda coberta.

— Vais ver, Holly — disse ela; — daqui a pouco ele vai acordar recuperado e a febre terá ido embora.

Mal acabara de falar quando Leo se virou e, depois de espreguiçar-se, bocejou e abriu os olhos. Em seguida, percebendo uma forma de mulher inclinada sobre si, enlaçou-a com os braços e beijou-a, pensando, talvez, que fosse Ustane. Pelo menos foi o que disse, em árabe:

— Olá, Ustane! Por que embrulhaste a cabeça desse jeito? Estás com dor de dente? — E em seguida acrescentou em inglês: — Estou morrendo de fome. Ora, Job, seu velho patife, onde, com mil diabos, estamos, há?

— Estou certo de que gostaria de saber, sr. Leo — respondeu Job, olhando com desconfiança para Ay esha, por quem ainda nutria a repugnância e o horror mais profundos, não estando de maneira alguma convencido de que ela não era um cadáver animado; — mas o senhor não deve falar, pois estive muito doente, causando-nos bastante preocupação; e se essa senhora — e olhou para Ay esha — tiver a bondade de se afastar um pouco, vou trazer-lhe sua sopa.

Essas palavras fizeram com que a atenção de Leo se voltasse para a "senhora", que estava ali parada no mais perfeito silêncio.

— Por quê? — quis saber ele. — Essa não é Ustane? Onde está ela?

Então, pela primeira vez, Ayesha dirigiu-se a ele, e começou falando uma mentira:

— Ela foi fazer uma visita — disse ela. — E como vês, estou aqui no lugar dela, como tua criada.

O tom argênteo da voz de Ayesha pareceu intrigar tanto o intelecto semidesperto de Leo quanto o fizera aquele corpo envolvido em tecidos. Entretanto, ele não deu nenhuma resposta, contentando-se em tomar a sopa com voracidade, e depois, virando-se para a parede, dormiu de novo até a noite. Quando despertou pela segunda vez, ele me viu, e começou a fazer-me perguntas sobre o que tinha acontecido; porém, consegui protelar aquela conversa até a manhã seguinte, quando ele acordou milagrosamente recuperado. Então lhe contei alguma coisa a respeito de sua doença e também sobre o que ocorrera, mas como Ayesha estava presente, não pude contar-lhe muito a respeito dela, dizendo apenas que era a rainha daquele país, que nos recebera muito bem e que apenas gostava de permanecer coberta daquele jeito; pois, embora estivesse falando em inglês, é claro, tinha medo de que ela pudesse entender o que estávamos conversando a partir da expressão de nosso rosto; além disso, lembrava-me dos avisos dela.

Na manhã do outro dia, Leo já estava quase curado por completo. O ferimento lateral havia cicatrizado, e sua constituição vigorosa, se recuperado da exaustão posterior a uma febre daquela intensidade com tal rapidez, que só posso atribuir aos efeitos daquele remédio maravilhoso que Ayesha preparara, e talvez ao fato de a doença não ter sido longa o bastante para desgastá-lo. Ao recuperar a saúde recuperou também a memória de todas as aventuras pelas quais tinha passado até o momento em que perdera a consciência no meio do pântano, e também, é claro, de Ustane, a quem, descobri então, se afeiçoara bastante. Para falar a verdade ele me cobria de perguntas a respeito da pobre garota, perguntas essas que eu não tinha coragem de responder, pois após Leo ter acordado pela primeira vez Ela me mandara chamar, a fim de avisar-me solenemente mais uma vez de que eu não deveria revelar nada a respeito da história que me contara, sugerindo com delicadeza que, se o fizesse, poderia ser pior para mim. Além disso, advertira-me pela segunda vez de que também não deveria falar nada além do necessário sobre ela, afirmando que iria se revelar a Leo no momento apropriado.

Na verdade, todo o comportamento dela mudara. Por tudo o que sabia eu tinha a impressão de que ela aproveitaria a primeira oportunidade para reclamar o homem que acreditava ser seu antigo amor; entretanto, por alguma razão pessoal que na época não consegui compreender, não foi assim que Ayesha agiu. Tudo o que fez foi atender a todos os desejos dele sem nada dizer, e com uma humildade que contrastava chocante-mente com seu comportamento anterior, bastante autoritário: dirigia-se a ele sempre num tom muito respeitoso, e permanecia em sua companhia o maior tempo possível. É claro que a curiosidade de Leo estava tão excitada com aquela misteriosa mulher quanto a minha própria havia ficado antes, e ele estava ansioso sobretudo por ver o rosto dela, que, sem entrar em muitos detalhes, eu descrevera como sendo tão encantador quanto a voz ou as formas dela. Apenas isso já era o suficiente para

e elevar as expectativas de qualquer jovem até um nível bastante perigoso, e não fosse pelo fato de Leo sofrer ainda os efeitos da doença, além de estar bastante preocupado com Ustane, de cuja ternura e corajosa devoção falava em termos bastante carinhosos, não tenho dúvidas de que teria se encaixado com perfeição nos planos de Ayesha, ficando apaixonado por ela por antecipação. Entretanto, devido a todas essas circunstâncias, ele estava apenas curioso, e também, como eu, um pouco assustado, pois embora não tivesse nenhuma indicação da extraordinária idade de Ela começou naturalmente a identificá-la com a mulher a quem a inscrição no fragmento se referia. Por fim, meio encurralado pelas seguidas perguntas de Leo, que continuou a me bombardear com interrogações enquanto se vestia na manhã do terceiro dia, mandei-o perguntar a Ayesha, afirmando que não tinha a menor idéia de onde Ustane estava — o que era a mais pura verdade. Desse modo, depois de Leo tomar um substancial café da manhã, fomos recebidos por Ela, que dera ordens a seus servos para que fôssemos admitidos à sua presença a qualquer hora do dia ou da noite.

Como sempre ela estava sentada no local que, por falta de uma palavra mais apropriada, costumávamos chamar de seu *doir*, e assim que as cortinas foram afastadas levantou-se do divã e, estendendo os braços, veio em nossa direção para nos cumprimentar, ou melhor, para cumprimentar Leo; então, como era de esperar, depois da recuperação do jovem eu fora deixado um pouco de lado. Era uma visão bonita a daquela forma envolta em tecidos deslizando em direção ao vigoroso jovem inglês, vestido com um terno de flanela cinzenta; pois embora metade de seu sangue seja grego, Leo é um dos homens de aparência mais inglesa que já vi, com exceção dos cabelos. Nada tem das formas elásticas ou do jeito manhoso dos gregos modernos, embora eu acredite que ele herdou grande parte de sua beleza da mãe estrangeira, com cuja fotografia se parece bastante. Leo é bem alto, tem o peito largo, e mesmo assim não é desajeitado como tantos homens de elevada estatura; além disso, a postura de sua cabeça lhe dá um ar ao mesmo tempo orgulhoso e viril, muito bem descrito por seu apelido entre os *amahagger*: Leão.

— Eu te saúdo, meu amo e convidado — disse Ayesha com sua voz mais doce. — Estou bastante satisfeita por te ver recuperado. Acredita-me, não tivesse eu te salvado no último minuto nunca mais voltarias a ficar em pé de novo. Mas o perigo já passou, e vou cuidar pessoalmente — e colocou um mundo de significados nessas palavras — para que ele nunca mais volte.

Leo fez uma reverência; em seguida, usando seu melhor árabe, agradeceu a ela por toda a bondade e cortesia que demonstrara ao cuidar de um desconhecido.

— Não — respondeu ela com doçura. — O mundo não poderia desperdiçar um homem assim. A beleza é muito rara sobre a terra. Não me agradeças, pois fui eu que fiquei feliz com a tua chegada.

— Hum, companheiro — comentou Leo comigo, em inglês —, a senhora é bastante civilizada. Parece que achamos um trevo de quatro folhas. Espero que tenha aproveitado ao máximo as suas oportunidades. Por Deus! Que par de braços!

Fiz-lhe sinal para que ficasse quieto, pois percebera um brilho suspeito nos olhos encobertos de Ayesha, que estava me observando cheia de curiosidade.

— Espero que meus servos tenham te tratado bem — continuou ela; — pois se é que pode haver algum conforto nesse lugar tão potre com certeza o terás. Há mais alguma coisa que desejas?

— Sim, ó Ela — respondeu Leo com impaciência. — Gostaria de saber por que a mulher que estava comigo desapareceu.

— Ah! — disse Ayesha. — A garota; sim, eu a vi. Não, não sei; ela apenas disse que iria embora, não sei para onde. Talvez volte, talvez não. É muito cansativo esperar pelos doentes, e essas mulheres selvagens são volúveis.

Leo recebeu a resposta entre angustiado e perplexo.

— É muito estranho — disse em inglês para mim. E em seguida, dirigindo-se a Ela, acrescentou: — Não consigo compreender; aquela jovem e eu, bem, nós gostávamos um do outro.

Ayesha soltou uma risadinha musical e mudou de assunto.

## Capítulo XIX - "Dê-me um Bode Preto"

Depois disso a conversa foi tão desconexa que nem sequer consigo me lembrar do que falamos. Por algum motivo, talvez pelo desejo de manter sua identidade e personalidade em segredo, Ayesha não conversou com tanta liberdade como de costume. Entretanto informou a Leo que tinha programado uma dança para aquela noite, a fim de que nos divertíssemos um pouco. Fiquei bastante espantado ao ouvir aquilo, pois achava que os *amahagger* eram um povo melancólico demais para se permitir uma frivolidade dessas; mas, como ficara evidenciado, a dança *amahagger* tem muito pouco em comum com as fantásticas festas realizadas por outros povos, selvagens ou civilizados. Então, quando já estávamos para nos retirar, ela sugeriu que Leo poderia gostar de ver algumas das maravilhas das cavernas; sendo assim, partimos para a visita, acompanhados por Job e Billali.

Descrever esse passeio seria apenas repetir em grande parte o que já contei antes. Na verdade entramos em túmulos diferentes, pois toda a rocha é uma enorme colméia de sepulturas<sup>{24}</sup>, mas o conteúdo deles não variava muito. . . Em seguida visitamos a pirâmide de ossos que assombrara meus sonhos na noite anterior e depois atravessamos uma longa passagem até chegar a uma das enormes câmaras mortuárias ocupadas pelos restos dos cidadãos mais pobres de Kôr imperial. Esses corpos não estavam nem de longe tão bem preservados como os das pessoas das classes mais abastadas. Muitos deles nem sequer estavam cobertos com um pedaço de linho; além disso havia entre quinhentos e mil cadáveres colocados numa única câmara grande, e em alguns casos os corpos estavam praticamente esmagados uns contra os outros, formando uma massa indistinta.

Leo estava, é claro, profundamente interessado por essa estupenda visão, que na verdade era impressionante o bastante para colocar em plena atividade toda a imaginação que um homem possuía. Já para o pobre Job a cena não era tão atrativa. Como bem se pode imaginar, seus nervos, já muito abalados por tudo o que havia passado desde que chegáramos àquele terrível país, ficaram ainda mais perturbados pelo espetáculo dessa massa de seres humanos já mortos, cujas formas ainda se mantinham perfeitas ante seus olhos, embora as vozes estivessem perdidas para sempre no eterno silêncio do túmulo. E seu estado não melhorou nem um pouco quando o velho Billali, com o intuito de tentar acalmar sua evidente agitação, informou-o de que não havia nada a temer da parte desses mortos, pois dentro em breve seria um deles.

— Isso não é coisa que se diga a um homem, senhor — explodiu ele depois que traduzi a observação do velho. — Mas também o que se pode esperar de um velho canibal selvagem? Nada, além de dizer que ele está certo. — E deu um suspiro.

Tendo acabado de examinar as cavernas voltamos e fizemos nossa refeição,

pois já passava das quatro da tarde, e todos precisávamos de alimento e descanso — sobretudo Leo. As seis horas, acompanhados por Job, ficamos esperando Ayesha, que conseguira deixar nosso criado ainda mais terrificado, mostrando-lhe imagens refletidas na água do recipiente em forma de fonte. Por mim ela ficara sabendo que Job era um entre dezessete filhos, e então pedira a ele que pensasse em todos os seus irmãos e irmãs, ou em tantos quantos conseguisse, reunidos na chácara dos pais dele. Em seguida pediu-lhe que olhasse na água, e ali, refletida na plácida superfície, estava a cena passada há já muitos anos, bem como ficara retida no cérebro do nosso amigo. Alguns dos rostos eram bastante nítidos, enquanto outros eram apenas borrões e manchas, ou tinham as feições grosseiramente exageradas; o fato era que naquelas circunstâncias Job fora incapaz de se lembrar da aparência exata dos indivíduos, recordando-os apenas por uma peculiaridade de sua família, e a água só era capaz de refletir o que ele via com o olho da própria mente. Não se pode esquecer na verdade que os poderes de Ela nesse campo eram bastante limitados; a não ser em ocasiões muito raras ela apenas conseguia fotografar sobre a água o que havia no espírito de outra pessoa presenteie mesmo assim dependia do consentimento dessa pessoa. Porém, se conhecesse pessoalmente o lugar, como acontecera conosco e nosso barco, Ayesha podia refleti-lo na água, e também, parece, refletir qualquer coisa que estivesse acontecendo ali naquele momento. Esse poder entretanto não se estendia à mente de outras pessoas. Por exemplo, era capaz de me mostrar o interior da capela da minha universidade exatamente como eu me lembrava dele, mas não como estava no momento em que a visão ocorria; isso porque no que se referia a outras pessoas sua arte estava limitada apenas aos fatos ou memórias presentes na consciência *daquelas* pessoas naquele momento. Tanto era assim que quando tentamos, apenas para diverti-la, mostrar-lhe imagens de construções importantes, como a Catedral de Saint Paul ou o Parlamento, o resultado foi bastante imperfeito; pois, é claro, embora tivéssemos uma idéia geral de sua aparência, éramos incapazes de nos recordar dos detalhes arquitetônicos, e conseqüentemente da minúcia necessária para uma imagem perfeita daquilo que pretendíamos. Mas era impossível fazer Job compreender isso, e longe de aceitar uma explicação natural para o assunto, que embora parecesse um tanto estranho nada mais era senão um exemplo de telepatia aperfeiçoada e ampliada, ele via o fenômeno como uma manifestação de magia negra. Nunca vou esquecer o grito de terror que soltou quando viu os retratos mais ou menos perfeitos dos irmãos, de quem estava há tanto tempo separado, olhando para ele da água tranqüila, ou da alegre risada com que Ayesha recebeu sua consternação. Também Leo não gostava daquelas exhibições, e ficou passando a mão pelos cachos dourados, dizendo que aquilo lhe dava "calafrios".

Depois de cerca de uma hora desses divertimentos, de cuja última parte Job não participou, as mudas indicaram por sinais que Billali estava pedindo uma audiência. Ele foi autorizado a entrar "rastejando", com o mesmo desajeitamento de sempre, e anunciou que a dança estava pronta para começar, se Ela e os forasteiros assim o desejassem. Sendo assim todos nos levantamos e, tendo esperado que Ayesha colocasse uma capa preta sobre seus trajes brancos (aliás a mesma que ela vestia quando a vi lançando maldições à beira do fogo), saímos.

A dança deveria ser realizada ao ar livre, no platô de rocha que havia defronte da grande caverna, e assim nos dirigimos para lá. A cerca de quinze passos da entrada da caverna encontramos três cadeiras, onde nos sentamos para esperar, já que nenhum dos dançarinos tinha aparecido. A noite estava quase escura, mas não completamente, e a lua ainda não nascera, o que nos fez imaginar como iríamos conseguir ver o espetáculo.

— Já vais ver — disse Ayesha com uma risadinha, quando Leo a interrogou sobre o assunto.

Mal acabara de falar quando vimos formas escuras saindo de todas as partes, cada uma delas carregando o que à primeira vista pareciam ser enormes tochas flamejantes. Mas o que quer que fossem, queimavam com fúria, pois as chamas se elevavam uma jardá atrás da cabeça de seus portadores. Os homens avançaram — havia cerca de cinqüenta ou mais — carregando seus fardos resplandecentes, como demônios saídos do próprio inferno. Leo foi o primeiro a descobrir de que as tochas eram feitas.

— Deus do céu! — disse ele. — São cadáveres pegando fogo! Olhei e depois olhei de novo. Leo estava perfeitamente certo

— as tochas que deviam iluminar nosso entretenimento eram múmias humanas retiradas das cavernas!

Os homens continuaram a avançar com seus cadáveres flamejantes, e ao chegarem a um determinado ponto, cerca de vinte passos de onde estávamos, fizeram uma grande fogueira com sua terrível carga. Por Deus! Como brilhavam e crepitavam! Nenhum barril de alcatrão teria queimado como aquelas múmias. E isso não foi tudo. De repente vi um homem alto pegar um braço incandescente que tinha se desprendido do esqueleto e correr para a escuridão. Logo depois parou, e um longo risco de fogo cortou o ar, iluminando a escuridão e também a tocha de onde provinha. Essa tocha era a múmia de uma mulher, amarrada a uma sólida estaca colocada na parede, em cujo cabelo o homem tinha ateadado fogo. Em seguida deu mais alguns passos e acendeu uma segunda, e depois uma terceira, e uma quarta, até que no final estávamos rodeados dos três lados por um grande anel de corpos que queimavam com fúria, pois o material em que eram preservados os deixara tão inflamáveis que as chamas jorravam de seus ouvidos e boca em línguas de fogo com quase meio metro de altura.

Nero iluminava seus jardins com cristãos vivos banhados em alcatrão, e naquele momento participávamos de um espetáculo semelhante, talvez o primeiro desde a época romana, com a única diferença que por sorte nossas tochas não eram vivas.

Mas infelizmente, embora esse último elemento de horror não estivesse presente, descrever a terrível e medonha grandeza do espetáculo que nos era apresentado está, pelo menos é o que sinto, tão além de minha pobre capacidade descritiva que mal ousa tentá-lo. Para começar, além de afetar as suscetibilidades físicas, aquilo tudo atingia a moral. Havia algo de muito terrível e ao mesmo tempo tremendamente fascinante nessa utilização de mortos remotos para iluminar as orgias dos vivos; considerada em si a coisa toda era uma espécie de sátira, tanto em relação aos vivos quanto aos mortos. A poeira de César — ou

era de Alexandre? — pode servir para vedar um barril, mas o trabalho desses Césares mortos do passado era iluminar uma dança selvagem. Também nós podemos chegar a esse ponto, recebendo igual desconsideração das mentes das multidões ansiosas que vamos gerar, muitas das quais, longe de reverenciar a nossa memória, vão viver para nos amaldiçoar por tê-las colocado num mundo tão cheio de desgraças.

Além disso havia o lado físico do espetáculo, ao mesmo tempo selvagem e esplêndido. A julgar por suas inscrições e esculturas aqueles velhos cidadãos de Kôr queimavam da mesma forma como tinham vivido: muito rápido e com a mais profunda liberalidade. E o que é mais importante, havia muitos deles. Tão logo uma múmia era consumida até o tornozelo, o que acontecia em cerca de vinte minutos, seus pés eram chutados para longe, colocando-se outra em seu lugar. A fogueira também era alimentada na mesma escala generosa, e suas chamas cortavam o ar com silvos e estalidos, elevando-se até vinte ou trinta pés acima do solo e atirando grandes jatos de luz até bem longe na escuridão; através desses jatos podíamos ver as formas escuras dos *amahagger* movimentarem-se para a frente e para trás como demônios reabastecendo o fogo do inferno. Nós todos nos levantamos e ficamos observando, horrorizados — chocados mas ao mesmo tempo, tempo fascinados ante um espetáculo tão estranho, e meio esperançosos de que os espíritos que um dia haviam habitado aquelas formas flamejantes sássem se arrastando das sombras para se vingar de seus profanadores.

— Prometi que assistiria a algo estranho, meu Holly — riu Ayesha, a única cujos nervos não pareciam afetados; — e como vês, não te enganei. Além disso essa cena pode ensinar alguma coisa. Não confies no futuro, pois quem sabe o que ele pode trazer? Assim sendo, vive para o presente e não te esportes por escapar da poeira que parece ser o destino de todos os homens. O que achas que esses nobres e essas damas já há tanto esquecidos teriam sentido se soubessem que numa época futura seu corpo delicado seria queimado para iluminar uma dança de selvagens? Mas olha, aí vêm os atores; um grupo alegre, não achas? O palco já está iluminado — que comece o espetáculo.

Enquanto ela falava víamos duas filas de figuras, uma de homens e outra de mulheres, avançarem ao redor da fogueira humana; eram umas cem pessoas, todas vestindo apenas a costureira pele de leopardo ou de gamo. Eles se colocaram em suas devidas posições, em perfeito silêncio e olhando uns para os outros, entre nós e o fogo, e em seguida a dança — uma espécie de canção demoníaca e infernal — começou. É quase impossível descrevê-la; para nossa mente despreparada ela parecia mais uma peça do que uma dança, embora houvesse bastante movimento de pernas e braços, e como era usual entre aquele povo terrível, cujo caráter tinha a mesma cor das cavernas em que viviam e cujas brincadeiras e divertimentos eram extraídos dos inesgotáveis estoques de mortalidade preservada com que dividiam suas casas, o tema era dos mais horríveis.

De início a dança representava uma tentativa de assassina-

to; em seguida mostrava a vítima sendo enterrada viva e sua luta pela vida dentro do túmulo; cada ato desse abominável drama, executado no mais perfeito silêncio, era encerrado com uma dança violenta e muito revoltante, realizada em

volta da suposta vítima, que ficava se retorcendo no chão à luz vermelha da fogueira.

Entretanto essa agradável apresentação foi subitamente interrompida. Houve uma pequena comoção, e uma grande e enérgica mulher — a quem eu já notara por ser uma das dançarinas mais vigorosas —, entre louca e bêbada de excitação paga, deu um salto e veio em nossa direção, gritando:

— Quero um Bode Preto, preciso de um Bode Preto, tragam-me um Bode Preto! — E jogou-se no chão de rocha, espumando e se retorcendo, ao mesmo tempo que gritava pedindo um Bode Preto, oferecendo-nos o espetáculo mais repelente que se pode imaginar.

No mesmo instante a maioria dos dançarinos reuniu-se ao redor dela, embora alguns outros ainda continuassem a executar seus movimentos na parte de trás da plataforma.

— Ela está possuída pelo demônio! — gritou um deles. — Corram e peguem um bode preto. Ai, demônio, fique quieto! Fique quieto! Logo você vai ter o seu bode. Já foram pegá-lo, demônio!

— Quero um Bode Preto, preciso de um Bode Preto! — gritou novamente a criatura, que espumava e se retorcia.

— Está bem, demônio, o bode já vem vindo; fique quieto, seja bonzinho, demônio!

E assim foi, até que por fim chegou o bode, trazido de um curral nas proximidades, balindo desesperadamente e arrastado pelos chifres.

— É um Bode Preto? É preto? — gritava a possuída.

— E, é, demônio, tão preto como a noite. — E depois, virando-se para o outro lado: — Mantenham-no aí atrás, para que o demônio não veja que o bode tem uma mancha branca na parte traseira e outra na barriga. Um minuto só, demônio. Vamos, cortem a garganta dele, rápido. Onde há uma tigela?

— O Bode! O Bode! O Bode! Dêem-me o sangue do meu bode preto! Preciso dele, não percebem que preciso dele? Oh! Oh! Oh! Dêem-me o sangue do bode.

Nesse instante um barulho terrível anunciou que o pobre animal havia sido sacrificado, e logo uma mulher veio correndo com uma tigela cheia de sangue. Então a criatura possuída, que naquela altura estava no auge do delírio e espumava de maneira selvagem, agarrou a tigela e *bebeu* seu conteúdo, refazendo-se no mesmo minuto, sem nenhum traço de histeria, ataques e possessões, ou qualquer outra das coisas terríveis que havia demonstrado. Apenas estendeu os braços e, sorrindo debilmente, voltou para o meio dos dançarinos, que então se retiraram em fila dupla, como haviam entrado, deixando deserto o espaço entre nós e a fogueira.

Achei que o espetáculo tinha terminado, e sentindo-me um pouco enjoado estava para perguntar a Ela se podíamos nos levantar quando, de repente, apareceu o que de início pensei ser um babuíno e ficou pulando em volta do fogo, acompanhado por um leão, ou melhor, um ser humano vestido com uma pele de leão, que aparecera do outro lado. Em seguida apareceu um bode e depois um homem embulhado num couro de boi, com os chifres oscilando para frente e para trás de maneira bastante ridícula. Então apareceu um impala, seguido por

um antílope, e depois mais bodes e muitos outros animais, inclusive uma jovem enrolada na pele brilhante e escamosa de uma jibóia, que se estendia pelo chão várias jardas atrás dela. Quando todos os mascarados haviam se reunido começaram a dançar de uma maneira estranha e não muito natural e a imitar os sons de seus respectivos animais, até que o ar ficou repleto de rugidos, balidos e do silvo das cobras.

Isso continuou durante um longo tempo, até que, cansado dessa pantomima, perguntei a Ayesha se eu e Leo podíamos dar uma volta para inspecionar as tochas humanas; e como ela não esboçasse nenhuma objeção foi isso que fizemos. Depois de examinar um ou dois corpos flamejantes estávamos já nos preparando para retornar, profundamente desgostosos com a grotesca excentricidade do espetáculo, quando tivemos a atenção atraída por um dos dançarinos, um leopardo sobremaneira ativo, que tinha se afastado dos companheiros e dançava logo à nossa frente, mas que aos poucos foi se deslocando até um ponto onde a escuridão era quase completa, ficando bem no meio de duas múmias incandescentes. Levados pela curiosidade o seguimos; de repente o dançarino passou por nós como um raio e, ao cruzar conosco, levantou a cabeça e disse: "Venham", com a voz que ambos reconhecemos ser de Ustane. Sem esperar para me consultar, Leo virou-se e seguiu-a na escuridão; tomado pelo medo de que algo acontecesse saí correndo atrás dos dois. O leopardo rastejou por cerca de cinquenta passos — uma distância suficiente para ficar fora do alcance da luz do fogo e das tochas —, e então Leo o alcançou, ou melhor, alcançou Ustane.

— Oh, meu amo — ouvi-a murmurar —, finalmente te encontrei! Ouve. Minha vida está sendo ameaçada por Ela-que-Deve-Ser-Obedecida. Com certeza o Babuíno já te contou como ela me afastou de ti. Eu te amo, e tu me pertences, meu amo, segundo o costume deste país. Também salvei tua vida; por isso tu não podes me mandar embora, meu amor, meu amor!

— É claro que não — explodiu Leo; — estava procurando por ti, Ustane. Vamos explicar tudo à rainha.

— Não, não, ela nos mataria. Não conheces o poder dela. Mas o Babuíno ali sabe de tudo, pois viu. Ouve! Existe apenas uma saída: se quiseres ficar comigo precisamos fugir através do pântano agora mesmo, e talvez tenhamos uma chance de escapar.

— Pelo amor de Deus, Leo — comecei. Ela porém me interrompeu:

— Não ouças o que ele diz. Rápido, sejamos rápidos, a morte está no ar que respiramos. Até mesmo agora pode ser que Ela esteja nos ouvindo — e sem mais demora começou a reforçar seus argumentos atirando-se nos braços dele. No momento em que fez isso a cabeça de leopardo escorregou e pude ver em seu cabelo as três marcas brancas de dedo brilhando francamente à luz das estrelas. Horrorizado com a natureza desesperadora daquela situação, uma vez mais estava para interferir, pois sabia que Leo não era muito forte e decidido no que se referia às mulheres, quando ouvi uma risadinha argentina atrás de mim. Virei-me e — oh, que horror! — era Ela em pessoa, acompanhada por Billali e dois servos mudos. Engasguei e quase caí, pois tinha certeza de que uma situação como aquela só poderia resultar em alguma tragédia horrível, parecendo

bastante provável que eu fosse a primeira vítima. Quanto a Ustane, ao ver que perdera seu amado cobriu os olhos com as mãos, ao passo que Leo, o único que não compreendia quão terrível era aquilo tudo, ficou apenas um pouco ruborizado e sem graça, como qualquer homem surpreendido em tal posição ficaria.

## Capítulo XX - Triunfo

Em seguida houve um minuto do silêncio mais doloroso que já suporrei. Ele foi quebrado por Ayesha, que se dirigiu a Leo:

— Não, meu amo e convidado — disse ela numa voz muito doce, mas que ainda assim trazia em si a dureza do aço —, não fiques assim tão envergonhado. Certamente é uma bela visão: o leopardo e o leão!

— Oh, droga! — disse Leo em inglês.

— Quanto a ti, Ustane — continuou ela —, com certeza terias passado despercebida, não tivesse a luz incidido sobre as marcas do teu cabelo. — E apontou para o contorno brilhante da lua nascente, que começava a aparecer no horizonte. — Bem, bem! A dança acabou. Vejam, as tochas já se consumiram, e tudo o que resta são o silêncio e as cinzas. Então achaste que era o momento apropriado para o amor, Ustane, minha serva. .. E eu, que jamais sonhei em ser desobedecida, acreditando que já estavas longe.

— Não brinques assim comigo — gemeu a desgraçada mulher; — mata-me, e que tudo isso acabe de uma vez.

— Não, por quê? Não é bom ir direto dos lábios quentes do amado para a fria boca do túmulo. — E Ayesha fez sinal para os mudos, que imediatamente deram um passo à frente e pegaram cada qual um braço da garota. Soltando uma praga Leo pulou em cima do mudo mais próximo e jogou-o ao chão, sentando-se em cima dele com o punho preparado para socar-lhe o rosto.

Novamente Ayesha riu.

— Muito bem, meu convidado; tens um braço bem forte para quem até pouco tempo estava doente. Mas agora peço-te a cortesia de deixar esse homem ir embora e fazer o que peço. Ele não vai machucar a moça; o ar da noite está ficando frio, e terei prazer em recebê-la em meus aposentos. Com certeza alguém que merece tanto os teus favores deve merecer os meus também.

Peguei Leo pelo braço, tentando retirá-lo de cima do mudo prostrado; um pouco desnordeado ele cedeu e se levantou. Então nos dirigimos para a caverna, atravessando o platô, de onde os dançarinos haviam desaparecido, restando apenas uma pilha de cinzas humanas, remanescentes do fogo que iluminara o espetáculo.

Em breve chegávamos ao *boudoir* de Ayesha — rápido demais, pareceu-me, já que um funesto pressentimento do que estava por vir me pesava no coração.

Ayesha sentou-se em suas almofadas e depois de pedir que Job e Billali se retirassem fez sinais para que as mudas acendessem os lampiões e também saíssem — todas menos uma, que era a sua atendente pessoal preferida. Enquanto isso ficamos os três parados, a infeliz Ustane um pouco à esquerda de nós dois.

— Agora, Holly — começou Ayesha —, podes me explicar como tu, que ouviste minhas palavras pedindo a essa malfetora — e apontou para Ustane — que fosse embora; tu, cujo pedido para que poupasse a vida dela prontamente atendi, podes me explicar como tiveste coragem de participar do que vi esta

noite? Responde por teu próprio bem, digo, fala toda a verdade, pois não estou disposta a ouvir nenhuma mentira a respeito desse assunto!

— Foi por acaso, ó rainha — respondi. — Eu não sabia de nada a respeito disso.

— Acredito em ti, Holly — replicou ela friamente —, e é sorte tua que acredite. Então a culpa é toda dela.

— Não vejo nenhuma culpa — interrompeu Leo. — Ela não está casada com nenhum outro homem, e parece que se casou comigo de acordo com os costumes deste lugar horrível; então quem foi prejudicado? De qualquer modo, senhora, o que quer que ela tenha feito eu também fiz, de modo que se é para ela ser punida também eu devo merecer a mesma punição; e digo

mais — continuou, ficando cada vez mais furioso —, se ordenares que algum desses vilões surdos-mudos a toque novamente vou cortá-lo em pedaços!

Ayesha ouviu-o em silêncio e não fez nenhum comentário. Entretanto, ao terminar de ouvir aquele protesto, ela se dirigiu a Ustane:

— Tens algo a dizer, mulher? Tu, tolinha insignificante, tu, pena, que ousaste flutuar em direção aos mesquinhos objetivos da tua paixão, mesmo contra o grande vento da minha vontade! Fala, pois tentarei entender, por que fizeste uma coisa dessas?

Em seguida creio ter visto o mais belo exemplo de intrepidez e coragem moral que se pode imaginar. Pois aquela pobre e desgraçada moça, sabendo o que a esperava nas mãos de sua terrível rainha e sabendo também, por sua amarga experiência, quão grande era o poder da rival, mesmo assim permaneceu inabalável, e do fundo do desespero ainda encontrou forças para desafiar Ayesha.

— Fiz isso, ó Ela — respondeu colocando-se ereta e imponente, ao mesmo tempo que atirava para trás a pele de pantera que lhe cobria a cabeça —, porque meu amor é mais profundo que o túmulo. Fiz isso porque minha vida sem o homem a quem meu coração escolheu não seria nada mais que a morte em vida. Portanto eu a arrisquei, e agora, mesmo sabendo que estou nas mãos da tua ira, ainda assim estou feliz por tê-lo feito, e por ter de pagar por isso, pois ao arriscar, ah, pelo menos ele me abraçou mais uma vez e disse que ainda me amava.

Nesse ponto Ayesha começou a se levantar do divã, mas desistiu, deixando-se cair de novo nas almofadas.

— Não tenho nenhuma mágica — continuou Ustane, a voz sonora parecendo cada vez mais forte — e não sou uma rainha, como também não viverei para sempre; mas o coração de uma mulher é pesado o suficiente para afundar nas águas, não importa quão profundas, ó rainha! E os olhos de uma mulher também são rápidos e enxergam muito — até mesmo através do teu véu, ó rainha!

"Ouve: sei que também amas este homem, e por isso queres destruir a mim, que estou em teu caminho. Ai de mim, vou morrer — vou morrer e entrar na escuridão, e nem sei direito para onde irei. Mas de uma coisa sei. Existe uma luz brilhando em meu peito, e através dessa luz, como se fosse um lampião, posso ver a verdade, e o futuro que não vou partilhar se desenrola à minha frente como um pergaminho. Quando vi meu amo pela primeira vez", e apontou para Leo,

"também soube que a morte seria meu presente de casamento — tudo ficou claro para mim de repente; mas não desisti dele, pois estava pronta a pagar o preço, e, como vês, a morte está aqui! E nesse momento, do mesmo modo como sabia disso tudo, então, parada às portas da morte, sei também que não irás colher os benefícios do teu crime. Esse homem é meu, e embora tua beleza brilhe como o sol entre as estrelas, vai permanecer meu. E nunca aqui nesta vida ele vai te olhar nos olhos e te chamar de esposa. Também tu estás condenada, eu vejo." E a sua voz se ergueu como o grito de uma inspirada profetisa, "ah, eu vejo. . ."

Então ouviu-se um clamor horrível de raiva e terror. Virei-me. Ayesha se levantara e estava imóvel, com o braço esticado, apontando para Ustane, que repentinamente tinha parado de falar. Olhei para a pobre mulher e naquele instante vi em sua face a mesma expressão pasmada e fixa de terror que já havia visto antes. Seus olhos se arregalaram, as narinas ficaram dilatadas, e os lábios embranqueceram.

Ayesha não disse nada, não emitiu nenhum som; apenas ficou imóvel e, com o braço esticado, pareceu olhar fixamente para sua vítima; a alta forma encoberta tremia como uma folha de álamo. No mesmo instante Ustane levou as mãos à cabeça, soltou um grito profundo, deu duas voltas em torno de si mesma e em seguida caiu para trás com um baque surdo, ficando estirada de bruços no chão. Leo e eu corremos até ela. Estava morta — e morrera devido à força de algum misterioso agente elétrico ou de qualquer outro poder estonteante que a terrível Ela tinha comandado.

Por um momento Leo ficou quase sem entender o que havia acontecido. Quando tomou consciência do que se passara, entretanto, seu rosto ficou transtornado. Com um grito selvagem deixou o cadáver de lado, virou-se e *virando-se* literalmente pulou em cima de Ayesha. Mas ela estava olhando, e ao ver que ele vinha em sua direção, estendeu de novo a mão, fazendo com que ele andasse de costas ao meu encontro, e teria caído se eu não o segurasse. Mais tarde Leo me contou que se sentira como se de repente tivesse recebido um violento golpe no peito, e, o que é mais impressionante, com uma profunda covardia, como se toda a sua masculinidade houvesse desaparecido. Então Ayesha disse:

— Perdoa-me, meu convidado — disse ela com suavidade, dirigindo-se a ele —, se te choqueei com minha justiça.

— Perdoar-te, espírito mau! — gritou o pobre Leo, torcendo as mãos de raiva e desespero. — Perdoar-te, assassina! Por Deus, eu te mataria, se pudesse!

— Não, não — respondeu ela com a mesma voz doce —, não estás entendendo; mas chegou a hora de ficares sabendo. *Tu* és meu amado, meu Kallikrates, meu Belo, meu Forte! Por dois mil anos, Kallikrates, esperei por *ti*, e agora vultaste para mim; e quanto a essa mulher — apontou para o corpo —, estava entre nós, e portanto tive de transformá-la em pó, Kallikrates.

— É mentira! — gritou Leo. — Meu nome não é Kallikrates! Sou Leo Vincey; um de meus antepassados era Kallikrates, ou pelo menos acho que era.

— Ah, é como estás dizendo; teu antepassado era Kallikrates, e tu, tu mesmo,

és Kallikrates renascido e voltaste para ser meu amado senhor!

— Não sou Kallikrates, e quanto a ser teu senhor ou ter qualquer coisa a ver contigo, preferiria ser o senhor de um demônio do inferno, que com certeza seria melhor que tu.

— Como podes dizer isso. . . Como podes dizer isso, Kallikrates? Não, mas não me vêes há tanto tempo que não tens lembrança alguma. Não te esqueças da minha beleza, Kallikrates!

— Eu te odeio, assassina, e não tenho nenhum desejo de te ver. E o que me importa quão bonita és? Eu te odeio, já disse.

— Mesmo assim, dentro em breve vais rastejar na minha frente, e jurarás que me amas — respondeu Ayesha com uma risadinha suave e debochada. — Vamos, não existe momento melhor do que este. Aqui mesmo, perante essa moça morta que te amava, vamos prová-lo.

"Agora olha para mim, Kallikrates!" E com um súbito movimento livrou-se dos panos diáfanos que a cobriam, dando um passo à frente, vestida apenas com uma túnica, e seu jeito de serpente, sua gloriosa e radiante beleza, sua graça imperial se elevavam dos trajes como se ela fosse uma Vênus saindo das ondas, ou uma Galatéia se levantando do mármore, ou o próprio espírito da beleza saindo do túmulo. Deu outro passo à frente e fixou os olhos profundos e brilhantes nos de Leo; pude ver como os punhos cerrados do jovem se abriam e suas feições rígidas e trêmulas relaxavam perante aquele olhar. Vi seu assombro e espanto se transformarem em crescente admiração, depois em desejo, e quanto mais ele lutava mais eu o via dominado pelo poder da beleza dela, que tomava conta de seus sentidos, entorpecendo-os e finalmente corrompendo-lhe o coração. Por acaso eu não conhecia o processo? Não havia eu, que tinha o dobro da idade dele, experimentado as mesmas sensações? E não passava pela mesma coisa naquele exato momento, muito embora o doce e apaixonado olhar dela não fosse para mim? Ah, ai de mim! Passava. Ai de mim, que tinha de confessar que naquele exato momento estava dominado por um ciúme louco e furioso! Eu poderia ter pulado em cima dele, que vergonha! Aquela mulher confundira e praticamente destruíra meu senso de moral, e na verdade devia confundir a todos que olhassem sua beleza sobre-humana. Porém consegui controlar-me, não sei como, e uma vez mais virei-me para assistir ao clímax daquela terrível tragédia.

— Oh, Deus do céu! — disse Leo com a voz entrecortada. — És mesmo uma mulher?

— Sou uma mulher. . . uma mulher de verdade. . . e tua própria esposa, Kallikrates! — respondeu ela, estendendo os roliços braços de mármore na direção dele e sorrindo, ah, de uma maneira tão doce!

Ele olhou, olhou de novo, e percebi que devagar o jovem estava se aproximando dela. Súbito os olhos dele pousaram no corpo da pobre Ustane; ele tremeu e parou, rígido.

— Como posso? — perguntou com a voz rouca. — És uma assassina; ela me amava.

Notem que ele já estava se esquecendo de que também a amara.

— Isso não é nada — murmurou Ayesha, e sua voz soou tão suave como o vento noturno passando através das árvores. — Não é nada mesmo. Se pequei,

deixa que minha beleza responda por meu pecado. Se pequei, foi por amor a ti; portanto, deixa que meu pecado seja colocado de lado e esquecido. — E uma vez mais estendeu os braços e murmurou: — Vem. — E em alguns segundos tudo estava acabado.

Vi que ele lutava — que até mesmo se virará para tentar fugir; mas os olhos dela seguravam-no com mais força do que correntes de ferro, e a mágica daquela beleza, vontade e paixão concentradas entravam dentro dele, subjugando-o — ah, ali, na presença do corpo de uma mulher que o amara a ponto de morrer por ele. Pode parecer horrível e cruel, mas não se deve culpar muito Leo por isso, pois com certeza foi o pecado que o encontrou não o contrário. A tentação que o levou para o mal era sobre-humana, e a beleza daquela deusa, maior que o encanto de qualquer das filhas dos homens.

Olhei de novo, e naquele momento as formas perfeitas de Ayesha já estavam nos braços de Leo, seus lábios pressionados contra os dele; e assim, com o cadáver da amada morta servindo como altar, Leo entregou seu coração àquela assassina, que ainda tinha as mãos vermelhas de sangue — entregou-o para todo o sempre. Pois só a um alto custo conseguem sua libertação aqueles que se entregam a um domínio semelhante, pagando o preço da própria honra e colocando a alma numa balança para que desça até o nível de seus desejos. Aquilo que semearam é o que deverão colher e colher, até mesmo quando tiverem nas mãos apenas as flores murchas da paixão, sua colheita não passando de folhas secas, repletas de saciedade.

De repente, num movimento semelhante ao de uma cobra, ela pareceu deslizar daquele abraço e, soltando novamente uma risadinha cheia de deboche triunfante, disse enquanto apontava para o corpo morto de Ustane:

— Não te falei que em alguns instantes estarias ajoelhado a meus pés, Kallikrates? Com certeza não se passou muito tempo antes que isso acontecesse!

Leo gemeu de vergonha e humilhação, pois embora estivesse conquistado e dominado ainda não se perdera a ponto de não ter consciência da profunda degradação em que afundara. Pelo contrário, sua natureza íntegra rebelava-se contra o coração derrotado, como eu veria naquela noite.

Ayesha riu pela terceira vez e, em seguida, cobrindo-se rapidamente, fez sinal para a muda, que estivera assistindo àquela estranha cena com os olhos bem abertos, bastante assustada. A moça saiu e retornou logo, seguida por dois servos mudos, para quem a rainha fez outro sinal. Então os três pegaram o corpo da pobre Ustane pelos braços, e arrastaram-no com certa dificuldade através da caverna até ultrapassar as cortinas. Leo olhou a cena por alguns instantes e então cobriu o rosto com as mãos. Minha imaginação estando bastante excitada por aquilo tudo, tive a impressão de que os olhos vidrados da morta também pareciam nos olhar enquanto se afastavam.

— Lá se vai o passado morto — disse Ayesha solenemente assim que as cortinas se fecharam de novo, após aquela medonha procissão ter desaparecido atrás delas. Então, numa das selvagens mudanças de humor a que já me referi antes, Ayesha descobriu de novo o rosto e começou a entoar um canto ou epitalâmio de triunfo, segundo o antigo costume poético dos habitantes da

Arábia <sup>[25]</sup>, apesar de muito bela e rica, a canção era bastante difícil de ser traduzida para o inglês; na verdade fora composta para ser cantada com música, e não escrita e lida. Estava dividida em duas partes: uma descritiva e outra pessoal; e dizia mais ou menos o seguinte, de acordo com as minhas lembranças:

"O amor é como uma flor no deserto.

É semelhante ao aloés da Arábia, que floresce apenas uma vez e morre; floresce na vastidão salgada da Vida, e o brilho de sua beleza contrasta com a devastação, assim como uma estrela contrasta com a tempestade.

Acima dele está o sol, que é o Espírito, e nele sopra o ar de sua divindade.

Ao ecoar de um passo o Amor floresce, eu digo; digo que o Amor floresce e inclina a sua beleza perante aquele que passa.

Arranca, sim, ele arranca o cálice vermelho que está cheio de mel e leva-o para longe; para longe, através do deserto, para longe, até que aquela flor murche, até que o deserto tenha terminado.

Existe apenas uma flor perfeita na imensidão da Vida.

E essa flor é o Amor!

Existe apenas uma luz constante nas brumas das nossas peregrinações.

E essa luz é o Amor!

Existe apenas uma esperança na noite do nosso desespero.

E essa esperança é o Amor!

Todo o resto é falso. Todo o resto é sombra que se move sobre a água. Todo o resto é vento e vaidade.

Quem pode dizer qual é o peso e a medida do Amor?

Que nasce na carne e mora no espírito. E de cada um ele extrai o seu conforto.

Pois a beleza é como uma estrela.

Muitas são suas formas, mas todas são belas, e ninguém sabe onde nasce a estrela ou em que horizonte ela vai se pôr".

Em seguida, virando-se para Leo e colocando a mão no joelho dele, Ayesha continuou num tom mais forte e triunfante, entoando sentenças equilibradas, que gradualmente iam e vinham de uma prosa romântica ao mais puro e majestoso verso:

"Há muito tempo que te amo, ó meu amor; e mesmo assim meu amor não diminuiu.

Há muito tempo espero por ti, e vê! Minha recompensa está próxima. . . Está aqui!

Há muito tempo te vi uma vez, mas foste tirado de mim.

Então cultivei no túmulo a semente da paciência, e fiz brilhar sobre ela o sol da esperança, e a reguei com as lágrimas do arrependimento, e a insuflei com o ar da minha sabedoria.

E agora, olha! Ela floresceu e deu frutos. Olha! Ela floresceu dentro do túmulo. Sim, entre ossos secos e cinzas dos mortos.

Esperei, e minha recompensa está aqui.  
Superei a Morte, e a Morte trouxe-o de volta para mim, ele, que estava morto.  
Por isso me regozijo, pois o futuro é belo.  
Verdes são as trilhas que devemos percorrer através das campinas eternas.  
A luz chegou. A noite desapareceu por entre os vales.  
A hora da manhã beijou o pico das montanhas.  
Vamos viver felizes, meu amor, e tudo correrá bem.  
Seremos coroados com o diadema dos reis.  
Todos os povos do mundo nos venerarão e ficarão maravilhados,  
Cegos, e cairão ante nosso poder e beleza.  
De tempos em tempos nossa grandeza vai ressoar,  
Rolando, como uma carruagem, através do pó dos dias eternos.  
Rindo, vamos passar correndo em nossa vitória e pompa,  
Rindo como a Luz do dia que salta ao longo das montanhas.  
Sempre em frente, ainda triunfante, em busca de um novo triunfo!  
Sempre em frente, em nosso poder, em busca de um poder ainda não alcançado!  
Sempre em frente, nunca cansados, trajados com esplendor!  
Até que nosso destino esteja consumado e a noite venha chegando".

Ela fez uma pausa nesse canto alegórico estranho e profundamente emocionante de que por infelicidade só consigo passar uma idéia, e temo que ainda assim, de maneira não satisfatória. Em seguida disse:

— Talvez não acredites em minhas palavras, Kallikrates; talvez aches que estou te iludindo, que não vivi todos esses anos e que não renascestes para mim. Mas não, não penses assim. Coloca de lado o pálido semblante da dúvida, pois, oh, com certeza aqui não há lugar para enganos! É mais fácil os raios de sol esquecerem seu trajeto e a andorinha não encontrar seu ninho do que minha alma falar uma mentira e ser levada para longe de ti, Kallikrates. Cega-me, leva meus olhos para longe e deixa que a mais profunda escuridão me aprisione, e ainda assim meus ouvidos captarão o som da tua voz inesquecível, soando contra os portais dos meus sentidos com mais intensidade que o toque de milhares de clarins de bronze; faze-me também incapaz de ouvir e deixa que milhares toquem meu rosto, e vou reconhecer-te entre os demais; sim, tira-me todos os sentidos e olha para mim, cega, surda, muda e com nervos que não podem avaliar o significado de um toque, e ainda assim meu espírito saltará dentro de mim como uma criança, gritando para meu coração: "Veja, é Kallikrates! Veja, tu que espreitas, a vigília de tuas noites está terminada! Veja, tu que procuras na estação da noite, tua Estrela da manhã está surgindo".

Parou por alguns instantes, para continuar em seguida: — Fica; e se teu coração ainda estiver endurecido contra a poderosa verdade e ainda procurares alguma prova externa daquilo que é muito estranho para que possas compreendê-lo, agora mesmo ela te será dada, e também para ti, meu Holly. Pegai cada qual um lampião e segui-me para onde eu vos guiar. Sem parar para pensar — na verdade, falando por mim, já quase abandonara qualquer tentativa de fazê-lo em circunstâncias que pareciam tornar esse ato uma futilidade, pois a

todo momento a razão se mostrava impotente contra uma muralha negra de assombramento — pegamos os lampiões e a seguimos. Deslizando até a outra extremidade do cômodo Ayesha levantou uma cortina, revelando uma pequena escada de um tipo bastante comum em nessas cavernas de Kôr. Enquanto descíamos observei que a maioria dos degraus estavam tão gastos na parte central que alguns deles foram reduzidos de sete polegadas e meia — que calculei ter sido a sua altura original — para cerca de três e meia. Entretanto os outros degraus que vira nas cavernas estavam praticamente novos, como seria de esperar, já que o único tráfego sobre eles era o dos portadores de carga fresca para o túmulo. Assim esse fato chamou-me a atenção com o curioso poder que pequenas coisas têm de nos impressionar, quando nossa mente está tão absolutamente esmagada por uma súbita investida de fortes e poderosas sensações que ficam planas, como o mar antes da primeira rajada de um furacão, de forma que cada pequeno objeto em sua superfície atinge uma proeminência fora do normal.

No pé da escada voltei-me e olhei para os degraus gastos; virando-se, Ayesha me viu.

— Estás imaginando de quem são os pés que gastaram essa rocha, meu Holly? — perguntou. — São meus: meus próprios pés! Ainda consigo me lembrar de quando essas escadas eram novas e niveladas, mas durante dois mil anos ou mais passei por aqui todos os dias, e olha, minhas sandálias consumiram a pedra sólida!

Não respondi, mas não creio que qualquer coisa que já tivesse visto ou ouvido houvesse trazido de forma tão clara a meu limitado poder de compreensão uma idéia da esmagadora antigüidade daquele ser como a visão do duro granito gasto por seus pés suaves. Quantas centenas de milhares de vezes teria ela deslizado para cima e para baixo daquela escada para produzir tal resultado?

Os degraus levavam a um túnel, a alguns passos de cuja entrada havia outra cobertura por uma cortina; um único olhar foi o suficiente para eu ter certeza de que era a mesma de onde presenciara aquela cena terrível ao lado da chama. Reconheci o tecido da cortina, e sua visão trouxe aquele terrível evento nitidamente diante de meus olhos, enchendo-me de tremores à simples memória do que vira. Ayesha entrou no túmulo, pois aquilo era um túmulo, e nós dois a seguimos — eu pelo menos regozijando-me por estar próximo de ser revelado o mistério daquele lugar, mas mesmo assim com medo de enfrentar a revelação.

## Capítulo XXI - O morto e o vivo se encontram

— Vejam agora o lugar onde tenho dormido durante esses dois mil anos — disse Ayesha pegando o lampião da mão de Leo e segurando-o acima da cabeça. Os raios de luz caíram sobre um buraco no chão, o mesmo onde eu vira a obediente chama que se movia; no momento, porém, o fogo estava apagado. Iluminaram também a forma branca e coberta por panos que se estendia numa cama de pedra, a parede esculpida da caverna e outra prateleira de pedra, situada exatamente em frente àquela com o corpo e separada desta última apenas pela largura do aposento.

— Aqui — continuou Ayesha descansando a mão sobre a rocha — neste lugar tenho dormido noite após noite, durante todas essas gerações, com nada além de uma capa para me proteger do frio. É que não achei que seria direito me instalar no conforto para dormir enquanto meu esposo ali — e apontou para a forma rígida — era obrigado a permanecer rijo e frio em seu sono eterno. Neste local, noite após noite, tenho dormido em sua fria companhia. . . Até que, como podeis ver, essa grossa laje, assim como os degraus por que passamos, ficou gasta e fina com o remexer do meu corpo, pois até mesmo aqui, em teu lugar de repouso, sou fiel a ti, Kallikrates. E agora, meu amo, verás uma coisa maravilhosa: mesmo estando vivo poderás ver teu corpo morto, pois tenho cuidado muito bem de ti durante todos esses anos, Kallikrates. Estás preparado?

Não demos resposta e apenas ficamos mirando um o outro com olhos apavorados, devido à solenidade e ao terror daquela cena. Ayesha deu um passo à frente e colocou a mão no canto da mortalha. Então falou mais uma vez.

— Não tenhais medo — disse; — embora o que ireis ver possa parecer assombroso, todos os que vivem agora já viveram antes; e essas mesmas formas que nos contêm já são velhas conhecidas do sol! Apenas desconhecemos isso, porque a memória não faz nenhum registro escrito e a terra cobriu de pó a terra que nos emprestou, pois ninguém é capaz de salvar nossa glória do túmulo. Mas eu, através de minhas artes e das artes dos mortos de Kôr, que aprendi, consegui salvá-lo do pó, Kallikrates, para que a imagem de cera da beleza do teu rosto permanecesse para sempre perante meus olhos. Era uma máscara que a memória podia preencher, servindo para trazer de volta a tua presença, dando-te forças para vagar nas moradas do meu pensamento, trajando uma espécie de pantomima da vida que saciava meu apetite com visões dos dias passados.

— Olhem agora e deixem que o Morto e o Vivo se encontrem! Através do golfo do Tempo eles ainda permanecem um. O Tempo não tem nenhum poder contra a Identidade, mesmo apesar de o misericordioso Sono ter apagado algumas partes de nossa mente, fazendo com que o esquecimento selasse certas tristezas que de outra forma iriam nos perseguir por todas as vidas entupindo nosso cérebro com tantas dores reunidas que no final acabaríamos por explodir na loucura do mais profundo desespero. Mesmo assim eles são um, pois as cobertas do nosso descanso vão desaparecer como nuvens de chuva quando vem o vento; as vozes congeladas do passado vão se misturar na mais pura música,

como a neve das montanhas quando chega o sol; e o choro e as lágrimas das horas perdidas serão ouvidos mais uma vez, ecoando suavemente nos penhascos dos anos inumeráveis.

"Portanto não tenhas medo, Kallikrates, tu estás vivo mas recém-nascido, quando olhares para teu próprio corpo, que respirou e morreu há tanto tempo. Não estou fazendo nada mais que virar uma página do Livro da tua Vida e te mostrar o que está escrito nela."

"Olha!"

E com um movimento brusco retirou a mortalha de cima da forma gelada, deixando que a luz do lampião a iluminasse. Olhei e dei um salto para trás, aterrorizado; pois não importa o que Ayesha tivesse dito aquela visão era absolutamente assustadora — já que as explicações dela estavam muito além do poder de alcance de nossa mente finita, e quando trazidas das brumas de uma filosofia vaga e esotérica para um confronto direto com fatos frios e chocantes não ajudavam muito a quebrar a força dessa realidade. Isso porque, estendido sobre a laje de pedra à nossa frente, vestido de branco e perfeitamente preservado, estava o que parecia ser o corpo de Leo Vincey. Fiquei comparando Leo, ali parado e vivo, com Leo, ali deitado, morto, e não consegui ver nenhuma diferença entre eles, exceto que talvez o corpo no esquife parecesse um pouco mais velho. Detalhe por detalhe os dois eram iguais, sim, até nos pequenos cachos dourados, que eram uma das facetas mais marcantes da beleza incomum de Leo. Até mesmo me pareceu, quando olhei, que a expressão do rosto do homem morto era semelhante à que algumas vezes tinha visto no rosto de Leo enquanto ele dormia a sono solto! Só posso dar uma idéia mais clara da profundidade e extensão dessa semelhança dizendo que nunca vira gêmeos tão exatamente iguais na aparência quanto eram aquele morto e seu par vivo.

Virei-me para ver que efeito a visão de si próprio morto produzira em Leo e percebi que era o da estupefação parcial. O jovem ficou ali parado durante dois ou três minutos, olhando em silêncio, e quando por fim abriu a boca foi apenas para exclamar:

— Cobre isso e me leva daqui.

— Não, espera, Kallikrates — disse Ayesha, que mais parecia uma sibila inspirada do que uma mulher, parada ali, com o lampião acima da cabeça inundando de luz sua estonteante beleza e a fria maravilha da forma morta sobre o esquife, pronunciando suas sentenças majestosas com uma grandeza e uma liberdade de elocução que, ai de mim, sou incapaz de reproduzir.

— Espera. Vou mostrar-te algo, já que não posso esconder de ti nenhuma partícula do meu crime. Por favor, Holly, abre a roupa do Kallikrates morto na altura do peito, pois talvez meu amo tenha medo de tocar seu corpo percido.

Obedeci, os dedos tremendo. Parecia uma profanação e um ato ímpio tocar a imagem morta do homem vivo que estava sobre ele como uma tempestade, lançando-o numa agonia de remorso e terror bastante dolorosa de testemunhar. O jovem amaldiçoou-se — amaldiçoou a hora em que pela primeira vez colocara os olhos naquele pergaminho, cuja autenticidade estava sendo comprovada, de forma tão misteriosa, e excomungou com amargura a própria fraqueza. Porém não ousou amaldiçoar Ayesha — pois quem teria coragem de

falar qualquer coisa de mal em relação a tal mulher, cujo espírito, pelo que sabíamos, estava nos vigiando naquele mesmo instante?

— O que devo fazer, velho camarada? — gemia ele descansando a cabeça contra meu ombro, no auge do desespero. — Deixei que Ustane fosse morta, não que pudesse evitá-lo, mas em não mais que cinco minutos eu já me punha sobre seu corpo, beijando a sua assassina. Sou um bruto, degradado, mas não consigo resistir a essa — e nesse ponto sua voz diminuiu de volume — terrível feiticeira. Sei que vou fazer a mesma coisa amanhã; sei que estou nas mãos dela para sempre; mesmo se não a vir nunca mais não conseguirei pensar em nenhuma outra mulher durante toda a vida; devo segui-la, como uma agulha segue um ímã; e não a deixaria, mesmo que pudesse; não conseguiria deixá-la, minhas pernas não me obedeceriam, mas minha cabeça ainda está lúcida o suficiente, e tenho consciência de que a odeio. . . ou pelo menos é o que acho. Tudo é tão terrível; e ainda aquilo. . . aquele homem morto! O que posso deduzir disso? Era eu! Estou condenado à escravidão, velho camarada, e ela ainda vai levar minha alma como forma de pagamento!

Então, contei-lhe pela primeira vez que estava mais ou menos na mesma situação, apenas com algumas atenuantes; e estou inclinado a dizer que apesar da sua própria paixão Leo teve a decência de se solidarizar comigo. Talvez não achasse que valesse a pena ficar com ciúme, já que não havia nenhuma razão para isso, pelo menos no que se referia a Ayesha. Em seguida sugeri que devíamos tentar uma fuga, mas logo abandonamos esse projeto considerando-o inútil, e para ser perfeitamente honesto, não creio que nenhum de nós teria de fato deixado Ayesha, até mesmo se algum poder superior de repente se oferecesse para nos tirar daquelas cavernas escuras e nos colocar de volta em Cambridge. Nossa probabilidade de deixar aquela mulher não era maior que a de uma mariposa deixar a luz que irá destruí-la. Naquela hora agíamos como se fôssemos viciados em ópio: nos momentos de lucidez, conhecíamos muito bem a natureza mortal daquela sedução, mas com certeza não estávamos preparados para abandonar seus terríveis prazeres.

Na verdade nenhum homem que já tivesse visto Ela sem véu e ouvido a música de sua voz ou bebido a amarga sabedoria de suas palavras iria trocar por vontade própria essa felicidade, nem que fosse por todo um oceano de calmo prazer. E mais ainda quando, como no caso de Leo, para me colocar fora da questão, aquela extraordinária criatura declarava sua profunda e absoluta devoção e dava o que pareciam ser provas de duração de seu amor por cerca de dois mil anos!

Sem dúvida nenhuma Ayesha era uma pessoa má e tinha matado Ustane quando ela se interpusera em seu caminho; mas por outro lado era bastante fiel, e devido a uma lei da natureza, os homens tendem a não considerar muito graves os crimes praticados por mulheres, especialmente por uma mulher bonita, e mais ainda se o crime for cometido por amor.

Quanto ao resto, que outro homem tivera algum dia uma oportunidade tal como a que agora se apresentava a Leo? Pois ao se unir àquela terrível mulher ele na verdade colocaria sua vida sob a influência de uma misteriosa criatura, de

tendências malignas<sup>{26}</sup>, mas era provável que isso acontecesse em qualquer casamento normal. Por outro lado, entretanto, nenhum casamento normal poderia lhe trazer uma beleza tão terrível — pois terrível é a única palavra suficientemente forte para descrevê-la —, uma devoção tão divina, uma sabedoria tão grande e um tão poderoso controle sobre os segredos da natureza; isso sem falar da posição e do poder que conquistariam e, por último, da coroa real da eterna juventude, se é que de fato ela tinha poderes para lhe dar isso. Não, no conjunto não é de admirar que, embora estivesse mergulhado no mais amargo desespero e vergonha, como qualquer cavalheiro teria se sentido em circunstâncias semelhantes, Leo não estivesse preparado para alimentar a idéia de abandonar sua extraordinária sorte.

Minha opinião pessoal é de que ele ficaria louco se tivesse feito isso. Entretanto devo confessar que minhas opiniões sobre o assunto precisam ser consideradas com algumas restrições. Estou perdidamente apaixonado por Ayesha até hoje, e preferiria ser o objeto da afeição dela por uma única semana a receber o amor de qualquer outra mulher do mundo pelo resto da vida. E permitam-me acrescentar: se porventura qualquer um que duvide dessa declaração e ache que sou tolo por dizer isso pudesse ter visto Ayesha retirar o véu e inundar todo o ambiente com sua beleza com certeza iria ter exatamente a mesma opinião. É claro que estou me referindo a um homem. Nunca tivemos a sorte de saber o que uma mulher pensava de Ayesha, mas acho bastante provável que olhasse a rainha com antipatia; talvez qualquer mulher demonstrasse sua desaprovação de maneira mais ou menos contundente, e acabaria sendo "fulminada". Durante cerca de duas horas ou um pouco mais Leo e eu ficamos ali sentados, com os nervos em frangalhos e os olhos assustados, conversando sobre os eventos prodigiosos por que estávamos passando. Pareciam mais um sonho ou um conto de fadas do que fatos reais e concretos. Quem teria acreditado que não apenas a inscrição no fragmento era verdadeira como também viveríamos o suficiente para comprová-la, e que nós, os dois exploradores, iríamos encontrar Ela, que esperava paciente nossa chegada aos túmulos de Kôr? Quem teria imaginado que na pessoa de Leo essa misteriosa mulher descobrisse, pelo menos era o que acreditava, o ser por quem esperava há séculos, e cuja antiga forma humana preservara com cuidado até aquela noite? Mas assim era. E em face de tudo o que tínhamos visto era difícil para nós, homens racionais comuns, continuar duvidando daquela verdade. Sendo assim, com o coração humilde e um profundo senso da impotência do conhecimento humano e da insolência da pretensão que nega a possibilidade daquilo de que não tem experiência, nos deitamos finalmente para dormir, deixando nosso destino nas mãos da vigilante Providência, que nos havia escolhido para levantar o véu da ignorância humana e nos revelar, para o bem ou para o mal, um lampejo das possibilidades da vida.

## Capítulo XXII - Job tem um pressentimento

Eram nove horas da manhã seguinte quando Job, que ainda parecia bastante assustado e trêmulo, veio me acordar, e ao mesmo tempo expressar sua gratidão por nos encontrar vivos em nossas camas, fato esse que, ao que parecia, era bem mais do que eu esperava. E quando lhe contei o terrível fim da pobre Ustane ele ficou ainda mais agradecido pela nossa sobrevivência e ao mesmo tempo profundamente chocado; isso embora Ustane não fosse, na verdade, uma de suas melhores amigas, e nem ele dela. Ela o chamava de porco num árabe inferior, e ele se referia a ela como assanhada em bom inglês; essas amenidades porém foram logo esquecidas devido à catástrofe que a atingira pelas mãos de sua rainha.

— Não quero dizer nada que possa ser desagradável, senhor — disse Job, assim que parou de proferir exclamações em relação à minha história —, mas minha opinião é de que essa Ela é o demônio em pessoa, ou talvez sua esposa, se é que ele tem esposa, e acredito que tenha, pois não conseguiria ser tão mau sozinho. A rainha das bruxas seria uma santa perto dela, senhor; valha-me Deus, ela não seria mais capaz de fazer com que cada cavalheiro da Bíblia se levantasse desses túmulos embolorados do que eu de fazer crescer agrião num pedaço de flanela! E um país de demônios, esse, senhor, e ela é a chefe de todos; e se algum dia conseguirmos sair daqui já será bem mais do que espero. Contudo não vejo possibilidade alguma de que isso aconteça. Aquela bruxa não vai deixar um rapaz tão belo como o sr. Leo ir embora.

— Ora, vamos — disse eu —, de qualquer forma ela salvou a vida dele.

— É verdade, e vai sugar sua alma como pagamento. Vai transformá-lo num bruxo, como ela. Afirmo que é uma desgraça ter qualquer relação com essa gente. A noite passada, senhor, fiquei acordado um longo tempo e na Bíblia que minha pobre mãe me deu li o que vai acontecer com as feiticeiras e gente desse tipo, até meus cabelos ficarem arrepiados. Senhor, como minha mãezinha ficaria se visse onde seu Job foi parar!

— De fato é um país estranho e também um povo estranho, Job — respondi com um suspiro, pois embora não seja tão supersticioso quanto ele admito um tremor natural, que não resistiria à investigação mais superficial, em relação a coisas que estão além da Natureza.

— Tem razão, senhor — continuou ele —, e se não for pensar que sou tolo, gostaria de dizer-lhe algo, agora que o sr. Leo não está por perto — Leo se levantara cedo e saíra para um passeio —, e o que queria dizer é que sei ser este o último país que verei neste mundo. Tive um sonho a noite passada; sonhei que via meu velho pai vestindo uma espécie de camisão de dormir, meio parecido com o tipo de roupa que essa gente usa quando quer estar particularmente bem-vestida, e ele tinha um pouco de grama na mão, que poderia ter recolhido no caminho, pois ontem vi que existe um monte desse tipo de grama a cerca de trezentas jardas da entrada dessa caverna imunda.

"Job", disse-me ele num tom solene, mas ao mesmo tempo com uma espécie

de satisfação brilhando no rosto, que mais que qualquer outra coisa me sugere a que se vê na face de um velho metodista que acabou de vender para um vizinho um cavalo manco fazendo-o passar por sadio, lucrando vinte libras com o negócio, "Job, chegou a sua hora, Job; mas nunca esperava ter de vir buscá-lo num lugar como esse, filho! Depois de todo o trabalho que tive para te criar. . . Não é nada bonito fazer seu pobre e velho pai empreender uma viagem como essa, sem falar no maravilhoso bando de gente ruim que vive nesse lugar chamado Kôr."

— Pessoas diferentes — sugeri.

— Sim, senhor; é claro, foi exatamente o que disse que eles eram: pessoas diferentes, perfeitos bandidos. Eu mesmo concordo com isso, pelo que sei deles e de suas práticas selvagens — continuou Job com tristeza. — De qualquer modo ele tinha certeza de que o tempo era curto, e ficava dizendo que tínhamos de nos ver mais; suponho que meu pai se referia ao fato de nunca termos conseguido nos dar bem por mais do que três dias, e sou capaz de dizer que as coisas não serão diferentes quando nos encontrarmos de novo.

— Ora — interrompi —, você não está achando que vai morrer só porque sonhou que via seu velho pai; nesse caso, o que aconteceria com um homem que sonha com a sogra?

— Ah, o senhor está zombando de mim — disse Job; — mas, sabe, o senhor não conheceu o meu pai. Se tivesse sido qualquer outra pessoa — minha tia Mary, por exemplo, que nunca ligou para o trabalho —, eu não teria me importado muito com isso. Mas meu pai era um vagabundo — coisa que nunca deveria ter sido, já que tinha dezessete filhos —, e jamais teria vindo até aqui apenas para ver o lugar. Não, senhor; sei que ele estava pensando em negócios. Bem, não posso fazer nada; suponho que todos os homens têm a sua hora, mais cedo ou mais tarde, embora seja muito duro morrer num buraco como este, onde não se conseguirá um enterro cristão, nem mesmo pelo próprio peso em ouro. Tentei ser um homem bom e cumprir meu dever honestamente, senhor, e não fosse pela maneira desdenhosa como meu pai me tratou a noite passada, olhando-me com desprezo, como se não levasse em consideração meus atestados e referências, estaria com a cabeça bem leve. De qualquer modo, tenho sido um bom criado para o senhor e para o sr. Leo, que Deus o guarde! — parece que foi outro dia que eu o levava a passear pelas ruas com uma moeda de um *penny* —, e se um dia o senhor sair deste lugar — pois, já que meu pai não fez nenhuma referência ao senhor, isso talvez seja possível — espero que pense com carinho em meus ossos embranquecidos, e que nunca mais se envolva com nada relacionado a inscrições gregas em potes de cerâmica, se tenho o direito de ser tão audacioso a ponto de dizer isso.

— Vamos, vamos, Job — disse com seriedade —, você sabe que isso tudo é bobagem. Não seja tão tolo a ponto de deixar que idéias como essa o influenciem. Já passamos por dezenas de situações estranhas, e espero que possamos continuar a fazer isso.

— Não, senhor — respondeu Job com uma convicção que me atingiu de maneira desagradável —, não é bobagem. Sou um homem condenado, sinto isso na pele, e posso lhe dizer que não é uma sensação muito agradável, senhor, pois é

impossível deixar de pensar em como tudo vai acontecer. Se estamos jantando penso em veneno, e sinto o estômago pesado; se estamos andando numa dessas trilhas cheias de tocas de coelho penso em facas, e, Santo Deus, começo a tremer dos pés à cabeça! Não sou exigente, senhor, contanto que seja rápido, como aconteceu com aquela pobre garota, a quem lamento muito ter falado tão asperamente, embora não aprove sua maneira de se casar, que considero rápida demais para ser decente. Mesmo assim, senhor — e o pobre Job ficou ainda mais pálido à medida que continuava falando —, espero que não seja com aquela brincadeira da panela fervente.

— Absurdo — interrompi com raiva —, isso é absurdo!

— Muito bem, senhor — disse Job —, não me cabe discordar do senhor, mas se por acaso estiver indo a algum lugar, serei obrigado a acompanhá-lo, se puder me levar consigo, já que eu ficaria bem feliz por ter um rosto amigo para olhar quando chegasse a hora, apenas para tornar a passagem mais suave. E agora, senhor, vou preparar o café da manhã. — E saiu da sala, deixando-me num estado de espírito bastante desconfortável.

Eu era profundamente ligado ao velho Job, um dos melhores e mais honestos homens com quem já tive oportunidade de me relacionar em qualquer classe social. Na verdade, era para mim mais um amigo que um criado, e a simples idéia de que algo de ruim lhe pudesse acontecer me deixava com um nó na garganta. Por trás de todo aquele palavreado absurdo pude perceber que ele se convencera por completo de que alguma coisa iria acontecer, e embora quase sempre essas convicções acabem se revelando pura fantasia — e nesse caso em particular tinha-se de levar em consideração o ambiente sombrio e estranho em que a vítima estava —, senti um frio no coração, exatamente igual ao provocado por qualquer terror que constitua um genuíno objeto de nossa crença, por mais absurdo que possa ser.

Naquele momento o café da manhã chegou, e com ele Leo, que estivera caminhando do lado de fora da caverna — segundo ele para clarear as idéias. Fiquei bastante feliz em ver os dois, pois assim tirava um pouco da cabeça aqueles pensamentos sombrios. Depois do café saímos para outro passeio, e vimos alguns dos *amahagger* semeando um pedaço de terra com o grão que usavam para fabricar sua cerveja. Realizavam esse trabalho exatamente como contam as Escrituras: com um saco feito de couro de bode amarrado em volta da cintura, um homem andava a passos vigorosos de um lado para outro, espalhando as sementes à medida que passavam. Era um grande alívio ver pelo menos alguns desses homens terríveis realizando uma atividade tão trivial e agradável como semear um campo, talvez porque isso parecesse ligá-los ao resto da humanidade.

No caminho de volta fomos interceptados por Billali, que nos informou que Ela teria enorme prazer se fôssemos visitá-la. Sendo assim fomos conduzidos à sua presença, não sem um certo receio, pois Ayesha era certamente uma exceção à regra em geral aceita: a familiaridade com ela podia produzir paixão, deslumbramento e horror, mas nunca conhecimento.

Como sempre, fomos introduzidos pelas mudas; quando elas se retiraram, Ayesha se desfez do véu e mais uma vez pediu a Leo que a abraçasse, coisa que,

não obstante os conflitos da noite anterior, ele fez com mais solicitude e fervor que o exigido pelas normas da mais rígida cortesia.

Ela colocou a branca mão sobre a cabeça dele e olhou-o nos olhos com ternura.

— Por acaso não ficas imaginando, meu Kallikrates — disse —, quando poderás passar a me chamar de tua mulher e quando pertenceremos um ao outro de verdade? Pois vou te dizer. Primeiro é preciso que sejas, não imortal, pois isso não sou, mas igualmente resistente e endurecido contra os ataques do Tempo, a fim de que suas flechas ricocheteiem na couraça da tua vida vigorosa, da mesma forma que os raios de sol, na água. Por enquanto não posso me unir a ti, pois somos muito diferentes, e o próprio brilho do meu ser te consumiria, quem sabe até te destruiria. Não conseguirias nem mesmo olhar para mim durante muito tempo, pois teus olhos começariam a doer e teus sentidos não te obedeceriam mais; por isso — e assentiu com a cabeça — vou me cobrir de novo. (Coisa que aliás ela não fez.) Não, ouve. Não debes ser testado além da tua resistência, pois hoje mesmo, uma hora antes do pôr-do-sol, vamos partir, e amanhã ao anoitecer, se tudo correr bem e eu ainda conhecer o caminho, o que espero que aconteça, deveremos chegar ao lugar da Vida, onde irás te banhar no fogo e dele sairás glorificado, como nenhum outro homem o foi antes. E então, Kallikrates, poderás me chamar de esposa, e eu, chamar-te de marido.

Leo murmurou qualquer coisa em resposta a essa impressionante declaração, não sei bem o quê, e ela riu um pouco de seu embaraço.

— E a ti também, Holly — continuou —, vou garantir esse privilégio, de forma que não envelhecerás. Vou fazer isso. . . bem, porque me agradas, Holly; não és totalmente tolo, como a maioria dos filhos dos homens, e, embora sigas uma escola de filosofia tão cheia de absurdos como essa dos velhos tempos, ainda assim não te esqueceste de como dizer uma bela frase a respeito dos olhos de uma mulher.

— Ora, tio! — murmurou Leo, retornando à sua antiga disposição bem-humorada. — Então ficaste tecendo elogios a Ayesha? Nunca iria imaginar uma coisa dessas!

— Muito obrigado, Ayesha — repliquei com tanta dignidade quanto ainda conseguia. — Porém, se existe um lugar tal como estás descrevendo, e se nesse estranho lugar se pode encontrar um poder flamejante que tem a capacidade de adiar a Morte quando esta vem para nos puxar pela mão, não o estou procurando. Pois para mim, Ayesha, o mundo não tem se mostrado um ninho tão suave a ponto de me fazer desejar ficar nele para sempre. Nossa Terra é uma mãe de coração de pedra, e as pedras são o alimento diário que dá a seus filhos. Pedras para comer e água amarga para saciar a sede, além de açóites como forma de carinho. Quem suportaria isso por mais de uma vida? Quem iria sobrecarregar desse jeito suas costas com memórias das horas e amores perdidos, com o sofrimento dos vizinhos que não podemos aliviar e com a sabedoria que não traz nenhum conforto? É duro morrer, porque nossa carne delicada estremece de pavor do verme que ela não vai sentir e daquele Desconhecido que a mortalha esconde de nossa vista. Porém, mais duro ainda, pelo menos para mim, seria continuar vivendo, fresco e belo na aparência, mas morto e podre no interior, e

sentir aquele outro verme secreto da memória corroendo eternamente o coração.

— Pensa bem, Holly — disse ela; — apesar de tudo a vida longa, a força e a beleza além da medida trazem poder e todas as coisas que são caras para um homem.

— E quais, ó rainha — repliquei —, quais são essas coisas tão caras para um homem? Não são apenas bolhas de sabão? Por acaso não é a ambição apenas uma escada sem fim pela qual não se chega a nenhuma altura, até que o último degrau inal-cançável seja ultrapassado? Pois uma altura conduz a outra; não existe descanso depois delas, depois do último degrau sempre haverá outro, e o seu número é ilimitado. Por acaso a riqueza não sacia e se torna nauseante, deixando de ter qualquer serventia e de proporcionar prazer, sem nos dar uma hora de repouso à mente? E existe algum objetivo que podemos ter esperanças de alcançar com a sabedoria? Ou é o contrário, e quanto mais aprendemos apenas nos tornamos mais capazes de avaliar nossa ignorância? Se vivermos dez mil anos poderemos ter esperanças de desvendar os segredos dos sóis e do espaço além dos sóis, e da Mão que os mantém no firmamento? Não seria nossa sabedoria apenas uma espécie de fome persistente, dia a dia chamando nossa consciência para um conhecimento dos anseios vazios de nossa alma? Não seria apenas como uma luz numa dessas grandes cavernas, e que por mais brilhante que seja, serve apenas para mostrar a profundidade da escuridão à sua volta? E o que existe de bom além dela que podemos alcançar pela duração dos dias?

— Não, meu Holly, existe o amor; o amor, sim, torna todas as coisas belas, inspirando divindade até mesmo no pó que pisamos. Com o amor a vida vai seguir gloriosamente de ano a ano, como a voz de uma grande música, que tem o poder de manter o coração do ouvinte pousado nas asas de uma águia, acima da vergonha sórdida e da insensatez da terra.

— Pode ser que sim — respondi —, mas pode acontecer que o ser amado prove ser um caniço quebrado pronto a nos perfurar, ou que não corresponda a nosso amor. . . E então? Deve um homem gravar seu sofrimento numa pedra, quando poderia simplesmente escrevê-lo sobre a água? Não, ó Ela, vou viver meu tempo, envelhecer junto com minha geração e morrer na hora determinada, sendo esquecido. Pois na verdade estou esperando por uma imortalidade perante a qual o pequeno espaço de tempo que talvez me concedesses não seria maior que o comprimento de um dedo comparado com a medida do mundo inteiro; e a imortalidade que procuro, e que minha fé me promete, será livre dos vínculos que aqui prendem o meu espírito — lembra-te sempre disso! Pois enquanto a carne permanece também devem permanecer o sofrimento, o mal e as vergastadas do pecado; mas quando nos libertarmos dela o espírito poderá brilhar, vestido com a luz do bem eterno, e no ar existirá o éter dos mais nobres pensamentos, tão rarefeito que até mesmo as mais altas aspirações da humanidade ou o mais puro incenso das preces de uma donzela serão grosseiros demais para flutuar nele.

— Tu olhas para o alto — respondeu Ayesha com um risinho — e falas claro como uma trombeta, sem nenhum traço de incerteza na voz. Ainda assim parece-me que te referias "àquele Desconhecido" que a mortalha nos impede de

enxergar. Bem, talvez vejas com o olho da Fé, e essa clareza só exista através do caleidoscópio da tua imaginação! Estranhas são as imagens do futuro que a humanidade pode assim esboçar, com esse pincel de fé e os pigmentos multicoloridos da imaginação! E estranho também que nenhuma dessas imagens coincida com a outra! Eu poderia te dizer. . . Mas de que isso serviria? E por que tirar o doce de uma criança? Não vamos mais falar nisso, Holly; só peço que, quando sentires a idade se arrastando lentamente sobre ti e a sombria borda da decrepitude começar a fazer estragos em teu cérebro, não te arrependas com amargura de teres rejeitado a dádiva imperial que eu teria te concedido. Mas sempre foi assim; o homem nunca está feliz com aquilo que sua mão consegue alcançar. Se uma luz brilha para iluminar seu caminho através da escuridão ele logo a põe de lado porque não é uma estrela. A felicidade dança sempre um passo à frente de seus pés, como o fogo-fátuo dos pântanos, mas ele precisa pegar esse fogo, ele precisa conquistar aquela estrela! A beleza não é nada para ele, porque sempre existem lábios mais doces; a riqueza é pobreza, porque outros podem sobrepujá-lo com suas moedas mais valiosas; e a fama é o mesmo que o vazio, pois sempre existiram homens mais importantes. Tu mesmo disseste isso, e virei tuas palavras contra ti. Bem, sonhas que um dia vais alcançar a estrela. Não acredito nisso, e acho que és tolo, Holly, por jogares fora a luz.

Não dei nenhuma resposta, pois, especialmente na presença de Leo, não podia dizer a ela que desde que vira seu rosto sabia que ele estaria sempre diante dos meus olhos, e não desejava prolongar uma existência que seria sempre perseguida e torturada por aquela memória e pela suprema amargura do amor insaciado. Mas era a mais pura verdade, e, infelizmente, isso até hoje não mudou.

— E agora — continuou Ela, mudando de tom e de assunto ao mesmo tempo —, diz-me, meu Kallikrates, pois até esse instante não sei, como aconteceu de vires me procurar aqui? Ontem à noite disseste que Kallikrates — aquele a quem viste morto — era teu antepassado. Podes me explicar isso? Conta-me, embora não sejas de falar muito!

Assim estimulado Leo contou-lhe a maravilhosa história do escrínio e do fragmento de cerâmica que, tendo sido escrito por sua antepassada, a egípcia Amenartas, servira de guia para chegarmos até ali. Ayesha escutou atentamente, e depois de Leo ter terminado, dirigiu-se a mim:

— Não te disse uma vez, enquanto conversávamos a respeito do bem e do mal, ó Holly — foi quando meu amado ainda estava muito doente —, que o bem podia produzir o mal e o mal, o bem? Disse-te ainda que aqueles que semeavam não sabiam qual seria a colheita, e nem aquele que dava um golpe tinha noção do que iria atingir? Agora vê: essa egípcia Amenartas, essa filha real do Nilo, que me odiava, e a quem odeio até hoje, pois de certa forma prevaleceu contra mim, vê, como te disse, ela mesma foi o guia que conduziu seu amado para meus braços! Por causa dela eu o matei, e agora, vê, por meio dela ele voltou para mim! Desejava me fazer mal e plantou suas se-

mentes de forma a que eu colhesse folhas secas, mas na verdade acabou me dando mais do que o mundo inteiro poderia me dar. Não se trata de um estranho quadrado para colocares em teu círculo do bem e do mal, Holly!

"E então", continuou ela depois de uma pausa, "Amenartas pediu a seu filho que me destruísse se pudesse, porque eu assassinara o pai dele. És tu, meu Kallikrates, és o pai, e de certo modo és também o filho; assim vais vingar em mim a tua ofensa e a da tua longínqua mãe sobre mim? Olha — e ficou de joelhos, abrindo a túnica branca na altura do peito de marfim —, olha, aqui bate meu coração, e aí do teu lado há uma faca, pesada, comprida e afiada, uma arma apropriada para matar uma mulher pecadora. Pega-a agora e cumpre a tua vingança. Golpeia e acerta o alvo! Assim ficarás satisfeito, Kallikrates, e poderás viver o resto da tua vida feliz, porque vingaste uma antiga ofensa e obedeceste a uma determinação do teu passado."

Leo olhou para ela; em seguida estendeu a mão e ajudou-a a se levantar.

— Levanta, Ayesha — disse ele tristemente; — sabes muito bem que eu seria incapaz de te fazer algum mal, nem mesmo por amor àquela a quem mataste a noite passada. Estou sob teu poder e sou teu escravo. Como poderia te matar? . . . Seria mais fácil matar a mim mesmo.

— Estás quase começando a me amar, Kallikrates — respondeu ela, sorrindo. — E agora conta-me sobre o teu país. . . É um grande povo, não é? E com um império semelhante ao de Roma! Com certeza queres voltar para lá, e estás certo, pois não acho que deverias ficar morando aqui, nessas cavernas de Kôr. Não, assim que te tomares igual a mim vamos embora — não temas, pois encontrarei uma trilha —, e então viajaremos até essa tua Inglaterra e viveremos como nos convier. Durante dois mil anos esperei pelo dia em que veria pela última vez essas sinistras cavernas e esse povo de aparência sombria, e agora esse dia está perto, e meu coração espera ansiosamente por ele, como uma criança espera por suas férias. Pois tu irás governar essa Inglaterra. . .

— Mas já temos uma rainha — interrompeu Leo.

— Isso não quer dizer nada, nada — retrucou Ayesha; — ela pode muito bem ser destruída.

Nesse momento nós dois irrompemos em exclamações de horror, explicando que seria preferível pensar em destruir a nós mesmos.

— Eis uma coisa bem estranha! — exclamou Ayesha, espantada. — Uma rainha amada por seu povo! Com certeza o mundo deve ter mudado muito desde que vim morar aqui em Kôr.

Novamente explicamos que tinham sido as características dos monarcas que haviam mudado, e que a soberana sob cujo poder vivíamos era amada e venerada por todos os homens de bem de seu vasto reino. Além disso contamos que em nosso país o poder real estava nas mãos do povo e que, na verdade, éramos governados pelos votos das classes mais baixas e menos educadas de nossa comunidade.

— Ah — disse ela —, uma democracia; então certamente existe um tirano, pois há muito tempo sei que as democracias, não tendo vontade própria bem definida, no final acabam sempre por eleger um tirano e adorá-lo.

— E verdade — disse eu —, temos nossos tiranos.

— Bem — respondeu ela com resignação —, de qualquer modo podemos destruir esses tiranos, e Kallikrates governará o país.

Imediatamente informei a Ayesha que na Inglaterra "fulminar pessoas" não

era um divertimento que pudesse ser realizado com impunidade, e que qualquer tentativa nesse sentido iria esbarrar nas considerações da lei, terminando provavelmente no cadafalso.

— A lei! — riu ela, cheia de desprezo. — A lei! Será que não compreendes, Holly, que estou acima da lei, e que o mesmo deverá acontecer com Kallikrates? Para nós as leis humanas representarão todas o mesmo que o vento norte para uma montanha. E o vento que faz a montanha se dobrar ou o contrário?

"E agora deixa-me sozinha, te peço, e tu também, meu Kallikrates, pois vou me preparar para nossa jornada, e deves fazer o mesmo, junto com vosso servo. Mas não leveis um número excessivo de roupas convosco, pois asseguro-vos que ficaremos

fora apenas três dias. Depois voltaremos para cá, e traçarei um plano que nos permitirá dizer adeus para sempre a esses sepulcros de Kôr. E agora podeis beijar-me a mão!"

Então saímos de lá, eu, pelo menos, meditando profundamente sobre a horrível natureza do problema que agora se abria diante de nós. Era evidente que a terrível Ela estava determinada a ir para a Inglaterra, e eu tremia só de pensar no resultado de sua chegada àquele país. Já sabia quais eram seus poderes, e não tinha dúvidas de que ela os exerceria em toda a sua plenitude. Talvez fosse possível controlá-la durante algum tempo, mas logo seu espírito orgulhoso e ambicioso se libertaria para se vingar dos longos séculos de solidão. E se necessário, caso o simples poder de sua beleza não fosse suficiente para alcançar seus objetivos, ela iria abrir caminho à força em direção a qualquer coisa. E como não podia morrer, e pelo que eu sabia nem mesmo poderia ser morta<sup>[27]</sup>, quem conseguiria detê-la? No final Ayesha sem dúvida nenhuma assumiria o poder absoluto sobre os domínios britânicos, e talvez sobre o mundo inteiro. Embora eu tivesse certeza de que rapidamente tornaria nosso império o mais próspero e glorioso que o mundo já conheceu, isso aconteceria a custo de um terrível sacrifício de vidas humanas.

A história toda parecia um sonho ou uma invenção extraordinária de um cérebro especulativo, mas na verdade era um fato, um fato espantoso de que logo o universo teria de tomar conhecimento. Qual era o significado daquilo tudo? Depois de longas reflexões, somente podia concluir que aquela maravilhosa criatura, cuja paixão a mantivera presa e relativamente inofensiva durante muitos séculos, estava agora prestes a ser usada pela Providência como um meio de mudar a ordem do mundo, e talvez, estabelecendo um poder contra o qual seria tão difícil se rebelar ou questionar como contra as leis do Destino, mudá-la para bem melhor.

## Capítulo XXIII - O templo da verdade

Nossos preparativos não nos tomaram muito tempo. Colocamos uma muda de roupa cada um e algumas botas de reserva em minha bolsa; além disso cada um de nós resolveu levar seu revólver e um rifle Express, além de um bom suprimento de munição, cautela que, sob os designios da Providência, mais tarde nos salvou a vida muitas e muitas vezes. O resto de nossos equipamentos, e também os rifles mais pesados, decidimos deixar para trás.

Alguns minutos antes da hora combinada fomos chamados até o *boudoir* de Ayesha, onde a encontramos também pronta, com uma capa preta colocada sobre os véus que normalmente a envolviam.

— Estais preparados para a grande aventura? — perguntou ela.

— Estamos — respondi —, embora no que me diz respeito, Ayesha, não acredite nela.

— Na verdade, meu Holly — disse ela —, pareces um daqueles velhos judeus cuja memória me aborrece tão profundamente: descrente e lento para aceitar aquilo que não conheces. Mas verás; pois a menos que meu espelho ali esteja mentindo — e apontou para o reservatório de água cristalina —, a trilha ainda está aberta como nos velhos tempos. E agora vamos embora, para começar uma vida nova que vai acabar. . . quem sabe onde?

— Ah, quem sabe onde? — repeti, e seguimos através da grande caverna central até alcançar a luz do dia. Na entrada da caverna encontramos uma única liteira nos esperando, e a seu lado seis carregadores, todos mudos; fiquei aliviado por ver entre eles nosso velho amigo Billali, por quem desenvolvera uma espécie de afeição. Por razões que não vale a pena explicar com detalhes parece que Ayesha achara melhor que, com exceção dela mesma, todos seguissemos a pé. Fato esse que não nos incomodou nem um pouco depois do nosso longo confinamento nas cavernas; estas, por mais adequadas que fossem como última moradia para os mortos, eram habitações bastante deprimentes para simples mortais como nós. Seja por acaso ou devido a ordens de Ela o espaço em frente da caverna onde havíamos assistido àquela dança horrível estava completamente vazio. Nenhum homem podia ser visto nas redondezas, e portanto não acredito que, além dos mudos que serviam pessoalmente a Ayesha, e que não tinham escolha senão adotar o hábito de manter segredo a respeito daquilo que sabiam, nossa partida fosse do conhecimento de mais alguém.

Em alguns minutos estávamos caminhando rapidamente através da grande planície cultivada sobre o leito seco de um lago, emoldurada como uma enorme esmeralda pelo conjunto de penhascos sombrios. Durante o caminho tivemos a oportunidade de nos maravilhar com a extraordinária natureza do local escolhido por aquele antigo povo de Kôr para sediar sua capital, e também com a incrível qualidade de trabalho, habilidade e técnica de engenharia que devia ter sido necessária aos fundadores da cidade para secar um lençol de água tão grande e mantê-lo livre de acumulações subseqüentes. Até onde minha experiência alcança, aquele local é sem sombra de dúvida um exemplo incomparável do que

o homem é capaz de fazer com a natureza, pois na minha opinião tais realizações, como o Canal de Suez, ou mesmo o túnel do monte Cenis não chegam aos pés desse antigo empreendimento, seja em magnitude, seja em grandeza de concepção.

Quando já andáramos cerca de meia hora, desfrutando com intenso prazer o delicioso frescor que a essa hora do dia sempre parecia descer sobre a grande planície de Kôr, e que de certa forma compensava a falta de qualquer brisa marítima ou terrestre — pois todo o vento era mantido fora daquele local pela grande muralha de rocha —, começamos a distinguir claramente as construções que constituíam as ruínas da grande cidade, segundo Billali nos tinha informado.

Mesmo daquela distância já podíamos perceber quão maravilhosas eram aquelas ruínas, fato que se tornava cada vez mais evidente à medida que nos aproximávamos. A cidade não era muito grande, se comparada com Babilônia ou Tebas, ou mesmo com outras cidades da Antiguidade remota; talvez seu fosso exterior contivesse cerca de doze milhas quadradas de terreno, ou pouco mais. Também as muralhas — pelo menos era o que podíamos julgar quando as alcançamos — não tinham sido muito altas, talvez não ultrapassando quarenta pés, o que era aproximadamente a altura que tinham naquele momento nos locais em que não haviam desabado devido ao aluimento do solo ou por qualquer outra causa. A razão disso era, sem dúvida, que o povo de Kôr, estando protegido de ataques exteriores por barreiras muito mais extraordinárias que quaisquer outras que a mão do homem pudesse ter erigido, utilizavam as muralhas apenas como ornamento e para se protegerem contra conflitos civis. Mas por outro lado essas muralhas eram tão largas quanto altas, construídas inteiramente de pedra polida, retirada talvez das amplas cavernas, e circundadas por um grande fosso com cerca de sessenta pés de largura, que ainda tinha muitas partes cheias de água. Uns dez minutos antes do pôr-do-sol alcançamos por fim esse fosso e o atravessamos, andando com dificuldade sobre o que evidentemente eram os restos empilhados de uma grande ponte; depois, com mais facilidade, subimos a encosta da muralha até alcançar seu topo. Gostaria de que minha pena tivesse o poder de dar uma idéia da grandiosidade da vista com que defrontamos. Ali, cobertas pelo brilho vermelho do sol que se punha, estavam milhas e mais milhas de ruínas: colunas, templos, capelas e palácios de reis, entremeados de canteiros de arbustos verde-escuros. É claro que o teto dessas construções apodrecera e desaparecera já há muito tempo, mas devido à extrema solidez da alvenaria e à resistência e durabilidade da rocha empregada em sua construção, a maior parte das paredes e das grandes colunas ainda permaneciam em pé [{28}](#).

Bem à nossa frente estendia-se o que evidentemente fora a principal via pública da cidade, pois era bastante ampla e regular — chegando a ser mais larga que a própria barragem do Tâmis. Tendo sido, como mais tarde descobrimos, pavimentada, ou melhor, construída com blocos de pedra polida, semelhantes aos empregados na construção das muralhas, estava apenas em parte coberta por grama e arbustos que não conseguiam encontrar solo profundo o suficiente para se desenvolverem. Já o que outrora foram parques e jardins, ao

contrário, haviam se transformado em denso matagal. Na verdade era bastante fácil, mesmo de uma certa distância, seguir o traçado das várias ruas e estradas a partir dos escassos vegetais que nelas cresciam. De cada um dos lados dessa grande via pública havia amplos blocos de ruínas, cada um separado do vizinho por espaços que tinham sido jardins, suponha, mas que no momento estavam cobertos por arbustos altos e bastante emaranhados. Essas construções eram feitas sempre com a mesma pedra colorida, e a maioria delas possuía pilares; isso foi tudo o que conseguimos perceber na penumbra, enquanto passávamos rapidamente pela rua principal, que, acredito ter razão em afirmar, não fora pisada por nenhum pé humano durante milhares de anos [\[29\]](#).

Naquele momento chegamos a uma enorme pilha de escombros, que cobria pelo menos oito acres de terreno; achamos que devia ter sido um templo, disposto numa série de pátios; cada um deles abrigava outro de tamanho menor, segundo o princípio das caixinhas chinesas, e eram separados uns dos outros por fileiras de grandes colunas. Enquanto teço essas considerações posso muito bem descrever também o extraordinário formato dessas colunas, que não se pareciam com nenhuma outra que eu já vira ou ouvira falar; possuíam no meio uma faixa estreita semelhante a uma cintura, e eram mais largas acima e abaixo dessa faixa. A princípio achamos que esse formato fora escolhido para representar ou sugerir de maneira imperfeita a forma de uma mulher, segundo um costume bastante comum entre antigos arquitetos religiosos de diversos credos. No dia seguinte, entretanto, quando subimos a encosta da montanha, descobrimos uma grande quantidade de imponentes palmeiras, cujos troncos tinham esse mesmo formato; portanto, não tenho dúvidas de que o primeiro projetista daquelas colunas tirou sua inspiração da graciosa curvatura daquelas árvores, ou melhor, de suas ancestrais que há cerca de oito ou dez mil anos enfeitavam as encostas da montanha, margem do antigo lago vulcânico.

Na fachada desse enorme templo, que eu imagino ter sido quase tão grande como o de Karnak em Tebas (medi algumas das colunas maiores, que tinham de dezoito a vinte pés de diâmetro na base por cerca de setenta pés de altura), nossa pequena procissão parou, e Ayesha desceu de sua liteira.

— Aqui havia uma câmara, Kallikrates — disse ela a Leo, que tinha ido ajudá-la a descer do veículo —, onde era possível dormir. Dois mil anos atrás tu, eu e aquela egípcia descansamos aqui, mas desde aquela época, não voltei a pôr os pés neste lugar, e talvez ele tenha ruído.

Então, seguida por nós, subiu um extenso lanço de degraus quebrados até alcançar o pátio externo, onde parou e olhou à sua volta na escuridão. Naquele instante pareceu reconhecer o local, e após ter dado alguns passos para a esquerda sobre a muralha parou de novo.

— Está exatamente como antes — disse ela, fazendo sinal aos dois mudos, carregados de provisões e com nossas poucas bagagens, para que avançassem. Um deles deu um passo à frente, e pegando um lampião acendeu-o com o braseiro — quando os *amahagger* viajavam levavam sempre consigo um pequeno braseiro aceso para ajudá-los a obter fogo. Seu pavio era feito de

fragmentos de múmias cuidadosamente umedecidos; se a mistura fosse controlada de maneira apropriada, esse composto profano podia permanecer em brasa durante muitas horas<sup>[30]</sup>. Assim que o lampião foi aceso entramos no lugar perante o qual Ayesha parará. Na verdade era uma cela escavada na espessa parede, e, como ali havia uma sólida mesa de pedra, deduzi que servira como sala de estar, talvez para um dos porteiros do enorme templo.

Decidimos acampar nesse local, e depois de limpá-lo e torná-lo tão confortável quanto as circunstâncias e a escuridão permitiam comemos um pouco de carne fria — pelo menos foi o que fizemos Leo, Job e eu, já que Ayesha, como creio já ter dito antes, nunca tocava em nenhum outro alimento senão seus bolos de farinha, frutas e água. Enquanto ainda estávamos comendo a lua cheia apareceu por trás da parede de montanhas e começou a inundar o local com seus raios de prata.

— Sabes por que eu vos trouxe aqui esta noite, meu Holly? — perguntou Ayesha apoiando a cabeça na mão e olhando a grande esfera que se elevava, como uma verdadeira rainha do céu, acima dos solenes pilares do templo. — Eu vos trouxe. . . não, é estranho, mas sabes, Kallikrates, que neste momento estás no mesmo lugar onde teu cadáver foi colocado quando te levei de volta para as cavernas de Kôr, há centenas de anos? A cena voltou inteira à minha mente. Posso vê-la, e é uma visão horrível! — completei tremendo.

Nesse momento Leo deu um salto, e imediatamente mudou de lugar. Por mais que aquela reminiscência pudesse afetar Ayesha, é claro que não tinha nenhum atrativo para ele.

— Eu vos trouxe — continuou ela em seguida — para que pudésseis assistir ao mais lindo espetáculo contemplado alguma vez por um homem: a lua cheia brilhando sobre as ruínas de Kôr. Quando tiverdes acabado de comer — gostaria de poder ensinar-te a comer só frutas, Kallikrates, mas isso virá depois que tiveres te banhado no fogo; já houve um tempo em que também eu comia carne, como uma fera selvagem —, mas como ia dizendo, quando tiverdes acabado vou mostrar-vos este grande templo e os deuses a quem os homens um dia aqui adoraram.

E claro que nos levantamos imediatamente e saímos. E mais uma vez a pena me falha. Enumerar uma série de medidas e outros detalhes dos vários pátios ocupados pelo templo apenas se tornaria enfadonho, caso eu me lembrasse de tudo; e mesmo assim não sei como poderia descrever o que vimos, aquela obra tão magnífica, apesar de estar em ruínas, e que quase excede o poder de realização do homem. Pátio após pátio, fileiras e mais fileiras de pilares gigantescos — alguns deles, sobretudo os localizados nas entradas, inteiramente esculpidos — espaços e mais espaços de câmaras vazias, que falavam com mais eloquência à imaginação que qualquer rua cheia de gente. E acima de tudo o triste silêncio da morte e uma sensação de profunda solidão, aliados ao sempre presente espírito do Passado! Como era bonito, e ao mesmo tempo triste! Não ousávamos sequer falar em voz alta. A própria Ayesha estava impressionada pela presença de um local em que, comparativamente, até mesmo seu longo tempo de vida parecia pouca coisa; apenas sussurrávamos, e nossos murmúrios

pareciam ir de coluna a coluna, até que por fim se dispersavam no ar silencioso. A luz da lua incidia, brilhante, sobre os pilares, os pátios e as paredes destruídas, escondendo todas as fendas e imperfeições sob sua coberta de prata e vestindo a velha majestade daquelas construções com a glória peculiar que só a noite pode trazer. De fato, era maravilhoso assistir ao espetáculo da lua cheia inundando aquele templo arruinado de Kôr. É maravilhoso também pensar nos milhares de anos em que a órbita morta lá em cima e a cidade morta aqui embaixo se tinham contemplado, projetando de um para o outro, na profunda solidão do espaço, a triste história de sua vida perdida e de suas glórias há tanto tempo passadas. A luminosidade se esvaecia, e minuto após minuto as lentas sombras se arrastavam através dos pátios cheios de grama, como se fossem o espírito dos velhos sacerdotes assombrando a antiga moradia de seus cultos. . . A luminosidade se esvaecia, e as longas sombras cresciam, até que a beleza e a grandiosidade daquela cena e a indômita majestade da morte ali presente pareciam afundar dentro de nossa própria alma, falando mais alto que o grito dos exércitos pela pompa e pelo esplendor que o túmulo engolira e até mesmo a memória esquecera.

— Vamos — disse Ayesha, depois de termos estado ali a olhar e a olhar, não sei por quanto tempo —, vou mostrar-vos a flor de pedra da Beleza e a coroa da própria Maravilha, se é que ela ainda resiste, zombando do tempo com seu encanto e enchendo o coração do homem com a saudade daquilo que está por trás do véu. — E sem esperar uma resposta conduziu-nos através de dois outros pátios cheios de pilares, até a capela interior daquele antigo templo.

E ali, no centro do pátio mais interno, que devia ter cerca de cinqüenta jardas ou um pouco mais, ficamos face a face com aquilo que é talvez a maior obra de arte alegórica já produzida pelo gênio dos filhos da Terra. Bem no meio do terreno, sobre um grandioso pedestal de rocha, havia uma grande esfera de pedra escura com cerca de vinte pés de diâmetro encimada por uma colossal figura alada, de uma beleza tão divina e arrebatadora, que quando coloquei pela primeira vez os olhos nela, iluminada e cheia de sombras como estava devido à suave luz da lua, por alguns instantes sustive a respiração e meu coração parou de bater.

Essa estátua fora esculpida em mármore tão branco e puro que mesmo depois de todos aqueles séculos brilhava com intensidade à medida que os raios da lua dançavam sobre sua superfície; sua altura, devo esclarecer, era de mais de vinte pés. A figura representava uma mulher alada cujo encanto e delicadeza de formas eram tão maravilhosos que a grandeza de suas proporções mais parecia adicionar que denegrir sua beleza tão humana e ao mesmo tempo tão espiritual. Inclinação para a frente, e ao mesmo tempo meio suspensa sobre as asas entreabertas, como forma de preservar o equilíbrio, estendia os braços como se estivesse prestes a abraçar alguém ardentemente amado, enquanto toda a sua atitude dava uma impressão da mais carinhosa súplica. O corpo, perfeito e gracioso ao extremo, estava nu, a não ser — e isso é o mais extraordinário — pelo rosto, que estava tenuemente encoberto, de maneira que apenas podíamos distinguir o contorno das feições. Um véu diáfano

rodeava-lhe a cabeça, e uma de suas extremidades caía sobre o seio

esquerdo, que a erguia, enquanto a outra, já quebrada, flutuava no ar, atrás da figura.

— Quem é ela? — perguntei tão logo consegui tirar os olhos da estátua.

— És incapaz de imaginar, Holly? — respondeu Ayesha. — Onde, então, está a tua imaginação? E a Verdade parada sobre o Mundo, pedindo a seus filhos que lhe descubram a face. Olha o que está escrito no pedestal. Sem dúvida nenhuma, essa passagem foi tirada do livro das escrituras desses homens de Kôr. — E foi andando até o pé da estátua, onde uma inscrição hieroglífica semelhante à chinesa estava tão profundamente gravada na pedra que ainda era legível, pelo menos para Ayesha. Segundo a tradução dela, dizia o seguinte:

"Não existe nenhum homem que vá tirar este véu e olhar para meu rosto, que é tão bonito? Serei inteira daquele que me tirar o véu, e vou trazer-lhe paz, os doces frutos do conhecimento e feitos gloriosos.

E uma voz gritou:

'Embora todos aqueles que te procuram te desejem, cuidado! Pois és virgem, e virgem permanecerás até o fim dos Tempos. Não existe nenhum homem nascido de uma mulher que possa tirar-te o véu e continuar vivendo, nem existirá. Apenas através da Morte pode teu véu ser retirado, ó Verdade!'

E a Verdade estendeu os braços e chorou, porque aqueles que a cortejavam não podiam conquistá-la, nem mesmo olhá-la face a face".

— Vês? — disse Ayesha quando terminou de traduzir. — A Verdade era a deusa desse povo da velha Kôr, que para ela construiu seus templos e a buscou até o fim; mesmo sabendo que nunca a encontrariam, ainda assim continuaram procurando.

— E os homens — acrescentei tristemente — continuam a procurá-la até hoje, mas não a encontram; e como disse essa escritura, nem vão encontrar; pois apenas na Morte a Verdade pode ser encontrada.

Em seguida, depois de olhar mais uma vez para aquela imagem encoberta e espiritualizada da beleza — tão perfeita e pura que quase chegamos a imaginar que a luz de um espírito vivo brilhava através da prisão de mármore para conduzir os homens a altos e etéreos pensamentos, esse sonho de poeta de uma beleza congelada na pedra que nunca esquecerei enquanto viver —, viramo-nos e fizemos o caminho de volta pelos amplos pátios iluminados pela lua. Nunca voltei a ver aquela estátua, o que lamento muito, pois na grande esfera de pedra que representava o Mundo, sobre a qual se colocara a figura, havia algumas linhas traçadas que, com luz suficiente, provavelmente teríamos descoberto formarem um mapa do universo tal como este era concebido pelo povo de Kôr. De qualquer modo, o fato de esses antigos admiradores da Verdade reconhecerem que o globo é redondo pode ser um indicio de que possuíam algum conhecimento científico.

## Capítulo XXIV - Andando sobre a tábua

No dia seguinte os mudos nos acordaram antes do amanhecer. Depois de termos espantado o sono e nos refrescado, banhando-nos numa fonte que ainda fluía nas ruínas de uma bacia de mármore colocada no quadrângulo norte do amplo pátio externo, encontramos Ela parada perto da liteira, pronta para partir, enquanto o velho Billali e os dois carregadores mudos se ocupavam das bagagens. Como sempre Ayesha estava com o rosto coberto tal qual a Verdade de mármore, e de repente me ocorreu que ela podia ter tirado daquela estátua a idéia de cobrir sua beleza. Percebi, entretanto, que ela parecia bastante deprimida e nada tinha daquele porte orgulhoso e cheio de energia que a teria distinguido entre mil mulheres da mesma estatura, mesmo se todas estivessem veladas como ela. Quando nos aproximamos, levantou a cabeça — que até então estava abaixada—e nos cumprimentou. Leo perguntou-lhe como dormira.

— Mal, meu Kallikrates — respondeu ela —, mal! Esta noite sonhos estranhos e horríveis vieram se arrastando pelo meu cérebro, e não sei o que eles podem significar. Estou me sentindo quase como se alguma coisa má estivesse me ofuscando; mas não entendo, como o mal poderia me atingir? Fico imaginando. . . — prosseguiu, com uma súbita explosão de ternura feminina — se alguma coisa acontecesse comigo e eu dormisse durante algum tempo e te deixasse acordado, será que irias pensar em mim com carinho? Fico imaginando, meu Kallikrates, se irias ficar esperando até que eu retornasse, da mesma forma que durante tantos anos esperei pela tua volta. — E, sem dar tempo para uma resposta, continuou: — É melhor partirmos, pois temos um longo caminho a seguir, e antes que outro dia nasça no azul distante teremos que estar no lugar da Vida.

Em não mais de cinco minutos estávamos outra vez a caminho através da cidade em ruínas, que se agigantava dos dois lados da estrada, banhada pelas luzes cinzentas do alvorecer, de uma maneira ao mesmo tempo grandiosa e opressiva. No momento exato em que, como uma flecha dourada, o primeiro raio do sol nascente atravessou aquela desolação de pedra de um lado a outro, nós alcançamos o portão mais distante da muralha exterior. Ali, depois de darmos uma última olhada na antiga e majestosa ruína através da qual havíamos passado — com exceção de Job, para quem as ruínas não tinham nenhum atrativo —, soltamos um suspiro, lamentando-nos por não termos tido tempo de explorá-la, passamos através do fosso que circundava a cidade e seguimos para a planície.

A medida que o sol se erguia, o humor de Ayesha melhorava, até voltar finalmente a seu nível normal; ela chegou até a rir, atribuindo sua tristeza anterior às associações provocadas pelo local em que dormira.

— Esses bárbaros juram que Kôr é mal-assombrada — disse —, e realmente acredito no que dizem, pois nunca passei uma noite tão ruim como essa, exceto uma vez. Lembro-me agora. E foi naquele mesmo lugar, quando teu corpo jazia morto a meus pés, Kallikrates. Nunca mais voltarei a esse lugar, pois ele transmite maus presságios.

Depois de uma breve parada para o café da manhã, seguimos viagem com tanta disposição que por volta de duas da tarde chegávamos ao pé da enorme muralha de rocha que formava a orla do vulcão e que, naquele ponto, se elevava bruscamente, chegando a uns mil e quinhentos ou dois mil pés. Nesse momento paramos, o que não era de espantar, pois eu não via como podíamos avançar mais um passo sequer.

— Agora — disse Ayesha enquanto descia da liteira — nossos trabalhos apenas começaram, pois aqui nos separamos desses homens; daqui para frente teremos de nos ajeitar sozinhos. — Em seguida acrescentou, dirigindo-se a Billali: — Tu e esses escravos deveis permanecer aqui, esperando que retornemos. Amanhã, por volta do meio-dia, estaremos de volta; se isso não acontecer continuai esperando.

Billali fez uma reverência humilde e disse que aquele venerável pedido seria obedecido, nem que tivessem de ficar parados ali até ficarem velhos.

— Quanto a esse homem, ó Holly — disse Ela, apontando para Job —, é melhor que fique esperando também, pois se seu coração não for forte e sua coragem, grande, talvez possa ser acometido por algum mal. Além disso os segredos do lugar para onde vamos não são apropriados para olhos comuns.

Traduzi essas palavras para Job, que imediatamente e com toda a sinceridade começou a suplicar, quase em lágrimas, que não o deixasse. Afirmou ter certeza de que não poderia ver nada pior do que o que já vira, e disse que ficava aterrorizado só de pensar em ser deixado sozinho com aquele "povo taciturno" que, acreditava, por certo iria aproveitar a oportunidade para colocar sua cabeça em uma panela fervente.

Traduzi o que ele havia dito a Ayesha, que deu de ombros e respondeu:

— Bem, deixa-o vir, então; para mim tanto faz. Deixa-o seguir sua própria vontade. Ele vai servir para carregar o lampião e isso. — E apontou para uma tábua estreita, com cerca de dezesseis pés de comprimento, que fora amarrada sobre o varal de sua liteira. Eu imaginara que aquela tábua servia para dar às cortinas uma amplitude maior, mas aparentemente ela tinha algum objetivo desconhecido, relacionado à nossa extraordinária empreitada.

Sendo assim, essa tábua, que apesar de resistente era bastante leve, ficou sob a responsabilidade de Job, o mesmo acontecendo com um dos lampiões. Coloquei o outro sobre as costas, junto com uma jarra extra de óleo, enquanto Leo se encarregava das provisões e levava um pouco de água num odre de pele de cabrito. Quando terminamos de nos arrumar, Ayesha pediu a Billali e aos seis carregadores mudos que se retirassem para trás de um bosque de magnólias em flor a cerca de cem jardas de distância e ali permanecessem até que tivéssemos desaparecido por completo, sob pena de serem condenados à morte. Todos fizeram humildes reverências e partiram. Na hora de ir embora, o velho Billali deu-me um cordial aperto de mão, murmurando que não gostaria de estar em meu lugar nessa maravilhosa expedição comandada por Ela-que-Deve-Ser-Obedecida, um ponto de vista com que fiquei inclinado a concordar. Em menos de um minuto todos tinham ido embora; então, depois de perguntar se estávamos prontos, Ayesha virou-se e olhou para o enorme penhasco.

— Por Deus, Leo! — disse eu. — É óbvio que não vamos escalar esse

precipício!

Leo, que estava num estado entre o fascínio e a ansiosa mistificação, sacudiu os ombros; naquele momento Ayesha fez um movimento súbito e começou a escalar o penhasco, no que, é claro, fomos obrigados a segui-la. Era quase maravilhoso apreciar a graça e a desenvoltura com que ela pulava de uma rocha para outra, movimentando-se com elegância ao longo das saliências. A escalada, entretanto, não era tão difícil como parecia, embora tivéssemos de passar por um ou dois lugares bem amedrontadores, onde não dava nenhum prazer olhar para trás; naquele local a rocha ainda fazia um declive, não sendo absolutamente um precipício, como se tornou mais acima.

Desse modo, sem grandes esforços — pois a única coisa que ofereceu algum problema foi a tábua de Job —, subimos até uma altura de cerca de cinquenta pés acima do nosso último ponto de parada, e ao fazer isso acabamos por nos afastar aproximadamente sessenta ou setenta passos do nosso ponto de partida, pois estávamos subindo à maneira dos caranguejos, ou seja, andando para os lados. Naquele momento atingimos uma saliência, razoavelmente estreita no princípio, mas que foi se alargando à medida que caminhávamos, e também se inclinando para o interior da montanha, como a pétala de uma flor; assim, fomos descendo pouco a pouco para uma espécie de sulco ou dobra da rocha que ficava cada vez mais profunda, até por fim ficar bem semelhante a uma alameda de Devon escavada na pedra, acabando por nos esconder por completo da visão de qualquer pessoa que estivesse mais abaixo, na encosta, no caso de alguém ter ido até ali nos espiar. Essa alameda, que parecia ser uma formação natural, continuava por mais umas trinta ou quarenta jardas, e de repente terminava numa caverna, também natural, e que seguia perpendicular a ela. Estou certo de que não podia ter sido escavada pela mão do homem devido ao seu formato e curso, irregulares e retorcidos, que lhe davam a aparência de ter sido cortada na grossura da montanha por alguma medonha erupção de gás, seguindo a linha da menor resistência. Por outro lado, as cavernas escavadas pelos antigos habitantes de Kôr tinham sido feitas com a mais perfeita e simétrica regularidade.

Na entrada dessa caverna, Ayesha fez uma parada e nos pediu que acendêssemos os dois lampiões, o que fiz em seguida, entregando um a ela e ficando encarregado do outro. Então, assumindo a liderança, ela avançou caverna adentro, escolhendo o caminho com muito cuidado, o que na verdade era necessário, pois o piso era bastante irregular — salpicado de pequenas pedras como o leito de um rio, e em alguns lugares cheio de buracos relativamente profundos, onde seria bastante fácil quebrar-se uma perna.

Seguimos nessa caverna durante cerca de vinte minutos ou pouco mais. Ela se prolongava por cerca de um quarto de milha, pelo menos é o que calculei, pois devido a suas numerosas curvas e voltas tal avaliação não era uma tarefa muito fácil.

Por fim, entretanto, paramos na extremidade oposta da caverna, e, enquanto eu ainda tentava acostumar os olhos à penumbra, uma forte corrente de ar acabou por apagar os dois lampiões.

Ayesha nos chamou, e fomos nos arrastando até ela, que estava um pouco à frente, para sermos recompensados com uma visão positivamente estarrecedora

em sua grandeza e melancolia. A nossa frente havia um profundo abismo na rocha negra, dilacerado, rasgado e cortado através dela por alguma horrível convulsão da Natureza em épocas passadas, como se tivesse sido fendido por seguidos ataques de um raio. Esse abismo, limitado por altos penhascos, embora naquele momento não os conseguíssemos ver do lado oposto, era bastante difícil de ser medido, mas por sua escuridão não acredito que pudesse ser muito largo. Também era impossível chegar a qualquer conclusão quanto ao formato, pela simples razão de que o ponto onde nos encontrávamos estava, tão distante do topo do rochedo, a pelo menos cento e cinquenta ou duzentos pés, que apenas uma luz muito fraca conseguia chegar até nós, vinda ali de cima. A saída da caverna que estivéramos seguindo ia dar numa curiosa e tremenda ponte de rocha, que se projetava através do ar para dentro do abismo à nossa frente, por uma distância de cerca de cinquenta jardas, indo terminar adiante de maneira abrupta; seu formato era mais semelhante ao esporão que existe no tarso dos galos do que a qualquer outra coisa de que eu consiga me lembrar. Esse esporão ligava-se ao despenhadeiro somente em sua base, que obviamente era muito grande, da mesma forma que o esporão de um galo se liga a seu tarso. Quanto ao resto, estava absolutamente solta no ar.

— Temos de passar por aqui — disse Ayesha. — Tenham cuidado para não serem dominados pela vertigem, ou o vento vai acabar por jogá-los no abismo ali embaixo, que para falar a verdade não tem fundo. — E sem nos dar mais tempo de ficarmos apavorados, começou a andar sobre o esporão, não nos deixando outra alternativa senão segui-la da melhor maneira que pudéssemos. Eu ia logo atrás dela, depois vinha Job, arrastando a tábua com dificuldade, e por fim Leo, que fechava o cortejo. Visão maravilhosa, a daquela intrépida mulher deslizando sem nenhum medo ao longo daquele lugar terrível. Quanto a mim, depois de andar apenas algumas jardas, pressionado pela força do vento e pela terrível consciência do que acarretaria um simples escorregão, senti necessidade de ficar de joelhos e engatinhar, no que logo fui seguido pelos outros.

Já Ayesha jamais condescendeu com esse humilde expediente. Continuou a andar, inclinando o corpo na direção contrária à das correntes de vento e parecendo não perder nem a cabeça nem o equilíbrio.

Alguns minutos depois, quando já tínhamos dado uns vinte passos nessa horrível ponte — que a cada momento ficava mais estreita —, uma súbita e violenta rajada de vento varreu a garganta. Vi Ayesha se inclinar contra ela, mas a forte corrente se insinuou por baixo de sua capa preta, puxando-a bruscamente do corpo da mulher, até que por fim a capa saiu voando, sacudida pelo vento como um pássaro ferido. Foi horrível ficar vendo-a ir embora, até se perder na escuridão.

Agarrei-me à coluna de rocha e olhei ao redor, enquanto o grande esporão vibrava com um zumbido estranho embaixo de nós, como se estivesse vivo. A visão era de fato terrível. Ali estávamos nós, suspensos na escuridão, entre o céu e a terra. Abaixo de nós estendiam-se centenas e centenas de pés de vazio, que pouco a pouco se tornavam mais escuros, até que no final tudo ficava absolutamente preto. A que profundidade aquilo terminava é algo que está além da minha imaginação. Acima de nós havia um espaço incomensurável de ar

vibrante, e ali em cima, longe, bem longe, uma linha de céu azul. E dentro desse vasto abismo, sobre o qual estávamos suspensos, as fortes correntes de ar se precipitavam com rugidos terríveis, levantando nuvens de poeira e espirais nebulosas de vapor, até acabarmos ficando quase cegos e confusos ao extremo.

Na verdade nossa posição era tão tremenda e completamente absurda que, creio, amorteceu por completo nosso terror; mesmo assim até hoje ainda sonho com aquele momento, e sua simples imagem já me faz acordar molhado de suor gelado.

— Vamos! Vamos! — gritou a forma branca à nossa frente, pois agora que sua capa preta fora levada Ela estava vestida de branco, e parecia mais um espírito enfrentando o vendaval que uma mulher. — Vamos em frente, ou cairemos e seremos destroçados. Fixem os olhos no chão e agarrem-se à rocha.

Fizemos exatamente o que ela dissera, e seguimos rastejando com dificuldade por aquela trilha trepidante, contra a qual o vento guinchava toda vez que a atingia, fazendo-a ressoar como um gigantesco diapasão. Continuamos avançando, não sei por quanto tempo; só olhávamos para os lados de vez em quando, em caso de absoluta necessidade, até que por fim nos demos conta de termos atingido a própria extremidade do esporão, na verdade uma laje de pedra, não muito mais larga que uma mesa comum, e que pulsava e saltava como qualquer bomba a vapor superativada. Ficamos ali parados, agarrados à pedra e olhando ao redor, enquanto Ayesha, demonstrando uma total indiferença em relação à tremenda profundidade que se abria abaixo de nós, permanecia inclinada contra a corrente do vento, que fazia esvoaçar seus longos cabelos, e apontava para algum lugar à nossa frente. Então percebemos a razão da existência daquela estreita tábua, que Job e eu transportáramos com tanta dificuldade. Ali à frente havia um espaço vazio, em cuja extremidade existia alguma coisa que ainda não conseguíamos distinguir bem, pois, seja devido à sombra provocada pelo penhasco seja por alguma outra razão, naquele ponto a escuridão assemelhava-se à de uma noite nublada.

— Precisamos esperar um pouco — disse Ayesha; — logo haverá luz.

Naquele momento não consegui entender o sentido do que ela havia dito. Como seria possível que chegasse mais luz àquele lugar horrível? De repente, enquanto eu ainda estava imerso nesses pensamentos, um raio do sol poente perfurou a escuridão infernal como uma enorme espada de chamas, atingindo em cheio o ponto da rocha onde estávamos parados e iluminando a adorável forma de Ayesha com um esplendor sobrenatural. Eu apenas gostaria de ser capaz de descrever a beleza selvagem e maravilhosa daquela espada de fogo atravessando a escuridão e das espirais de névoa que enchem o abismo. Até hoje não sei como ela chegou até ali, mas presumo que houvesse alguma fenda ou buraco no penhasco, através do qual a luz podia penetrar quando a órbita poente chegava em determinada posição. Apenas posso dizer que o efeito era o mais maravilhoso que já vi na vida. Aquela espada flamejante fora colocada no centro da escuridão, e nos locais por ela atingidos a luminosidade era extremamente vivida, tão vivida que, apesar da distância, podíamos perceber pequenos detalhes da rocha, enquanto fora da luz — sim, a poucas polegadas de sua lâmina penetrante — não havia nada a não ser a crescente escuridão.

E então, com a ajuda desse forte raio de sol, a cuja espera Ela estivera até agora, e em função do qual cronometrara nossa chegada, já que sabia que naquela estação, durante milhares e milhares de anos, aquele raio penetraria dentro da montanha ao entardecer, vimos o que havia à nossa frente. A umas onze ou doze jardas da extremidade da rocha em forma de língua sobre a qual estávamos elevava-se, por certo a partir do longínquo fundo daquele abismo, um cone que lembrava um pão doce, cujo pico ficava bem na nossa frente. Mas se fosse apenas um pico não teria nos ajudado muito, pois o ponto mais próximo de sua circunferência estava a cerca de doze jardas de nós. Entretanto, havia na borda desse pico redondo e côncavo uma pedra grande e plana, semelhante a uma rocha de geleira — e talvez fosse mesmo uma —, cuja extremidade se aproximava a cerca de doze pés de nós. Essa enorme massa era nada mais nada menos que uma gigantesca pedra oscilante, equilibrada com precisão sobre a beira do cone ou cratera em miniatura, como uma moeda colocada na borda de uma garrafa de vinho; pois na luz intensa que brincava aqui e ali podíamos vê-la balançando ao sabor das correntes de vento.

— Rápido! — disse Ayesha. — A tábua; precisamos atravessar enquanto ainda há luz, pois logo ela terá ido embora.

— Santo Deus! Com certeza ela não pretende que atravessemos este lugar sobre aquela coisa ali — gemeu Job enquanto, em obediência às minhas ordens, estendia a longa tábua em minha direção.

— É isso mesmo, Job — gritei com uma alegria forçada, embora a idéia de andar sobre a tábua não fosse mais agradável para mim que para ele.

Passei a tábua a Ayesha, que a fez deslizar por cima do abismo, de forma que uma de suas extremidades ficasse habilmente apoiada na pedra oscilante, enquanto a outra se apoiava na ponta do trêmulo esporão. Em seguida, firmando essa tábua com um pé, para impedi-la de ser levada pelo vento, virou-se para mim.

— Desde a última vez em que estive aqui, Holly — disse ela —, o ponto de apoio daquela pedra diminuiu um pouco, de modo que não estou certa de que vá suportar nosso peso. Sendo assim é melhor eu atravessar primeiro pois nenhum mal poderá me atingir. — E sem mais demora começou a andar com leveza, porém firmemente, sobre a frágil ponte, e em menos de um segundo já alcançava a pesada pedra.

— É seguro — gritou ela. — Segura a tábua! Vou ficar do outro lado da pedra, para que o equilíbrio não seja prejudicado

com teu peso. Agora vem, Holly, pois daqui a pouco a luz vai sumir.

Lutei muito para ficar de pé, e se algum dia já senti medo na vida, foi naquele momento; na verdade, não tenho vergonha de dizer que hesitei e fiquei imobilizado.

Aquela estranha criatura estava parada, como um pássaro, no ponto mais alto da pedra oscilante. Quando o vento amainou por um instante, ela gritou:

— Não é possível que estejas com medo, Holly! Então, deixa Kallikrates passar primeiro.

Essas palavras me fizeram tomar uma decisão, pois é melhor cair num precipício e morrer do que ser ridicularizado por uma mulher como aquela!

Sendo assim, apertei os dentes e em não mais que um instante estava sobre a tábua estreita e curva, tendo o espaço sem fim abaixo e em volta de mim. Sempre detestei as grandes alturas, mas nunca antes havia avaliado o completo horror que tal posição proporciona. Oh, a sensação revoltante daquela tábua frouxa apoiada sobre dois suportes móveis! Fiquei tonto, e pensei que ia cair; minha coluna *formigava*; tive certeza de que cairia, e minha felicidade ao me encontrar estendido sobre a pedra, que levantava e abaixava como um barco em mar bravio, não pode ser expressa em palavras. Tudo o que sei é que sucintamente, mas com bastante sinceridade, agradei à Providência ter me preservado até ali.

Em seguida foi a vez de Leo; embora parecesse um tanto pálido, atravessou a tábua correndo, como um equilibrista. Ayesha estendeu a mão para segurar a dele, e ouvi-a dizer:

— Muito bem, meu amado — muito bem! O antigo espírito grego ainda sobrevive em ti!

E então restou apenas o pobre Job do outro lado do abismo. Ele começou a se arrastar pela tábua e gritou:

— Não conseguirei, senhor. Vou cair neste lugar horrível.

— Você tem de vir — lembro-me de ter respondido com um tom brincalhão, bastante inadequado para o momento —, você precisa, Job, e é tão fácil quanto caçar moscas. — Creio ter dito isso para satisfazer a minha consciência, porque embora essa expressão transmita uma idéia maravilhosa de facilidade, não conheço nenhuma operação mais difícil no mundo do que caçar moscas.

— Não posso, senhor; de verdade, não posso.

— Obrigá aquele homem a vir ou deixa-o ficar lá e morrer. Olha, a luz está sumindo! Mais um instante e terá desaparecido! — disse Ayesha.

Olhei. Ela estava certa. O sol já estava passando pela parte inferior do buraco ou fenda no penhasco através do qual o raio nos alcançava.

— Se você parar aí, Job, vai morrer sozinho — gritei; — a luz está indo embora.

— Vamos, seja homem, Job — continuou Leo; — é fácil. Assim estimulado, e soltando um grito horrível, o pobre

Job estendeu-se de bruços sobre a tábua, pois não ousava — e não deve ser culpado por isso — tentar andar; começou então a se arrastar ao longo dela em pequenos arranques, as pernas penduradas de ambos os lados, balançando no nada.

Seus arranques violentos sobre a frágil tábua fizeram a grande pedra — apoiada em apenas algumas polegadas de rocha — oscilar de uma maneira horrível, e para piorar ainda mais as coisas, quando ele estava no meio do caminho o raio flutuante de luz pálida desapareceu de repente, tal como um lampião que se extinguisse num cômodo fechado, deixando negra como o ébano toda aquela selvagem imensidão de ar.

— Vamos, Job, pelo amor de Deus! — gritei em agonia, enquanto a pedra, que balançava cada vez mais forte a cada movimento, começou a se mexer com tanta violência que era difícil se manter sobre ela. Era de fato uma posição terrível.

— Deus, tende piedade de mim! — gritou o pobre Job na escuridão. — Oh, a tábua está escorregando! — Pude ouvir uma luta violenta, e pensei que ele tinha caído.

Mas naquele momento a mão que ele estendia, agarrando o ar em agonia, encontrou-se com a minha, e comecei a puxar — ah! como puxei, colocando naquilo toda a força que a divina Providência me prodigalizara — até que, para minha alegria, em menos de um minuto Job estava sentado na rocha ao meu lado, ofegante. A tábua, porém. . . Senti-a escorregar, e ouvi-a batendo contra uma projeção da rocha. Em seguida, mais nada.

— Por Deus! — exclamei. — Como vamos voltar?

— Não sei — respondeu Leo na escuridão. — Mas tudo de ruim que aconteceu hoje é mais que suficiente para um dia. Já me sinto bastante agradecido por estar aqui.

Quanto a Ayesha, simplesmente pediu que eu segurasse sua mão e a seguisse.



## Capítulo XXV - O espírito da vida

Fiz o que ela havia pedido e, cheio de medo e tremores, deixei-me ser guiado sobre a borda da pedra. Estendi a perna mas não consegui tocar em nada.

— Vou cair! — disse eu, a voz entrecortada.

— Então cai, e confia em mim — respondeu Ayesha.

Agora, se levamos em conta a minha situação e o conhecimento que eu tinha da personalidade de Ayesha, pode-se compreender facilmente que era exigir demais da minha confiança. Por tudo o que sabia ela poderia simplesmente estar me enviando para um destino dos mais terríveis. Porém, na vida às vezes é necessário colocar nossa fé sobre os altares mais estranhos, e foi isso 'o que aconteceu.

— Deixa-te cair! — gritou ela de novo, e não tendo outra alternativa foi o que fiz.

Senti-me deslizar um passo ou dois pela superfície inclinada da rocha, e em seguida comecei a cair; no mesmo instante passou-me pela cabeça a idéia de que estava perdido. Mas não! Um segundo depois meus pés atingiram novamente um solo rochoso, e vi-me em terreno sólido, fora do alcance do vento, que podia ouvir zunindo acima de mim. Enquanto estava ainda parado ali, agradecendo aos céus por aquela pequena graça, ouvi um escorregão e um ruído, e logo Leo veio parar ao meu lado.

— Olá, velho camarada! — exclamou ele. — Como vai? Isso até que é interessante, não é?

Nesse momento, com um grito terrível, Job aterrizou bem em cima de nós, jogando-nos ao chão. No momento em que conseguimos nos colocar em pé de novo, vimos que Ayesha

já estava ali parada, pedindo que acendêssemos os lampiões; felizmente eles permaneciam intactos, e o mesmo acontecia com a jarra de óleo de reserva.

Encontrei minha caixa de fósforos de cera, que funcionaram com tanta prontidão ali, naquele lugar horrível, como teria ocorrido numa sala de visitas de Londres.

Logo depois os dois lampiões estavam acesos, revelando uma cena curiosa. Estávamos amontoados numa pequena câmara de rocha, com cerca de dez pés quadrados de área, parecendo todos muito assustados; isto é, com exceção de Ayesha, que estava bem calma, os braços cruzados, esperando que os lampiões fossem acesos. Essa câmara parecia ser em parte natural, em parte escavada desde o topo da cratera. O teto da parte natural era formado pela pedra oscilante, enquanto o da parte de trás da câmara, que se inclinava para baixo, fora escavado na própria parede de rocha. O lugar era quente e seco — um perfeito porto seguro, se comparado com o atordoante pico acima de nós ou com a coluna trepidante que se estendia para encontrá-lo no meio do ar.

— Então! — disse Ela. — Conseguimos chegar em segurança, embora por um momento eu chegasse a temer que a pedra oscilante caísse, levando-vos junto e deixando-nos cair dentro das profundezas infinitas lá embaixo, pois

acredito que essa fenda chegue até as próprias entranhas da Terra, e a rocha sobre a qual a pedra grande está apoiada seria destruída por seu peso. Agora, porém, que ele — e fez um movimento de cabeça em direção a Job, que estava sentado no chão enxugando febrilmente a testa com um lenço de algodão vermelho —, a quem acertada-mente chamam de Porquinho, pois é estúpido como um porco, deixou cair a tábua, não vai ser fácil voltar através do abismo, e vamos ter de elaborar algum outro plano. Descansai um pouco, e olhai para este lugar. O que pensais que ele é?

— Não sabemos dizer — respondi.

— Por acaso acreditarias, Holly, se te dissesse que um dia um homem escolheu este ninho elevado como moradia, e viveu aqui durante muitos anos, deixando este lugar apenas um dia em cada doze para buscar a comida, a água e o óleo que as pessoas traziam, bem mais do que ele conseguia carregar, e deixavam como oferenda na entrada daquele túnel através do qual passamos para chegar até aqui?

Olhei para ela inquisitivamente, e ela continuou.

— Pois é verdade. Havia um homem (Noot, era como se chamava) que, embora tivesse vivido em época mais recente, possuía toda a sabedoria dos filhos de Kór. Um eremita e um filósofo, com grande conhecimento a respeito dos segredos da Natureza; foi ele quem descobriu o Fogo que vou te mostrar, e que é o sangue e a vida da Natureza. O homem que se banhar nele e aspirar seu calor vai viver enquanto a Natureza viver. Mas exatamente como tu, Holly, esse Noot não quis usar de tal conhecimento. "É ruim para o homem", disse ele, "continuar vivendo, pois o homem foi feito para morrer". Sendo assim, não contou seu segredo para ninguém, e por isso permaneceu aqui, por onde aqueles que buscam a Vida precisam passar, e desde aquela época tem sido reverenciado pelos *amahagger* como santo e eremita.

"Então, quando cheguei pela primeira vez a este país — sabes como cheguei, Kallikrates? Outra hora contarei tudo; é uma história estranha — ouvi falar desse filósofo; fiquei esperando que ele fosse pegar sua comida ali no túnel, e vim com ele até aqui, embora tivesse ficado com muito medo de atravessar o abismo. Então consegui enganá-lo com minha beleza e inteligência, adulando-o com palavras macias, até que ele acabou por me levar até a morada do Fogo, cujos segredos me contou; mas eu imaginava que ele não iria suportar me ver entrar ali dentro, e com medo de que até mesmo me matasse, me contive, pois sabia que o homem, já bem velho, não tardaria a morrer. Assim, voltei para casa, tendo aprendido todo o conhecimento que ele detinha a respeito do maravilhoso Espírito do Mundo, o que era bastante, pois aquele homem era sábio e muito idoso, e através da pureza, da abstinência e da contemplação de sua mente inocente conseguira tornar fino o mal que existe entre aquilo que vemos e as grandes verdades invisíveis, o suspiro de cujas asas ouvimos de vez em quando, à medida que elas deslizam através do ar espesso que circunda o mundo. Não haviam se passado muitos dias quando te encontrei, meu Kallikrates; estiveras vagando por esta região com a bela egípcia Amenartas, e aprendi a te amar pela primeira e última vez, definitivamente, e então me veio à cabeça a idéia de vir até aqui contigo e receber o dom da Vida, eu e tu. Sendo assim, viemos, com

aquela egípcia que não podia ser deixada para trás, e olha! Encontramos aquele velho homem, Noot, estendido, morto há muito pouco tempo. Estava bem ali, e sua barba branca o cobria como se fosse uma peça de roupa. — E apontou para um local próximo de onde eu estava sentado. — Porém, já há muito tempo seu corpo se desfez, e o vento varreu suas cinzas para bem longe.”

Nesse ponto, coloquei a mão no chão e comecei a sentir a poeira, até que num determinado momento meus dedos tocaram alguma coisa. Era um dente humano, bastante amarelado mas ainda em boas condições. Peguei-o e mostrei-o a Ayesha, que riu.

— Sim — disse ela —, é de Noot, sem dúvida nenhuma. Olha

O que restou dele e de sua sabedoria: um pequeno dente! E esse foi o homem que teve toda a vida sob seu comando, mas que pelo bem de sua consciência não ganhou nada com isso. Bem, ele estava ali, morto há pouco, e portanto descemos para onde vou vos levar, e, reunindo toda a minha coragem e cortejando a morte, já que talvez eu pudesse ganhar uma coroa da vida tão gloriosa, entrei nas chamas, e então a vida fluiu para dentro de mim de uma maneira que não poderás compreender até a sentires também, e saí imortal, com uma beleza além da imaginação. Estendi os braços para ti, Kallikrates, pedindo que recebeses tua noiva imortal, e olha! Cego devido à minha beleza nua, deste-me as costas para esconder os olhos no peito de Amenartas. Isso me encheu de uma grande fúria, que me fez ficar completamente louca, e então peguei a lança que carregavas e a cravei em ti; caíste a meus pés, no próprio santuário da Vida, e morreste em seguida. Naquele tempo eu não sabia que tinha força suficiente para matar alguém com meus olhos, pelo simples poder de minha vontade, de forma que em minha loucura te atingi com a lança <sup>{31}</sup>.

“E quando vi que estavas morto, ai de mim, chorei muito, porque eu era imortal e tu estavas morto. Chorei tanto aqui, neste santuário da Vida, que se ainda fosse mortal com certeza meu coração teria se partido. Quanto àquela egípcia morena, ela rogou-me as pragas dos seus deuses. Amaldiçoou-me por Osiris, por Isis, por Nephthys e por Anúbis, por Sekhet, o da cabeça de gato, e por Seth, invocando sobre mim a maldição e a desolação eternas. Ah! Ainda posso ver seu rosto moreno se inclinando sobre mim como uma tempestade, mas ela não lograva me atingir, e eu não sabia se conseguiria fazer-lhe algum mal. Nem tentei, pois naquele momento isso nada significaria para mim; então, juntas, te carregamos para fora daqui. Mais tarde enviei a egípcia aos pântanos, e parece que ela sobreviveu para ter um filho e escrever a história que acabaria por conduzir a ti, seu marido, de volta para mim, rival e tua assassina.

“Essa é a história, meu amado, e agora chegou a hora de colocar um fecho de ouro em tudo isso. Como tudo neste mundo essa história combina o bem e o mal — com uma quantidade maior de mal que de bem, talvez; e escrita num pergaminho de sangue. É a verdade; não escondi nada de ti, Kallikrates. E agora apenas mais uma coisa antes do teu julgamento. Estamos indo nos encontrar com a Morte, pois a Vida e a Morte andam sempre juntas, e é possível que algum acontecimento nos separe por outro espaço de espera. Sou apenas uma mulher,

não uma profetisa, e portanto não posso ver o futuro. Mas de uma coisa estou certa, pois a ouvi dos lábios do sábio Noot: minha vida foi apenas prolongada e ficou mais brilhante. Ela não vai durar para sempre. Sendo assim, antes de irmos diz-me, ó Kallikrates, que me perdoas de verdade e que me amas do fundo do coração. Como vês, fiz muito mal — talvez tenha feito mal quando, duas noites atrás, lancei aquela garota que te amava para a morte. Ela, porém, me desobedecera e me enraivecera profetizando infortúnios para mim; por isso a castiguei. Seja cuidadoso quando também tiveres poder, para em tua ira ou ciúme não atingires alguém, pois a força invencível é uma arma cruel nas mãos do homem errado. Sim, é verdade que pequei — pequei, cedendo à amargura nascida de um grande amor —, mas mesmo assim ainda consigo distinguir o bem do mal, e meu coração não está totalmente endurecido. Teu amor, Kallikrates, será a porta da minha redenção, da mesma forma que em outra época minha paixão foi a trilha através da qual rumei para o mal. Pois um amor profundo e insaciado é o inferno dos corações nobres e o destino dos amaldiçoados; mas na verdade o amor que se reflete da maneira mais perfeita na alma daquele a quem desejamos cria asas para nos elevar acima de nós mesmos e nos tornar aquilo que poderíamos ser. Desse modo, Kallikrates, pegame pela mão e levanta meu véu sem mais medo do que se eu fosse uma camponesa, e não a mais sábia e bela mulher deste vasto mundo; olha-me nos olhos e diz-me que me perdoas de verdade, de todo o coração, e que de todo o coração me adoras."

Ayesha fez uma pausa, e a infinita ternura de sua voz parecia flutuar à nossa volta como alguma recordação de morte. Sei apenas que me tocou muito mais que as palavras em si, pois era tão humana... tão profundamente feminina! Também Leo demonstrava uma perturbação estranha. Até esse ponto ele estivera fascinado contra seu próprio discernimento, mais ou menos como um pássaro fica fascinado por uma cobra, mas naquele momento achei que tudo isso tinha ficado para trás e que ele percebera amar de fato aquela estranha e gloriosa criatura, da mesma forma que — ai de mim — acontecia comigo. De qualquer modo vi que os olhos dele se enchiam de lágrimas quando, avançando rápido para ela, levantou-lhe o véu diáfano e disse, tomando-lhe a mão e olhando para aquele rosto doce:

— Ayesha, eu te amo com todo o meu coração, e até onde o perdão é possível eu te perdoo pela morte de Ustane. Quanto ao resto, isso é entre ti e teu Criador; não sei nada a esse respeito. Sei apenas que te amo como nunca ameie ninguém antes, e que serei fiel a ti até o fim, esteja ele próximo ou distante.

— Agora — respondeu Ayesha com orgulhosa humildade —, agora que meu senhor falou dessa maneira, absolvendo-me com a mão tão rica como a de um príncipe, não cabe a mim ficar para trás em matéria de dádivas, e dessa forma ser ultrapassada em generosidade. Olha! — E tomou a mão dele, colocando-a sobre sua cabeça bem torneada; em seguida inclinou-se bem devagar, até que um de seus joelhos tocou o chão por um instante. — Olha! Como prova de submissão eu me inclino perante meu senhor! Olha! — E beijou-o nos lábios." — Como prova do meu amor conjugal eu beijo meu senhor. Olha! — E colocou a mão sobre o peito dele. — Pelos pecados que cometi, pelos séculos solitários de

espera, por meio dos quais esses pecados foram pagos, pelo grande amor que tenho, e pelo Espírito — essa Coisa Eterna que dá origem a todas as formas de vida, a partir da qual a vida flui, e para a qual precisa retornar —, eu juro:

"Juro, nesta primeira e mais sagrada hora de Feminilidade integral, que vou alimentar o Bem e abandonar o Mal. Juro ser para sempre guiada por tua voz, na mais estrita trilha do dever. Juro evitar a ambição e, enquanto durarem meus dias infinitos, colocar a Sabedoria como estrela a me guiar rumo à Verdade e ao conhecimento do que é Certo. Juro também te honrar e te tratar com carinho, Kallikrates, a quem a vaga do tempo lançou de volta a meus braços, ah, até que chegue a minha hora, mais cedo ou mais tarde. Juro. . . Não, não jurarei mais, pois de que servem as palavras? Mesmo assim, verás que a língua de Ayesha não é falsa.

"Foi isso o que jurei, e tu, meu Holly, és testemunha desse juramento. Agora também estamos casados, meu marido, tendo a escuridão como dossel nupcial — casados até o fim de todas as coisas; aqui escreveremos nossos votos de casamento sobre os ventos impetuosos, que vão carregá-los até o firmamento e continuar rodando e rodando enquanto gira o mundo.

"E como presente de casamento, vou te cobrir com minha coroa estrelada da beleza e da vida duradoura, da sabedoria sem limites e da riqueza incalculável. Olha! Os grandes da terra se arrastarão a teus pés, as belas mulheres cobrirão os olhos por causa da brilhante glória de tuas feições, e os sábios ficarão envergonhados frente a ti. Serás capaz de ler o coração dos homens como um livro aberto, e poderás levá-los para lá e para cá, da forma que te satisfizer. Como aquela velha esfinge do Egito, por muitas eras ficarás sentado num lugar bem alto, e para sempre todos implorarão para que desvendes o enigma da tua grandeza, que não se extingue, e para sempre zombarás deles com teu silêncio!

"Olha! Uma vez mais te beijo, e com esse beijo te dou o domínio sobre o mar e a terra, sobre o camponês em sua choupana, sobre o monarca nas salas de seu palácio, sobre as cidades coroadas por torres e sobre todos os que respiram dentro delas. Onde quer que o sol despeje suas lanças e as águas solitárias refletem a luz da lua; onde quer que desabem as tempestades e os arcos pintados do paraíso tracem curvas no firmamento — desde o puro norte vestido de neve atravessando os espaços do meio do mundo até onde o sul amoroso, deitado como uma noiva sobre seu diva de mares azuis, exala suspiros tornados doces pelo odor dos mirtos — para lá teu poder se dirigirá e lá teu domínio encontrará sua morada. Nem a doença nem o medo de dedos gelados, nem as tristezas ou o pálido declínio da carne e da mente pairando eternamente sobre a humanidade farão mais que escurecer teu rosto com a sombra de suas asas. Serás como um Deus, conservando o bem e o mal na cavidade da tua mão, e eu, até mesmo eu, me prostrarei humildemente perante ti. Esse é o poder do Amor, e esse é o presente de casamento que te dou, Kallikrates, meu senhor, e senhor de tudo.

"E agora está feito; agora, por ti libertarei minhas zonas virgens; e venha a tempestade, venha o brilho, venha o bem ou venha o mal, venha a vida, venha a morte, nunca, nunca isso poderá ser desfeito. Pois na verdade isso que foi e está sendo feito existirá para sempre, e não poderá ser mudado. Como já disse, vamos em frente, que todas as coisas serão executadas em seu devido tempo." E

pegando um dos lampiões avançou em direção à extremidade da câmara coberta pela pedra oscilante, onde parou.

Seguimo-la, e percebemos que na parede do pico havia uma estrela, ou, para ser mais preciso, que algumas saliências da rocha tinham sido modeladas de modo a formar uma boa imitação de uma estrela. Apoiando-se nelas Ayesha começou a descer, pulando de uma para outra como se fosse uma camurça; quanto a nós, seguimo-la com menos graça, é claro. Quando já tínhamos descido cerca de quinze ou dezesseis degraus descobrimos que eles terminavam numa longa encosta de rocha, com o formato de funil ou cone invertido.

Essa encosta era bastante íngreme, chegando em certas partes a constituir quase um despenhadeiro, mas nenhum ponto era intransponível; ajudados pela luz do lampião, descemos sem grandes dificuldades, embora fosse uma operação um tanto deprimente viajar dessa forma, sem saber para onde íamos, no interior morto de um vulcão. Enquanto caminhávamos, entretanto, tomei a precaução de anotar da melhor maneira possível a rota que seguíamos; isso não foi muito difícil graças aos extraordinários e absolutamente fantásticos formatos das rochas existentes no local, que, àquela débil luz, se pareciam mais com rostos sinistros entalhados em gárgulas medievais do que com rochas comuns.

Caminhamos durante um tempo considerável, cerca de meia hora, devo dizer, até que, depois de termos descido muitas centenas de pés, percebi que alcançáramos a extremidade do cone invertido, onde no próprio vértice do funil encontramos uma passagem tão baixa e estreita que fomos forçados a nos abaixar para rastejar ao longo dela. Depois de cerca de cinquenta jardas rastejando assim, a passagem de repente se abriu numa caverna tão grande que não conseguíamos ver nem o teto nem as paredes laterais. Na verdade apenas sabíamos que era uma caverna pelo eco dos nossos passos e pela perfeita quietude do ar pesado. Continuamos a andar por muitos minutos em absoluto e respeitoso silêncio, como almas perdidas nas profundezas do Hades, tendo a forma branca e fantasmagórica de Ayesha a mover-se com rapidez à nossa frente até depararmos mais uma vez com uma passagem que terminava numa segunda caverna, muito menor que a primeira. Podíamos distinguir com nitidez a abóbada e os barrancos de pedra dessa segunda caverna, e por sua aparência recortada e desigual concluímos que fora aberta no interior da rocha pela terrível força de algum gás explosivo, exatamente como aquela primeira passagem comprida através do paredão de rocha, pela qual passáramos antes de chegar à coluna tremulante. Essa caverna terminava por sua vez num terceiro túnel, onde brilhava um fraco raio de luz.

Ouvi Ayesha soltar um suspiro de alívio quando essa luz caiu sobre nós, vinda não sabíamos de onde.

— Está tudo certo — disse ela; — preparai-vos para entrar no próprio ventre da Terra, o lugar onde ela concebe a Vida que vedes *realizada*, em homens e animais, e em todas as árvores e flores. Preparai-vos, homens, pois nesse lugar nascereis de novo!

Ayesha começou a andar muito rápido, e seguimos tropeçando atrás dela, da melhor maneira que podíamos, com o coração repleto de uma mistura de terror e curiosidade. O que iríamos encontrar? Seguimos através do túnel; a luz brilhava

cada vez mais forte, já nos alcançando em grandes lampejos, como se fossem os raios de um farol lançados um a um na escuridão das águas. E isso não era tudo, pois os lampejos eram acompanhados de um som semelhante ao de um trovão e árvores se quebrando, que nos arrepiava os cabelos. Então a passagem terminou, e... oh céus!

Estávamos numa terceira caverna, com cerca de cinquenta pés de extensão por talvez o mesmo tanto de altura e uns trinta de largura. O chão era coberto por uma fina areia branca, e as paredes tinham sido alisadas pela ação do fogo ou da água. Essa caverna não era escura como as outras — estava inundada pelo brilho suave de uma luz rosada, mais bela de olhar que qualquer outra coisa imaginável. A princípio não houve mais lampejos nem o som ensurdecedor. Naquele momento, entretanto, enquanto ainda estávamos ali parados, olhando cheios de assombro para o maravilhoso espetáculo e imaginando de onde fluía aquele fulgor rosa, algo horrível e surpreendente aconteceu. Ali no fundo da caverna surgiu uma terrível nuvem de fogo em forma de pilar multicolorido como um arco-íris e brilhante como um raio, acompanhada por um som forte e estridente — um ruído tão medonho e assombroso que todos trememos da cabeça aos pés, e Job chegou até a ficar de joelhos. Durante algum tempo, talvez uns quarenta segundos, o fogo brilhou e rugiu dessa maneira, girando lentamente; em seguida o terrível barulho foi aos poucos parando e acabou por desaparecer junto com o fogo — não sei para onde —, deixando atrás de si o mesmo brilho rosado que víamos em primeiro lugar.

— Aproximai-vos, aproxima-vos! — gritou Ayesha com uma voz de vibrante exultação. — Olhai a Fonte e o Coração da Vida, que bate no seio deste vasto mundo. Olhai a substância de que todas as coisas tiram sua energia, o brilhante Espírito deste globo, sem o qual ele não pode viver, pois ficaria frio e inerte como a lua morta. Aproximai-vos e banhai-vos nessas chamas vivas, recebendo a virtude que delas emana em toda a sua força virginal dentro de vosso pobre corpo — não da forma como ela agora está brilhando, fracamente, dentro de vosso peito, filtrada através dos finos coadores de mais de mil vidas intermediárias, mas como ela se apresenta aqui, na própria fonte e origem da Existência material.

Seguimo-la através do brilho rosado em direção à outra extremidade da caverna, até chegarmos bem em frente ao ponto onde a grande pulsação e a grande chama se originavam. E à medida que caminhávamos tivemos consciência de uma animação selvagem e esplêndida, da gloriosa sensação de uma intensidade de Vida tão aguda que ao lado dela os momentos mais exuberantes de nossa força pareciam insípidos, monótonos e frágeis. Era o mero eflúvio do fogo, o éter sutil que ele lançava à medida que ardia, e que entrava em nós, tornando-nos tão fortes como gigantes e tão rápidos como águias.

Ao final da caverna, olhamos uns para os outros sob aquela luz gloriosa, indo bem alto na leveza de nosso coração e na divina excitação de nosso cérebro — até mesmo Job estava rindo, ele, que não tinha esboçado um sorriso sequer durante aquela semana. Sei apenas que senti como se o manto de toda a genialidade de que o intelecto humano é capaz tivesse descido sobre mim. Eu poderia ter falado em versos brancos de beleza shakespeariana; visões inspiradas

passavam como raios por minha cabeça; era como se todos os limites da minha carne tivessem sido afrouxados, deixando o espírito livre para voar até o firmamento de seus poderes desconhecidos. As sensações que explodiam dentro de mim são indescritíveis. Parecia que estava vivendo com mais intensidade, que alcançara uma alegria mais poderosa e que sorvia o copo de um raciocínio mais sutil do que jamais tivera a sorte de experimentar antes. Eu era outro ser, muito mais glorioso, e todas as avenidas do Possível estavam temporariamente abertas para meus passos mortais.

Então, de repente, enquanto ainda me regozijava pelo esplêndido vigor desse ser recém-encontrado, começou a surgir ao longe o terrível som ressoante, que foi crescendo e crescendo até se transformar num estrondo ou rugido que combinava dentro de si tudo o que é terrível mas ao mesmo tempo esplêndido nas possibilidades do som. Cada vez mais e mais próximo, ficou praticamente sobre nós, ressoando como as rodas trovejantes do firmamento, correndo atrás dos cavalos do relâmpago. O som terrível continuou a se aproximar e trouxe consigo a gloriosa e ofuscante nuvem de luzes multicoloridas, que ficou pairando sobre nós durante algum tempo, girando lentamente, pelo que pudemos perceber; então, acompanhada por aquela pompa sonora, a nuvem de luz seguiu seu caminho, não sei para onde.

Essa visão maravilhosa era tão surpreendente que todos nós — com exceção de Ela, que ficou de pé e estendeu os braços em direção ao fogo — nos lançamos ao chão e escondemos o rosto na areia.

Depois que tudo tinha acabado Ayesha disse:

— Chegou afinal a hora, Kallikrates. Quando a grande chama vier de novo terás de te banhar nela; mas deixa de lado tuas roupas, pois o fogo as queimaria, embora não vá te machucar. Precisas permanecer no fogo enquanto teus sentidos agüentarem, e quando ele te envolver suga a sua essência para o fundo do teu coração, deixando que ela percorra e brinque em cada parte de teu corpo, para não perderes nenhuma gota de sua virtude. Ouviste o que eu disse, Kallikrates?

— Sim, Ayesha — respondeu Leo —, mas, de verdade, mesmo não sendo nenhum covarde, tenho minhas dúvidas quanto àquele fogo enraivecido. Como saberei se não vai me destruir por completo, de forma que eu acabe me perdendo, além de perder-te também? De qualquer modo vou fazer o que me pedes — acrescentou.

Ayesha pensou por um minuto e então disse:

— Não é de admirar que tenhas dúvidas. Diz-me, Kallikrates: se me vires ficar parada na chama e sair ilesa dela, entrarás também?

— É claro — respondeu ele —, vou entrar, nem que seja para ser morto. Já disse que vou entrar agora.

— E eu também — gritei.

— O quê, meu Holly? — riu ela alto. — Pensei que não querias nada com o aumento da duração de teus dias. E então, como é isso?

— Não, não sei — respondi —, mas existe algo em meu coração que me pede para experimentar o gosto da chama e viver.

— Muito bem — disse ela. — Não estás totalmente louco. Olhai agora, vou

me banhar pela segunda vez nessa banheira viva. Pouca coisa vou acrescentar à minha beleza e à extensão dos meus dias, se é que isso ainda é possível. E se não for, pelo menos não me fará nenhum mal.

"Além disso", continuou depois de uma pausa momentânea, "existe uma outra razão, e mais profunda, para eu querer voltar a mergulhar no fogo. Quando experimentei seu poder pela primeira vez meu coração estava cheio de paixão e de ódio por aquela egípcia Amenartas, e conseqüentemente, apesar dos meus esforços para me livrar deles, a paixão e o ódio ficaram estampados em minha alma desde aquela triste hora até hoje. Mas agora tudo é diferente. Meu estado de espírito é outro; estou repleta da parte mais pura do pensamento, e ficarei assim para sempre. Por isso, Kallikrates, vou me banhar de novo e ficar mais pura e limpa, e assim mais adequada para ti. Por isso quando for a tua vez de te banhares no fogo retira também todo o mal de teu coração, deixando o contentamento manter o equilíbrio da tua mente. Solta as asas do teu espírito, pensa no beijo de tua mãe, e vira-te para a visão do mais poderoso bem que já deslizou em suas asas de prata sobre o silêncio de teus sonhos. Pois a partir da semente que fores naquele terrível momento crescerá o fruto do que serás por todo um tempo incalculável.

"E agora prepara-te, prepara-te! Exatamente como se tua última hora estivesse para chegar, e estivesse prestes a passar através da Morte para a Terra das Sombras, e não pelos Portões da Glória para o reino da Vida tornada bela. Prepara-te, Kallikrates, te peço!"

## Capítulo XXVI - O que vimos

Em seguida houve alguns momentos de silêncio, durante os quais Ayesha parecia estar reunindo toda a sua força para a flamejante tentativa, enquanto ficamos nos apertando uns aos outros e esperando, sem pronunciar uma única palavra.

Finalmente, lá de longe, de muito longe, veio o primeiro murmúrio de som, que cresceu e acumulou forças, até que começou a ressoar e bramar na distância. Assim que o ouviu Ayesha tirou rápido o pano diáfano que a envolvia e afrouxou a serpente de ouro que prendia sua túnica. Em seguida, sacudindo a adorável cabeleira que a cobria como se fosse uma vestimenta, deixou cair a túnica branca e recolocou o cinto de cobra em volta da cintura, sobre a massa formada pelos cachos abundantes. E ali estava ela à nossa frente, exatamente como Eva deve ter ficado perante Adão, coberta por nada mais que seus bastos cabelos, presos à sua volta pela faixa dourada; nenhuma palavra é capaz de expressar quão doce ela parecia — nem quão divina. Como as ensurdecedoras rodas de fogo se aproximavam cada vez mais, Ayesha estendeu um dos braços de marfim através das massas negras de seu cabelo e enlaçou o pescoço de Leo.

— Oh, meu amor, meu amor! — murmurou. — Será que um dia vais esquecer quanto te amei? — Beijou-o na testa, hesitou um pouco, como se ainda tivesse dúvidas, e finalmente avançou, ficando parada bem na trilha que a chama da Vida iria percorrer.

Havia, lembro-me bem, algo que me tocou muito naquelas palavras e na maneira como ela abraçou e beijou a testa de Leo. Fora como um beijo de mãe, e parecia trazer uma espécie de bênção dentro de si.

E ali vinha o barulho, estrondoso e ribombante, e o som que produzia era como o de uma floresta sendo devastada por um vento poderoso, para ressurgir de novo como se fosse só grama a ser lançada ruidosamente pela encosta de uma montanha. Cada vez mais se aproximava; naquele momento, *flashes* de luz que anunciavam o pilar giratório de fogo estavam passando como raios pelo ar rosado; e um pouco depois começou a surgir a borda do próprio pilar. Ayesha virou-se na direção dele e estendeu os braços para recebê-lo. O fogo continuou a girar bem devagar e começou a envolvê-la por completo. Pude ver aquela essência cobrir o corpo de Ayesha. Observei que ela a levantava com ambas as mãos, como se fosse água, derrubando-a sobre a cabeça. Cheguei até mesmo a ver que ela abria a boca e deixava-a penetrar em seus pulmões; era uma visão ao mesmo tempo terrível e maravilhosa.

Em seguida Ayesha parou e, estendendo os braços, ficou em pé, imóvel, com um sorriso celestial iluminando-lhe o rosto, como se fosse o próprio Espírito da Chama.

Aquele fogo misterioso começou a brincar ao longo de seus cachos negros e abundantes, enlaçando-se e enroscando-se neles como os fios de uma fita dourada; e brilhava sobre aquele peito e sobre os ombros de marfim, que os cabelos deixaram descobertos; deslizava ao longo do pescoço bem torneado e das feições delicadas, e parecia encontrar uma morada nos olhos gloriosos, que

brilhavam, cada vez com mais intensidade, acabando por ter um brilho mais forte que o próprio éter espiritual em combustão.

Oh, como ela parecia bela ali, entre as chamas! Nem mesmo um anjo vindo do próprio paraíso poderia trazer em si um encanto mais intenso! Ainda hoje meu coração parece desfalecer ante a simples lembrança de Ayesha ali parada, despida, entre as chamas nuas, sorrindo para nosso rosto assombrado; juro que daria metade do tempo que me resta sobre a terra para voltar a vê-la daquela forma.

De repente, porém — mais de repente do que posso falar —, uma mudança indescrevível se operou em suas feições, uma mudança que não sou capaz de definir nem de explicar, mas não obstante uma mudança. O sorriso desapareceu, e em seu lugar surgiu um olhar seco e duro; o rosto arredondado pareceu encolher, como se uma grande ansiedade tivesse ali deixado sua marca. Também os olhos gloriosos perderam sua luz, além da firmeza e da forma perfeita.

Esfreguei os olhos, pensando que estava sendo vítima de alguma alucinação ou que o brilho daquela luz intensa estivesse produzindo alguma ilusão de ótica; e ainda não tinha me recuperado do susto quando o pilar flamejante começou a girar bem devagar e dirigiu-se ribombando para algum lugar nas entranhas da terra imensa, deixando Ayesha parada no lugar que antes ocupava.

Assim que o fogo desapareceu ela começou a andar em direção a Leo — pareceu-me que não havia energia alguma naquele andar — e estendeu a mão para apoiá-la no ombro dele. Olhei para seu braço. Onde estavam a forma e beleza perfeitas? Pareciam finas e angulosas. E o rosto — por Deus! —, *o rosto estava envelhecendo diante dos meus olhos!* Suponho que Leo tenha visto a mesma coisa que eu; de qualquer modo recuou um pouco.

— O que foi, meu Kallikrates? — perguntou ela, e sua voz... O que havia de errado com aquela tonalidade profunda e arrebatadora? O tom era alto e esganiçado.

— Por quê, o que foi? O que aconteceu? — continuou ela confusamente. — Estou meio aturdida. Com certeza não foi a qualidade do fogo que mudou. Pode o princípio da Vida se alterar? Diz-me, Kallikrates, há alguma coisa de errado com meus olhos? Não consigo ver com clareza. — E colocou a mão na cabeça, encostando-a nos cabelos, e oh, *horror dos horrores*, os cachos começaram a cair no chão!

— *Olhem! Olhem! Olhem!* — gritou Job, num agudo falsete de terror, com um pouco de espuma saindo pelos lábios e os olhos parecendo saltar das órbitas. — *Olhem! Olhem! Olhem!* Ela está encolhendo! Está virando um macaco! — E caiu de joelhos, espumando e rangendo os dentes num ataque de nervos. Era verdade — chego mesmo a sentir vertigens enquanto escrevo isso, pela presença viva daquela terrível lembrança —, Ayesha estava encolhendo; a serpente dourada que antes circundava seu corpo gracioso escorregou-lhe pelos quadris, indo parar no chão. Menor, cada vez menor ela ficava; a pele também começou a mudar de cor, e no lugar da perfeita brancura e do brilho surgiram o amarelo e o castanho sujo, tornando-a semelhante a um pedaço de pergaminho velho e

seco. Ela examinou a cabeça com a mão: esta, que antes era tão delicada, agora não passava de uma garra, uma garra humana semelhante à de uma múmia egípcia mal preservada. De repente ela pareceu compreender que espécie de mudança estava se operando em sua pessoa, e gritou. . . Ah, como gritava! Ayesha começou a rolar pelo chão e a gritar desesperadamente.

E continuou a diminuir, ficando menor, cada vez menor, até não ser maior que um macaco. Naquela altura sua pele já se franzira em um milhão de rugas, e o rosto sem forma estampava a marca de uma idade incalculável. Nunca vi nada parecido com aquilo; e ninguém jamais viu algo igual à infinita idade gravada naquelas feições pavorosas, que já não eram maiores que as de uma criança de dois meses, embora o crânio ainda mantivesse sua antiga forma; e que todos rezem para nunca ter uma visão como essa, ,se quiserem manter a sanidade.

Por fim ela parou de se mexer, ou pelo menos movia-se muito debilmente. Ela, que há apenas dois minutos olhara para nós — a mais encantadora, mais nobre e mais esplêndida mulher que o mundo jamais vira —, ficou ali estendida à nossa frente, imóvel, perto dos cachos de seu próprio cabelo negro, nada maior que um macaco grande, e horrível — ah, monstruosa demais para ser descrita em palavras! E mesmo assim, vejam bem — naquele mesmo instante esse pensamento me ocorreu —, era a *mesma* mulher!

Estava morrendo: podíamos perceber isso, e demos graças a Deus — pois enquanto estivesse viva poderia sentir, e o que não deve ter sentido naquele momento! Ela se levantou, apoiando-se nas mãos esqueléticas, e olhou às cegas ao redor, movendo a cabeça de um lado para outro, devagar como uma tartaruga. Não podia mais enxergar, já que os olhos esbranquiçados estavam cobertos por uma espécie de membrana. Oh, quão horrivelmente patética era aquela visão! Porém ainda conseguia falar.

— Kallikrates — disse com uma voz seca e trêmula. — Não me esqueças, Kallikrates. Tem piedade da minha vergonha; não vou morrer. Eu voltarei, e de novo serei bela, te juro, é verdade! Oh. . . — E caiu de braços, ficando em absoluta imobilidade.

Sim, dessa forma, bem no mesmo lugar onde há mais de vinte séculos tinha assassinado o sacerdote Kallikrates, a própria Ayesha caiu no chão e morreu.

Sobrepujados pelo extremo horror da cena, também nós caímos no chão de areia daquele lugar horrível e desfalecemos.

Não sei por quanto tempo permanecemos assim. Muitas horas, suponho. Quando afinal abri os olhos os outros dois ainda estavam estirados no chão. A luz rosada ainda brilhava como uma manhã celestial, e as rodas trovejantes do Espírito da Vida ainda rolavam ao longo de sua trilha costureira, pois quando despertei o grande pilar estava exatamente passando por nós. Ali também estava a hedionda carcaça do pequeno macaco, coberta pelo fragmento amarelo e enrugado que um dia tinha sido a gloriosa Ela. Ai de nós! Tudo aquilo não fora um sonho pavoroso — era um fato terrível e sem paralelos, mas real!

O que teria acontecido para provocar aquela mudança tão chocante? Será que a natureza do fogo da vida mudara? Ou talvez de tempos em tempos esse fogo enviasse uma essência de Morte em lugar de uma essência de Vida? Ou talvez a

estrutura que um dia tivesse recebido seu poder maravilhoso não podia receber outra carga, de modo que, se o processo fosse repetido — não importava com que intervalo de tempo —, as duas impregnações acabavam por neutralizar uma à outra, deixando o corpo sobre o qual tinham agido exatamente como era antes de entrar em contato com a poderosa energia do Ser? Isso, e apenas isso, podia explicar o terrível e repentino envelhecimento de Ayesha, na medida em que toda a extensão de seus dois mil anos se abateu sobre ela. No que me diz respeito, não tinha a menor dúvida de que a forma ali estendida à minha frente era idêntica ao que seria o esqueleto de uma mulher qualquer se através de alguma técnica extraordinária sua vida pudesse ser preservada, até que no final ela morresse com a idade de vinte e dois séculos.

Mas quem pode dizer o que aconteceu na realidade? Havia o fato. Desde aquela hora terrível tenho refletido muitas vezes, e cheguei à conclusão de que não é necessário nenhum esforço da imaginação para ver a mão da Providência naquela questão. Ayesha trancada em seu túmulo vivo, esperando durante séculos pela volta do amado, provocava pouca ou nenhuma mudança na ordem do Mundo. Já Ayesha forte e realizada em seu amor, vestida com a juventude imortal e dotada de uma beleza divina, detendo poder sem limites e com a sabedoria trazida pelos séculos, teria revolucionado a sociedade e talvez até mesmo mudado os destinos da Humanidade. Assim ela havia se colocado em oposição às leis eternas, e apesar de forte ao extremo, fora por elas derrotada e varrida de volta para o nada — e ainda tendo de suportar a vergonha e o ridículo abominável!

Durante alguns minutos permaneci assim, deixando que esses terrores percorressem meu pensamento de uma forma meio vaga enquanto sentia que me recuperava fisicamente, o que aconteceu bastante rápido naquela atmosfera exuberante. De repente lembrei-me dos outros, e num átimo fiquei de pé para ver se conseguia despertá-los. Mas primeiro peguei a túnica e o diáfano véu de Ayesha, peças que ela utilizava para esconder dos olhos dos homens sua estonteante beleza, e não sem antes virar a cabeça para não ter de olhar para ela cobri os pavorosos restos mortais da gloriosa mulher, síntese chocante da vida e da beleza humanas. Fiz tudo isso às pressas temendo que Leo pudesse recuperar os sentidos e vê-la de novo.

Em seguida, pisando sobre as mechas perfumadas de cabelo negro espalhadas pela areia, fui até onde Job estava deitado de bruços e virei-o para cima. Então seu braço pendeu de uma maneira que decididamente não me agradou — e que na verdade me fez sentir um arrepio gelado pelo corpo —, e isso me fez olhar com mais atenção para seu rosto. Um olhar apenas foi o suficiente. Nosso velho e fiel servo estava morto. Já bastante abalado por tudo o que vira e passara, seus nervos não haviam resistido a essa última e horrível visão, e ele tinha morrido de terror, ou devido a algum ataque por ele provocado. Só precisei dar uma olhada em seu rosto para me assegurar disso.

Foi um duro golpe; se eu disser, porém, que não o sentimos muito naquele momento, talvez as pessoas consigam compreender quão terrivelmente pavorosa fora a experiência por que passáramos. Na hora pareceu bastante natural que nosso velho companheiro tivesse morrido. Quando Leo voltou a si, o que

aconteceu cerca de dez minutos mais tarde, com um gemido e um tremor de corpo, e lhe contei que Job estava morto, ele simplesmente disse: "Oh!" Não pensem que isso foi por insensibilidade, pois os dois eram muito ligados um ao outro, e até hoje ele fala do companheiro com profundo pesar e afeição. Apenas sua cabeça não era capaz de suportar mais nenhuma desgraça. Uma harpa só consegue emitir uma certa intensidade de som, não importa com que força suas cordas sejam feridas.

Bem, dediquei toda a atenção à recuperação de Leo, que para meu infinito alívio não estava morto, mas apenas desmaiado, e acabei tendo sucesso, pois como já disse ele se levantou. Então vi mais uma coisa horrível. Quando entráramos naquele lugar medonho os cachos do cabelo de Leo eram de uma tonalidade dourada magnífica; naquele momento estavam ficando grisalhos, e quando conseguimos sair da caverna já tinham ficado completamente brancos. Além disso ele parecia vinte anos mais velho.

— O que devemos fazer, meu amigo? — disse ele com a voz abafada e vazia assim que seu cérebro clareou um pouco e a lembrança do que acontecera se insinuou em seu pensamento.

— Tentar sair daqui, acho — respondi; — isto é, a menos que você ainda queira entrar ali. — E apontei para a coluna de fogo que passava por nós mais uma vez.

— Eu entraria, se tivesse certeza de que o fogo poria um fim à minha vida — disse ele, esboçando um sorriso. — Foi minha maldita hesitação a causa de tudo. Se eu não tivesse ficado em dúvida, talvez Ela nunca tivesse tentado me mostrar o caminho. Mas não tenho certeza disso. O fogo poderia ter agido em mim de maneira oposta: poderia ter me tornado imortal. E, meu velho camarada, não tenho paciência para ficar esperando alguns milhares de anos até que ela volte, como ela fez por mim. Prefiro morrer quando chegar a minha hora — que espero não esteja muito longe — e procurar por ela do meu jeito. Tente você, se quiser.

Porém, simplesmente meneei a cabeça, recusando; minha excitação estava tão morta quanto a água de uma poça, e minha aversão pelo prolongamento de nossa vida mortal voltara mais forte do que nunca. Além disso nenhum de nós sabia que efeitos a essência poderia provocar. O resultado da tentativa de Ela também não fora dos mais encorajadores, e não tínhamos noção alguma das causas exatas que haviam produzido aquele efeito.

— Bem, meu rapaz — disse eu —, não podemos ficar parados aqui até seguirmos o mesmo caminho daqueles dois. — E apontei para o montinho coberto pela túnica branca e para o corpo rígido do pobre Job. — Se é para irmos embora, é melhor que seja agora. Por falar nisso, porém, acho que os lampiões apagaram. — E peguei um deles, é claro constatando que de fato isso acontecera.

— Há mais óleo no vaso — disse Leo com indiferença —, ou pelo menos havia, se é que o vaso não quebrou.

Examinei o vaso em questão — estava intacto. Com a mão tremendo enchi os lampiões — por sorte um pedaço do pavio de linho ainda não havia queimado. Em seguida acendi-os com um de nossos fósforos de cera. Enquanto fazia isso

ouvimos o pilar de fogo voltar a se aproximar, à medida que prosseguia em sua jornada infinita, se de fato era o mesmo pilar que passava e repassava num círculo.

— Vamos vê-lo passar mais uma vez — disse Leo —, pois nunca mais colocaremos os olhos sobre algo semelhante.

Parecia uma curiosidade um tanto fútil, mas de qualquer modo eu também a partilhava, e assim ficamos esperando até que, girando lentamente sobre seu próprio eixo, a nuvem incandescente passou por nós, ruidosa e flamejante; lembro-me de ter imaginado durante quantas dezenas de milhares de anos aquele fenômeno se repetiria nas entranhas da Terra, e por durante quantos milhares mais iria continuar a se repetir. Fiquei imaginando também se algum dia qualquer outro olho mortal registraria a sua passagem ou se algum outro ouvido mortal ficaria ao mesmo tempo fascinado e eletrizado pelo estonteante volume do seu som majestoso. Não acredito que isso aconteça; acho que somos os últimos seres humanos a ter presenciado aquela visão fantasmagórica. Assim que ela desapareceu resolvemos também ir embora.

Antes de sairmos, porém, cada um de nós apertou a mão gelada de Job. Parecia uma cerimônia forçada, mas era a única maneira que tínhamos de mostrar nosso respeito para com o fiel amigo morto e de celebrar suas exéquias. Entretanto, não tiramos a túnica branca de cima do montinho. Não tínhamos nenhuma vontade de olhar de novo para aquela coisa horrível. Apenas nos dirigimos até a pilha de cabelos ondulados que haviam caído da cabeça de Ayesha durante a agonia da terrível transformação, que fora pior que uma centena de mortes naturais, e cada um pegou uma pequena mecha brilhante. Ainda conservamos essas mechas, a única recordação que temos de Ayesha como a conhecemos, em todo o esplendor de sua graça e glória. Leo pressionou os cabelos perfumados contra os lábios.

— Ela me pediu que não a esquecesse — disse numa voz rouca —, e juro que nos encontraríamos de novo. Por Deus! *Jamais* vou esquecê-la. Aqui mesmo juro que se escaparmos disso nunca mais me ligarei a outra mulher viva enquanto viver, não importa onde esteja sempre esperarei por ela, tão fielmente como ela esperou por mim.

"É claro", pensei comigo mesmo, "se ela voltar tão bonita como a conhecemos. Suponhamos, porém, que volte *daquele outro jeito...*" [1321](#)

E então partimos. Saímos dali deixando aqueles dois na presença do poço secreto e da fonte da Vida, mas reunidos à fria companhia da Morte. Como eles pareciam solitários ali deitados, e tão desconfortáveis! Aquele montinho fora durante dois mil anos a criatura — mal posso considerá-la uma mulher — mais sábia, encantadora e soberba de todo o universo. Ela também era perversa, à sua maneira, e no entanto, ai de nós, tal é a fragilidade dos corações humanos, sua maldade não diminuía seu encanto. Para falar a verdade não estou nem mesmo certo de que, de certa forma, não o aumentava. De qualquer modo ela era de uma natureza grandiosa; não havia nada pequeno ou mesquinho em relação a Ayesha.

E pobre Job! Seu pressentimento se mostrara correto, e ele encontrara seu fim. Bem, afinal seus restos mortais tinham ficado em um lugar bastante estranho — nenhum camarada de Norfolk tivera um igual, nem teria; e acho que significava alguma coisa permanecer no mesmo sepulcro que os pobres restos da imperial Ela.

Olhamos pela última vez para eles e para o indescritível brilho rosado que os envolvia; então, com o coração pesado de mais para dizer alguma coisa, os deixamos e saímos nos arrastando dali, aniquilados — tão aniquilados que renunciáramos à oportunidade de uma vida imortal, porque tudo o que tornara a vida preciosa havia desaparecido, e sabíamos já naquele momento que prolongar nossos dias indefinidamente seria apenas prolongar nosso sofrimento. Pois sentíamos — sim, nós dois — que depois de termos olhado Ayesha nos olhos uma vez, jamais conseguiríamos esquecê-la, enquanto a memória e a identidade permanecessem. Nós dois a amávamos naquele instante, e para todo o sempre; ela estava estampada e gravada em nosso coração, e nenhuma outra mulher ou interesse seria capaz de apagar aquela imagem esplêndida.

Quanto a mim, porém — e aí está a questão —, não tinha e não tenho o direito de pensar nela dessa forma. Pois como ela mesmo me disse, eu nada significava para ela, e nunca significaria ou significarei ao longo da incomensurável profundidade do Tempo, a menos, é verdade, que as condições se alterem por fim e chegue o dia em que dois homens possam amar uma mesma mulher, e todos os três fiquem felizes com o fato. E a única esperança de meu coração despedaçado, esperança essa um tanto débil. Além dela não tenho nada. Já paguei um preço bem alto por tudo o que valho agora e no futuro, e essa é minha única recompensa. Com Leo é diferente, e muitas e muitas vezes invejo amargamente a sorte dele, pois se Ela estava certa e sua sabedoria e conhecimento não lhe falharam no último momento, que, considerando o precedente de seu próprio caso, eu acho bastante improvável, ele tem alguma coisa para esperar no futuro. Quanto a mim, não tenho nada, e mesmo assim — observem a insensatez e a fraqueza do coração humano e deixem aquele que é fraco tirar algum proveito disso —, mesmo assim não gostaria que fosse de outra forma. Quero dizer que estou contente por ter dado o que dei e precisarei sempre dar para receber em pagamento essas migalhas que caem da mesa de minha senhora: a memória de umas poucas palavras suaves, a esperança de um dia, num futuro longínquo e jamais imaginado, receber um ou dois sorrisos doces de reconhecimento, um pouco de amizade e gentileza, e uma pequena demonstração de agradecimento por minha devoção em relação a ela — e a Leo.

E se isso não constituir um amor verdadeiro, não sei o que é o amor, e tudo o que tenho a dizer é que esse é um péssimo estado de espírito para um homem já no lado errado da meia-idade.

## Capítulo XXVII - Pulamos

Passamos pelas cavernas sem problemas, mas quando chegamos à encosta do cone invertido dois obstáculos se nos depararam. O primeiro era a natureza trabalhosa da subida e o segundo, a extrema dificuldade de encontrarmos o caminho certo. Não fosse pelas anotações mentais que por sorte eu fizera das diferentes formas das rochas, na verdade estou certo de que, em vez de conseguirmos escapar, teríamos ficado vagando nas terríveis entranhas do vulcão — pois suponho que um dia devesse ter sido alguma coisa do gênero — até morrermos de exaustão e desespero. Mesmo assim seguimos direções erradas diversas vezes, e uma vez chegamos quase a cair numa enorme fenda ou fissura da rocha. Era uma tarefa horrível seguir rastejando através da densa escuridão e da apavorante tranquilidade do ar, pulando de pedra em pedra e examinando-as à fraca luz dos lampiões para ver se conseguia reconhecer seus formatos. Raramente falávamos alguma coisa; nosso coração estava muito pesado para isso. Apenas prosseguíamos de maneira obstinada, caindo algumas vezes e nos cortando. Na verdade, nosso espírito estava tão oprimido que não nos importávamos muito com o que nos acontecia. Estávamos decididos a tentar salvar nossa vida enquanto pudéssemos, isso era tudo, um instinto natural nos instigava a isso. Sendo assim, andamos às cegas durante cerca de três ou quatro horas, suponho — não posso dizer o tempo exato, pois não tínhamos conosco nenhum relógio que funcionasse. Durante as duas horas anteriores andáramos completamente perdidos, e comecei a temer que estivéssemos percorrendo o funil de algum cone subsidiário, quando afinal reconheci uma pedra enorme, que tínhamos visto assim que iniciáramos a descida. Foi uma maravilha o fato de eu tê-la reconhecido; na verdade já passáramos por ela ao cruzarmos a trilha correta, mas de repente alguma coisa na pedra me chamou a atenção e virei-me para examiná-la por um ângulo diferente, e o fato é que esse incidente foi a nossa salvação.

Depois disso chegamos sem muita dificuldade à escada natural de pedra, e no devido tempo estávamos de novo na pequena câmara onde o pobre Noot vivera e morrera.

Porém, naquele momento um novo terror se abateu sobre nós. Todos devem se lembrar de que, devido ao medo e à inabilidade de Job, a tábuca sobre a qual atravessáramos do enorme esporão até a pedra oscilante fora lançada dentro do tremendo abismo à nossa frente.

Como poderíamos cruzá-lo sem ela?

Havia apenas uma resposta — precisávamos tentar *saltar* por cima dele, ou então morreríamos onde estávamos. A distância em si não era muito grande, cerca de onze ou doze pés, nem isso, e eu já vira Leo pular até mais de vinte quando era um jovem universitário; porém, pensem nas nossas condições naquele momento! Dois homens cansados e abatidos, um deles já com mais de quarenta anos, uma pedra oscilante como ponto de partida, como ponto de chegada uma ponta de rocha estreita e pouco firme, e um abismo sem fundo

para transpor em meio a um vendaval furioso! Deus sabe que a situação era bastante difícil; mas quando chamei a atenção de Leo para essas coisas ele resumiu tudo em poucas palavras replicando que, por mais cruel que a escolha parecesse, precisávamos decidir entre a certeza de uma morte lenta na câmara e o risco de uma rápida no ar.

Não havia nada a dizer contra esse argumento, mas era óbvio que não poderíamos tentar pular no escuro; a única coisa a fazer era esperar pelo raio de luz que penetrava através do precipício, ao pôr-do-sol. Nenhum de nós tinha a menor idéia de quanto tempo se passara ou quanto tempo faltava para o sol se pôr; tudo o que sabíamos era que quando a luz finalmente viesse não duraria mais que dois minutos, de modo que teríamos de estar preparados para ela. Assim sendo, decidimos nos arrastar até o topo da grande pedra e ficar ali de prontidão. Essa decisão também foi mais fácil de ser tomada devido ao fato de nossos lampiões estarem mais uma vez quase sem combustível — na verdade um deles já se apagara por completo e a chama do outro bruxuleava, como acontece com a chama de um lampião quase sem óleo. Então, com a ajuda da luz que se esvaía, apressamo-nos em nos arrastar para fora da pequena câmara e escalar com certa dificuldade um dos lados da grande pedra.

Nesse exato momento a luz se apagou.

A mudança em nossa situação foi bastante notável. Embaixo, na pequena câmara, apenas ouvíamos o rugido do vendaval sobre nossa cabeça — ali, deitados de braços sobre a pedra oscilante, estávamos expostos a toda a sua força e fúria, à medida que a forte corrente soprava primeiro numa direção e depois em outra, uivando contra o poderoso precipício e através dos penhascos escarpados com a força de dez mil almas desesperadas. Permanecemos ali, hora após hora, num terror e angústia tão profundos que não vou tentar descrevê-los, ouvindo as selvagens vozes de tempestade daquele Tártaro, enquanto junto ao profundo murmúrio da coluna do lado oposto, onde o vento zunia como se passasse através de uma horrível harpa, elas chamavam umas às outras de precipício para precipício. Nenhum pesadelo já sonhado pelo homem, nenhuma terrível invenção de romancista poderá jamais se igualar ao vivo terror daquele local e aos estranhos gritos daquelas vozes da noite, enquanto como marinheiros naufragados agarrando-se a uma balsa nós nos agarrávamos à pedra, para não sermos arremessados para a negra e insondável solidão do ar. Felizmente a temperatura não estava baixa; na verdade o vento era morno, senão teríamos perecido. Assim ficamos, estendidos sobre a rocha, ouvindo o vento, e no tempo em que permanecíamos nessa posição aconteceu uma coisa tão curiosa e sugestiva em si mesma, embora sem dúvida fosse uma mera coincidência, que contribuiu para aumentar, mais do que aliviar, a carga sobre nossos nervos.

Todos devem se lembrar de que quando Ayesha estava parada na coluna de rocha, antes de atravessarmos para a pedra, o vento arrancara sua capa, lançando-a na escuridão do abismo, e não conseguimos ver para onde ela fora levada. Bem — nem gosto muito de contar essa história, tão estranha é ela —, enquanto estávamos ali deitados na pedra essa mesma capa veio flutuando pelo espaço negro, como uma memória da morta, e caiu exatamente sobre Leo, cobrindo-o quase que dos pés à cabeça. De início não conseguimos imaginar o

que seria, mas logo descobrimos pela textura, e então, pela primeira vez, o pobre Leo perdeu o controle, e ouvi-o soluçar sobre a pedra. Sem dúvida nenhuma a capa ficara presa em alguma saliência da rocha, e dali foi soprada para cima por alguma rajada casual; de qualquer modo foi um incidente bastante curioso e comovente. Um pouco depois disso, de súbito, sem o menor aviso prévio, a lâmina de luz vermelha trespassou a escuridão, atingindo a própria pedra onde estávamos e descansando seu brilho pálido sobre a coluna do lado oposto.

— Agora — disse Leo; — agora ou nunca.

Levantamo-nos e nos esticamos, olhando em primeiro lugar para as espirais enevoadas que o raio escarlata tingia com a cor do sangue, à medida que subiam, vindas das repugnantes profundezas do abismo; em seguida observamos o espaço vazio entre a pedra oscilante e a ponta do esporão pendular, e em nosso coração desesperado preparamo-nos para a morte. Com certeza não conseguiríamos — por mais desesperados que estivéssemos.

— Quem vai primeiro? — perguntei.

— Você, velho camarada — respondeu Leo. — Vou me sentar no outro lado da pedra para equilibrá-la. Você precisa pegar o máximo de impulso que puder, e pular bem alto; e que Deus tenha piedade de nós!

Aquiesci com a cabeça, e em seguida fiz algo que nunca mais fizera desde que Leo era garotinho: virei-me e, colocando o braço em volta de seu ombro, beijei-o na testa. Parece um tanto francês, mas na verdade estava dando o último adeus para um homem a quem não poderia ter amado mais, mesmo se tivesse sido meu próprio filho duas vezes.

— Adeus, meu menino — disse eu; — espero que nos encontremos de novo, onde quer que estejamos.

O fato era que não esperava viver por nem mais dois minutos.

Em seguida afastei-me até a outra extremidade da rocha e esperei até que uma das fortes rajadas de vento me pegasse pelas costas; corri por toda a extensão da pedra, cerca de trinta pés, e saltei impetuosamente para o ar atordoante. Oh! O profundo terror que senti quando me lancei daquele pequeno ponto de rocha, e a horrível cena de desespero que passou por minha cabeça quando percebi que não tinha pulado o suficiente! Mas foi exatamente isso o que aconteceu; meus pés jamais chegaram a tocar na coluna, e foram caindo no vazio; apenas minhas mãos e meu corpo entraram em contato com a pedra. Agarrei-a com um grito, mas uma das mãos escorregou, e meu corpo fez um movimento circular, seguro apenas pela outra mão, de modo que acabei ficando de frente para a pedra de onde havia saltado. Em minha agonia fiquei tentando alcançar alguma coisa com a mão esquerda, e dessa vez consegui agarrar uma saliência da rocha, e ali fiquei, pendurado sob a intensa luz vermelha, com milhares de pés de vazio embaixo de mim. Minhas mãos estavam agarradas a ambos os lados da parte inferior da coluna, e assim a extremidade dela tocava a minha cabeça. Com isso, mesmo se tivesse força suficiente não conseguiria me içar até a coluna. O máximo que poderia fazer seria ficar me agüentando por não mais que um minuto e depois deixar-me cair cada vez mais fundo dentro do abismo infinito. Se algum homem conseguir imaginar uma posição mais horrível do que a minha, deixem-no falar! Tudo o que sei é que a tortura daquele meio

minuto quase destruiu meu cérebro.

Ouvi Leo dar um grito, e de repente ele estava no meio do ar, arremessando-se como uma corça. Foi um salto esplêndido o que ele deu sob a influência de todo o seu terror e desespero. Atravessando o horrível abismo como se não fosse nada e aterrissando bem longe da borda da coluna, atirou-se de braços sobre ela, para evitar perder o equilíbrio e cair nas profundezas do abismo. Senti a coluna acima de mim tremer com o impacto, e ao mesmo tempo vi que a enorme pedra oscilante, que fora violentamente pressionada por Leo no momento em que saltara, voltou com força para trás depois de liberada daquele peso extra, até que pela primeira vez em todos esses séculos saiu de seu equilíbrio e caiu, fazendo um tremendo barulho, exatamente sobre a câmara de pedra que um dia servira como ermida para o filósofo Noot, e bloqueando para sempre, com cerca de algumas centenas de toneladas de rocha, a passagem que levava ao Lugar da Vida.

Tudo isso aconteceu em menos de um segundo, e é curioso que a despeito da minha difícil situação pude mesmo que involuntariamente observar aquele fato. Até me lembro de ter pensado que nenhum ser humano voltaria a pisar aquela terrível trilha.

No instante seguinte Leo me agarrou pelo pulso direito com ambas as mãos. Mesmo estando estendido sobre a rocha ele mal conseguia me alcançar.

— Você tem de soltar a rocha — disse ele com uma voz calma e contida —, e então eu tentarei te puxar; caso contrário nós dois cairemos juntos. Está pronto?

Em vez de responder larguei a rocha; primeiro a mão esquerda e depois a direita; com isso fiquei balançando no vazio, meu peso todo apoiado apenas nos braços de Leo. Foi um momento terrível. Ele era um homem bastante forte, eu sabia, mas sua força seria suficiente para me levantar até que eu pudesse me segurar na ponta do esporão quando, devido à posição em que se encontrava, ele tinha tão poucos pontos de apoio?

Durante alguns segundos fiquei balançando para frente e para trás enquanto ele se preparava para o esforço; em seguida ouvi seus tendões estalarem sobre a minha cabeça e senti que estava sendo levantado como uma criança, até que enganchei o braço esquerdo ao redor da rocha, conseguindo dessa forma segurar meu peso. O resto foi fácil; em mais dois ou três segundos eu estava sobre ela, e ficamos ali, deitados lado a lado, ofegantes e tremendo feito folhas secas, a pele coberta pela transpiração gelada do terror.

Nesse momento, como já havia acontecido antes, a luz se apagou como uma lâmpada.

Durante cerca de um quarto de hora descansamos assim, sem falar uma só palavra, mas depois começamos a nos arrastar ao longo do grande rochedo da melhor maneira que podíamos na densa escuridão. A luz aumentava à medida que avançávamos em direção ao paredão de rocha, do qual o esporão brotava como se fosse um prego gigantesco colocado numa parede; apesar disso o lugar não ficou muito mais claro, pois já era noite lá em cima. Depois as rajadas de vento diminuíram e fizemos muitos progressos, até que afinal chegamos à entrada da primeira caverna ou túnel. Mas naquele momento um novo problema se apresentou: nosso óleo se acabara e os lampiões sem dúvida haviam sido

transformados em pó sob o peso da rocha que caíra. Não dispúnhamos sequer de uma gota de água para saciar a sede, pois tínhamos tomado as últimas gotas na câmara de Noot. Como conseguiríamos enxergar para encontrar o caminho através da caverna repleta de pedras?

Obviamente tudo o que podíamos fazer era confiar em nosso tato e tentar achar a passagem no escuro; sendo assim seguimos rastejando, temendo, se demorássemos muito, acabar dominados pela exaustão e permanecer deitados ali, esperando a morte na caverna escura.

Oh! Os horrores do último túnel! O lugar era salpicado de rochas; caíamos ou nos arranhávamos até termos sangue escorrendo de uma dezena de ferimentos. Nosso único guia era a parede da caverna, de que não nos afastávamos; porém, fomos ficando tão desorientados naquela escuridão que por três vezes nos dominou o terrível pensamento de que viráramos sem querer e estávamos andando no sentido contrário. Apesar disso continuamos a andar, devagar, cada vez mais devagar, pois hora após hora, apesar de pararmos a cada dez ou quinze minutos para descansar, nossas forças diminuam. Uma vez chegamos até a dormir, e acredito que devamos ter dormido durante algumas horas, pois quando acordamos nossos membros estavam um pouco rígidos e o sangue dos ferimentos e cortes havia se coagulado, formando uma casca dura e seca sobre a pele. Então continuamos a nos arrastar, até que afinal, quando o desespero já invadia nosso coração, vimos a luz do dia mais uma vez e nos encontramos fora do túnel, na dobra de rocha que, devem se lembrar, era o caminho que conduzia à caverna a partir da superfície externa do penhasco.

Era de manhã cedo — tínhamos certeza disso por sentir a doçura do ar e olhar para o céu abençoado, que não tínhamos mais esperanças de ver novamente. Como havíamos entrado no

túnel, pelo menos até onde sabíamos, uma hora depois do pôr-do-sol, podíamos concluir que precisáramos da noite inteira para nos arrastar através daquele lugar horrível.

— Só mais um esforço, Leo — disse eu, com a respiração entrecortada —, e alcançaremos a encosta onde Billali está, se é que não foi embora. Vamos, não desista agora — acrescente, pois ele tinha se atirado de bruços no chão. Leo levantou-se, e apoiando-nos um no outro começamos a descer aqueles cinquenta pés, se tanto, de encosta — não tenho a mínima noção de como conseguimos. Apenas lembro que de repente estávamos deitados sobre algumas pedras no sopé da montanha, e então, não conseguindo dar mais nem um passo, voltamos a nos arrastar novamente sobre nossas mãos e joelhos em direção aos arbustos onde Ela havia dito a Billali que nos esperasse. Não chegáramos a percorrer nem quarenta jardas dessa maneira, quando subitamente um dos mudos emergiu de algumas árvores à nossa esquerda, onde, segundo presumo, estivera dando sua caminhada matinal, e correu até nós para ver que estranhos animais eram aqueles. Ficou olhando, olhando, e depois ergueu as mãos em sinal de horror e quase caiu no chão. Em seguida começou a correr o mais rápido que podia em direção aos arbustos, que ficavam a umas duzentas jardas de distância. Não é de espantar que tivesse ficado horrorizado com nossa aparência, pois ela não devia ser das mais agradáveis. Para começar, Leo, com os cachos dourados agora

brancos, quase toda a roupa arrancada do corpo, o rosto esgotado e as mãos transformadas numa massa de cortes, equimoses e sangue coagulado e sujo, já era um espetáculo bastante alarmante enquanto se arrastava dolorosamente pelo chão, e não tenho dúvidas de que eu não estava muito melhor. Tudo o que sei é que dois dias depois, quando examinei meu rosto num pouco de água, quase não me reconheci. Nunca fora famoso pela beleza, mas havia algo além da feiúra estampado em minhas feições, e que não perdi até hoje, algo semelhante ao olhar selvagem com que uma pessoa acorda sobressaltada de um sono profundo. E de fato não era de admirar. O que na verdade me admira é que tenhamos conseguido escapar, e em plena posse de nossas faculdades mentais.

Naquele momento, para meu imenso alívio, vi o velho Billali correndo em nossa direção, e apesar de tudo mal pude reprimir um sorriso diante da expressão de consternação estampada naquele rosto digno.

— Oh, meu Babuíno! Meu Babuíno! — gritou ele. — Meu filho querido, é mesmo tu e o Leão? Mas como?! A cabeleira dele, que era como milho maduro, está branca como a neve! De onde estais vindo? E onde está o Porquinho, e onde, também, está Ela-que-Deve-Ser-Obedecida?

— Mortos, ambos estão mortos! — respondi. — Mas não me perguntes nada; ajuda-nos, e nos dá comida e água, ou também vamos morrer diante de teus olhos. Por acaso não vês que nossa língua está preta por falta de água? Como, então, podemos falar?

— Morta! — exclamou ele. — Impossível! Ela, que nunca morre, morta. . . Como é possível? — Em seguida, percebendo talvez que os mudos, ao se aproximarem de onde estávamos, lhe examinavam o rosto, conteve-se e ordenou-lhes que nos carregassem até o acampamento, o que eles fizeram com rapidez.

Por sorte havia um pouco de caldo no fogo quando chegamos, e foi com isso que Billali nos alimentou — pois estávamos fracos demais para comer sozinhos —, salvando-nos dessa forma, acredito firmemente, da morte por exaustão. Em seguida pediu aos mudos que lavassem com panos úmidos o sangue e a sujeira que nos cobriam, e depois disso fomos colocados sobre pilhas de ervas aromáticas; no mesmo instante caímos naquele sono pesado que se segue à absoluta prostração da mente e do corpo.

## Capítulo XXVIII - Sobre a montanha

Depois disso, lembro-me de ter sentido a mais horrível rigidez em meu corpo, e uma vaga e curiosa idéia passou-me pela mente semidesperta: eu era um carpete que acabara de ser batido. Abri os olhos, e o primeiro objeto sobre o qual eles pousaram foi a fisionomia venerável do nosso velho amigo Billali, sentado ao lado da cama improvisada em que eu dormia, passando a mão na longa barba, pensativo. A presença dele logo trouxe de volta à memória tudo por que acabáramos de passar, memória essa acentuada pela visão do pobre Leo deitado à minha frente, com a face coberta por escoriações e o belo cabelo crespo, antes louro, totalmente grisalho <sup>(33)</sup>. Ante aquela visão fechei os olhos de novo e soltei um gemido.

— Dormiste bastante, meu Babuíno — disse o velho Billali.

— Quanto? — quis saber.

— Uma volta do sol e uma volta da lua, um dia e uma noite dormiste, e também o Leão. Olha, ele ainda dorme.

— Abençoadado seja o sono — respondi —, pois faz desaparecer as lembranças.

— Diz-me — pediu —, o que aconteceu convosco, e que história estranha é essa da morte de Ela, que é imortal? Pensa um pouco, meu filho: se isso é verdade, então a tua vida e a do Leão estão correndo grande perigo; sim, a panela fervente onde sereis cozidos já está quase pronta, e aqueles que vão devorar-vos já prepararam o estômago para o banquete. Por acaso não sabeis que esses *amahagger*, meus filhos, esses habitantes das cavernas, vos odeiam? Odeiam-vos como estrangeiros, e odeiam-vos ainda mais por causa de seus irmãos, a quem Ela mandou torturar por vossa causa. Seguramente, se um dia souberem que não há nada a temer da parte de Hiya, da terrível Ela-que-Deve-Ser-Obedecida, vão assassinar-vos com a panela fervente. Mas deixa-me ouvir tua história, meu pobre Babuíno.

Assim estimulado comecei a falar, e contei-lhe — não tudo, porque não achei aconselhável, e a verdade lhe seria incompreensível, mas o suficiente para meu objetivo, que era fazê-lo entender que de fato não existia mais nenhuma Ela — que Ayesha caíra dentro do fogo vulcânico, foi exatamente o que disse —, onde perecera. Também lhe contei alguma coisa a respeito dos horrores por que havíamos passado ao fugirmos, fatos esses que o impressionaram bastante. Porém ficou bem claro para mim que Billali não estava acreditando no relato da morte de Ayesha. Na verdade ele acreditava em nossa convicção de que ela estava morta, mas a explicação que deu foi que ela achara conveniente desaparecer por algum tempo. Uma vez, contou, no tempo de seu pai, ela sumira por doze anos, e uma tradição no país dizia que muitos séculos atrás ninguém a vira durante toda uma geração, e que de repente ela havia reaparecido sem aviso

algum, destruindo uma mulher que assumira a posição da rainha. Não fiz nenhum comentário; apenas sacudi a cabeça com tristeza. Ai de nós! Eu sabia muito bem que Ayesha nunca mais voltaria, ou pelo menos que Billali nunca a veria novamente. Em algum outro lugar poderíamos encontrá-la, e acredito que ainda iremos, mas não ali.

— E agora — concluiu Billali —, o que ireis fazer, meu Babuíno?

— Não sei, meu pai — respondi. — É impossível escapar deste país?

Ele meneou a cabeça.

— E muito difícil. Não podeis passar por Kôr, pois serieis vistos, e assim que esses selvagens percebessem que estáveis sozinhos, bem. . . — E sorriu de maneira significativa, levantando a mão como se estivesse colocando um chapéu na cabeça. — Mas existe aquele caminho por cima da montanha de que já te falei uma vez, usado por eles para conduzir o gado às pastagens. Além dos pastos estão os pântanos, que se estendem por cerca de três dias de viagem, e depois disso não sei, mas já ouvi falar que a sete dias de marcha dali passa um grande rio, que segue até a água negra. Se conseguirdes alcançar as margens desse rio talvez possais escapar, mas como seguireis viagem?

— Billali — disse eu —, um dia, sabes muitos bem, salvei tua vida. Agora deves pagar esse débito, meu pai, e salvar a minha e a de meu filho, o Leão. Esse será um pagamento agradável para teres quando chegar a tua hora, e algo para colocar na balança contra as maldades de tua vida, se é que um dia come-teste alguma. Além disso, se tiveres razão e Ela estiver mesmo apenas se escondendo, com certeza ela irá te recompensar quando voltar.

— Meu filho Babuíno — respondeu o velho —, não penses que tenho um coração ingrato. Lembro-me muito bem de como realmente me salvaste quando aqueles cachorros ficaram parados, assistindo ao meu afogamento. Vou te retribuir na mesma moeda, e se puderdes ser salvos, com certeza vou salvar-vos. Ouve: amanhã ao raiar do dia estejais preparados, pois as liteiras estarão aqui para levar-vos pela montanha e além delas, através dos pântanos. Isso eu posso fazer, dizendo que são ordens de Ela; e aquele que não obedece às ordens de Ela vira comida para as hienas. Quando tiverdes atravessado os pântanos deveis seguir por vossos próprios meios, de modo que talvez, se a boa sorte estiver convosco, consigais viver para chegar até aquela água negra de que me faleste. E agora, olha, o Leão está acordando, e deveis comer o alimento que preparei.

Quando Leo se levantou seu estado não era tão ruim como se poderia esperar pela aparência que ele tinha, e nós dois fizemos uma boa refeição, do que, na verdade, estávamos precisando muito. Em seguida fomos manquitolando até a fonte e nos lavamos; depois voltamos para o acampamento e dormimos de novo até a noite, quando comemos mais uma vez com avidez. Billali esteve ausente o dia inteiro, sem dúvida providenciando as liteiras e os carregadores, pois fomos acordados no meio da noite pela chegada de um número considerável de homens ao acampamento.

Ao amanhecer o velho em pessoa apareceu e nos disse que, usando o nome de Ela, conseguira, embora não sem alguma dificuldade, impressionar um número suficiente de homens, além de dois guias para nos conduzir através dos pântanos. Aconselhou-nos a partir logo, ao mesmo tempo que anunciava sua

intenção de seguir conosco para nos proteger de qualquer traição. Muito me emocionou essa demonstração de bondade por parte daquele astuto velho bárbaro em relação a dois estrangeiros absolutamente indefesos. Uma jornada através daqueles pântanos horríveis, que, levando-se em conta a viagem de volta, demoraria mais de seis dias, não era uma empreitada fácil para um homem da idade dele, mas Billali concordou com alegria em fazê-la, apenas para garantir nossa segurança. Isso prova que mesmo entre aqueles terríveis *amahagger* — que com sua melancolia e seus ritos diabólicos e violentos são, de longe, os mais terríveis selvagens de que já ouvi falar — existem pessoas de bom coração. Certamente haveria algumas razões pessoais para tal atitude. Billali pode ter pensado que Ela reapareceria de repente, exigindo uma explicação do que havia acontecido conosco sob a responsabilidade dele. De qualquer modo, apesar de todas essas considerações, ainda era muito mais do que poderíamos esperar, dadas as circunstâncias, e só posso dizer que enquanto estiver vivo vou me lembrar com muito carinho daquele meu parente nominal, o velho Billali.

Sendo assim, depois de comer alguma coisa, partimos nas liteiras, sentindo-nos quase recuperados fisicamente, após aquelas longas horas de sono e repouso. Quanto à nossa condição mental, devo deixar para a imaginação dos leitores.

Em seguida enfrentamos a difícil subida da montanha. Algumas vezes avançávamos por uma ladeira natural, mas com mais frequência seguíamos por uma trilha em zigzague, escavada pelos antigos habitantes de Kôr, não tenho dúvidas. Dizem que os *amahagger* costumavam usar aquele caminho pelo menos uma vez por ano para conduzir seus rebanhos de gado às pastagens, mas se for verdade esse gado devia ser singularmente ágil e resistente. É claro que as liteiras eram inúteis naquela parte do caminho, de modo que fomos obrigados a subir andando.

Por volta do meio-dia, entretanto, alcançamos o topo vasto e plano daquela enorme parede de rocha, e tivemos a oportunidade de contemplar uma vista majestosa da planície de Kôr, em cujo centro podíamos distinguir claramente de um lado as ruínas do Templo da Verdade, sustentadas por pilares, e do outro o pântano melancólico e sem limites. Essa parede de rocha, que sem dúvida formara um dia a borda da cratera, tinha cerca de uma milha e meia de espessura, e ainda estava coberta por clínqueres. Nada conseguia crescer naquele local; mas aqui e ali, onde quer que houvesse alguma cavidade na rocha, o olhar encontrava repouso na visão de algumas pequenas lagoas, já que a chuva havia caído recentemente. Atravessamos a cumeeira plana dessa gigantesca plataforma e depois iniciamos a descida, que, embora não fosse tão difícil quanto a subida, ainda assim era bastante íngreme, e demoramos até o pôr-do-sol para completá-la. Naquela noite, entretanto, acampamos em segurança sobre as amplas encostas que se estendiam até o pântano ali embaixo.

Na manhã seguinte, por volta das onze horas, começamos nossa difícil jornada através daqueles terríveis mares de charco que já tive ocasião de descrever anteriormente.

Durante três dias inteiros, enfrentando a lama e o mau cheiro, além do predominante odor de suor, nossos carregadores seguiram caminho com

dificuldade, até que afinal, além daquela região absolutamente desolada, e cuja travessia seria impossível sem a ajuda de guias, chegamos a um terreno firme, repleto de animais de todas as espécies, mas quase incultivado, e em sua maioria sem árvores de nenhum tipo. E naquele local, na manhã seguinte, não sem alguma tristeza, dissemos adeus ao velho Billali, que alisou a longa barba branca e nos abençoou solenemente.

— Adeus, meu filho, o Babuíno — disse —, e adeus também, ó Leão. Não posso fazer mais nada para vos ajudar. Porém, se algum dia chegardes a vosso país, sede ponderados e não vos aventureis jamais em terras que não conheceis, a menos que não desejeis voltar, e sim deixar vossos ossos brancos para marcar os limites de vossas jornadas. Adeus, mais uma vez; sempre me lembrarei de ti; e não gostaria que me esquecesses, meu Babuíno, pois embora tua face seja feia teu coração é sincero. — Em seguida virou-se e partiu, levando junto com ele os carregadores fortes e sombrios, e essa foi a última vez que vimos um *amahagger*. Ficamos observando-os se afastar com as liteiras vazias, como uma procissão que carregasse os mortos de uma batalha, até que as brumas do pântano os envolveram, ocultando-os à nossa vista, e então, absolutamente sozinhos naquela imensidão desolada, viramo-nos e olhamos um para o outro.

Três semanas antes quatro homens haviam penetrado nos pântanos de Kôr, e naquele momento dois deles já estavam mortos, e os que haviam sobrevivido tinham passado por experiências e aventuras tão estranhas e terríveis que a própria Morte não seria mais apavorante. Três semanas, não mais que três semanas! Realmente o tempo tinha de ser medido por eventos, e não pelo passar das horas. Parecia que já haviam se passado mais de trinta anos desde nossa captura na baleeira.

— Precisamos tentar alcançar o rio Zambeze, Leo — disse eu —, mas só Deus sabe se um dia chegaremos lá.

Leo assentiu com a cabeça; estivera bastante calado nos últimos tempos. Então partimos, com nada mais que a roupa do corpo, um compasso, nossos revólveres e rifles Express, e cerca de duzentos cartuchos de munição, e assim terminou a história de nossa visita às ruínas da antiga e poderosa Kôr imperial.

Quanto aos acidentes e perigos que enfrentamos depois disso, por mais estranhos e diferentes que possam ter sido, decidi, depois de refletir muito, não registrá-los aqui. Nessas páginas apenas fiz um breve e objetivo relato de uma ocorrência que acredito não ter precedentes, e não decidi fazer isso visando à publicação imediata desse manuscrito, mas simplesmente para pôr no papel, enquanto ainda estão frescos em minha memória, os detalhes de nossa viagem e seus resultados, que são, acredito, de grande interesse para o mundo, se algum dia desejarmos torná-los públicos. No momento, entretanto, não é nossa intenção que isso seja feito enquanto estivermos vivos.

Quanto ao resto, não tem interesse para o público, assemelhando-se, na verdade, às experiências de mais de um viajante da África central. Basta dizer que depois de incríveis dificuldades e privações conseguimos chegar ao Zambeze, que na realidade se localizava cerca de cento e setenta milhas ao sul do ponto onde Billali nos deixara. Ali, durante seis meses, fomos prisioneiros de uma tribo selvagem que nos considerava seres sobrenaturais, sobretudo devido ao

rosto jovem de Leo, que contrastava com os cabelos completamente brancos. Conseguimos escapar dessa tribo e, atravessando o Zambeze, rumamos para o sul, onde, já a ponto de morreremos de fome, tivemos a grande sorte de encontrar um caçador português mestiço que seguira uma manada de elefantes, indo até mais longe no interior do continente do que jamais havia se aventurado. Esse homem nos tratou com bastante hospitalidade, e depois de inumeráveis sofrimentos e aventuras finalmente conseguimos, com a ajuda dele, chegar a Delagoa Bay, mais de oito meses depois de termos deixado os pântanos de Kôr, e no dia seguinte tivemos a sorte de poder embarcar num dos navios a vapor que fazem a rota comercial ao redor do Cabo até a Inglaterra. Nossa viagem de volta foi muito boa, e quando colocamos o pé no cais de Southampton fazia dois anos exatos da nossa partida para aquela expedição absurda e aparentemente ridícula. Agora estou escrevendo estas últimas palavras com Leo inclinado sobre meu ombro, na minha velha sala da universidade, a mesma onde há cerca de vinte e dois anos meu pobre amigo Vincey entrou impetuosamente, na memorável noite de sua morte, trazendo consigo o cofre de ferro.

Aqui termina essa história, pelo menos até onde diz respeito à ciência e ao mundo exterior. Qual será seu fim no que se refere a Leo e a mim mesmo é algo que está além da minha imaginação. Porém sentimos que o final ainda está longe. Uma história que começou mais de dois mil anos atrás pode se estender por um longo tempo no obscuro e distante futuro.

Será Leo realmente uma reencarnação daquele antigo Kallikrates a quem a inscrição se refere? Ou Ayesha teria sido enganada por alguma estranha semelhança hereditária? Ainda outra questão: nesse jogo de reencarnações teria Ustane algo a ver com a Amenartas de muito tempo atrás? O leitor deve formar a própria opinião sobre esse e muitos outros aspectos. Eu tenho a minha, a saber: no que se refere a Leo, Ela estava certa.

Muitas vezes fico sentado sozinho, à noite, olhando com os olhos da mente para a escuridão do tempo futuro e imaginando sob que forma o grande drama terá finalmente seu desfecho e onde acontecerá a cena de seu próximo ato. E quando enfim aquele ato final ocorrer, como não tenho dúvidas de que deve e vai acontecer, em obediência a um destino que nunca muda de direção e a um propósito que não pode ser alterado, qual será o papel daquela bela egípcia Amenartas, a princesa da raça real dos faraós, por amor a quem o sacerdote Kallikrates quebrou seus votos a Isis e, perseguido pela inexorável vingança da deusa ultrajada, fugiu até a costa da Líbia, para encontrar seu destino em Kôr?

## O Autor E Sua Obra

*Henry Rider Haggard nasceu em 1856, em Bradenham Hall, condado de Norfolk, Inglaterra. A família, abastada, patrocina seus estudos na Grammar School de Ipswich, e essa formação intelectual lhe permite, com a idade de dezenove anos, entrar para o serviço de Sir Henry Bulwer, governador da província sul-africana de Natal, na condição de secretário particular.*

*Haggard inicia assim suas aventuras africanas, que, com o tempo e graças à sua experiência, o levarão para um lugar de destaque na literatura inglesa. Passa por diversos cargos públicos, que lhe abrem um futuro brilhante na política da colônia inglesa. No entanto, o destino, pela mão dos holandeses, que passaram a dominar esses territórios, leva-o para a metrópole, onde prossegue sua carreira de jurista.*

*Suas recordações e vivências em território africano conduzem-no ao mundo da literatura. Em 1884, publica seu primeiro romance, "Dawn", acolhido com entusiasmo pelo público inglês, ávido de notícias e informações sobre o continente africano.*

*A partir daí, sua carreira está decidida. No ano seguinte, editam-se "As minas de Salomão" e "A cabeça da feiticeira", e, em 1887, "Ela". A faceta de ensaísta revela-se, a partir de 1900, com a publicação de uma série de estudos e tratados agrícolas, como "Inglaterra rural", "A nova África do Sul", etc.*

*"As minas de Salomão" é, no entanto, o trabalho que lhe dará popularidade. Nesse livro, baseado em suas próprias experiências e conhecimentos, descreve de forma convincente uma expedição através da selva equatorial africana. Apresenta, assim, os perigos de um ambiente hostil, os sofrimentos de alguns homens que, para o inglês médio, instalado no conforto da cidade, representam uma visão alucinante do continente africano.*

[1] Este nome foi alterado aí e em todo o resto do livro, a pedido do autor. — O Editor.

[2] "O Forte e Belo", ou mais precisamente, a "Beleza na Força".

[3] O Kallikrates a que meu amigo se referia era um espartano, citado por Heródoto (Herod. ix. 72) como sendo notável por sua beleza. Kallikrates morreu durante a gloriosa Batalha de Platéias (22 de setembro de 479 a.C.) em que os lacedomônios e os atenienses, liderados por Pausânias, expulsaram os persas de seu território, depois de matar mais de trezentos mil deles. O trecho seguinte é uma tradução da passagem: "Pois Kallikrates morreu em batalha, tendo entrado para o exército como sendo o mais belo homem entre os gregos daquela época — não apenas entre os lacedomônios, mas também entre os outros povos gregos. Foi ferido por um arco enquanto Pausânias fazia sacrifícios, e então lutaram. Porém, ao ser ferido mortalmente, Kallikrates lamentou sua morte e disse a Arimenesto, um dos homens de Platéias, que não lamentava morrer pela Grécia, mas sim não ter dado nem um golpe ou, embora o tivesse desejado, não haver realizado nenhum feito digno de si". Esse Kallikrates, que parece ter sido tão valente quanto era bonito, é depois mencionado por Heródoto como tendo sido enterrado entre os ipéveç (jovens comandantes), num local separado dos outros espartanos e dos hilotas. — L. H. H

[4] Na Inglaterra, tribunal de justiça a cargo do lorde chanceler. (N. do E.)

[5] Nekht-nebf ou Nectanebo H., o último faraó nativo do Egito, retirou-se para a Etiópia no ano 339 a.C, fugindo de Oco. - O Editor.

[6] O símbolo ou brasão, se for verdadeiro, não poderia ter sido de Kallikrates, como o sr. Holly sugere. Kallikrates era um sacerdote e, como tal, não tinha direito a um símbolo, que era prerrogativa da realeza egípcia, embora os sacerdotes pudessem escrever seu nome ou títulos em oval. — O Editor.

[7] Outra coisa que me leva a fixar a data desse registro em meados do século XVIII é que curiosamente tenho uma cópia de Hamlet com as instruções para a peça escrita por volta de 1740 onde essas duas linhas também estão escritas equivocadamente, quase da mesma maneira; e por isso tenho poucas dúvidas de que o Vincy que as escreveu no fragmento as ouviu dessa maneira naquela época. E claro que a versão correta do trecho é: "Há no céu e na terra, Horácio, bem mais coisas /do que sonhou jamais vossa filosofia". L.H.H

[8] Grocyn, o professor de Erasmo, estudou grego com Chalcondilis, o Bizantino, em Florença, e começou a lecionar no Exeter College, em Oxford, no ano de 1914. — O Editor.

[9] Existe uma conhecida espécie de magnólia com flores cor-de-rosa. É originária da região de Sikkim e conhecida como Magnólia Campbellii. — O Editor.

[10] Perto de Kilwa, na costa oriental da África, cerca de quatrocentas milhas ao sul de Zanzibar, existe um penhasco que há pouco tempo foi lavado pelas ondas. No topo desse penhasco existem túmulos persas com pelo menos sete séculos de idade, segundo as datas ainda legíveis encontradas neles. Debaixo dos túmulos há uma camada de ruínas representando uma cidade. Mais abaixo do penhasco existe uma segunda camada, representando uma cidade mais antiga, e mais abaixo ainda, uma terceira, de escombros de outra cidade de vasta e desconhecida antiguidade. Sob a última cidade descobriram-se recentemente algumas amostras de cerâmica vitrificada, tais como as encontradas vez por outra

naquela costa. Acredito que as peças estejam em posse de Sir John Kirk. — O Editor.

{111} Encontramos bastante tabaco nesse país, como acontece em qualquer outra parte da África, e embora os amahagger fossem absolutamente ignorantes quanto às outras abençoadas qualidades do produto, já usavam o tabaco habitualmente para cheirar, e também com finalidades medicinais. — L. H. H

{112} Mais tarde, descobrimos que o objetivo das carícias era fazer a vítima pensar que era objeto de amor e admiração, para dessa forma contentar seus sentimentos magoados, fazendo-a expirar num estado de espírito mais leve e contente. — L. H. H.

{113} Yárab, o filho de Káhtan, que viveu alguns séculos antes do tempo de Abraão, foi o predecessor dos antigos árabes, e deu seu nome, Araba, para o país. Ao referir-se a si mesmo como ai Arab ai Ariba, Ela com certeza queria deixar bem claro que era descendente da pura linhagem árabe, ao contrário dos naturalizados, descendentes de Ismael, filho de Abraão e Hagar; que eram conhecidos como ai Arab ai mostáreba.- O dialeto dos Koreish era normalmente chamado de árabe claro ou "compreensível", ao passo que o hamarítico se aproximava mais da pureza da língua síria original. — L. H. H.

{114} Pronuncia-se "Assha". — L. H. H.

{115} Um renomado e erudito egíptologo, a quem submeti esse escaravelho interessante e muito hem acabado, Suten se Ra, disse-me que nunca vira nenhum outro semelhante. Embora a peça tenha um título que com freqüência é dado a, realeza egípcia, ele opinou que a peça não seria necessariamente o cartucho de um faraó, que em geral traz inscrito o nome de seu dono ou da dinastia. Qual foi a história desse escaravelho em particular não podemos, por infelicidade, precisar, e talvez nunca cheguemos a conhecê-la, embora eu tenha poucas dúvidas de que tenha tido algum papel na trágica história da princesa Amenartas e seu amado Kallikrates, o renegado sacerdote de Isis. — O Editor.

{116} "A caverna da tortura": mais tarde cheguei a conhecer esse lugar terrível, também um legado do povo pré-histórico que vivera em Kôr. Os únicos objetos pertencentes a caverna em si eram lajes de rocha arranjadas em várias posições, deforma a facilitar os movimentos dos torturadores. Grande parte dessas lajes, feitas de uma espécie de pedra porosa, apresentava enormes manchas escuras, provenientes do sangue que antigas vítimas haviam derramado sobre elas. Além disso havia no centro da sala um lugar reservado para uma fomalha, com uma cavidade especial para aquecer a famosa panela. Mas a coisa mais horripilante a respeito dessa caverna era o fato de haver sobre cada laje uma ilustração esculpida na rocha, que representava a tortura ali aplicada. Essas esculturas eram tão terríveis que não vou atormentar os leitores com minhas tentativas de descrevê-las. - L. H. H

{117} Ayesha, é claro, falava com a tonicidade e inflexão de seus contemporâneos, enquanto nós temos apenas a tradição e o grego moderno para nos guiar quanto a pronúncia exata. - L. H. H.

{118} Essa frase é admirável, pois parece indicar a crença numa vida futura. — O Editor.

{119} O nome da tribo, ama-hagger, parece indicar uma curiosa mistura de raças, com poderia facilmente ter ocorrido nas imediações do Zambeze. O prefixo "ama" é bastante comum entre os zulus e outras raças consanguíneas, e

significa "povo", enquanto "hagger" é uma palavra árabe que significa "pedra". — O Editor.

{20} Todo o Unho que os amahagger vestiam era retirado dos túmulos, o que explicava a cor amarelada. Entretanto, ao ser bem lavado e alvejado de maneira apropriada, o tecido readquiria sua brancura original, e era o Unho melhor e mais macio que já vi na vida. - L. H. H.

{21} Mais tarde Ayesha me mostrou a árvore com cujas folhas aquele antigo conservante era fabricado. Era uma árvore baixa, quase um arbusto, que continuava a crescer com toda a plenitude no sopé da montanha, ou mais precisamente sobre as encostas que conduziam aos paredões de rocha. Suas folhas eram longas e estreitas e tinham uma coloração verde-viva, que ficava bem vermelha no inverno; na aparência geral não eram muito diferentes de folhas de louro. Quando verdes tinham pouco ou nenhum cheiro, ao serem fervidas, porém o aroma que recendiam era tão forte que quase não se conseguia suportá-lo. A melhor mistura entretanto era feita com as raízes, mas uma lei do povo de Kôr, mencionada em algumas das inscrições que Ayesha me mostrou, dizia que nenhuma pessoa de posição inferior a um certo nível podia ser embalsamada com as drogas preparadas com essas raízes, sob pena de severas condenações. O objeto dessa determinação era, é claro, impedir que essas árvores fossem exterminadas. A venda de folhas e de raízes era monopólio do governo, e com esse comércio os reis de Kôr obtinham grande parte de sua receita privada. — L. H. H.

{22} Ayesha era uma grande química; na verdade, parece que a química era seu único divertimento ou ocupação. Uma das cavernas estava organizada como um laboratório, e embora seus instrumentos fossem um tanto rudimentares os resultados que ela obtinha, como vai ficar claro no decorrer desta narrativa, eram bastante surpreendentes. —L.H.H.

{23} Pequena sala de estar de senhora. Em francês no original. (N. do E.)

{24} Durante muito tempo uma questão me intrigou: o que fora feito das enormes quantidades de rocha que deviam ter sido retiradas dessas cavernas? Mais tarde descobri que elas haviam sido utilizadas na construção das muralhas e dos palácios de Kôr. Também tinham sido empregadas no alinhamento dos reservatórios de água e esgotos. — L. H. H.

{25} Entre os antigos árabes o poder da declamação poética em verso ou em prosa era tido na mais alta consideração e estima, e a pessoa que se destacasse nessa arte era conhecida como Khâteb, ou Orador. Todos os anos reunia-se uma assembléia geral perante a qual os poetas rivais repetiam suas composições; mais tarde, com a generalização do conhecimento da arte da escrita, os melhores poemas eram inscritos na seda em letra de ouro e exibidos publicamente, sendo conhecidos como Al Modhahabât ou versos de ouro. No canto reproduzido acima pelo sr. Holly é evidente que seguiu a tradição poética de seu povo, segundo a qual os pensamentos deveriam ser incorporados a uma série de sentenças um tanto desconexas, cada uma delas memorável por sua beleza e graça de expressão. - O Editor.

{26} Depois de considerar essa declaração durante alguns meses inclino-me a confessar que não estou muito convencido de sua veracidade. É claro que Ayesha tinha de fato cometido um crime, mas suspeito que se fôssemos contemplados com o mesmo poder absoluto e tivéssemos o mesmo tremendo interesse em jogo muito provavelmente faríamos a mesma coisa em circunstâncias semelhantes. Além

disso é preciso lembrar que ela considerara aquilo como uma punição por um ato de desobediência, dentro de um sistema que tornava a mínima rebeldia passível de ser punida com a morte. Colocando de lado essa questão do assassinato a perversidade de Ayesha poderia ser reduzida a expressão de certos pontos de vista e ao reconhecimento de certos motivos contrários às nossas crenças, quando não a nossa prática. A primeira vista tudo isso poderia ser facilmente considerado como prova de uma natureza maldosa, mas se levamos em conta a grande antiguidade do indivíduo em questão começamos a nos perguntar se seu comportamento não se devia ao cinismo natural que advém com a idade e com as experiências amargas, além da posse de extraordinários poderes de observação. É fato bastante conhecido por todos que não raro, colocando de lado o período da infância, quanto mais velhos ficamos, mais cínicos e endurecidos nos tornamos; na verdade apenas a morte no momento oportuno salva muitos de nós da petrificação moral, para não falar da corrupção moral. Ninguém pode negar que de modo geral os jovens são melhores que as pessoas mais velhas, pois não têm aquela experiência da ordem natural das coisas que em certos temperamentos ponderados dificilmente deixa de produzir cinismo, e aquele descaso por métodos já conhecidos e costumes estabelecidos que costumamos chamar de mal. Entretanto o homem mais idoso sobre a terra não passaria de um bebê, se comparado a Ayesha, e o mais sábio não possuiria um terço da sabedoria daquela mulher. E o fruto dessa sabedoria era este: existe apenas uma coisa pela qual vale a pena viver, e essa coisa é o Amor, em seu sentido mais elevado, e para conquistar tal coisa ela não estava disposta a parar diante do primeiro obstáculo. Essa é de fato a síntese de todas as perversidades de Ayesha, e não devemos esquecer, por outro lado, que, não importa o que pensemos de seus atos, ela tinha desenvolvido certas virtudes a um grau dificilmente encontrado em qualquer um dos sexos — como a constância, por exemplo. — L. H. H.

[27] Lamento dizer que nunca fui capaz de certificar-me até que ponto Ela era realmente invulnerável contra os acidentes da vida. Com certeza era mesmo, pois do contrário no curso de tantos séculos algum infortúnio já teria com certeza posto um fim à sua vida. É verdade que ela sugerira a Leo que a matasse, mas muito provavelmente isso fora apenas uma experiência para testar o temperamento e a atitude dele em relação a ela. Ayesha nunca dava vazão a um impulso sem algum objetivo definido. — L. H. H.

[28] Com relação ao extraordinário estado de preservação dessas ruínas depois de um período de tempo tão extenso — pelo menos seis mil anos —, não podemos nos esquecer de que Kôr não foi queimada nem destruída por inimigos ou por um terremoto, e sim abandonada em virtude da destruição provocada por uma terrível peste; conseqüente mente as casas não sofreram dano algum; além disso o clima da planície é seco e agradável ao extremo, com muito pouca incidência de chuvas ou ventos. Como resultado de tudo isso, aquelas relíquias sem igual apenas tiveram de se defender da implacável ação do tempo, que sobre blocos de alvenaria tão maciços trabalha muito devagar. — L. H. H.

[29] Billali me contou que os amahagger consideravam o local da cidade mal-assombrado, e ninguém jamais conseguira persuadi-los a colocar os pés ali. Para falar a verdade pude perceber que ele mesmo não se sentia muito confortável por desafiar o costume, e seu único consolo era estar sob a proteção direta de Ela. Eu e Leo achamos bastante curioso o fato de um povo que não fazia nenhuma objeção a viver entre os mortos, a quem tinham aprendido a desprezar com o tempo, chegando até mesmo a usar seus corpos como combustível, ficar terrificado ante a

*simples aproximação das habitações que esses mesmos mortos tinham ocupado quando ainda viviam. Entretanto isso não passa de uma contradição dos selvagens.*

— L. H. H.

1301 Apesar de tudo acho que não avançamos muito em relação aos amahagger nesse assunto. Acredito que "múmia", isto é, o pá de antigos egípcios, seja um pigmento bastante usado por artistas plásticos, especialmente aqueles que dirigem o talento para a reprodução de obras dos antigos mestres. — O Editor

1311 Pode-se observar que o relato da morte de Kallikrates feito por Ayesha difere bastante do escrito por Amenartas no fragmento. A inscrição do fragmento diz o seguinte: "ENTÃO, CHEIA DE FÚRIA, ELA ATACOU COM SUA MAGIA E ELE MORREU". Nunca pudemos saber qual versão era a correta, mas não devemos nos esquecer de que o corpo de Kallikrates apresentava um ferimento de lança no peito, fato esse que parece bastante conclusivo, a menos, é claro, que tivesse sido feito após sua morte. Outro ponto que parece meio nebuloso é como as duas mulheres — Ela e a egípcia Amenartas — foram capazes de transportar através do terrível abismo e ao longo da coluna tremulante o corpo do homem a quem ambas amavam. Que espetáculo não deve ter sido o daquelas duas criaturas enlouquecidas, cheias de beleza e de dor; andando penosamente por aquele lugar horrível, carregando o corpo do homem morto! É provável, entretanto, que a passagem fosse mais fácil na época. — L. H. H.

1321 Aliás, como é terrível pensar que quase todo o nosso profundo amor por mulheres que não sejam nossas parentas depende — em primeira instância de qualquer forma — de sua aparência pessoal. Se por acaso as perdemos e depois voltamos a encontrá-las, mas agora horríveis, embora por dentro ainda sejam as mesmas, continuamos a amá-las? — L. H. H.

1331 Curiosamente, mais tarde o cabelo de Leo recuperou em parte sua antiga coloração — quer dizer, hoje é de um cinza amarelado, e ainda tenho esperanças de que com o tempo acabe por retomar a tonalidade anterior. — L. H. H.